

Mais de 2 milhões de
exemplares vendidos

EDIÇÃO
COMEMORATIVA
DE 10 ANOS
COM CAPÍTULO
INÉDITO

Um
HOTEL *na*
ESQUINA
do TEMPO

JAMIE FORD



GLOBAL LIVROS



Jamie Ford



UM HOTEL NA ESQUINA DO TEMPO

Tradução: Claudio Carina

GLOBOLIVROS

SUMÁRIO

[Pular sumário](#) [[»»](#)]

[O Hotel Panamá \(1986\)](#)

[Marty Lee \(1986\)](#)

[Eu sou chinês \(1942\)](#)

[O hasteamento da bandeira \(1942\)](#)

[Keiko \(1942\)](#)

[A caminhada para casa \(1942\)](#)

[Nihonmachi \(1942\)](#)

[Bud's Jazz Records \(1986\)](#)

[Dim sum \(1986\)](#)

[Lake View \(1986\)](#)

[Fale o seu americano \(1942\)](#)

[Gengibre jamaicano \(1942\)](#)

[Eu sou japonês \(1986\)](#)

[O porão \(1986\)](#)

[Decretos presidenciais \(1942\)](#)

[O incêndio \(1942\)](#)

[Velhas notícias \(1986\)](#)

[A namorada de Marty \(1986\)](#)

[Umê \(1986\)](#)

Incêndios domésticos (1942)

Alô, alô (1942)

Ladeira abaixo (1942)

Chá (1986)

Discos (1942)

Os pais (1942)

Antes eles do que nós (1942)

Ruas vazias (1942)

Caderno de esboços (1986)

Uwajimaya (1986)

Campo Harmony (1942)

Horário de visitas (1942)

De volta para casa (1942)

O jantar (1986)

Degraus (1986)

O disco de Sheldon (1942)

De volta ao campo (1942)

De mudança (1942)

Um estranho (1942)

Treze anos (1942)

Sheldon Thomas (1986)

Esperando (1942)

Adeus (1942)

Problemas em casa (1942)

[Cartas \(1943\)](#)

[O passar dos anos \(1945\)](#)

[Encontro no Panamá \(1945\)](#)

[Dia da vitória sobre o Japão \(1945\)](#)

[Discos quebrados \(1986\)](#)

[A casa de repouso \(1986\)](#)

[Passagens \(1986\)](#)

[A música de Sheldon \(1986\)](#)

[Nova York \(1986\)](#)

[Só Keiko \(1941\)](#)

[Nota do autor](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)

Para Leesha, meu final feliz

*Meu pobre coração é sentimental
Não é feito de madeira
Está sofrendo e isso não é bom.*

DUKE ELLINGTON, 1941

O HOTEL PANAMÁ

(1986)

O VELHO HENRY LEE sentiu-se paralisado com toda a comoção no Hotel Panamá. O que havia começado com uma multidão de passantes curiosos observando uma equipe de repórteres televisivos agora se ampliava para uma educada turba de consumidores, turistas e alguns garotos de rua de aparência rebelde, todos se perguntando de que se tratava tudo aquilo. Henry se encontrava no meio da multidão, segurando suas sacolas de compras ao lado do corpo. Sentia-se como que acordando de um longo sonho esquecido. Um sonho que tivera uma vez quando garoto.

Aquele antigo ponto de Seattle era um lugar aonde ele fora duas vezes na vida. A primeira quando tinha apenas doze anos, no longínquo ano de 1942 — “nos anos da guerra”, como ele gostava de chamar. Já na época, o velho hotel para solteirões ficava no portal entre a Chinatown de Seattle e Nihonmachi, o bairro japonês. Dois postos fronteiriços de um conflito do velho mundo — onde imigrantes chineses e japoneses raramente falavam uns com os outros, enquanto os filhos nascidos nos Estados Unidos se reuniam para chutar latas pela rua. O hotel sempre foi um perfeito ponto de referência. Um perfeito local de encontros — onde ele tinha conhecido o amor de sua vida.

A segunda vez estava sendo hoje. Era 1986, o quê, mais de quarenta anos depois? Já tinha parado de contar os anos que passavam por sua memória. Afinal de contas, ele tinha vivido toda uma vida entre essas duas visitas. Um casamento. O nascimento de um filho ingrato. Um câncer e um enterro. Sentia saudade da mulher, Ethel, falecida seis meses antes. Mas não tanto quanto se poderia pensar, por pior que isso pudesse soar. Na verdade parecia mais um alívio, uma tranquilidade. A saúde dela estava ruim — não, pior que isso. O câncer em seus ossos se tornara absolutamente paralisante, para os dois, ponderou.

Durante os últimos sete anos, Henry teve de alimentá-la, dar banho, ajudá-la a ir ao banheiro sempre que ela precisava e voltar lá quando

terminasse. Cuidava dela dia e noite, 24/7, como se diz hoje em dia. Marty, seu filho, achava que a mãe deveria ir para uma casa de repouso, mas Henry nem cogitava a ideia.

— Não enquanto eu estiver vivo — dizia, resistindo.

Não só por ser chinês (embora isso fosse parte de sua resistência). O ideal de Confúcio de piedade filial — respeito e reverência pelos pais — era uma relíquia cultural não facilmente descartável para a geração de Henry. Ele tinha sido criado para cuidar dos entes queridos, pessoalmente, e era inaceitável mandar alguém para uma *casa de repouso*. O que seu filho Marty nunca entendera totalmente era que no fundo havia uma lacuna do formato de Ethel na vida de Henry, e que sem Ethel ele só sentia a brisa da solidão, fria e aguda, com os anos escorrendo como sangue de uma ferida que nunca sara.

Agora ela tinha partido para sempre. Precisava ser enterrada, pensou Henry, da forma tradicional chinesa, com oferendas de comida, mantas de longevidade e cerimônias com preces que duravam vários dias — apesar da vontade de Marty de cremá-la. Ele era *moderno* demais. Procurou um conselheiro e lidou com a morte da mãe com uma espécie de grupo de apoio. Conversar com estranhos era como não falar com ninguém, o que Henry já tinha vivenciado em primeira mão na... vida real. Era um solitário. Quase tão solitário quanto o Cemitério Lake View, onde Ethel fora sepultada. Agora ela tinha uma linda vista do lago Washington, enterrada com outros chineses notáveis de Seattle, como Bruce Lee. Mas, no final, cada um ocupava um túmulo solitário. Sozinhos para sempre. Não fazia diferença quem eram os vizinhos. Eles não se falavam.

Quando a noite caía, e sempre caía, Henry conversava com a mulher, perguntando como fora seu dia. Ela nunca respondia, é claro.

— Eu não sou louco ou coisa parecida, só mantenho a mente aberta — dizia Henry para ninguém. — Nunca se sabe quem está escutando.

Depois se ocupava da poda de sua palmeira chinesa ou das sempre-vivas — plantas caseiras cujas folhas amarronzadas confessavam meses de descuido. Mas agora ele voltava a ter tempo. Tempo para cuidar de alguma coisa que crescesse e ficasse mais forte, para variar.

Ocasionalmente, porém, ele conjecturava sobre estatísticas. Não sobre as taxas de mortalidade por câncer que tinham levado sua querida Ethel. Preferia pensar sobre si mesmo e seu tempo, medido por alguma tabela atuarial de um seguro de vida. Estava com apenas cinquenta e seis anos —

um homem novo para seus próprios padrões. Mas tinha lido na *Newsweek* sobre o inevitável declínio na saúde que ocorria nessa idade depois da morte do cônjuge. Talvez o relógio estivesse *tiquetaqueando*? Não sabia ao certo, porque assim que Ethel faleceu o tempo começou a se arrastar, com relógio ou sem relógio.

Depois de concordar com uma aposentadoria precoce do Boeing Field, agora ele tinha todo o tempo do mundo, mas ninguém com quem passar as horas. Ninguém com quem caminhar até a padaria Mon Hei para comer um *yuet beng*, um bolo de cenoura, nas tardes frescas do outono.

Por isso ele estava lá, sozinho no meio de uma multidão de estranhos. Um homem entre duas vidas, mais uma vez em frente ao Hotel Panamá. Seguindo os degraus rachados de mármore branco que faziam o hotel mais parecer um centro de recuperação art déco. Assim como Henry, o estabelecimento parecia situado entre mundos diferentes. Mesmo assim, ele se sentia nervoso e empolgado, da mesma forma de quando era garoto, sempre que passava por lá. Tinha ouvido comentários na praça do mercado e saiu da locadora na South Jackson. A princípio achou que era algum acidente, por causa da multidão que se acumulava cada vez mais. Mas não ouviu nenhuma sirene tocando nem viu nenhuma luz piscando. Apenas gente se aproximando do hotel, como a maré descendo e puxando-os pelos pés, empurrando-os à frente, um passo de cada vez.

Quando chegou, Henry viu surgir uma equipe de reportagem e seguiu atrás dela. A multidão se apartou, e os curiosos, intimidados com a câmera, se afastaram, abrindo caminho devagar. Henry seguiu logo atrás, tomando cuidado para não pisar em ninguém, e também para não pisarem nele, sentindo a multidão voltar a se compactar enquanto passava. No alto da escada, já dentro do saguão, a nova proprietária do hotel anunciava:

— Nós encontramos uma coisa no porão.

Encontraram o quê? Um cadáver, talvez? Ou um laboratório produzindo alguma droga? Não, se o hotel fosse uma cena de crime haveria policiais isolando a área.

Antes da chegada da nova proprietária, o hotel estivera fechado desde 1950, e naqueles anos Chinatown havia se tornado um gueto de *tongs* — gangues de Hong Kong e Macau. Os quarteirões ao sul da King Street ofereciam uma paisagem enganosa e encantadora durante o dia; o lixo e os rastros de lesmas nas calçadas em geral passavam despercebidos enquanto turistas observavam a arquitetura clássica de outra época. Crianças em

viagens de estudo, envoltas em casacos e chapéus coloridos, seguiam, de mãos dadas, o aroma de dar água na boca de pato assado nas vitrines, com os lápis de cera suspensos, derretendo sob o sol. Mas, à noite, traficantes de drogas e esqueléticas meretrizes de meia-idade trabalhando por trocados percorriam as ruas e os becos. Pensar nesse ícone de sua infância transformado numa boca de fumo improvisada evocava uma melancolia que não sentia desde o dia em que segurou a mão de Ethel e a viu expirar pela última vez, um alento longo e vagaroso.

Parecia que as coisas preciosas sempre se afastavam, para nunca mais ser desfrutadas.

Quando Henry tirou o chapéu e começou a se refrescar com a aba desgastada, a multidão avançou, pressionando suas costas. Flashes espocaram. Ficando na ponta dos pés, ele espiou por cima dos ombros do repórter alto à sua frente.

A nova dona do hotel, uma mulher branca e esbelta, um pouco mais nova que Henry, subia a escada segurando... *um guarda-chuva*? Quando ela o abriu, o coração de Henry bateu um pouco mais forte ao ver o que era. Uma sombrinha japonesa, feita de bambu, vermelha e branca — com uma *koi* cor de laranja pintada, uma carpa que parecia um peixe dourado gigante. A sombrinha lançou uma película de pó que ficou flutuando, momentaneamente suspensa no ar, enquanto a dona do hotel girava o artefato de aparência frágil para as câmeras. Dois homens trouxeram um baú com adesivos de portos estrangeiros: Admiral Oriental Lines, partindo de Seattle e de Yokohama, Tóquio. Na lateral do baú lia-se o nome Shimizu, escrito à mão em letras grandes e brancas. Foi aberto para a multidão curiosa. Dentro havia roupas, álbuns de fotografias e uma antiga panela elétrica para cozinhar arroz.

A nova dona do hotel explicou que tinha encontrado no porão os pertences de trinta e sete famílias japonesas que ela presumia terem sido perseguidas e levadas. Seus pertences tinham sido escondidos e nunca recuperados — uma cápsula do tempo dos *anos da guerra*.

Henry ficou olhando em silêncio enquanto um pequeno cortejo de caixas de madeira e malas de couro era transportado escada acima, a multidão maravilhada com os itens outrora preciosos nas embalagens: um vestido branco de comunhão, candelabros de prata oxidados, um cesto de piquenique — itens que acumularam poeira, intocados, por mais de quarenta anos. Guardados para um tempo mais feliz que nunca chegara.

Quanto mais Henry pensava naquelas bugigangas velhas e surradas, aquele tesouro esquecido, mais imaginava se seu coração partido poderia ser encontrado ali, escondido entre os pertences não reivindicados de outra era. Alojados no porão de um hotel condenado. Perdidos, mas jamais esquecidos.

MARTY LEE

(1986)

HENRY SE AFASTOU DA multidão do Hotel Panamá e voltou a pé para sua casa em Beacon Hill. Não ficava tão longe a ponto de poder desfrutar da paisagem da Rainier Avenue, mas perto dos bairros mais razoáveis, pouco acima de Chinatown. Uma casa modesta de três quartos e um porão — ainda não concluído depois de todos aqueles anos. Henry pretendia terminá-lo quando seu filho Marty fosse para a faculdade, mas o estado de Ethel piorou, e o dinheiro reservado para alguma emergência foi gasto numa enxurrada de contas médicas, uma torrente que durou quase uma década. O plano de saúde interveio próximo do fim, bem a tempo, e teria coberto inclusive uma casa de repouso, mas Henry manteve sua promessa: cuidar da mulher na saúde e na doença. Ademais, quem gostaria de passar seus últimos dias numa instituição do Estado que parecia uma prisão, onde todos viviam num corredor da morte?

Antes que Henry pudesse responder a sua própria pergunta, Marty bateu duas vezes na porta e entrou, cumprimentando-o com um casual “E aí, pai?”, e imediatamente se dirigiu à cozinha.

— Eu já volto, não precisa se levantar. Só vou pegar algo para beber. Eu vim a pé de Capitol Hill... um exercício, sabe, o senhor também devia pensar em se exercitar um pouco, acho que engordou desde que mamãe morreu.

Henry deu uma olhada na própria cintura e tirou o som da TV. Estava assistindo ao noticiário, esperando alguma coisa sobre a descoberta de hoje no Hotel Panamá, mas não viu nada. Deve ter sido um dia cheio de notícias. Tinha no colo uma pilha de velhos álbuns de fotografias e alguns anuários escolares, manchados e cheirando a mofo por causa do ar úmido de Seattle, que esfriava a laje de concreto do porão jamais terminado.

Henry e Marty não tinham se falado muito depois do funeral. Marty andava ocupado com o curso de química na Universidade de Seattle, o que era bom, pois o mantinha afastado de encrencas. Mas a faculdade também parecia mantê-lo afastado da vida do pai, o que era aceitável enquanto Ethel

estava viva, mas agora aumentava ainda mais a lacuna na vida de Henry — como estar de um lado de um cânion, gritando, sempre esperando por um eco que nunca chegava. Quando Marty aparecia, a impressão era que as visitas eram apenas para lavar a roupa, encerrar o carro ou pedir algum dinheiro ao pai — que Henry sempre concedia, sem mostrar qualquer contrariedade.

Ajudar Marty a pagar a faculdade fora uma segunda frente de batalha para Henry, sendo que a primeira era cuidar de Ethel. Apesar de uma pequena bolsa, Marty ainda precisava de empréstimos estudantis para pagar os estudos, mas Henry preferira optar por uma aposentadoria precoce de seu emprego no aeroporto para poder cuidar de Ethel em tempo integral — no papel, ele tinha um bocado de dinheiro em seu nome. Parecia um homem *afluente*. Para os credores, Marty parecia ser de uma família com uma boa conta bancária, mas os credores não estavam arcando com as despesas médicas. Quando a mãe morreu, só havia dinheiro para pagar um enterro decente, uma despesa que Marty considerou desnecessária.

Henry também não quis contar a Marty sobre a segunda hipoteca — a que tinha contraído para o filho concluir a faculdade quando os empréstimos estudantis secaram. Por que fazê-lo se preocupar? Por que exercer essa pressão? A faculdade já era estressante por si só. Como qualquer bom pai, desejava o melhor para o filho, mesmo que os dois não conversassem tanto assim.

Henry continuou examinando seus álbuns de fotografias, tênues lembranças dos tempos de faculdade, procurando por alguém que nunca havia encontrado. Eu tento não viver no passado, pensava, mas, quem sabe, algumas vezes o passado vive em mim. Ergueu os olhos das fotos para ver Marty entrar na sala com um copo alto de chá verde gelado. Sentou-se no sofá por um momento, depois foi para a poltrona reclinável, quebrada e de couro falso, da mãe, bem em frente a Henry, que se sentiu melhor vendo alguém... fosse quem fosse, no lugar de Ethel.

— Esse é o *resto* do chá gelado? — perguntou Henry.

— É — foi a resposta de Marty —, mas deixei um último copo para o senhor, pai.

Depositou o copo num aparador de jade perto do pai. De repente Henry notou o quanto havia cedido ao cinismo e à velhice nos meses posteriores ao enterro. Não era Marty. Era ele — precisava sair mais de casa. Hoje tinha sido um bom começo.

Mesmo assim, Henry só conseguiu emitir um resmungado “obrigado”.

— Desculpe não ter vindo mais vezes ultimamente... os exames finais estão me matando, além de não querer desperdiçar o dinheiro suado que você e mamãe gastaram pra me botar na faculdade.

Henry sentiu o rosto corar de vergonha quando a velha e barulhenta fornalha desligou, deixando a casa mais fria.

— Aliás, eu trouxe um presentinho pra mostrar minha gratidão. — Marty entregou ao pai um pequeno envelope *lai see*, vermelho vivo, com uma camada metálica dourada e brilhante na frente.

Henry pegou o presente com as duas mãos.

— Um envelope da sorte com dinheiro... você está me devolvendo dinheiro?

O filho sorriu e ergueu as sobrancelhas.

— De certa forma.

Não importava o que fosse. Henry se sentiu constrangido com a consideração do filho. Passou a mão no selo dourado. Estampava o caractere cantonês para *prosperidade*. Dentro havia uma folha de papel dobrada, o boletim de Marty. Ele tinha conseguido um perfeito 4,0.

— Estou me formando *summa cum laude*, que significa a mais alta honraria.

Fez-se um silêncio, nada além do zumbido elétrico da televisão sem som.

— Tudo bem com você, pai?

Henry enxugou o canto do olho com a mão ossuda.

— Talvez da próxima vez eu peça dinheiro emprestado a você — respondeu.

— Se um dia quiser terminar a faculdade, terei prazer em emprestar o dinheiro, pai... arranjo uma bolsa de estudos para o senhor.

Bolsa de estudos. A palavra tinha um significado especial para Henry, não só por nunca ter terminado a faculdade — ainda que pudesse ser parte da coisa. Henry tinha desistido da Universidade de Washington em 1949 para se tornar aprendiz de artesão. O programa oferecido pela Boeing era uma grande oportunidade, mas, no fundo, ele sabia da verdadeira razão de ter abandonado a faculdade — a dolorosa razão. Foi a grande dificuldade em se adaptar. Um sentimento de isolamento que ainda permanecia depois de todos aqueles anos. Não exatamente por pressão dos pares. Era mais por rejeição pelos pares.

Enquanto examinava seu anuário da sexta série, lembrou-se de tudo que

odiava e amava em relação à faculdade. Rostos estranhos permeavam seus pensamentos, vezes e mais vezes, como um antigo noticiário de cinema. Os olhares hostis de inimigos do campus, um flagrante contraste com a sorridente inocência das fotos do anuário. Na coluna ao lado da gigantesca foto da classe, havia uma lista de nomes — dos “não retratados”. Henry localizou seu nome na lista; na verdade estava ausente das fileiras e mais fileiras de crianças sorridentes. Mas ele esteve lá o dia todo. O dia inteiro.

EU SOU CHINÊS

(1942)

O JOVEM HENRY LEE parou de falar com os pais quando tinha doze anos de idade. Não por causa de algum fútil acesso de raiva infantil, mas porque eles lhe pediram que fizesse isso. Pelo menos foi o que sentiu. Eles pediram — não, mandaram — que ele parasse de falar em chinês, sua língua nativa. Foi em 1942, e os dois estavam desesperados para o filho aprender inglês. O que deixou Henry mais confuso foi quando o pai pregou um crachá em sua camisa da escola que dizia: “Eu sou chinês”. O contraste pareceu absurdo. Isso não faz sentido, pensou. Finalmente o orgulho do meu pai tomou conta dele.

— *M-ming bak?* — perguntou Henry num cantonês perfeito. — Eu não entendo.

O pai o esbofeteou no rosto. Na verdade foi mais um tapinha, só para chamar a sua atenção.

— Não mais. Você só *falar* americano.

As palavras saíram em *chinglês*.

— Eu não entendo — repetiu Henry em inglês.

— Hã? — perguntou o pai.

— Se eu não devo falar chinês, por que preciso usar esse crachá?

— Hã, você diz? — O pai se virou para a mãe, que espiava da cozinha. Ela fez uma expressão confusa e simplesmente deu de ombros, voltando a cozinhar, bolo de castanha-d’água, pelo aroma. O pai se virou para Henry de novo, fez um gesto com a mão e o mandou ir para a escola.

Como não podia falar cantonês e seus pais mal entendiam inglês, Henry desistiu do assunto, pegou sua lancheira e a sacola de livros e desceu a escada para sair para o ar salino e piscoso da Chinatown de Seattle.

A cidade ganhava vida de manhã. Homens de camisetas sujas de peixe carregavam caixas de bacalhau e baldes de mariscos, quase enterrados em

gelo. Henry passou por eles, ouvindo-os gritar uns com os outros num dialeto chinês que nem *ele* entendia.

Continuou rumo ao oeste pela Jackson Street, passando por um carrinho de flores e por uma vidente, que lhe ofereceu bilhetes de loteria da sorte, em vez de seguir para o leste, na direção da escola chinesa, que ficava a apenas três quarteirões do apartamento no segundo andar onde morava com os pais. Sua rotina matinal, caminhando contra a correnteza, fazia com que encontrasse dezenas de garotos de sua idade, todos caminhando na direção contrária.

— *Baak gwai! Baak gwai!* — gritavam. Mas alguns simplesmente apontavam e davam risada. Significava “demônio branco” — um termo em geral reservado para caucasianos, e mesmo assim só quando realmente mereciam aquela ofensa verbal. Mas alguns garotos sentiam pena dele, seus ex-colegas de classe e outrora amigos. Garotos que conhecia desde a primeira série, como Francis Lung e Harold Chew. Eles o chamavam de Gaspar, em referência ao Fantasma Camarada. Pelo menos não era Herman ou Katnip.

Talvez seja essa a razão, pensou Henry, olhando para o estúpido crachá que dizia “Eu sou chinês”. Obrigado, pai. Por que não pregar um cartaz nas minhas costas dizendo “Chute-me”, já que é assim?

Henry andou mais depressa, finalmente virando a esquina e seguindo para o norte. No meio do caminho em direção à escola, ele sempre parava no portão de ferro arqueado na South King Street, onde dava seu lanche para Sheldon, um saxofonista com o dobro da idade dele que ficava na esquina, tocando para entreter turistas a fim de ganhar alguns trocados. Apesar da crescente atividade no Boeing Field, a prosperidade não parecia ter chegado a moradores locais como Sheldon. Era um jazzista educado, cuja pobreza tinha mais a ver com sua cor e menos com seu talento musical. Henry gostou dele de cara. Não porque fossem dois rejeitados, ainda que, se pensasse bem a respeito, isso tivesse um fundo de verdade. Não, Henry gostou dele por causa de sua música. Não sabia o que era o jazz, só sabia que era algo que seus pais não ouviam, e isso o fez gostar mais ainda.

— Belo crachá, rapaz — disse Sheldon, enquanto montava a caixa para suas apresentações matinais. — Essa é uma ideia danada de boa, por causa de Pearl Harbor e tudo mais.

Henry baixou os olhos para o crachá na camisa; tinha até se esquecido daquilo.

— Ideia do meu pai — murmurou. O pai dele odiava os japoneses. Não por terem afundado o USS *Arizona* — odiava por terem bombardeado Chongqing nos últimos quatro anos, sem parar. O pai de Henry nunca tinha estado lá, mas sabia que a capital provisória de Chiang Kai-shek já havia se tornado a cidade mais bombardeada da história.

Sheldon aprovou com um sinal de cabeça e bateu com os dedos na caixa de metal pendurada na sacola de livros de Henry.

— O que temos hoje de almoço?

Henry entregou a lancheira.

— O mesmo de sempre. — Um sanduíche de ovo com azeitona, cenoura cortada e uma pera. Pelo menos a mãe tivera a gentileza de preparar um almoço americano.

Sheldon sorriu, mostrando um grande dente de ouro.

— Obrigado, senhor, tenha um bom dia.

Desde o segundo dia na Escola Rainier, Henry sempre dava seu almoço a Sheldon. Assim era mais seguro. O pai de Henry se mostrara visivelmente entusiasmado quando o filho foi aceito na escola só para brancos no fim da Yesler Way. Foi um momento de orgulho para os pais dele. Os dois não paravam de falar sobre isso com os amigos, na rua, no mercado e na Associação Beneficente Bing Kung, onde iam jogar bingo e mahjong aos sábados. “Ele ganhou uma bolsa de *situdos*”, foi a única coisa que ouviu os pais falarem em inglês.

Mas o que Henry sentia estava longe de ser orgulho. Suas emoções haviam ultrapassado o medo, a ponto de ser simplesmente uma luta pela sobrevivência. Era a razão por que, depois de apanhar de Chaz Preston por sua lancheira no primeiro dia de aula, ele aprendera a dar o almoço a Sheldon. Além do mais, ele tinha um pequeno lucro na transação, pescando uma moeda do fundo do estojo de Sheldon quando voltava para casa no final do dia. Uma vez por semana Henry comprava um lírio estrelado para a mãe, sua flor favorita, com o dinheiro que ganhava pelo almoço — sentindo-se um pouco culpado por não comer o que ela preparava com tanto amor, mas sempre compensando o fato com a flor.

— Como você compra flor? — ela perguntava em chinês.

— *Hojestavatudoe mpromoção especial*. — Henry arranjava alguma desculpa em inglês, tentando explicar, assim como o trocado extra que sempre trazia para casa de suas idas ao mercado. Dizia depressa, mais ou menos certo de que ela não entenderia. Sua expressão de confusão se

esvanecia numa aceitação prazerosa quando anuía e guardava os trocados na bolsa. Ela entendia mal inglês, mas Henry percebia que apreciava suas pretensas habilidades para fazer compras.

Se ao menos seus problemas na escola fossem tão fáceis de ser resolvidos.

Para Henry, a *bolsa de situdos* tinha muito pouco a ver com academismos, e tudo a ver com trabalho. Felizmente, ele logo aprendeu a trabalhar. Foi necessário. Especialmente em suas tarefas antes do almoço — já que sempre era dispensado dez minutos mais cedo. Tempo suficiente para chegar à lanchonete, onde vestia um avental branco e engomado que lhe cobria os joelhos e servia o almoço aos outros alunos.

Durante os últimos meses, Henry tinha aprendido a ficar de boca fechada e ignorar as provocações — principalmente de valentões como Will Whitworth, Carl Parks e Chaz Preston.

E a sra. Beatty, a mulher da lanchonete, também não ajudava em nada. Falastrona e com uma rede prendendo os cabelos, era a definição de uma das palavras favoritas de Henry em inglês: *bruaca*. Ela cozinhava à mão, literalmente, medindo tudo com as mãos sujas e enrugadas. Os braços grossos eram prova de que jamais usava uma batedeira elétrica. Mas, assim como um cão que se recusa a fazer as necessidades no mesmo lugar em que dorme no canil, ela nunca comia o que preparava. Preferia trazer seu almoço de casa. Assim que Henry amarrava o cinto do avental, ela tirava a rede do cabelo e desaparecia com seu almoço e um maço de Lucky Strike.

Na lanchonete, *bolsa de situdos* significava que Henry nunca tinha uma folga. Assim que o último garoto almoçava, comia alguns pêssegos em calda no depósito, sozinho, rodeado por imensas pilhas de molho de tomate e coquetel de frutas.

O HASTEAMENTO DA BANDEIRA

(1942)

HENRY NÃO SABIA O que era mais frustrante, as incessantes provocações na lanchonete da escola ou o silêncio constrangedor no pequeno apartamento do Canton Alley onde morava com os pais. Mesmo assim, quando a manhã chegava, ele tentava, enquanto cumpria sua rotina habitual, fazer o melhor que podia diante da barreira idiomática doméstica.

— *Jou san*. — Os pais o cumprimentavam com um “bom-dia” em cantonês.

Henry sorria e respondia em seu melhor inglês:

— Vou abrir um guarda-chuva na minha cueca.

O pai anuía com uma aprovação severa, como se Henry tivesse citado uma profunda filosofia ocidental. *Perfeito*, pensava Henry, é isso que dá mandar o filho para uma escola com *bolsa de estudos*. Fazia o desjejum contendo-se para não rir, uma pequena pirâmide de arroz grudento misturado com cogumelos e carne de porco. A mãe ficava olhando, parecendo saber o que ele estava aprontando, mesmo sem entender as palavras.

Quando virou a esquina naquela manhã, andando em direção à entrada principal da Escola Rainier, Henry notou que dois rostos conhecidos de sua classe tinham sido designados para hastear a bandeira. Era uma tarefa invejada por todos os garotos da sexta série e até por algumas garotas, que não tinham permissão para fazer isso por razões que Henry desconhecia.

Antes da primeira chamada, os garotos pegavam a bandeira da prateleira triangular do escritório e a levavam até o mastro em frente à escola. Lá, desdobravam a bandeira com todo cuidado, sem deixar nenhum pedaço encostar no chão, pois uma bandeira que fosse conspurcada dessa forma seria imediatamente queimada. Pelo menos era o que diziam; nem Henry nem qualquer outro aluno na história recente tiveram conhecimento de que

tal coisa houvesse realmente acontecido. Mas a ameaça era lendária. Ele imaginava o vice-diretor Silverwood, um homem que parecia um grande urso velho e catarrento, queimando a bandeira no estacionamento enquanto os alunos observavam chocados — depois mandando a conta para a casa do desastrado responsável. Com certeza seus pais seriam envergonhados e teriam de se mudar para o subúrbio e trocar de nome para que ninguém os identificasse.

Infelizmente, era pouco provável que Chaz Preston e Denny Brown, que tinham essa tarefa, se mudassem para longe dali, independentemente do que fizessem. Ambos eram de proeminentes famílias locais. O pai de Denny era advogado ou juiz ou qualquer coisa assim, e a família de Chaz era dona de vários prédios residenciais no centro da cidade. Não que Denny fosse amigo de Henry, mas Chaz era a verdadeira ameaça. Henry sempre achou que Chaz acabaria sendo o cobrador de aluguéis da família. Gostava de ameaçar as pessoas. Era tão malvado que os outros valentões o temiam.

— Ei, *Tojo*, você se esqueceu de saudar a bandeira — gritou Chaz.

Henry continuou andando até a escadaria, fingindo não ter ouvido. Ele nunca saberia por que o pai achara que estudar nessa escola era uma grande ideia. Pelo canto dos olhos, viu Chaz amarrar a bandeira e vir em sua direção. Henry andou mais depressa, em busca da segurança da escola, mas Chaz o interceptou.

— Ah, certo, vocês japoneses não saúdam a bandeira *americana*, não é?

Henry não sabia bem o que era pior, ser provocado por ser chinês ou ser acusado de ser japa. Embora Tojo, o primeiro-ministro do Japão, fosse conhecido como “Navalha” por conta de sua mente arguta e legalista, Henry só queria ser arguto o bastante para ficar em casa e não vir à escola quando seus colegas de classe faziam discursos contra o *Perigo Amarelo*. Sua professora, a sra. Walker, que raramente falava com Henry, não censurava as inapropriadas referências à cor. E nunca o havia chamado para resolver um problema de matemática no quadro-negro, achando que ele não entendia inglês — ainda que suas notas cada vez mais altas pudessem indicar o contrário, pelo menos um pouquinho.

— Ele não vai te enfrentar, é um covarde amarelo. Além do mais, o segundo sinal vai tocar a qualquer momento — caçoou Denny antes de entrar.

Chaz não saiu do lugar.

Henry olhou para o valentão barrando seu caminho sem dizer nada.

Já tinha aprendido a manter a boca fechada. A maioria dos colegas de classe o ignorava, mas os poucos que faziam questão de provocá-lo costumavam desistir quando ele não respondia. Aí ele se lembrou do crachá que o pai o fazia usar e o apontou para Chaz.

— “Eu sou chinês” — leu Chaz em voz alta. — Pra mim não faz diferença, moleque, você não comemora o Natal, comemora?

Tocou o segundo sinal.

— Ho ho ho! — replicou Henry. E eu devia manter a boca fechada, pensou. Nós *celebramos* o Natal, junto com Cheun Jit, o Ano-Novo Lunar. Mas não, Pearl Harbor não é uma ocasião festiva.

— Sorte sua eu não poder me atrasar pra não perder o hasteamento da bandeira — disse Chaz antes de ameaçar um ataque a Henry, que não se mexeu.

Em seguida Henry viu o valentão dar meia-volta e entrar na escola. Finalmente conseguiu soltar a respiração, antes de andar pelo corredor vazio até a sala de aula da professora Walker, onde foi repreendido por chegar atrasado — e condenado a uma hora de detenção. Henry aceitou o castigo sem dizer uma palavra. Sem sequer alterar a expressão.

KEIKO

(1942)

QUANDO HENRY CHEGOU À COZINHA da escola naquela tarde, encontrou uma cara nova. Por estar voltada para uma pilha de bandejas sujas, não conseguiu ver muita coisa. Mas era uma garota, provavelmente da mesma série, mais ou menos da sua altura; escondida atrás de longas tranças e das mechas de cabelo escuras que lhe emolduravam o rosto. Borrifava as bandejas com água quente e vaporosa e as colocava nas prateleiras, uma a uma. Quando se virou lentamente em direção a Henry, ele viu seus delicados malares, a pele perfeita, suave e sem as sardas que mosqueavam o rosto das outras garotas da escola. Por um breve momento, Henry poderia jurar ter sentido o aroma de algo como jasmim, doce e misterioso, perdido nos odores gordurentos da cozinha.

— Henry, esta é Keiko... ela acabou de ser transferida para a Rainier, mas mora no seu bairro. — A sra. Beatty, a mulher da lanchonete, parecia considerar a nova garota como mais um equipamento do maquinário da cozinha, puxando-a pelo avental e aproximando-a de Henry atrás do balcão. — Que diabo, aposto que vocês dois são parentes, não são? — Quantas vezes Henry já tinha ouvido aquilo?

A sra. Beatty não perdeu tempo, pegou um isqueiro Zippo, acendeu um cigarro com uma só mão e saiu com seu almoço.

— Me chamem quando terminarem — falou.

Como qualquer garoto da sua idade, Henry gostava bem mais de meninas do que conseguia admitir — ou na verdade de demonstrar isso para qualquer um, principalmente quando estava com outros garotos, todos tentando se comportar na escola como se garotas fossem uma espécie nova e estranha. Assim, enquanto cumpria as tarefas que surgiam naturalmente, tentando fazer o melhor possível para demonstrar indiferença, secretamente se sentiu feliz por ter uma figura amistosa na cozinha.

— Eu sou Henry Lee. Da South King Street.

A garota peculiar murmurou:

— Eu sou Keiko.

Henry ficou se perguntando por que não a havia visto antes no bairro; talvez sua família tivesse chegado há pouco.

— Que nome é esse, Kay-Ko?

Houve uma pausa. Logo depois tocou o sinal para o almoço. Portas começaram a se abrir ruidosamente no corredor.

A garota dividiu os cabelos em dois tufo iguais e os amarrou com uma fita.

— Keiko *Okabe* — respondeu, amarrando o avental e esperando por alguma reação.

Henry ficou perplexo. Ela era *japonesa*. Com o cabelo puxado para trás dava para ver claramente. E parecia constrangida. Que estava fazendo *aqui*?

A soma total dos amigos japoneses de Henry era um número que rimava com *mero*. Seu pai não permitia. Era um chinês nacionalista e agitador quando jovem, segundo a mãe de Henry. Na adolescência, o pai tinha acolhido o famoso revolucionário dr. Sun Yat-sen quando de sua visita a Seattle para arrecadar fundos para ajudar o incipiente Exército do Kuomintang a lutar contra os manchus. Primeiro arrecadando bônus de guerra, depois os ajudando a abrir um escritório. Imagine, um *escritório* para o Exército chinês, na mesma rua em que morava. Era lá que o pai de Henry batalhava para arrecadar milhares de dólares para combater os invasores japoneses. Que invadiram o país *dele*, não o meu, pensou Henry. O ataque a Pearl Harbor fora terrível e inesperado, claro, mas não era nada em comparação com os bombardeios de Xangai e o saque de Nanjing — pelo menos segundo seu pai. De sua parte, Henry nem conseguia localizar Nanjing no mapa.

Mas ele não tinha um único amigo japonês, embora houvesse duas vezes mais garotos japoneses do que chineses da sua idade morando a poucas ruas de distância. Henry se viu observando Keiko, cujo olhar tenso parecia mostrar ter percebido sua reação.

— Eu sou americana — disse para se defender.

Henry não soube o que dizer, por isso se concentrou na horda de garotos famintos que chegavam.

— É melhor a gente trabalhar.

Os dois retiraram as tampas das bandejas em banho-maria, refugando com o cheiro, olhando um para o outro com nojo. Era uma massa amarronzada que se assemelhava a espaguete. Keiko pareceu ter vontade de

vomitar. Henry, que já estava acostumado com aquele fedor pútrido, nem hesitou. Simplesmente mostrou como servir aquilo com uma velha colher de sorvete enquanto garotos sardentos com cabelos de cadete, mesmo os mais novos, diziam:

— Olha, o china trouxe a namorada. — Ou: — Mais chop suey, por favor!

No máximo eles caçoavam, e no mínimo abriam sorrisinhos e olhavam desconfiados. Henry se manteve em silêncio, irritado e constrangido como sempre, mas fingindo que não entendia. Uma mentira em que queria acreditar — pelo menos por uma questão de autodefesa. Keiko fez a mesma coisa. Durante trinta minutos os dois ficaram lado a lado, às vezes olhando um para o outro, um sorriso malicioso quando serviam grandes porções da gororoba nojenta da sra. Beatty aos garotos que mais caçoavam deles, ou para a garota ruiva e dentuça que puxou os cantos dos olhos para fazer uma careta hedionda.

— Olha, eles nem falam inglês! — esganiçou a garota.

Henry e Keiko ficaram trocando sorrisos até o último aluno ser servido e todas as bandejas e panelas serem lavadas e guardadas. Depois almoçaram juntos, dividindo uma lata de peras em calda na despensa.

Henry achou que as peras estavam com um sabor especial naquele dia.

A CAMINHADA PARA CASA

(1942)

UMA SEMANA APÓS A chegada de Keiko, Henry já havia estabelecido uma nova rotina. Os dois almoçavam juntos, depois se encontravam perto do armário do zelador, quando terminavam as aulas, para a segunda parte de suas tarefas. Lado a lado, eles limpavam as lousas, esvaziavam os cestos de lixo e espanavam apagadores num velho toco de árvore atrás da escola. Não era ruim. Ter Keiko ao seu lado reduzia pela metade o trabalho que antes fazia sozinho, e ele gostava de sua companhia — mesmo ela sendo japonesa. Além disso, todo aquele trabalho dava bastante tempo para os outros garotos pegarem suas bicicletas ou tomarem os ônibus e irem embora antes que ele saísse pelo pátio da escola.

Era assim que devia funcionar.

Mas hoje, quando segurou a porta aberta para Keiko ao saírem do prédio, Chaz estava de pé no fim da escada. Ele deve ter perdido o ônibus, pensou Henry. Ou talvez tivesse sentido um murmúrio de felicidade depois da chegada de Keiko. Talvez um olhar, um sorriso trocado entre eles. Mesmo que ele esteja aqui para me provocar, pensou Henry, tudo bem, desde que não a ameace.

Os dois desceram os degraus e passaram por Chaz, com Henry posicionado entre ela e o valentão. Enquanto desciam, Henry percebeu muito bem que sua nêmetese era uns trinta centímetros mais alto que os dois.

— Aonde você *pensa* que vai?

Chaz deveria estar numa série mais adiantada na escola, mas tinha repetido de ano — duas vezes. Havia muito Henry suspeitava que ele tivesse repetido de propósito, para continuar mandando no seu reino da sexta série. Por que desistir disso para ser um zé-ninguém na oitava?

— Eu perguntei aonde você acha que vai... amigo de japas?

Keiko ia dizer alguma coisa, mas Henry a interrompeu com um olhar, passou o braço ao redor dela e continuou andando.

Chaz postou-se na frente deles.

— Eu sei que vocês entendem tudo que eu digo. Já vi vocês dois conversando depois das aulas.

— E daí? — perguntou Henry.

— E daí. — Chaz o agarrou pelo colarinho e o puxou para si, ficando tão próximo que Henry conseguia sentir o cheiro do que ele tinha almoçado: cebola e leite em pó ainda pairando em seu hálito. — Que tal se eu fizer com que vocês não se falem mais? O que você acharia disso?

— Pare com isso! — gritou Keiko. — Deixa ele em paz!

— Deixe os garotos em paz, Charlie — interrompeu a sra. Beatty, descendo a escada enquanto acendia um cigarro. Pela indiferença demonstrada, Henry imaginou que ela devia estar acostumada com os lapsos comportamentais de Chaz.

— Meu nome é Chaz.

— Bem, querido Chaz, se fizer mal a esse garoto, você vai ficar no lugar dele na cozinha, está me entendendo? — Disse aquilo de tal jeito que quase parecia se importar de verdade. Quase. A expressão severa no rosto dela levantou dúvidas na mente de Chaz. Ele largou Henry, jogando-o no chão — não sem antes arrancar o crachá que dizia “Eu sou chinês” da camisa de Henry, deixando um pequeno rasgo. Chaz colocou o crachá no próprio peito e abriu um sorriso cheio de dentes para Henry antes de afinal ir embora, provavelmente para provocar outros garotos.

Keiko ajudou Henry a se levantar, recolhendo seus livros. Quando ele se virou para agradecer à sra. Beatty, ela já estava se afastando. Sem nem ao menos um até logo. *Obrigado mesmo assim*. Será que ela se importava com a ameaça no pátio, ou estava apenas protegendo seus ajudantes de cozinha? Henry não saberia dizer. Espanou os fundilhos da calça e afastou o pensamento da cabeça.

Depois de uma semana juntos na cozinha, Henry não imaginava que conseguiria se sentir mais frustrado ou constrangido. Que surpresa. Mas se passou a pensar mal dele depois do entreencontro com Chaz, com certeza Keiko não demonstrou. Chegou até a tocar nele, oferecendo sua mão enquanto andavam, mas ele a ignorou. Henry não era muito tímido com meninas. Mas uma garota japonesa era uma bandeira vermelha. Ou uma bandeira branca com um grande sol vermelho no meio, na verdade. Meu pai cairia morto, pensou. E alguém pode nos ver na cidade.

— Você sempre estudou na Rainier? — ela perguntou.

Henry notou como a voz dela era calma. Clara e simples. Seu inglês era

muito melhor que o da maioria das garotas chinesas que conhecia.

Henry balançou a cabeça.

— Desde setembro. Meus pais querem que eu tenha uma formação ocidental... cursar uma universidade, em vez de voltar para escolas chinesas de Cantão como os outros meninos do meu bairro.

— Por quê?

Ele não sabia como dizer.

— Por causa de pessoas como você. — Quando as palavras saíram, ele se sentiu mal por desabafar as frustrações do dia. Mas em parte era *verdade*, não era? Com o canto dos olhos viu quando Keiko desatou a fita dos cabelos. Mechas longas e pretas lhe caíram ao redor do rosto, as tranças quase cobrindo os olhos amendoados.

— Desculpe. Não é culpa sua. É porque o Exército japonês invadiu as províncias do nordeste. A batalha está muito longe de Cantão, mas mesmo assim eles não me deixam ir lá. A maior parte dos garotos do meu bairro frequenta a escola chinesa, para terminar os estudos na China. É o que meu pai sempre planejou para mim. Pelo menos até o outono passado. — Henry não sabia mais o que dizer.

— Então você não nasceu na China?

Henry balançou a cabeça mais uma vez, apontando para First Hill, onde ficava o Hospital Columbus, na periferia de Chinatown.

— Eu nasci bem ali.

Keiko sorriu.

— Eu também nasci lá. Eu sou japonesa. Mas americana em primeiro lugar.

— Foram seus pais que ensinaram você a dizer isso? — Ele hesitou ao falar aquelas palavras, com medo de magoá-la mais uma vez. Afinal de contas, seus pais também recomendaram que ele dissesse a mesma coisa.

— Sim, disseram. Meu avô veio pra cá depois do grande incêndio de 1889. Eu sou da segunda geração.

— Foi por isso que mandaram você para a Rainier?

Passaram pelas arcadas do portão de ferro de Chinatown e chegaram a Nihonmachi. Henry morava sete quarteirões adiante e só estivera ali uma vez, quando o pai teve de encontrar alguém para almoçar no Pacífico Norte, um hotel na divisa com o mercado japonês. Mesmo daquela vez, o pai insistiu para que fossem embora assim que descobriu que o lugar havia sido construído por Niroku “Frank” Shitamae, um homem de negócios japonês.

Os dois saíram antes que o almoço fosse servido.

— Não — respondeu Keiko, olhando ao redor. — Eles me mandaram por causa disto.

Para onde olhasse, Henry via bandeiras americanas em todas as vitrines ou penduradas em todas as portas. Mesmo assim muitas lojas tinham as vitrines quebradas, com algumas totalmente fechadas com tábuas. À frente deles, um guindaste cor de laranja da prefeitura bloqueava três vagas de estacionamento. Um homem de barba no alto do guindaste estava retirando a placa da Mikado Street e substituindo-a por outra que dizia “Dearborn Street”.

Henry se lembrou do crachá que o pai havia lhe dado e tocou o tecido rasgado onde ele estava, perto do coração. Olhou para Keiko, e pela primeira vez naquele dia, pela primeira vez naquela semana, ela pareceu amedrontada.

NIHONMACHI

(1942)

OS SÁBADOS ERAM SEMPRE ESPECIAIS para Henry. Enquanto outros garotos ligavam o rádio para ouvir *As aventuras do Superman* pelo Sistema de Radiodifusão Mutual, Henry cumpria suas tarefas o mais rápido que podia para correr até a esquina da Jackson com a Maynard. Ah, claro que ele gostava do Homem de Aço — que garoto de doze anos não gostava? Mas é que, durante os anos de guerra, as aventuras eram, bem, menos aventureiras. Em vez de estraçalhar robôs de outro planeta, o filho de Krypton passava seus dias descobrindo membros da quinta-coluna e redes de espionagem japonesas, o que pouco interessava a Henry.

Ainda assim, ele divagava sobre o Superman em si. O ator que fazia a voz do Superman era um mistério em 1942. Ninguém sabia quem era. Ninguém. E todos os garotos eram obcecados por descobrir sua verdadeira identidade. Assim, enquanto corria pela rua, Henry observava os tipos de modos gentis usando terno e óculos, como Clark Kent, imaginando se eles poderiam ser a voz do Superman. Ficava observando até homens chineses e japoneses... porque, afinal, nunca se sabe.

Imaginou se Keiko também ouvia o Superman nas manhãs de sábado. Considerou dar uma passada no bairro de Nihonmachi, só para dar uma olhada. Talvez se encontrasse com ela. Será que o lugar era muito grande?

Logo depois ouviu Sheldon tocando a distância e seguiu a música.

Sábado era o único dia da semana em que podia ouvir Sheldon tocar. Na maior parte dos dias, quando Henry voltava da escola, o estojo do instrumento de Sheldon continha pouco mais de dois ou três dólares em moedas, e naquela hora ele já estava encerrando o dia de trabalho. Mas aos sábados era diferente. Todos os turistas deslumbrados, marinheiros e até os habitantes locais vinham passear pela Jackson Street. Como dizia Sheldon, sábado era o “dia de pagamento”.

Naquela manhã, quando Henry chegou, encontrou uma multidão, talvez umas vinte pessoas, sorrindo e se balançando enquanto seu amigo tocava um

suave tema de jazz. Henry conseguiu abrir caminho até a frente e sentou na calçada, curtindo o surpreendente clima de verão. Sheldon olhou para ele e deu uma piscada, sem perder uma nota.

Quando terminou, os aplausos iam e vinham, enquanto a multidão se dispersava, deixando quase três dólares em moedas. Sheldon pôs um pequeno cartaz escrito à mão no estojo, dizendo: “Próxima apresentação em quinze minutos”, e recuperou o fôlego. Quando inalava profundamente, seu peito largo parecia testar os limites de seu colete de cetim. Já faltava um botão na cintura.

— Que boa plateia — observou Henry.

— Nada mal, nada mal. Mas veja só, garoto, hoje em dia há muitos clubes... a concorrência é difícil. — Sheldon apontou com o sax para uma fileira de cartazes e tabuletas na porta de clubes noturnos dos dois lados da Jackson.

Certa vez Henry tinha explorado a área toda, contando trinta e cinco boates — incluindo a Black & Tan, a Rocking Chair, a Ubangi, a Colony Club e a Jungle Temple. E aquelas eram apenas as boates *oficiais* — as que ostentavam anúncios de neon para todo mundo ver. Havia inúmeras outras entocadas em porões e em quartos de fundos. Seu pai sempre se queixava do barulho que faziam.

Nas noites de sábado, Henry olhava pela janela e ficava observando as pessoas passarem. Durante o dia, não se via nenhum oriental. Mas à noite a multidão dobrava de tamanho, a maioria formada por brancos em seus melhores trajes noturnos à procura de uma noite de dança e de jazz. Em alguns sábados, Henry conseguia ouvir uma música baixa à distância, mas a mãe não gostava que ele dormisse com a janela aberta, com medo de que morresse de resfriado ou pneumonia.

— Como vão as audições? — perguntou Henry, sabendo que Sheldon andava se candidatando para um trabalho regular na noite.

Sheldon mostrou um cartão que dizia: “Negro Local 493”.

— O que é isso?

— Dá pra acreditar? Eu entrei para o sindicato. Os músicos brancos formaram uma associação pra tentar arranjar mais trabalho, mas os músicos negros organizaram o próprio sindicato e agora estão conseguindo mais apresentações do que conseguem dar conta.

Henry não entendia bem o que significava uma carteirinha de sindicato, mas Sheldon parecia animado, por isso imaginou que fosse uma boa notícia.

— Consegui até uma substituição no Black Elks Club... hoje à noite. O saxofonista habitual foi preso por alguma razão, então eles ligaram para o sindicato e o sindicato ligou pra *mim*. Dá pra acreditar? Eu, tocando no Black Elks...

— Com Oscar Holden! — completou Henry. Ele nunca tinha ouvido o homem tocar, mas havia cartazes dele por toda a cidade, e Sheldon sempre falava sobre o homem com um tom normalmente reservado para heróis e lendas vivas.

— Com Oscar Holden. — Sheldon aquiesceu e flauteou alguns compassos alegres no sax. — E só hoje à noite, mas, ei, é um bom show, com um bom músico.

— Fico muito contente! — sorriu Henry. — Isso é mesmo uma grande notícia.

— Falando em grande notícia, quem é aquela garota que eu vi voltando pra casa com você, hein? Tem algo a me contar sobre isso?

Henry sentiu o sangue subir às bochechas.

— Ela... é só uma colega da escola.

— Uhum. Não seria talvez uma *namorada*?

Henry ficou logo na defensiva.

— Não, é uma amiga *japonesa*. Meus pais me matariam se descobrissem. — Apontou para o crachá na camisa, outro que o pai o fazia usar depois que o primeiro fora arrancado por Chaz.

— Sou chinês. Sou libanês. Sou pequinês. Eu sou a bola da vez. — Sheldon balançou a cabeça. — Bom, da próxima vez que encontrar sua *amiga japonesa*, diga a ela: *Oai deki te ureshii desu*.

— Ah, uai deque te uuh ri daisu — imitou Henry.

— Mais ou menos isso... é um cumprimento em japonês, quer dizer: Como vai você, linda...?

— Eu não posso dizer isso — interrompeu Henry.

— Diga, sim, ela vai gostar. Eu falo isso para as garotas gueixas por aqui, elas sempre entendem do jeito certo, e ela vai gostar de ouvir isso no idioma dela. Assim fica mais sofisticado. *Misterioso*.

Henry tentou articular a frase em voz alta mais algumas vezes. E repetiu mais algumas vezes na cabeça em silêncio. *Oai deki te ureshii desu*.

— Agora por que não vai até o bairro japonês e tenta falar... eu vou fechar mais cedo hoje — disse Sheldon. — Mais uma apresentação, depois vou poupar o fôlego para minha grande apresentação com Oscar hoje à noite.

Henry gostaria muito de ver Sheldon tocar com o famoso pianista de jazz. Gostaria de ver como era o interior de um verdadeiro clube de jazz. Sheldon havia falado que a maioria dos clubes tinha danças, mas quando Oscar tocava as pessoas ficavam sentadas ouvindo. Ele era muito bom mesmo. Henry gostava de imaginar uma sala escura, todo mundo usando seus melhores ternos e vestidos, segurando cálices de hastes longas, ouvindo a música brotar do holofote no palco, uma névoa suave rolando de uma torrente de água gelada e escura.

— Tenho certeza de que você vai se sair muito bem hoje à noite — disse Henry, virando a cabeça na direção do bairro japonês, não para o lado do apartamento da família.

Sheldon abriu seu sorriso com o dente de ouro.

— Muito obrigado, senhor, tenha um bom dia. — Em seguida começou a se preparar para sua próxima apresentação.

Henry ensaiou as palavras em japonês, repetindo-as vezes e vezes enquanto andava — até os rostos na rua mudarem de preto e branco para japoneses.

O bairro japonês era maior do que Henry imaginava — pelo menos quatro vezes maior que Chinatown, e, quanto mais ele andava pelas ruas movimentadas, mais percebia que poderia ser impossível encontrar Keiko. Claro, ele a havia acompanhado parte do caminho vindo da escola, mas só pela periferia do bairro. Eles só chegavam até a Escola de Dança Hatsunekai, onde se despediam e ele ficava vendo Keiko se encaminhar rumo ao Mount Fuji Hotel. De lá Henry entrava na Jackson e seguia pela South King na direção de casa. Andar pela Maynard Avenue era como ser jogado num outro mundo. Havia bancos, barbeiros, alfaiates, até dentistas e redações de jornais japoneses. Os sinais de neon continuavam piscando durante o dia, com lanternas de papel penduradas das sacadas de todos os apartamentos, enquanto crianças pequenas jogavam bafo com figurinhas de beisebol dos seus times japoneses favoritos.

Henry sentou-se num banco e deu uma lida no jornal *Japanese Daily News* do dia anterior. Para sua surpresa, a maior parte era impressa em inglês. Leu o anúncio da venda de uma livraria que ia fechar, a Taishodo Book Store, e que um novo proprietário tinha assumido a Joalheria Nakamura. Quando Henry olhou ao redor, parecia haver muitas lojas à

venda; outras estavam fechadas, no meio do dia. Tudo aquilo fazia sentido, pois muitas notícias do jornal comentavam sobre os tempos difíceis em Nihonmachi. Parecia que os negócios iam mal, já mesmo antes de Pearl Harbor — desde que os japoneses invadiram a Manchúria, em 1931. Henry só se lembrava do ano porque o pai sempre falava da guerra na China. Segundo o jornal, a Associação Beneficente Chong Wa tinha exigido um boicote a toda a comunidade japonesa. Henry não sabia exatamente o que era a Chong Wa, apenas que era uma espécie de comitê de *Chinatown*, como a Associação Beneficente Bing Kung, que sua família frequentava, só que maior e mais política, abrangendo não só o bairro, mas toda a região e todas as *tongs* — redes sociais que às vezes pareciam gangues. O pai dele era membro.

Enquanto Henry observava a multidão transitando pelas ruas, fazendo compras e se divertindo, os números desmentiam os tempos difíceis, os boicotes e as fachadas das lojas fechadas com tábuas ou envoltas em bandeiras. A maioria dos residentes que passava pelas ruas o ignorava, embora algumas crianças japonesas apontassem para ele e fizessem comentários, só para serem advertidas pelos pais. Havia diversos rostos negros em meio à multidão, mas nenhum branco era visto.

Henry ficou imóvel quando finalmente viu o rosto de Keiko — só que numa foto — em exposição na vitrine do Estúdio de Fotografia Ochi. Lá estava ela, num retrato em sépia escuro de uma garotinha com seu melhor vestido dominical, sentada numa desproporcional poltrona de couro, segurando uma sombrinha japonesa de bambu com uma *koi* estampada.

— *Konichiwa* — cumprimentou um japonês na porta, meio jovem pela aparência. — *Konichiwa, Ototo-san?*

Confuso com o cumprimento do japonês, Henry abriu o casaco e mostrou o crachá que dizia “Eu sou chinês”.

O jovem fotógrafo sorriu.

— Bem, eu não falo chinês, mas como vai... procurando alguma fotografia? Quer fazer um retrato? Ou está simplesmente procurando alguém?

Agora foi a vez de Henry ficar surpreso. O inglês do jovem fotógrafo era quase perfeito em comparação com o domínio de Henry do idioma.

— Essa garota, ela é minha colega de escola.

— Os Okabe? Eles mandaram a filha para a escola chinesa?

Henry balançou a cabeça, gesticulando com a mão.

— Keiko Okabe, sim. Nós dois frequentamos a Rainier... a escola de brancos depois da Yesler Way.

Um momento de silêncio foi encoberto pelos motores dos carros que rugiam por perto. Henry continuou olhando enquanto o fotógrafo observava a foto de Keiko.

— Então vocês dois devem ser alunos muito especiais.

Desde quando ser *especial* se tornou um fardo? Até mesmo numa maldição. Não havia nada especial na *bolsa de situdos* da Rainier. Nada mesmo. Mas, afinal, ele estava lá procurando alguém. Talvez *ela* fosse especial.

— Você sabe onde ela mora?

— Não. Sinto muito. Mas eu a vejo sempre perto no salão Nippon Kan. É um parque, você pode tentar ir até lá.

— *Domo* — disse Henry. Era a única palavra em japonês que sabia, além das que Sheldon lhe havia ensinado pouco antes.

— De nada. Depois volte aqui, posso tirar uma foto sua — disse o fotógrafo já de longe.

Henry já estava na rua.

Henry e Keiko passavam pelo Kobe Park na volta da escola todos os dias, e ele conhecia o parque pelas inúmeras fileiras de cerejeiras que se alinhavam nas ruas. O salão Nippon Kan ficava do outro lado do parque e parecia mais um teatro de cabúqui, inclusive com cartazes de peças que ele havia assistido ou ouvido falar — como *O Some Hisamatsu* e *Yuku No Ichiya* — escritas em kanji e no alfabeto ocidental. Assim como em Chinatown, parecia que toda a área ao redor do parque acordava cedo aos sábados. Henry seguiu a multidão, depois a música. Viu três artistas de rua em frente ao Nippon Kan, em trajes tradicionais, lutando com espadas cintilantes que vergavam e se flexionavam quando cortavam o ar. Atrás deles, músicos tocavam o que pareciam estranhos alaúdes de três cordas. Nada parecido com o *yuehu* ou o *gao wu*, os violinos de duas cordas que costumava ouvir quando a Ópera de Pequim apresentava um espetáculo de luta.

Com toda aquela música e dança, Henry se esqueceu de que estava procurando Keiko, apesar de às vezes murmurar as palavras que Sheldon tinha ensinado — “Uai deque te u ri daisu” —, mais por nervosismo.

— Henry!

Mesmo no meio da música Henry soube que era a voz dela. Olhou ao redor, perdido por um momento antes de localizá-la sentada na colina, o ponto mais alto do Kobe Park, olhando para os artistas de rua e acenando. Henry subiu a colina, as palmas das mãos suando. “Uai deque te u ri daisu.” “Uai deque te u ri daisu.”

Keiko deixou um caderno de lado e olhou para cima, sorrindo.

— Henry? O que está fazendo aqui?

— Uai deque te... — As palavras rolaram pela sua língua como um caminhão de carga. Sentiu a testa transpirando. *As palavras?* Como era o resto? — u ri dai... su.

A expressão de Keiko se imobilizou num sorriso de surpresa, interrompido apenas pelos olhos arregalados, piscando.

— O que você disse?

Respire, Henry. Respire fundo. Mais uma vez.

— *Oai deki te ureshii desu!* — As palavras saíram perfeitas. *Consegui!*

Silêncio.

— Henry, eu não falo japonês.

— O quê...?

— Eu. Não. Falo. Japonês. — Keiko soltou uma gargalhada. — Nem na escola eles ensinam mais japonês. Deixaram de fazer isso no outono passado. Meu pai e minha mãe falam, mas querem que eu só aprenda inglês. A única coisa que sei em japonês é *wakarimasen*.

Henry sentou-se ao lado dela, observando os artistas de rua.

— O que significa?

Keiko tocou no braço dele.

— Significa “Eu não entendo”... entendeu?

Henry se deitou na encosta, sentindo a grama fresca. Sentia o perfume de rosas japonesas por toda parte, salpicando a encosta de canteiros de estrelas amarelas.

— Seja o que for, Henry, você falou muito bonito. O que significa?

— Nada. Quer dizer “Que horas são?”

Henry olhou para Keiko encabulado, percebeu a expressão de desconfiança nos olhos dela.

— Você veio até aqui pra me perguntar que horas são?

Henry deu de ombros.

— Um amigo meu acabou de me ensinar, achei que você ia ficar impressionada, mas me enganei... Que caderno é esse?

— É um caderno de esboços. E eu *fiquei* impressionada, só pelo fato de você vir até aqui. Seu pai ia ficar furioso se soubesse. Ou ele sabe?

Henry balançou a cabeça. Este era o último lugar que seu pai esperaria encontrá-lo. Normalmente aos sábados Henry ficava nas imediações do porto, com outros garotos da escola chinesa, visitando lugares como a Loja de Curiosidades Ye Olde, perto de Coleman Dock — vendo múmias de verdade e autênticas cabeças encolhidas, desafiando uns aos outros para tocar nelas. Mas desde que começara a estudar na Rainier, todos passaram a tratá-lo de forma diferente. Ele não tinha mudado, mas por alguma razão parecia diferente aos olhos deles. Não era mais um deles. Assim como Keiko, ele era *especial*.

— Não foi grande coisa. Eu simplesmente estava nas redondezas.

— É mesmo? E qual foi o vizinho que te ensinou a falar japonês?

— Sheldon, o saxofonista da South King. — Henry pousou os olhos no caderno de esboços. — Posso ver seus desenhos?

Keiko lhe entregou o caderninho preto. Em suas páginas havia desenhos de flores e plantas, às vezes a figura de um dançarino. O último era um esboço da multidão, dos dançarinos — e um perfil de Henry no meio da multidão.

— Sou eu! Há quanto tempo você sabia que eu estava aqui? Você estava me observando esse tempo todo. Por que não falou nada?

Keiko fingiu não ter entendido.

— *Wakarimasen*. Desculpe, eu não falo inglês. — Brincando, ela pegou o caderno de esboços de volta. — A gente se vê na segunda, Henry.

BUD'S JAZZ RECORDS

(1986)

HENRY FECHOU O ANUÁRIO no colo, depositando-o na mesinha de cerejeira, perto do porta-retratos dele e de Ethel no aniversário de treze anos de casamento. Para Henry, o rosto sorridente da esposa parecia magro, escondendo graciosamente certa tristeza.

Na foto ela estava no começo da remissão, mas ainda quase sem cabelos por causa do tratamento de radioterapia. Os cabelos não tinham caído de repente, como se vê no cinema. Desfaziam-se em mechas irregulares, maiores em algumas partes, mais rarefeitas em outras. Pediu a Henry que raspasse sua cabeça com uma máquina, o que ele fez, relutante. Foi o primeiro de muitos momentos íntimos que compartilharam. Um longo período sabático nos cuidados cotidianos, parte do mecanismo de se morrer. Ele tinha feito tudo que podia. Mas a escolha de cuidar dela com amor era como pilotar um avião numa montanha da forma mais suave possível. A queda era iminente; o que importa é como se passa o tempo durante a contagem regressiva.

Pensou em se mudar, mas nem sabia por onde começar. Então foi ao lugar onde costumava ir para estimular os sentidos, mesmo quando garoto — um lugar onde sempre encontrava um pequeno consolo. Pegou o chapéu e o paletó e de repente se viu nos corredores empoeirados da Bud's Jazz Records.

Desde que Henry conseguia se lembrar, a Bud's era um ponto fixo da South Jackson, perto da velha Pioneer Square. Claro que o Bud original já não era mais o proprietário havia muito tempo. Mas o novo dono, um sujeito grisalho com bochechas caídas como de um cachorro, como as de um Dizzy Gillespie meio murcho, ocupou seu papel de forma amigável. Atendia no balcão de discos, logo atendendo pelo nome Bud.

— Faz tempo que você não aparece, Henry.

— Eu tenho andado por aí — respondeu Henry, fuçando uma prateleira de antigos discos de 78 rpm, esperando encontrar alguma coisa de Oscar

Holden, o Santo Graal dos discos de jazz de Seattle. A história apócrifa era a de que Oscar tinha gravado um máster de 78 rpm nos anos 1930, em vinil, não em cera. Porém, das supostas trezentas cópias, nenhuma sobrevivera. Não que alguém soubesse disso. Mas, até aí, quase ninguém sabia *quem* era Oscar Holden. Outros grandes nomes de Seattle, como Ray Charles e Quincy Jones, tinham alcançado fama e fortuna como celebridades. Ainda assim, Henry continuava devaneando com a possibilidade de um dia encontrar uma cópia em vinil. E agora que os cds estavam vendendo mais do que os discos, as caixas de lps usados na Bud's transbordavam com discos em bom estado todos os dias.

Se algum disco ainda existisse, talvez alguém resolvesse jogá-lo fora, ou fazer uma troca, sem saber o que aquela velha gravação empoeirada significava para ávidos colecionadores como Henry. Afinal, *quem é* Oscar?

Bud baixou um pouco o volume da música.

— Mas você não andou por *aqui*, pois eu não o vi por aqui.

A música era alguma coisa moderna, Overton Berry, pensou Henry, levando em conta a profunda melancolia do piano. Ele pensou no tempo em que esteve ausente. Foi um frequentador assíduo durante a maior parte da vida adulta, e também parte da juventude.

— Meu toca-discos está quebrado. — E estava mesmo, não era mentira. Além do mais, como dizer a ele que minha mulher morreu seis meses atrás? Não faz sentido transformar a Bud's Jazz Records em Bud's *Blues* Records.

— Você soube do Hotel Panamá? — perguntou o velho vendedor.

Henry fez que sim com a cabeça, ainda examinando a prateleira, o nariz coçando por causa do pó que sempre se acumulava no porão da loja de discos.

— Eu estava lá quando eles começaram a trazer todas aquelas coisas.

— Não diga! — Bud esfregou a cabeça raspada. — Sei o que você vem sempre procurar aqui. Ah, eu já desisti de procurar esse disco do Oscar. Mas isso dá o que pensar, não é? Quer dizer, eles fecharam aquele prédio inteiro em... foi por volta de 1950? E depois um novo dono compra o local, sai explorando e encontra todas aquelas *coisas* trancadas durante todos esses anos. O jornal diz que não tem muita coisa de valor. Nada de barras de ouro nem nada. Mas faz a gente pensar...

Henry não tinha parado de pensar desde que vira aquele primeiro caminhão estacionar. Desde que a proprietária abrisse aquela sombrinha japonesa.

Henry escolheu um LP do baterista Webb Coleman, de Seattle, e o pôs no balcão.

— Acho que vou levar este.

Bud guardou o velho disco numa sacola de compras usada da Uwajimaya e deu a Henry.

— Esse é por minha conta, Henry... sinto muito por sua esposa. — Os olhos de Bud deviam ter visto um bocado de sofrimento ao longo da vida. — Ethel era uma grande mulher. Eu sei o que você fez por ela.

Henry desencavou um sorriso débil e agradeceu. Algumas pessoas liam os obituários todos os dias, mesmo numa cidade grande como Emerald City — mas o International District era como uma cidadezinha. As pessoas sabiam tudo de todo mundo. E, assim como em outras cidades pequenas, quando alguém parte, nunca retorna.

DIM SUM

(1986)

DURANTE O FIM DE SEMANA, Henry passou pelo velho teatro Nippon Kan, ou o que sobrara dele — com os pés esmagando cacos de vidro quebrado e lâmpadas esmigalhadas. A marquise colorida que outrora iluminava as ruas escuras agora estava atulhada de soquetes vazios e cheia de rachaduras — o antigo brilho aconchegante, uma reflexão de toda a esperança que Henry sentira quando garoto, encontrava-se coberto por décadas de ferrugem e descuido. Restauração ou demolição? Henry não sabia o que faria mais sentido. O Nippon Kan fora, décadas atrás, como o Hotel Panamá. Mas, assim como o hotel, tinha sido comprado em anos recentes e estava em processo de ser reformado. Pelo que tinha ouvido falar, o antigo coração pulsante do bairro japonês logo se transformaria numa estação rodoviária.

Em todos aqueles anos, Henry nunca tinha entrado lá e, mesmo quando houve uma pequena festa de reinauguração, quatro décadas depois, ele não conseguiu se convencer a ir. Dando uma parada para assimilar, viu os operários jogando cadeiras estofadas roxas da janela do segundo andar nos escombros abaixo. Devem ser do anfiteatro, pensou Henry. Não deve restar muito, pode ser minha última oportunidade de passar pela antiga bilheteria e ver esse velho teatro de cabúqui do jeito que era. Tão tentador. Mas já estava quase atrasado para encontrar Marty no Restaurante Sea Fortune para o almoço, e ele detestava se atrasar.

Henry considerava o velho e bolorento restaurante o melhor de Chinatown. Aliás, ele o frequentava havia anos, desde os tempos de infância. Embora, na primeira vez que estivera ali, fosse uma loja de massas japonesa. Desde então, já tinha passado por um carrossel de proprietários chineses. Empresários espertos — sempre conservando o pessoal da cozinha, o que manteve o nível da comida. Essa era a verdadeira chave do sucesso na vida, pensou Henry — consistência.

Marty, de sua parte, não gostava muito do *dim sum* dali.

— Tradicional demais — dizia. — Muito suave.

Preferia muito mais os novos estabelecimentos, como o House of Hong ou o Top Gun Seafood. Pessoalmente, Henry não apreciava esses restaurantes da moda, que rompiam com a tradição e serviam *dim sum* no balcão cheio de *yuppies* até depois da meia-noite. Também não gostava da *nouvelle cuisine* eurasiática — com ingredientes como salmão defumado ou banana, que não tinham lugar num cardápio de *dim sum*, pelo menos segundo as papilas gustativas de Henry.

Quando pai e filho se acomodaram no assento vermelho rachado e encaroçado de um reservado do Naugahyde, Henry abriu o bule de chá, aspirando seu conteúdo como se degustasse uma amostra de vinho de guarda. Estava velho. Nada mais do que água amarronzada e manchada sem quase nenhum aroma. Empurrou o bule para o lado, com a tampa aberta, e acenou para a velha senhora que empurrava um carrinho de fumegantes bolinhos de massa mais ou menos na direção dos dois.

Passando os olhos pelas porções de camarões empanados, pastéis de nata e pães no vapor chamados *hum bau*, Henry apontou e anuiu, sem sequer perguntar o que Marty queria — já sabia os pratos favoritos do filho.

— Por que eu tenho a sensação de que algo está te incomodando? — perguntou Marty.

— O chá?

— Não, isso é só o senhor pensando que é uma espécie de sommelier de folhas secas num saquinho. O senhor tem se comportado de forma diferente ultimamente. Algo que eu deveria saber, pai?

Henry tirou seu hashi barato da embalagem, afiando ambos os palitinhos para eliminar quaisquer farpas.

— Meu filho está se formando, soma coma lode...

— *Summa cum laude* — corrigiu Marty.

— Foi o que eu disse. Meu filho está se formando *com altos louvores*. — Henry jogou um camarão *shui mai* fumegante na boca, mastigando enquanto falava. — O que pode estar errado?

— Bem, pra começar, a mamãe faleceu. E agora o senhor está aposentado de verdade. Do seu emprego. De tomar conta dela. Estou um pouco preocupado com o senhor. O que vai fazer agora para passar o tempo?

Henry ofereceu um *bau* de porco ao filho, que o pegou com os palitinhos e removeu o papel de cera do fundo antes de dar uma grande mordida.

— Eu acabei de voltar do Bud's. Peguei uma coisinha lá. Eu vou começar a sair — disse Henry. Para pontuar sua afirmação, mostrou a sacola da loja

de discos. *Está vendo, é uma prova de que estou indo bem.*

Henry viu o filho abrir uma folha de lótus e comer o recheio gelatinoso e pegajoso. Pela preocupação em sua voz, podia dizer que Marty não estava convencido.

— Eu estou indo até o Hotel Panamá. Pensei em pedir para me deixarem dar uma olhada. Eles encontraram um monte de coisas antigas no porão. Coisas dos *anos da guerra*.

Marty acabou de mastigar.

— Em busca de algum disco de jazz há muito perdido, talvez?

Henry evitou a pergunta, sem querer mentir para o filho, que sabia de seu interesse por antigos discos de jazz desde que era jovem. Mas isso era mais ou menos tudo o que Marty sabia sobre a infância do pai, apesar de saber que ele tinha passado por dificuldades quando criança. Por quê? Ele nunca perguntou, parecia ser meio sagrado, e Henry raramente falava a respeito. De sua parte, o filho provavelmente achava que ele era muito chato. Um homem que cuidou de cada detalhe da vida de sua mulher nos últimos anos e que nunca o surpreendia. O sr. Confiável. Sem uma farpa de rebeldia ou espontaneidade.

— Eu estou procurando *uma coisa* — disse Henry.

Marty descansou o hashi na beira do prato, olhando para o pai.

— Algo que eu devesse saber? Quem sabe eu possa ajudar, pai.

Henry deu uma mordida num pastel de nata, deixou-o de lado e empurrou o prato para longe.

— Se encontrar alguma coisa que valha a pena comentar, eu falo com você. — Quem sabe eu ainda possa te surpreender. *Espere para ver. Espere para ver.*

Marty não pareceu convencido.

— Alguma coisa está *te* incomodando? Parece que está com algo na cabeça... além dos estudos e das notas. — Henry achou que o filho estava para dizer alguma coisa, mas Marty manteve a boca fechada. Sincronia parecia ser tudo na família de Henry. Sempre pareceu haver um tempo certo e um tempo errado para discussões entre Henry e seu pai. Talvez seu filho sentisse o mesmo.

“Vamos lidar com isso da maneira devida, e no tempo devido” dissera Ethel, logo depois de saber que estava com câncer. “Ele é seu filho, mas não é um produto da *sua* infância, você não precisa fazer a mesma coisa.”

Ethel levou Henry ao Green Lake de barco, num ensolarado dia de

agosto, para lhe dar a má notícia.

“Ah, eu não vou partir tão cedo”, falou. “Mas de qualquer forma, quando eu for embora, espero que minha partida aproxime vocês dois.”

Ela parecia nunca deixar de ser maternal com o filho, e com Henry também, aliás. Até o começo do tratamento, mas depois tudo virou o contrário. E continuou desse jeito.

Agora pai e filho esperavam em silêncio, ignorando os carrinhos de *dim sum* que passavam rolando. O constrangedor momento foi interrompido pelo ruído de pratos em algum lugar da cozinha, pontuado por homens se xingando em chinês e inglês. Havia muito a dizer e a perguntar, mas nem Henry nem Marty tentaram abordar o assunto. Ficaram simplesmente esperando a garçonete, que logo traria mais chá e laranja fatiada.

Henry cantarolava em silêncio um velho tema — não se lembrava mais da letra, mas nunca tinha esquecido a melodia. E, quanto mais cantarolava, mais sentia vontade de sorrir novamente.

Marty, por sua vez, simplesmente suspirava, continuando a procurar a garçonete.

LAKE VIEW

(1986)

HENRY PAGOU A CONTA e ficou olhando o filho acenar em despedida, carregando uma enorme sacola de sobras no banco da frente de seu Honda Accord prateado. As sobras foram por insistência de Henry. Sabia que o filho gostava da comida do campus, mas eles não tinham nada que se comparasse com uma dúzia de *hum bau* frescos — e, além disso, bolinhos de porco no vapor podiam ser facilmente reaquecidos no micro-ondas do dormitório de Marty.

Satisfeito de ver o filho a caminho, Henry parou numa barraca de flores, depois foi até o ponto de ônibus mais próximo e tomou o número 10 até o outro lado de Capitol Hill — de onde dava para ir a pé até o Cemitério Lake View.

Quando Ethel morreu, Henry jurou que visitaria o túmulo uma vez por semana. Mas já fazia seis meses e ele só viera visitá-la uma vez — no que teria sido o aniversário de trinta e oito anos de seu casamento.

Colocou os lírios estrelados recém-colhidos, do tipo que cultivavam no próprio jardim, na pequena lápide de granito que era a única coisa que lembrava ao mundo que Ethel um dia estivera viva. Prestou suas homenagens, afastando as folhas secas e limpando o musgo da laje, onde dispôs outro pequeno ramo de flores.

Deixando o guarda-chuva de lado e ignorando a garoa fina de Seattle, abriu a carteira e tirou um envelopinho branco. Na frente estava escrito, em caractere chinês, Lee — o sobrenome de Ethel nos últimos trinta e sete anos. Dentro havia uma bala e uma moeda de vinte e cinco centavos. Os pequenos envelopes foram distribuídos quando ele saiu da Casa Funerária Bonney-Watson, que cuidou do sepultamento de Ethel. A bala era para que todos que saíssem de lá sentissem um gosto doce — não amargo. A moeda era para comprar mais uma bala a caminho de casa — um toque tradicional de vida longa e felicidade duradoura.

Henry se lembrava de ter saboreado a bala, uma espiral vermelha e

branca de hortelã. Mas não teve vontade de parar no mercado a caminho de casa. Ironicamente, Marty insistiu para que honrassem essa tradição, mas Henry se recusou.

— Me leva pra casa — foi tudo o que disse quando Marty reduziu perto do mercadinho South Gate.

Henry não conseguia suportar o pensamento de gastar aquela moeda. Era tudo que restava de Ethel. Sua duradoura felicidade teria de esperar. Preferia poupá-la — mantê-la com ele, sempre.

Pensou sobre a felicidade, pegando o pequeno envelope que levava consigo todos os dias e retirando a moeda. Não tinha nada de mais — uma moeda normal que qualquer um usaria para uma ligação telefônica ou para uma xícara de café ruim. Mas para Henry era uma promessa de algo melhor.

Lembrou-se do dia do velório de Ethel. Ele chegou mais cedo, para se encontrar com Clarence Ma, o diretor da funerária designado para sua família. Um homem gentil, na casa dos sessenta anos, que gostava de falar de seus próprios males físicos, Clarence era o santo padroeiro de todas as coisas funerárias quando se tratava de Chinatown. Cada bairro tinha seu próprio agente. As imponentes paredes da Casa Funerária Bonney-Watson eram forradas com as fotos emolduradas dos diretores — uma espécie de ONU de diretores funerários de várias etnias.

— Henry, você chegou cedo... posso fazer alguma coisa por você? — perguntou Clarence, erguendo os olhos de sua mesa, onde guardava as moedas e balas nos envelopes quando Henry entrou.

— Eu só queria verificar as flores — respondeu Henry, seguindo para a capela onde um grande retrato de Ethel estava rodeado de arranjos de flores de vários tamanhos.

Clarence o alcançou, colocando um braço ao redor de seus ombros.

— Está bonito, não?

Henry aquiesceu.

— Fizemos questão de arranjar as flores bem perto da foto dela... era uma mulher adorável, Henry. Tenho certeza de que está num lugar mais feliz, mas dificilmente tão lindo. — Clarence entregou a Henry um envelopinho branco. — Caso você não se lembre depois do velório... fique com ele, por precaução.

Henry tateou a moeda. Levou o envelope ao nariz e sentiu o cheiro de hortelã em meio aos aromas úmidos do salão aspergido de florais.

— Obrigado — foi só o que conseguiu murmurar.

Agora, debaixo da garoa do Cemitério Lake View, Henry levou o envelope ao nariz mais uma vez. Não conseguiu sentir cheiro de nada.

— Desculpe não ter vindo com a frequência que deveria ter vindo — desculpou-se. Segurou a moeda na mão, guardando o envelope no bolso. Ouviu o som do vento passando pelas árvores, não esperando uma resposta, na verdade, mas sempre aberto à possibilidade. — Eu tenho umas coisas que preciso fazer. E, bem, só queria vir contar primeiro para você. Mas provavelmente você já sabe de tudo. — A atenção de Henry vagueou para a lápide ao lado da de Ethel, a dos pais dele. Em seguida se voltou para onde jazia Ethel. — Você sempre me conheceu tão bem.

Henry afastou os cabelos grisalhos das têmporas, úmidos pela garoa fina.

— Eu estou me virando. Mas estou preocupado com Marty. Eu sempre me preocupei com ele. Acho que pediria para você cuidar dele... quanto a mim, eu posso me cuidar. Vou ficar bem.

Henry olhou ao redor para ver se alguém poderia estar vendo aquela conversa estranha, de uma só via. Estava totalmente sozinho — nem sabia ao certo se Ethel estava escutando. Uma coisa era falar com ela em casa, onde eles moravam. Mas aqui, no chão frio ao lado dos pais dele, com certeza ela havia partido. Ainda assim, Henry precisava vir para dizer adeus.

Beijou a moeda e a deixou no alto da lápide de Ethel. Essa era a nossa promessa de felicidade, pensou Henry. É só o que me resta para dar. Isso é para que possa ser feliz sem mim.

Afastou-se um pouco, as mãos ao lado do corpo, e fez três reverentes vênias de respeito.

— Agora eu preciso ir embora — falou.

Antes de sair, tirou um lírio do ramo de flores de Ethel e o depositou no túmulo da mãe. Até espanou algumas folhas da laje do pai antes de abrir o guarda-chuva e descer a colina em direção ao Volunteer Park.

Tomou o caminho mais longo de volta, descendo uma trilha tortuosa que levava ao estacionamento quase vazio. O Cemitério Lake View era um lugar lindo, apesar dos túmulos sombrios que pareciam frias lembranças de tantas perdas e saudades. Local de descanso final da filha do chefe de polícia de Seattle e de outros notáveis, como Asa Mercer e Henry Yesler, era uma espécie de turnê a pé pela história esquecida de Seattle. Não muito diferente do Monumento do Memorial da Guerra Nissei no lado nordeste. Era um monumento menor, menor que as lápides dos membros da família Nordstrom, dedicado aos veteranos nipo-americanos — habitantes locais

que tinham morrido lutando contra os alemães. Nesses dias, quase ninguém o notava, a não ser Henry, que tocou o chapéu com a ponta dos dedos ao passar em frente a ele.

FALE O SEU AMERICANO

(1942)

HENRY FICOU NA FRENTE DO ESPELHO, examinando seu uniforme escolar. Tinha pedido para a mãe passar, mas ainda parecia amassado. Experimentou um velho boné do Seattle Indians, depois pensou melhor e penteou mais uma vez os cabelos molhados. A ansiedade das manhãs de segunda-feira não era novidade. Na verdade, normalmente começava nas tardes de domingo. Apesar de estar acostumado com sua rotina na Escola Rainier, o estômago ia se contraindo à medida que as horas passavam, cada minuto o aproximando mais de sua volta à escola só de brancos. Mas na manhã daquela segunda-feira seu ritual de servir os outros alunos parecia muito estimulante. Aqueles quarenta preciosos minutos na cozinha tinham se tornado um tempo bem aproveitado, já que ele se encontrava com Keiko. O copo estava meio cheio? *Sem dúvida.*

— Você um grande sorriso esta manhã, Henry — comentou seu pai em chinês, tomando ruidosamente sua *jook*: uma sopa grossa de arroz misturada com repolho picado em conserva. Não era um dos pratos favoritos de Henry, mas ele tomava por educação.

Henry tirou algumas fatias de ovos de pata em conserva da própria tigela e os colocou na da mãe antes que ela voltasse da cozinha. Gostava daquelas fatias salgadas, mas sabia que ela gostava muito mais e que nunca deixava muito para si mesma. A mesa de cerejeira tinha uma bandeja rotativa; Henry girou-a para sua posição de origem enquanto a mãe voltava, colocando sua própria tigela diante de si.

Os olhos do pai passeavam pelo jornal. A manchete da primeira página dizia: BRITÂNICOS EVACUAM RANGUM.

— Você *gostando* da escola agora? Hein? — O pai falou enquanto virava a página.

Sabendo que não podia falar cantonês em casa, Henry respondeu com um sinal de cabeça.

— Eles *arruma* a escada, hein? Aquela de que você caiu? — Mais uma

vez, Henry anuiu ao cantonês do pai, continuando a tomar sua espessa sopa do desjejum. Ele ouvia aquelas conversas assimétricas e de uma só via do pai, mas nunca respondia. Aliás, Henry quase nunca falava nada, a não ser em inglês, para mostrar seu domínio cada vez melhor do idioma. Mas como o pai só entendia cantonês e um pouco de mandarim, as conversas aconteciam em ondas, indo e voltando, como marés em praias de dois oceanos distintos.

A verdade era que Henry tinha sido espancado por Chaz Preston no primeiro dia de aula. Mas os pais queriam tanto que ele estudasse lá que teria sido um terrível insulto não se mostrar agradecido. Por isso Henry arranjou uma desculpa, *falando o seu americano*. Claro que os pais não entendiam — implorando para que *tivesse mais cuidado da próxima vez*. Henry fazia o melhor que podia para respeitar e honrar os pais. Ia a pé para a escola todos os dias, nadando contra a maré de garotos chineses que o chamavam de “diabo branco”. Trabalhava na cozinha da escola, onde os diabos brancos o chamavam de “amarelo”. Mas tudo bem. Vou fazer o que tiver de fazer, pensava Henry. Porém, acho que estou cansado de *tomar cuidado*.

Terminando o desjejum, ele agradeceu à mãe e pegou os livros da escola. Todos eles recém-encapados — com panfletos de clubes de jazz.

Naquela quarta-feira, depois da escola, Henry e Keiko cumpriram suas tarefas. Esvaziaram os cestos de lixo das salas de aula. Espanaram os apagadores. Depois ficaram esperando o perigo passar. Chaz e Denny Brown eram responsáveis por retirar a bandeira todos os dias, o que os mantinha na escola mais tempo do que o normal. E já tinham se passado trinta minutos desde o sinal de saída, e eles não estavam visíveis em lugar nenhum. Henry fez o sinal de tudo bem para Keiko, que se escondia no toalete feminino enquanto Henry inspecionava o estacionamento.

Com exceção da equipe normal de zeladores, ele e Keiko eram os últimos a sair. E hoje não foi diferente. Saíram andando lado a lado, desceram a escada e passaram pelo mastro desnudo, seus livros sacolejando na bolsa.

Henry notou o caderno de esboços de Keiko na sacola de livros, o mesmo que vira com ela no parque.

— Quem ensinou você a desenhar? — perguntou. E desenhar tão bem, pensou Henry, com uma pontinha de inveja, admirando secretamente o

talento dela.

Keiko deu de ombros.

— Minha mãe, acho... principalmente. Ela era pintora quando tinha mais ou menos a minha idade. Sonhava em ir para a cidade de Nova York e trabalhar numa galeria. Mas agora ela sente dores nas mãos e não desenha nem pinta muito, por isso me deu os seus materiais. Ela quer que eu faça faculdade no Instituto Cornish em Capitol Hill... é uma escola de arte, sabe.

Henry tinha ouvido falar de Cornish, uma academia com cursos de quatro anos de belas-artes, de música e de dança. Era um lugar chique. Um lugar de prestígio. Ficou impressionado. Nunca tinha conhecido um artista de verdade, a não ser talvez Sheldon, e mesmo assim...

— Eles não vão te aceitar.

Keiko parou de andar, virando-se para Henry.

— Por que não? Porque sou uma garota?

Às vezes a boca de Henry era grande demais para seu rosto. Não sabia como mudar de assunto com delicadeza, por isso simplesmente dizia o que pensava.

— Eles não vão te aceitar porque você é japonesa.

— É por isso que minha mãe quer que eu me inscreva. Para ser a primeira. — Keiko continuou andando, deixando Henry alguns passos atrás. — Falando na minha mãe, eu perguntei a ela o que quer dizer *Oai deki te ureshii desu* — disse Keiko.

Henry continuou andando um passo atrás, nervoso e olhando ao redor. Notou o vestido florido de Keiko. Para alguém que parecia tão meiga, com certeza ela parecia saber como cutucá-lo.

— Foi uma ideia boba do Sheldon — explicou.

— Foi uma coisa simpática para dizer. — Keiko fez uma pausa, como se observando um grupo de gaivotas sobrevoando acima, depois olhou para Henry, que captou um lampejo travesso nos olhos dela. — Obrigada a você e a Sheldon. — Sorriu e continuou andando.

Quando se aproximaram da esquina habitual de Sheldon, não havia música nem multidão, e nenhum sinal do saxofonista em parte alguma. Normalmente ele tocava em frente ao edifício da Rainier Heat & Power, com sua entrada ainda recoberta de sacos de areia por conta do trauma do bombardeio no início do ano. Os turistas passavam como se ele nunca tivesse existido. Henry e Keiko se olharam, conjecturando.

— Ele estava aqui hoje de manhã — disse Henry. — Disse que a audição

no Black Elks Club tinha ido bem. Será que foi chamado de novo? — Talvez tenha combinado de tocar regularmente com Oscar Holden, que Sheldon disse reunir músicos para ensaiar nas noites de segunda e quarta. Eram apresentações gratuitas, por isso um monte de gente aparecia para tocar ou só para curtir a música.

Henry ficou na esquina, olhando para os sinais de neon dos clubes de jazz que se alinhavam dos dois lados da Jackson Street.

— Até que horas seus pais deixam você ficar fora? — perguntou, olhando para o horizonte, tentando localizar o sol escondido em algum lugar atrás da neblina densa que recobria o cais de Seattle.

— Não sei, eu geralmente fico por aí com meu caderno de esboços, então até escurecer, acho.

Henry olhou para o Black Elks Club, imaginando a que horas Sheldon iria tocar.

— Meus pais também. Minha mãe lava os pratos e depois relaxa, e meu pai fica lendo o jornal e ouvindo notícias no rádio.

Isso propiciava algumas horas a Henry. Mesmo assim, as noites podiam ser um período perigoso para andar pela rua. Como muitos motoristas tinham pintado os faróis de azul ou os revestido de celofane para obedecer às restrições do blecaute, os acidentes estavam em alta — fossem colisões frontais ou simplesmente pedestres atropelados ao atravessar uma rua à noite. A densa neblina de Seattle, que tornava o tráfego mais lento e causava problemas para os navios que chegavam ou zarpavam da baía de Elliott, tinha se tornado uma cobertura de segurança, ocultando as casas e os edifícios dos bombardeiros fantasmas japoneses ou da artilharia de possíveis submarinos. Era como se houvesse perigo em toda parte, de marinheiros bêbados ao volante, sabotadores japoneses e, o pior de tudo, dos próprios pais se o pegassem.

— Eu quero ir — insistiu Keiko. Olhou para Henry, depois para a rua com seus clubes de jazz enfileirados. Afastou o cabelo dos olhos, parecendo já ter se decidido sobre uma pergunta que Henry nem havia formulado.

— Você nem sabe no que estou pensando.

— Se vai ouvir o Sheldon tocar, eu vou com você.

Henry pensou a respeito. Já tinha violado as regras ao passar algum tempo em Nihonmachi, então por que não ir até Jackson e ver as luzes, talvez até ouvir as músicas? Seria legal, desde que os dois não fossem vistos juntos e voltassem para casa antes de escurecer.

— Nós não vamos juntos a lugar nenhum. Meu pai me mataria. Mas se quiser me encontrar na frente do Black Elks Club às seis horas, depois do jantar, eu te espero lá.

— Não vai se atrasar — respondeu Keiko.

Henry andou ao lado dela por Nihonmachi, a rota que sempre percorriam. Ele não fazia a mínima ideia de como iria entrar no Black Elks Club. *Um*, eles não eram negros. Mesmo que ele substituísse o crachá que usava por um com a frase “Eu sou negro”, não iria dar certo. E *dois*, provavelmente eles não tinham idade, apesar de Henry se lembrar de ter visto famílias inteiras entrando — com crianças a tiracolo. Mas isso era apenas em algumas noites. Como as noites de bingo da Associação Beneficente Bing Kung. Só sabia que iria dar um jeito. Se fosse necessário, eles ouviriam da rua. O clube ficava apenas a uns quarteirões de distância, um pouco mais longe para Keiko, mas não muito. Perto de casa, mas a um mundo de distância — pelo menos do mundo dos pais dela.

— Por que você gosta tanto de jazz? — perguntou Keiko.

— Não sei — respondeu Henry. E realmente não sabia. — Talvez por ser tão diferente, mas as pessoas de toda parte gostam assim mesmo, simplesmente aceitam os músicos, sem se importar de que cor eles sejam. Além do mais, meu pai odeia.

— Por que ele odeia jazz?

— Porque é diferente *demais*, acho.

Quando chegaram ao prédio de Keiko, Henry acenou em despedida e tomou o caminho de casa. Enquanto se afastava, viu o reflexo de Keiko no espelho lateral de um carro estacionado. Ela olhou para trás e sorriu. Flagrado enquanto espiava, virou a cabeça, atravessou o terreno baldio atrás da Editora Nichibei e passou pelo Naruto-Yu, um *sento* — uma casa de banhos japonesa. Henry não conseguia se imaginar se banhando com os pais, como faziam as famílias japonesas. Não conseguia se imaginar fazendo um bocado de coisas com os pais. Ficou pensando na família de Keiko — e no que poderiam pensar da escapada dela para ir a um clube de jazz, sem falar do encontro com Henry. Sentiu o estômago se revirar um pouco. O coração se acelerava quando pensava em Keiko, mas mesmo assim suas vísceras se contraíam.

À distância, ouviu o som desmaiado de músicos de jazz se aquecendo.

GENGIBRE JAMAICANO

(1942)

QUANDO KEIKO CHEGOU DIANTE do Black Elks Club, Henry de imediato sentiu-se malvestido. Basicamente, trajava as mesmas roupas que usara mais cedo naquele dia, o crachá “Eu sou chinês” ainda preso à camiseta da escola. Keiko, por outro lado, tinha se arrumado para a ocasião, com um vestido cor-de-rosa radiante e sapatos lustrosos de couro marrom. Seus cabelos, antes presos atrás com grampos e bobes, agora pendiam em graciosas curvas sobre os ombros. Usava também um suéter branco, que, segundo ela, a mãe havia tricotado. O caderno de esboços estava embaixo do braço.

Atônito, Henry disse a primeira coisa que lhe veio à mente:

— Você está linda. — Ele falou em inglês, vendo-a sorrir, surpreso ao notar como ela estava diferente, lembrando apenas vagamente a ingênua garota de avental da cozinha da escola.

— Nada de japonês? Nada de *oai deki te ureshii desu*? — ela provocou.

— Estou sem palavras.

Keiko retribuiu o sorriso.

— Vamos entrar?

— Não podemos. — Henry balançou a cabeça e apontou para um letreiro que dizia: PROIBIDA A ENTRADA DE MENORES APÓS AS 18H. — Estão servindo bebidas. Somos muito jovens. Mas tenho uma ideia. Vem comigo! — Apontou para o beco, que ele e Keiko contornaram, chegando à porta dos fundos. Era emoldurada por blocos espessos de vidro, mas mesmo assim a música passava pela porta de tela entreaberta.

— Vamos entrar escondidos? — Keiko perguntou, preocupada.

Henry balançou a cabeça.

— Eles vão nos ver e nos expulsar. — Arrumou dois caixotes de madeira, onde os dois se sentaram e ficaram ouvindo a música, ignorando o odor pungente de cerveja e mofo do beco. Não acredito que estou *aqui*, pensou Henry. O sol ainda brilhava, a música estava intensa e animada.

Após a primeira apresentação de quinze minutos, a porta de tela se abriu

com um rangido, dando passagem a um velho negro que veio acender um cigarro. De sobressalto, Henry e Keiko se puseram de pé, prontos para fugir. Estavam certos de que seriam enxotados dali por vadiagem.

— O que fazem aqui, crianças? Estão tentando matar esse velho de susto? — Deu alguns tapinhas no peito, sobre o coração, depois se sentou onde antes estivera Henry. Desgrenhado, o velho usava calças com suspensórios cinzentos sobre uma camisa amarrotada, as mangas arregaçadas. Para Henry, ele parecia uma cama desarrumada.

— Desculpe — disse Keiko, alisando as pregas do vestido. — A gente só estava ouvindo a música... já estávamos indo embora.

Henry interrompeu.

— Sheldon está tocando com a banda hoje?

— Que Sheldon? Tem um monte de caras novas esta noite, filho.

— Ele toca saxofone.

O velho limpou as mãos suadas nas calças e acendeu o cigarro. Em meio à tosse seca, baforava como se pertencesse à equipe perdedora de uma partida tentando virar o jogo. Henry ouvia o velho recuperar o fôlego a cada tragada.

— Ele está lá dentro, mandando muito bem. Você é fã dele ou coisa assim?

— Eu sou amigo dele, e queria ouvir Oscar Holden. Sou grande fã dele.

— Eu também — Keiko adicionou, entrando na conversa e se aproximando de Henry.

O velho apagou o cigarro na sola do sapato, lançando a guimba na lixeira mais próxima.

— Então vocês são fãs do Oscar, hein? — Apontou para o crachá de Henry. — Quer dizer que Oscar arranjou um fã-clubes chinês agora?

Henry cobriu o crachá com o casaco.

— Isso é só... é que meu pai...

— Tá tudo bem, garoto. Às vezes eu também queria ser chinês. — O velho soltou uma gargalhada grave, à maneira dos fumantes, que logo se transformou numa tosse, e ele arfou e cuspiu no chão. — Bom, se são amigos do *Sheldon*, o *saxofonista*, e de *Oscar*, o *pianista*, imagino que Oscar não se incomodaria com a presença de dois amiguinhos do fã-clubes na casa esta noite. Vocês não vão contar a ninguém sobre isso, não é?

Henry olhou para Keiko, sem saber se o velho estava brincando ou não. Ela continuou sorrindo, demonstrando mais entusiasmo que ele. Ambos

menearam a cabeça.

— Não vamos dar um pio — prometeu Keiko.

— Ótimo. Mas eu preciso que os garotos do fã-clube me façam um favorzinho, se quiserem entrar no clube esta noite.

Henry desanimou um pouco, observando o velho tirar uns papéis do bolso da camisa e entregar um para cada um deles. Comparou o seu com o de Keiko, eram quase idênticos. O bilhete continha uma escrita meio rabiscada, com uma assinatura... de um médico.

— Agora, vão até a farmácia na Weller. Digam que é por nossa conta, tragam a encomenda e podem entrar.

— Acho que não entendi — disse Henry. — Isso é remédio...

— É uma receita de gengibre jamaicano... um ingrediente secreto por aqui. É assim que o mundo funciona, filho. Com a guerra, tudo é racionado: açúcar, gasolina, pneus, até mesmo a *birita*. Além disso, eles não permitem licença para bebidas alcóolicas em clubes para pessoas de cor, então temos que fazer o que *eles* fizeram há alguns anos, na época da Lei Seca. A gente precisa se virar, meu caro! — O velho negro apontou para um letreiro de neon, com uma taça de martíni logo acima da porta. — Para fins medicinais, sabem como é... vão logo!

Henry olhou para Keiko, sem saber o que fazer ou no que acreditar. Não parecia um pedido muito difícil. Ele já tinha ido àquela farmácia centenas de vezes para a mãe. Além disso, Henry adorava morder uns pedacinhos de gengibre desidratado. Talvez fosse algo semelhante.

— A gente já volta! — Keiko deu um puxão no casaco de Henry, levando-o para fora do beco e fazendo o contorno para voltar à Jackson Street. A Weller ficava só a um quarteirão dali.

— Será que isso nos torna contrabandistas? — perguntou Henry, vendo as fileiras de garrafas na vitrine da farmácia. Estava nervoso e empolgado com a ideia. Tinha ouvido o *This Is Your FBI* pelo rádio, quando os agentes apreenderam um carregamento de joias contrabandeadas do Canadá. Você torce pelos mocinhos, mas sempre quer ser o bandido quando brinca de polícia e ladrão no dia seguinte.

— Acho que não. Já não é mais ilegal... Além do mais, estamos só resolvendo um assunto para alguém. É como ele disse: eles vendem, mas negros não podem comprar das lojas dos brancos, então eles têm que fazer

isso.

Henry deixou de lado sua preocupação com irregularidades e entrou na Farmácia Corujão, que, convenientemente, ficava aberta até às oito da noite. Contrabandistas não vão a farmácias, disse a si mesmo. Você não pode ser preso por levar uma encomenda, não é?

Se chegou a estranhar o fato de um casal de crianças asiáticas estarem levando duas garrafas contendo oitenta por cento de álcool, o velho farmacêutico esquelético não disse uma palavra. Verdade seja dita, pela maneira como apertou os olhos diante das receitas médicas e dos rótulos atrás de uma enorme lente de aumento, provavelmente nem viu muita coisa. Mas o balconista, um jovem negro, piscou e sorriu discretamente para os garotos enquanto embrulhava as garrafas.

— Não precisam pagar — falou.

Ao saírem, Henry e Keiko nem ao menos deram atenção aos potes com docinhos. Trocaram um olhar de indiferença, se sentindo mais velhos, caminhando pela rua com as garrafas de bebida de trezentos mililitros balançando ao lado do corpo. Pequenos vencedores numa caça ao tesouro de gente grande.

— O que eles fazem com isso aqui? Bebem? — perguntou Henry, olhando para sua garrafa.

— Meu pai me falou de pessoas que usam isso pra fazer gim clandestinamente.

Henry pensou nos marinheiros que cambaleavam pelas ruas, provocando brigas tarde da noite. Tropeçavam como se as pernas fossem de outra pessoa. Eram chamados de “pernas de gengibre”, por causa do gim de má qualidade. Marinheiros e soldados da Base Aérea de Paine Army eram banidos de alguns clubes da cidade devido às brigas, por isso perambulavam pelas vielas de jazz da South Jackson, ou às vezes até mesmo por Chinatown, à procura de algum bar que os servisse. Henry não acreditava que alguém ainda conseguisse beber aquilo. Mas quando viu a multidão reunida no lado de fora do Black Elks Club, percebeu que estavam ali pelo mesmo motivo que ele. Para participar de algo fabuloso, inebriante e quase proibido — estavam ali pela música. E agora os recém-chegados formavam fila na porta do clube para entrar, com alguns sendo rejeitados. Um enorme público para um dia de semana. Com certeza Oscar atraía todos eles até ali.

No beco, atrás do clube, Henry pôde ouvir os músicos chegando para a próxima apresentação. Pensou ter ouvido Sheldon afinando seu saxofone.

Nos fundos, um jovem de avental branco e gravata-borboleta preta esperava por eles. Abriu a porta de tela e fez com que entrassem logo por uma cozinha improvisada, onde depositaram as garrafas de gengibre jamaicano dentro de uma bacia com gelo, junto a outras garrafas contendo misteriosas substâncias, todas de formato peculiar.

No salão principal, perto de uma desgastada pista de dança, o garoto indicou algumas cadeiras ao lado da porta da cozinha, perto de onde um ajudante de garçom dobrava com perfeição uma pilha de guardanapos de pano em pequenos triângulos.

— Sentem-se ali e não se metam em encrencas. Vou ver se o sr. Oscar está pronto — falou.

Henry e Keiko olharam com assombro para o salão escuro e esfumaçado, marcado aqui e ali pelo brilho de longas taças sobre toalhas bordô e pelas joias reluzentes dos clientes, reunidos ao redor de pequenas mesas à luz de velas.

O falatório diminuiu conforme um velho se aproximou do bar, onde se serviu de um copo de água gelada e limpou o suor da testa. Era o senhor que conheceram nos fundos do clube, que tinha fumado um cigarro no beco. Henry ficou boquiaberto quando percebeu que o velho subiu no palco, estendeu os braços e estalou os nós dos dedos antes de se sentar ao piano, em frente a um grande conjunto de jazz. Sheldon estava empoleirado logo atrás, junto com o restante da seção de metais.

O velho livrou os ombros dos suspensórios, dando total mobilidade à parte superior do corpo, e deslizou os dedos pelas teclas do piano, fazendo com que o resto da banda entrasse no ritmo. Para Henry, a plateia parecia prender a respiração. Ao começar a tocar uma introdução, o pianista anunciou:

— Essa vai para meus dois novos amigos. Chama-se “The Stray Cats”. É um pouco diferente, mas acho que vocês vão gostar!

Henry já tinha ouvido Woody Herman e Count Basie uma ou duas vezes pelo rádio, mas ver uma orquestra com doze membros *ao vivo* era diferente de tudo que imaginara. A maior parte das músicas que tinha ouvido indiretamente, vinda dos clubes nos arredores da South Jackson, era de pequenos grupos, com ritmos simples e sincopados. Só uns poucos músicos improvisando. Em comparação, aquilo era como um vagão de carga ganhando velocidade. O contrabaixo e a bateria ditavam o ritmo; de repente, tudo mudava, deixando Oscar em destaque com seus solos de piano.

Ele se virou para Keiko, que abriu seu caderno e fazia o melhor possível para retratar aquela cena.

— É swing jazz — ela disse. — É isso que meus pais ouvem. Minha mãe diz que eles não tocam assim nos clubes para brancos. É louco demais para algumas pessoas.

Quando Keiko mencionou os pais, Henry passou a notar a composição da plateia. Quase todos eram negros; alguns deles se balançavam sentados ao ritmo da música, enquanto outros, na pista, dançavam à vontade conforme o ritmo frenético da banda. Destacando-se em meio à plateia, havia vários casais japoneses, bebendo e absortos na música, como flores voltadas ao sol. Henry procurou por rostos chineses, mas não encontrou nenhum.

Keiko apontou para uma das mesinhas, ocupada por três casais japoneses que riam enquanto bebericavam.

— Aquele é o sr. Toyama. Ele foi meu professor de redação de inglês na escola japonesa por um trimestre. Aquela deve ser a mulher dele. Acho que os outros dois também são professores.

Henry observou os casais japoneses e pensou em seus pais. Sua mãe muito ocupada com os afazeres domésticos ou com o serviço comunitário na Associação Beneficente Bing Kung, trocando seus cupons de combustível por tíquetes de alimentação — os vermelhos eram para carne, banha de porco e óleo; já os azuis, para feijão, arroz e enlatados. O pai com os ouvidos atentos ao rádio, escutando as últimas notícias sobre a guerra na Rússia. A guerra no Pacífico. A guerra na China. Dedicava seus dias comandando a arrecadação de fundos para apoiar o Kuomintang — o Exército nacionalista que combatia os japoneses nas províncias do norte da China. Já estava até pronto para lutar na guerra aqui, apresentando-se voluntariamente como guarda da zona de Chinatown. Foi um dos poucos civis a receber uma máscara de gás, como precaução contra a iminente invasão japonesa.

A guerra afetava a todos. Até mesmo aqui, no Black Elks Club, as cortinas de blecaute estavam fechadas, dando a Henry a impressão de um local secreto. Um lugar escondido dos perigos do mundo. Talvez esta fosse a razão por que todos vinham aqui. Para escapar... fugir de tudo, tomando um martíni feito com gengibre jamaicano, tudo na companhia da interpretação de Oscar Holden para "I Got it Bad and That Ain't Good".

Henry passaria a noite toda ali. Keiko também, provavelmente. Mas quando ele espiou por trás das pesadas cortinas, o sol já estava se pondo atrás do estreito de Puget e das Olympic Mountains ao longe. Enquanto

olhava pela janela, lá fora adolescentes mais velhos do que ele e Keiko corriam para cima e para baixo, gritando:

— Apaguem as luzes! Apaguem as luzes!

Dentro do clube, Oscar parou para mais um intervalo.

— Já está quase escuro, é hora de ir! — disse Henry.

Keiko olhou para Henry como se ele acabasse de despertá-la de um sonho maravilhoso.

Acenaram para Sheldon, que finalmente os viu e acenou de volta, parecendo feliz e surpreso ao vê-los ali. Ele encontrou os dois na porta da cozinha.

— Henry! E esta deve ser... — Sheldon olhou para ele com os olhos bem abertos. Henry viu sua expressão; ele parecia mais impressionado que surpreso.

— Esta é Keiko, minha amiga da escola. Ela também é bolsista.

Keiko apertou a mão de Sheldon.

— É um prazer conhecê-lo. Foi ideia do Henry. A gente estava dando uma volta e então...

— Então Oscar pôs vocês dois para trabalhar. Foi isso que aconteceu, não foi? Ele é assim mesmo, sempre cuidando do clube. Cuidando da banda. O que vocês acharam?

— O máximo! Ele devia gravar um disco — manifestou-se Keiko

— Ora, ora, uma coisa de cada vez... contas a pagar, sabe como é. Bom, estamos prestes a começar a sessão das oito, então é melhor vocês dois correrem. Está quase escuro. Não sei quanto a você, mocinha, mas *sei* que o Henry não pode ficar fora até tão tarde. O garoto não tem nenhum irmão, então *eu* sou seu irmão mais velho e preciso cuidar dele. Na verdade, a gente se parece bastante, não é? — Sheldon pôs o rosto ao lado do de Henry. — É por isso que ele usa esse crachá, pra ninguém confundir a gente.

Keiko deu uma risada, tocando a bochecha de Sheldon com a palma da mão. Os olhos dela se iluminaram ao encontrar os de Henry.

— Até quando vai tocar aqui? — perguntou Henry.

— Só até o final de semana. Oscar disse que depois a gente vai *conversar*.

— Bota pra quebrar! — disse Henry, enquanto ele e Keiko passavam pela porta da cozinha.

Sheldon sorriu, levantando o saxofone.

— Obrigado, senhor, e tenha um ótimo dia.

Henry e Keiko atravessaram a cozinha, passando por uma enorme tábua

de carne e por escuradores de pratos, copos e talheres. Alguns funcionários da cozinha olharam intrigados quando os dois passaram, sorrindo, rumo à saída dos fundos que dava para o beco.

A noite fora incrível. Henry queria poder contar aos pais sobre o ocorrido. Talvez até contasse durante o café da manhã, em inglês.

A saída que dava para o beco tinha sido trancada. Já era quase hora do blecaute. Quando abriu a pesada porta de madeira, Henry deparou com dois brancos usando ternos escuros, bloqueando a passagem da pouca luz que ainda restava no sombrio entardecer. Henry parou de respirar, imóvel, ouvindo pela primeira vez o som frio de um revólver sendo engatilhado. Cada homem portava uma arma. Canos curtos e penetrantes apontados diretamente para a pequena menina de doze anos no momento em que ele rompeu sua paralisia para postar-se à frente de Keiko, protegendo-a como podia. Seus coletes ostentavam distintivos: eram agentes federais. A música dentro do Black Elks Club silenciou de repente. Os únicos sons que Henry ouvia eram o próprio batimento cardíaco acelerado e homens em toda a volta, gritando:

— *FBI!*

Henry sabia. Eles iam ser presos por contrabando. Por terem levado garrafas de gengibre jamaicano para um bar clandestino que seria acusado de fabricar gim clandestino. Ficou aturdido, tamanho foi o choque; Keiko parecia apavorada.

Henry sentiu as mãos pesadas dos dois agentes do FBI, que os levaram de volta pela cozinha, ignorando os funcionários na despensa, ocupados despejando garrafas de uísque pelo ralo. Foram ignorados pelos agentes. Isso não faz sentido, pensou Henry.

No salão, os dois mandaram que se sentassem nas mesmas cadeiras que havia pouco ocupavam. De lá, Henry contou pelo menos doze outros agentes, alguns portando espingardas, apontando-as para o público, gritando com alguns e tirando outros do caminho.

Henry e Keiko procuravam por Sheldon, que desaparecera em meio à confusão de agentes e músicos da orquestra, que guardavam seus instrumentos com cuidado e em silêncio, protegendo as preciosidades com as quais ganhavam a vida.

Os clientes pegavam seus casacos e chapéus, se estivessem por perto;

outros abandonavam os pertences e corriam em direção às saídas.

Henry e Keiko observaram quando o próprio Oscar Holden ficou em pé na beira do palco, microfone na mão, pedindo calma a todos ali. Só perdeu a cabeça quando um agente gritou que descesse do palco, lhe apontando uma arma. Oscar continuou berrando:

— Eles só *tão* ouvindo música! Por que vocês estão levando eles?

O velho ergueu os suspensórios sobre a camisa branca molhada de suor, as luzes atrás projetando uma longa sombra pela pista de dança, como Deus bradando do alto de uma montanha. Sob sua sombra estavam os clientes japoneses, homens e mulheres, deitados de bruços, ameaçados com armas na cabeça.

Henry olhou para Keiko, que estava petrificada, olhando para o senhor japonês estirado no chão.

— É o sr. Toyama? — Henry sussurrou.

Keiko aquiesceu, lentamente.

Oscar continuou gritando, até Sheldon conseguir atravessar a multidão e o afastar do agente que estava logo abaixo. Com o saxofone ainda na mão, fez o que podia para tentar acalmar o líder da banda e também o agente que acabara de carregar um cartucho na espingarda.

O clube parecia oco sem a música, substituída agora pelo vociferar dos agentes federais e pelo ocasional estalido de algemas. Às vezes a pista de dança mal iluminada ainda brilhava aqui e ali, quando a luz de uma vela cintilava em taças de martíni nas mesas vazias.

Os seis clientes japoneses foram algemados e levados até a porta; as mulheres soluçavam enquanto os homens perguntavam “Por quê?” em inglês. Henry ouviu alguém gritar: “Eu sou americano!” quando o último deles foi levado para fora.

— Que diabos fazemos com estes dois? — gritou o agente perto deles a um homem corpulento de terno marrom-escuro, que parecia mais velho que os demais.

— Ora... o que temos aqui? — O homem de terno marrom guardou a pistola e tirou o chapéu, coçando a cabeça parcialmente calva. — Eu diria que são um pouco jovens para serem espiões.

Henry abriu o casaco devagar, mostrando seu crachá. “Eu sou chinês.”

— Meu Deus, Ray! Você pegou dois chinas por engano. Provavelmente só trabalham na cozinha. Bom trabalho. Sorte a sua não ter precisado dar uma lição nos dois, eles teriam acabado com você.

— Deixem as crianças em paz, elas trabalham pra mim! — Oscar passou por Sheldon e irrompeu através da multidão que restava, andando na direção dos agentes mais próximos a Henry. — Não saí do Sul e vim até aqui para ver pessoas serem tratadas desse jeito!

Todo mundo saiu do seu caminho. Todos, menos dois agentes mais jovens, que guardaram as armas e usaram as mãos para conter o homenzarrão; um terceiro agente forçou o caminho até eles, com um par de algemas. Oscar soltou os braços e atacou um dos agentes com o ombro, arremessando-o em direção a uma das mesas — taças de martíni foram lançadas ao chão, estilhaçando-se com um som estridente e salpicando o piso com cacos que rangiam sob os pés.

Sheldon fez o que pôde para evitar que a situação saísse ainda mais do controle. À força, conseguiu se colocar entre os agentes e Oscar — salvando o pianista dos agentes ou os agentes do negro furioso, Henry não soube muito bem. Sheldon mais uma vez segurou o líder da banda enquanto os agentes esbravejavam advertências, ao mesmo tempo que desistiam dos músicos. Já haviam prendido os japoneses que tinham vindo buscar. Parecia haver pouco interesse por uma espelunca que vendia gim ou por seu dono.

— Por que eles estão levando essas pessoas? — Henry ouviu Keiko perguntar em voz baixa no meio de toda a bagunça. A porta pela qual o sr. Toyama tinha sido levado para fora foi fechada com um estrondo, tolhendo o que restava da luz do mundo exterior.

O homem de terno marrom-escuro pôs o chapéu, como se houvesse cumprido seu dever e estivesse pronto para ir.

— Colaboracionistas, garota. A Marinha informou que tem japas fazendo trabalho de reconhecimento no Havaí... todos moradores locais. Isso não vai acontecer aqui. Há muitos navios em Bremerton, atracados logo ali. — Apontou na direção do estreito de Puget.

Henry encarou Keiko, desejando que conseguisse ler seus pensamentos, esperando que interpretasse o seu olhar. “Não diga nada, por favor. Não diga àquele homem que o sr. Toyama foi seu professor.”

— O que vai acontecer com eles? — perguntou Keiko, sua voz esmaecida, demonstrando preocupação.

— Podem pegar pena de morte se considerados culpados de traição. Mas o mais provável é que passem alguns anos numa bela e segura cela da prisão.

— Mas ele não é um espião, ele era...

— Está quase escuro, temos que ir — disse Henry, interrompendo Keiko

e o agente e puxando-a pelo ombro. — Não podemos demorar, lembra?

Ela franziu o cenho, confusa e corada de raiva.

— Mas...

— Temos que ir. Já. — Henry a apressou em direção à saída mais próxima. — Por favor...

Um agente corpulento deu passagem para saírem pela porta da frente. Henry olhou para trás e viu Sheldon tomando conta de Oscar, mantendo-o em silêncio, perto do palco. Sheldon retribuiu o olhar e acenou, como que recomendando que voltassem para casa.

Passando por fileiras de viaturas escuras, Henry e Keiko pararam na entrada de um prédio do outro lado da rua. Ficaram olhando enquanto policiais uniformizados dispersavam a multidão. Um repórter branco do *Seattle Times* fazia anotações e tirava fotos, iluminando esporadicamente a fachada do Black Elks Club com os flashes da câmera. Usava um lenço para trocar a lâmpada quente; jogava a lâmpada no chão e pisava em cima, reduzindo a pó os cacos sobre a calçada. Aos berros, o repórter fazia perguntas ao policial mais próximo, cuja resposta era apenas “Nada a declarar”.

— Não consigo mais ver isso — disse Keiko, afastando-se.

— Sinto muito por trazer você aqui — disse Henry enquanto andavam até o extremo da South Main, onde deveriam se separar para a caminhada individual até suas casas. — Lamento que nossa grande noite tenha sido arruinada.

Keiko se deteve, lançando um olhar a Henry. Olhou para o crachá que o pai o fazia usar.

— Você é *chinês*, não é, Henry?

Ele assentiu, sem saber o que responder.

— Tudo bem. Seja quem você é — ela disse, virando-se com um olhar de decepção no rosto. — Mas eu sou *americana*.

EU SOU JAPONÊS

(1986)

HENRY ACORDOU COM O ruído de uma viatura, a sirene soando à distância. Estivera cochilando, perdido em devaneios, no longo trajeto entre o Cemitério Lake View e o International District — I.D., como Henry o chamava. Cobriu a boca ao bocejar, olhando pela janela. Para ele, a área ao nordeste de Kingdome era simplesmente Chinatown. Era assim que a chamava durante a juventude, e era pouco provável que agora fosse diferente — apesar da afluência dos clubes de caraoquê vietnamitas, das videolocadoras coreanas e de alguns restaurantes de sushi, todos frequentados principalmente por caucasianos durante o almoço.

Marty não sabia muito sobre a infância de Henry. O pai só falava de sua juventude indiretamente, ao contar histórias sobre os próprios pais — principalmente sobre a avó de Marty. Ou, eventualmente, sobre o avô que Marty nunca conheceu. A falta de uma comunicação mais substancial entre pai e filho foi resultado de uma vida de isolamento. Henry era filho único, sem irmãos para conversar ou compartilhar momentos. A situação era a mesma com Marty. Quaisquer que fossem os métodos vacilantes de comunicação usados por Henry com o pai, Marty parecia tê-los herdado. Ao longo dos anos, ambos usaram Ethel para preencher essa lacuna, mas agora Henry teria de transpor essa distância. Mas só não sabia o que dizer ao filho, e quando. Afinal, ele não falou com os próprios pais, ou falou muito pouco, por três anos — durante a guerra.

Mas agora, no fundo, Henry queria contar tudo ao filho. Como a vida parecia injusta em retrospecto e como era incrível que todos simplesmente a aceitassem como tal, aproveitando-a ao máximo. Henry queria contar ao filho sobre Keiko — e sobre o Hotel Panamá. Mas Ethel tinha partido havia apenas seis meses. Bem, ela tinha partido havia sete anos e seis meses, mas provavelmente Marty não entenderia. Era cedo demais para contar a ele. Além disso, o que tanto havia para contar? Henry não sabia, na verdade.

Pensando naquela sombrinha de bambu, Henry se esforçou ao máximo

para reconciliar seus sentimentos — a perda de Ethel e a possibilidade de encontrar algo no porão daquele hotel deteriorado. Imaginou o que mais poderia haver ali, debaixo do seu nariz por todos esses anos, e pensou no quanto se permitiria desejar, no quanto seu coração aguentaria. Mas não podia mais esperar. Alguns dias tinham se passado, as notícias vieram e se foram. Era hora de descobrir.

A três pontos de seu destino, Henry se viu saltando do ônibus e partindo em direção ao Hotel Panamá, um lugar entre mundos diferentes, quando era criança, um lugar entre épocas, agora como adulto. Um lugar que evitou por anos, mas do qual não poderia mais se manter afastado.

No interior, trabalhadores cobertos de pó estavam por todos os lados. As telhas manchadas pela água eram substituídas. O piso era lixado até que se chegasse ao acabamento original. No andar superior, as paredes recebiam jatos de chapiscos. O ruído do compressor fez com que Henry tapasse os ouvidos, observando a areia e o pó que cobriam o patamar da escadaria.

À exceção de algum visitante temporário que ocasionalmente arrombava uma janela dos fundos ou de um bando de pombos que se empoleirava nos quartos superiores, ninguém ocupara o hotel desde 1949. Hóspedes eram escassos mesmo quando Henry era garoto, especialmente durante e após a guerra, de 1942 até o dia da vitória sobre o Império Japonês. Desde então, o hotel estivera abandonado.

— O sr. Pettison está? — gritou Henry ao pedreiro mais próximo, em meio ao estardalhaço produzido pelas serras elétricas e pelos jatos de chapiscos. O homem olhou para cima, retirando o protetor auricular.

— Quem?

— Estou procurando por Palmer Pettison.

O trabalhador apontou para uma antiga chapelaria, que parecia ter sido transformada num escritório temporário para a reforma do prédio. A julgar pela quantidade de plantas e documentos afixados no quadro do lado de fora do aposento, o hotel parecia estar a caminho de sua antiga glória.

Henry tirou o chapéu e pôs a cabeça para dentro.

— Olá, estou procurando o sr. Pettison.

— Eu sou a *sra.* Pettison... Palmyra Pettison. Sou a proprietária, se é quem procura. E quem é o senhor?

Henry se apresentou, nervoso, falando mais rápido do que o normal. Seu coração estava acelerado por voltar ao antigo hotel — um local que despertava nele medo e animação. Era um lugar proibido, segundo as regras

do pai, mas profundamente misterioso e belo. Mesmo com todo o abandono e os danos causados pela água, o interior do prédio ainda era deslumbrante.

— Tenho interesse nos objetos pessoais encontrados no porão... os pertences armazenados.

— É mesmo? Foi uma descoberta e tanto. Comprei o prédio há cinco anos e levei todo esse tempo para conseguir o financiamento e a autorização para a restauração. Antes de iniciarmos a demolição do interior, desci até o porão para inspecionar a fornalha... e encontrei tudo aquilo. Fileiras e mais fileiras de baús e malas, em alguns lugares, empilhados até o teto. Pretende comprar algo?

— Não. Eu sou...

— É de algum museu?

— Não...

— Então, em que posso ajudá-lo, sr. Lee?

Henry esfregou a testa, um pouco frustrado. Não estava acostumado a lidar com esse pessoal acelerado do mundo dos negócios.

— Não sei como dizer, mas estou simplesmente atrás de *alguma coisa*. Não sei exatamente o quê, mas vou saber assim que encontrá-la.

A sra. Pettison fechou o livro fiscal sobre a mesa. De alguma forma seu olhar disse a Henry que ela tinha entendido.

— Bom, o senhor deve ser um parente.

Henry se surpreendeu que, mesmo depois de quarenta e tantos anos, ainda pensassem que fosse japonês. Lembrou-se do crachá que o pai o fazia usar todos os dias — de todos aqueles meses na escola, mesmo no verão; de como os pais o ensinaram a ser *ultrachinês*, que o bem-estar da família dependia daquela distinção étnica; e de como odiava ser chamado de japa na escola. Mas a vida não passa de uma grande ironia.

— Isso! Sou japonês — Henry sacudiu a cabeça. — É claro que sou. E adoraria dar uma olhada, se possível. — Se esse for o requisito para descer até porão, eu vou ser japonês. *Se necessário, posso até ser um imigrante canadense, de origem marciana e com sangue azul*, pensou.

— Basta escrever seu sobrenome nesta lista — disse ela, entregando a Henry uma prancheta. — Pode descer e dar uma olhada. Só peço que não retire nada, ao menos por enquanto. Ainda temos esperança de localizar mais parentes das famílias que deixaram os objetos aqui.

Henry ficou surpreso. Havia apenas três outros nomes na folha. A grande descoberta tomou conta dos noticiários locais, mas poucas pessoas vieram

reivindicar o que fora deixado para trás.

— Ninguém veio reaver seus pertences?

— Isso foi há muito tempo. Muita coisa pode acontecer em mais de quarenta anos. As pessoas seguem em frente. — Havia um tom reverente que contrariava sua ambiciosa natureza empresarial. — Em alguns casos, as pessoas também podem ter *falecido*. O mais provável é que muitos dos proprietários já tenham morrido.

— E quanto aos parentes? Alguém deve ter ouvido falar. Eles não teriam ligado...

— Eu também pensei o mesmo a princípio, mas acho que muitas pessoas simplesmente não querem voltar ao passado. Às vezes é o melhor a fazer... viver o presente.

Henry entendia. Entendia muito bem. Conhecía a sensação de deixar algo para trás. Seguir em frente e viver o futuro, em vez de reviver o passado.

Mas sua doce Ethel agora se fora, levando consigo sua responsabilidade por ela.

Henry agradeceu a sra. Pettison e escreveu apenas um nome na folha: “Okabe”.

O PORÃO

(1986)

HENRY DESCEU UMA ESCADARIA desgastada e passou por uma porta espessa de madeira, que rangeu nas dobradiças enferrujadas. O acesso dava para um grande pavimento abaixo do antigo hotel. A única iluminação vinha de uma porção de lâmpadas de serviço presas por grampos ao longo do teto, como luzes numa árvore de Natal. Um longo cabo de extensão laranja indicava o caminho.

Ao entrar, Henry inspirou profundamente várias vezes, sentindo-se esmagado por uma onda de claustrofobia. O depósito subterrâneo estava abarrotado. Ele mal conseguia imaginar a enorme quantidade de itens pessoais armazenados ali. Um caminho estreito, medindo de um ombro a outro, serpenteava em meio a uma selva de caixotes, malas e baús empilhados até o teto, em várias fileiras. Alguns eram amarelos; outros, azuis. Grandes e pequenos. Uma leve camada de poeira envolvia tudo. Os objetos permaneceram intocados por décadas.

À primeira vista, o aposento se assemelhava a uma loja de antiguidades. Havia uma antiga bicicleta Luxus, como a que Henry desejava quando criança. Havia também grandes baldes de metal, repletos de rolos de papel e o que pareciam ilustrações. A nota de compra de um rádio da Sears, Roebuck and Co., projetava-se para fora de uma caixa, ao lado de uma velha edição da revista *Physical Culture*. As peças de um belo jogo de xadrez em mármore estava empilhado dentro de uma tigela de arroz.

Com a exceção da sombrinha mostrada no primeiro dia, nada ali chegava a ser familiar; e além disso não havia como ter certeza se aquela sombrinha de bambu pertencera ou não a Keiko. Henry só viu aquele objeto numa antiga fotografia em preto e branco, de quando ela ainda era criança, há cerca de quarenta anos. Ainda assim, por mais que tentasse descartar a hipótese, tratando-a como uma mera coincidência, seu coração dizia o contrário. Era a sombrinha de Keiko. Os bens de sua família estavam ali, assim como alguns dos objetos mais preciosos para ela. E Henry iria

encontrá-los. Bom, ao menos o que restasse deles.

Henry desceu uma mala pequena, soltou os fechos enferrujados e a abriu, sentindo-se como um intruso em casa alheia. Dentro do estojo de couro havia um kit para barbear, um antigo vidro de colônia e velhas gravatas de seda que haviam se tornado um ninho de ratos. No interior da mala lia-se o nome: F. Arakawa. Fosse lá quem *ele* fosse.

A mala seguinte, um grande volume em couro com alças transparentes, quase se desfez quando Henry a abriu. O tecido estava mofado pelas décadas de umidade. Após examinar de perto, viu o que realmente era. Contas de pérolas. Botões revestidos em seda. Tirando-o da mala, pôde ver que o tecido branco e leve era na verdade um vestido de noiva. No interior ainda havia um par de sapatos brancos e um par de ligas. Dentro de uma pequena chapeleira, embaixo do vestido, havia um buquê, seco e quebradiço. Não havia fotos e nenhuma outra forma de identificação.

Em seguida, Henry puxou para baixo um cesto repleto de objetos para bebês. Sapatinhos de bronze numa placa, o nome Yuki gravado na base. Ao lado do cesto, um par de galochinhas vermelhas. Havia ainda alguns outros objetos de valor mais pessoal — guizos de prata, um jogo de chá e um conjunto de talheres dourados. Sob os garfos e as facas, viu um álbum de fotos. Henry sentou-se num banquinho e abriu o álbum no colo. Havia fotos de uma família japonesa que ele não reconheceu — pais e crianças pequenas, muitas tiradas em South Seattle ou nos arredores, até mesmo na praia de Alki. Todos pareciam sérios nas imagens. Enquanto folheava o álbum, Henry notou alguns espaços vazios. Às vezes uma página inteira. Mais da metade das fotos tinha sumido. Havia sido retiradas, deixando apenas quadrados brancos que resistiram ao amarelamento causado pelo ar úmido da cidade.

Henry hesitou; logo depois encostou o nariz na página, para sentir o cheiro. Pensou ter identificado o odor a princípio, mas repetiu o ato uma segunda vez. Estava certo desde o início — as páginas recendiam a fumaça.

DECRETOS PRESIDENCIAIS

(1942)

NA MANHÃ SEGUINTE, HENRY despertou com o delicioso cheiro de *siu beng*, pãezinhos de gergelim assados — o café da manhã favorito de seu pai e um verdadeiro deleite, já que os cupons de açúcar estavam quase acabando. O pai se sentou à mesa com seu terno mais distinto; era o único, na verdade. O traje cinza-escuro fora feito sob medida por um alfaiate recém-chegado de Hong Kong.

Henry se sentou e ouviu enquanto o pai lia as notícias do dia, mencionando cada nova prisão de moradores japoneses. Todos agora enviados ao presídio federal. Henry não conseguia entender. Estavam levando professores e empresários. Médicos e peixeiros. As prisões pareciam aleatórias; as acusações, vagas. O pai parecia satisfeito — pequenas batalhas vencidas, partes de um conflito maior.

Henry assoprou seu pãozinho de gergelim, tirado há pouco do forno, esfriando-o como podia. Ficou olhando o pai, absorto na leitura, enquanto pensava em Keiko e nas prisões no Black Elks Club. O pai se virou para o filho para mostrar a notícia — tudo que Henry sabia é que o texto estava em cantonês, uma mensagem da Associação Beneficente Bing Kung, cujo *chop*, um carimbo com o nome, era visto ao final da página.

— Esta é uma *notícia importante* para nós, Henry — explicou o pai em cantonês.

O garoto finalmente deu uma mordida e aquiesceu, ouvindo enquanto mastigava.

— Você sabe o que é um decreto presidencial?

Henry tinha uma vaga ideia; porém, proibido de responder na língua nativa do pai, simplesmente fez que não com a cabeça. Mas você vai me explicar, não vai?

— É uma declaração muito importante. Como a do dia 1º de janeiro de 1912, quando Sun Yat-sen proclamou o primeiro dia da República da China.

Henry já tinha ouvido o pai falar sobre a China em muitas ocasiões, ainda

que ele não pisasse em solo chinês desde a juventude. Já fazia muito tempo, quando ainda tinha a idade de Henry e foi mandado ao Cantão para concluir os estudos.

O pai ainda falava em tom reverente e venerador a respeito do falecido dr. Sun Yat-sen, um revolucionário que promoveu *um governo do povo*. Henry gostava do nome: dr. Sun. Parecia o tipo de sujeito que o Superman enfrentaria.

O pai de Henry devotara a maior parte da vida a causas nacionalistas, voltadas a promover os Três Princípios do Povo proclamados pelo finado presidente chinês. Então, era natural que, conforme Henry lentamente compreendia todo o entusiasmo do pai nesses pequenos conflitos locais com nipo-americanos, houvesse muitas dúvidas e contradições. O pai acreditava em um governo *do povo*, mas desconfiava da identidade daquelas pessoas.

— O presidente Roosevelt acaba de assinar o Decreto 9102, que estabelece a criação da WRA, a agência responsável pela realocação forçada dos nipo-americanos. Complementando o Decreto 9066, que dá aos Estados Unidos o poder de designar novas áreas militares.

Como uma nova base ou fortes militares, pensou Henry, olhando o relógio para não chegar atrasado na escola.

— Henry, *toda a Costa Oeste* foi considerada como área militar. — O garoto continuou ouvindo, sem saber o que tudo aquilo queria dizer. — Metade de Washington e do Oregon e a maior parte da Califórnia estão agora sob supervisão militar.

— Por quê? — perguntou o garoto, em inglês.

O pai deve ter compreendido a pergunta, ou talvez simplesmente achou que Henry deveria saber.

— Aqui diz: “Pelo presente, autorizo e oriento o ministro da Guerra e os comandantes militares” — parou de repente, fazendo o possível para ler corretamente em cantonês — “a estabelecerem áreas militares em tais locais e até onde venham a definir, das quais qualquer ou todos os indivíduos podem ser excluídos. O direito de qualquer indivíduo entrar, permanecer ou partir de tais áreas está sujeito às restrições que o ministro da Guerra possa impor sob seu critério”.

Henry engoliu o último bocado do pãozinho de gergelim. O decreto presidencial poderia estar em alemão, ele não dava a mínima. A guerra estava por todos os lados. Ele tinha crescido em meio a ela. O memorando presidencial não parecia nada de extraordinário.

— Eles podem expulsar todos, até mesmo a gente. Ou imigrantes alemães — o pai olhou em sua direção, baixando o papel. — *Ou os japoneses.*

Aquela última parte preocupou Henry — por causa de Keiko e da família dela. Olhou pela janela, mal reparando na mãe. Ela tinha entrado com uma tesoura e cortou o caule dos lírios que o filho comprara havia alguns dias, colocando as flores de volta no vasinho sobre a pequena mesa da cozinha.

— Eles não podem mandar *todos* embora. O que vai acontecer com as fazendas de morango da ilha de Vashon ou com a serraria de Bainbridge? E os pescadores? — indagou a mãe. Henry ouvia a conversa em cantônês como se viesse de uma distante estação de rádio.

— Hã? Muitos trabalhadores chineses... muitos trabalhadores de cor. Tem pouca mão de obra, até a Boeing contrata chineses agora. Os Estaleiros Todd estão contratando e pagando o mesmo salário dos brancos — disse o pai, sorrindo.

Henry pegou a mochila e rumou para a porta, pensando no que poderia acontecer a Keiko se o pai dela fosse preso. Na verdade Henry nem ao menos sabia como o pai dela ganhava a vida, mas agora isso não tinha muita importância.

— Filho, não está esquecendo seu almoço? — perguntou a mãe.

Henry respondeu que não estava com fome, em inglês. Ela olhou para o marido, perplexa. Não tinha entendido. Na verdade, nenhum deles entendeu.

Henry passou pela esquina da South Jackson; parecia silenciosa e vazia sem Sheldon por ali para mandá-lo para a escola. Henry estava feliz pelo novo emprego do amigo, mas ter Sheldon por perto era como uma apólice de seguro: nenhum valentão seguindo Henry na volta para casa conseguiria passar por aquela esquina e pelo olhar protetor do “irmão mais velho”.

Durante a aula daquele dia, a sra. Walker disse a todos que o colega Will Whitworth ficaria afastado pelo resto da semana. O pai tinha sido morto enquanto servia a bordo do *USS Marblehead*. Bombardeiros japoneses atacaram o comboio perto de Bornéu, no estreito de Makassar. Henry não sabia onde era isso, mas parecia um lugar quente, tropical e bem longe — um lugar em que desejou estar quando percebeu os olhares lançados pelos colegas: eram como minúsculos dardos de acusação.

Henry tivera apenas um encontro com Will, há certo tempo, naquele

mesmo ano. Ele parecia se considerar um herói de guerra, fazendo sua parte para combater a ameaça amarela na frente doméstica do combate, mesmo que apenas no pátio depois da aula. Apesar do olho roxo que Will lhe deixara, Henry sentiu muita pena do garoto quando ouviu a notícia. Como poderia não sentir? Os pais não eram perfeitos, mas antes um pai ruim que nenhum — ao menos para Henry.

Quando felizmente chegou a hora do almoço, Henry estava livre. Saiu correndo, depois caminhou e voltou a correr até chegar à cozinha do refeitório.

Keiko não estava lá.

Em seu lugar viu Denny Brown, um dos amigos de Chaz, vestindo um avental branco, uma concha na mão. Dirigiu-se a Henry com um ar de desdém, como um roedor pego numa ratoeira.

— Tá olhando o quê?

A sra. Beatty entrou na cozinha, apalpando o corpo em busca da caixa de fósforos.

— Henry, este é o Denny, que vai ficar no lugar da Kay-Ko. Ele foi pego roubando do almoxarifado. Por isso o vice-diretor Silverwood me pediu para fazê-lo trabalhar.

Henry ficou parado, mortificado. Keiko se fora. A cozinha, seu antigo abrigo, estava agora ocupada por um de seus carrascos. A sra. Beatty desistiu de procurar os fósforos, acendendo o cigarro na boca do fogão. Em seguida murmurou alguma coisa sobre *evitar encrencas* enquanto saía para almoçar.

A princípio Henry teve de ouvir Denny resmungar algo sobre ter sido pego e expulso do hasteamento da bandeira, obrigado a trabalhar na cozinha — fazendo o trabalho de uma japonesa. Mas assim que o sinal do intervalo soou e alunos surgiram, a atitude de Denny foi mudando conforme sorriam e conversavam com ele. Todos queriam ser servidos pelo garoto, pegando as bandejas e lançando olhares maliciosos ao passarem por Henry.

Para eles, nós estamos em guerra e *eu sou o inimigo*, pensou Henry.

Henry não esperou a sra. Beatty voltar. Largou a concha, tirou o avental e saiu. Nem ao menos voltou para a sala de aula. O garoto deixou os livros e até o dever de casa, passou pelo corredor e saiu pela entrada principal.

Ao longe — na direção de Nihonmachi, Henry viu pequenas nuvens de fumaça que desapareciam no céu cinzento da tarde.

O INCÊNDIO

(1942)

CORRENDO EM DIREÇÃO À FUMAÇA, Henry nem passou por Chinatown. Não porque tivesse medo de ser visto pelos pais durante o horário da escola, embora *isso* também o intimidasse, mas por causa dos agentes que fiscalizavam os cabuladores. No país do qual Henry viera era quase impossível matar aulas. Fiscais patrulhavam ruas e parques, até mesmo pequenas fábricas de massas e conservas, em busca de garotos imigrantes cujos pais os punham para trabalhar, em vez de mandá-los para a escola. As famílias deviam precisar do dinheiro extra, mas cidadãos como o pai de Henry acreditavam que crianças educadas resultavam em menor criminalidade. Talvez tivessem razão. O International District era normalmente bem tranquilo, salvo pelos eventuais confrontos entre *tongs* inimigas ou por militares embriagados em busca de confusão. Além disso, a polícia geralmente levava crianças asiáticas encontradas nas ruas durante o horário de aula. Elas eram mandadas para casa, onde, diante do castigo infringido pelos pais, lamentariam não ter sido jogadas na prisão.

Por isso, Henry avançou com cuidado pela Yesler Way, na área de Nihonmachi, até chegar ao Kobe Park, deserto àquela hora. O garoto viu poucas pessoas ao percorrer as ruas do bairro japonês. Era como caminhar pelo centro de Seattle nas manhãs de domingo, quando quase todo o comércio estava fechado, à exceção de uma loja ou outra, frequentada por alguns gatos pingados.

O que estou fazendo aqui?, perguntou a si mesmo, olhando das ruas sem vida para o céu frio; de lugares desconhecidos, escuras nuvens de fumaça coleavam em direção ao firmamento. Eu nunca vou encontrá-la. Ainda assim, Henry manteve-se atento, perambulando de um lugar a outro, evitando os olhares estranhos dos poucos que cruzavam seu caminho.

No coração do bairro japonês, Henry encontrou novamente o Estúdio de Fotografia Ochi. Reconheceu o jovem proprietário do lado de fora. Em cima de um caixote, ele olhava através de uma câmera grande montada sobre um

tripé de madeira. O rapaz fotografava uma viela que se estendia na mesma direção da Maynard Avenue, onde Henry viu a origem do incêndio. Não eram lares ou comércios japoneses, como temia. Barris e latas de lixo enormes ardiam em chamas no beco; o fogo e a fumaça subiam acima dos apartamentos de ambos os lados.

— Por que você está tirando fotos do lixo pegando fogo? — indagou Henry, sem saber se o fotógrafo o reconheceria.

O rapaz ignorou Henry. Depois piscou os olhos, dando a impressão de ter se lembrado do garoto. Provavelmente por causa do crachá que usava. O fotógrafo se voltou para sua câmera, as mãos tremendo.

— Não é lixo o que está queimando.

Henry postou-se na interseção entre o beco e a rua, ao lado do fotógrafo sobre o caixote, segurando a câmera e os flashes. Olhando na direção da viela, Henry viu que pessoas iam e vinham dos apartamentos, lançando objetos nas labaredas. Do terceiro andar, uma mulher gritou para um sujeito lá embaixo antes de lançar um quimono pela janela, que rodopiou pelo ar antes de cair feito neve na calçada suja e encardida. O homem apanhou o quimono, observou-o por um momento e o lançou ao fogo, mas não sem uma breve hesitação. O tecido de seda pegou fogo; pequenos pedaços em chamas se afastaram, flutuando do calor como borboletas cujas asas se inflamaram, tremulando ao vento, cintilando, para depois se precipitar como uma poeira cinzenta.

Uma senhora passou por Henry com uma grande pilha de papéis nos braços e a lançou ao fogo, produzindo um som sibilante. Henry deu um passo para trás ao sentir uma onda de calor nas bochechas. Mesmo à distância, pôde ver que eram pergaminhos com ilustrações e textos escritos à mão. Grandes caracteres japoneses desapareciam no coração das chamas.

— Por que estão fazendo isso? — perguntou Henry, que não compreendia muito bem o que se passava diante de seus olhos.

— Prenderam mais pessoas na noite passada. Japoneses, por toda a cidade. Por todo o estreito de Puget. Em todo o estado, talvez — continuou o fotógrafo. — Essas pessoas estão se livrando de qualquer coisa que as ligue à guerra do Japão. Cartas de parentes. Roupas. Tudo deve ser descartado. É muito perigoso manter esses objetos. Até mesmo fotos antigas. Estão queimando fotografias dos pais e de outros familiares.

Henry observou enquanto um senhor depositava, pesaroso, uma bandeira japonesa cuidadosamente dobrada no barril mais próximo, fazendo

continência ao vê-la queimar.

O fotógrafo fez o obturador da câmera abrir e fechar, registrando a cena.

— Queimei todas as *minhas* fotos ontem à noite — disse, virando-se para Henry, o tripé tremendo enquanto o segurava. Com a outra mão, limpou a boca com um lenço. — Queimei até as fotos do meu casamento.

Os olhos de Henry ardiam com a fumaça e a fuligem. Ouviu uma mulher gritando algo em japonês, em algum lugar distante. Parecia mais um choro, na verdade.

— Tivemos um casamento tradicional, aqui mesmo em Nihonmachi. Depois fizemos as fotos no Arboreto do Washington Park, em frente às magnólias e roselhas. Usamos quimonos... Shinto usou um que esteve na minha família por três gerações. — O fotógrafo parecia perturbado com a cena à sua frente: a destruição de recordações tão tangíveis da vida. — Eu queimei tudo...

Henry tinha visto tudo que poderia aguentar; virou-se e correu para casa, ainda sentindo o incômodo causado pela fumaça.

VELHAS NOTÍCIAS

(1986)

POR QUASE TRÊS HORAS Henry revirou o porão do Hotel Panamá, espirrando e tossindo em meio à poeira. Nesse período, encontrou inúmeros álbuns de fotos de bebês e fotografias em preto e branco retratando famílias em celebrações de Natal e Ano-Novo. Havia caixas e mais caixas de aparelhos de jantar e outros utensílios, além de roupas que poderiam encher uma pequena loja de departamentos. Os itens eram muito aleatórios. Era fácil esquecer que aqueles objetos já tinham sido importantes a ponto de serem escondidos para ser recuperados em outra ocasião — provavelmente depois da guerra.

Mas alguns nomes ainda estavam ali, uma forma sombria de recordação — Inada, Watanabe, Suguru, Hori, entre outros. Etiquetas de identificação estavam afixadas na maioria das caixas e baús; algumas malas tinham nomes gravados diretamente nas laterais ou na parte superior. Lembranças silenciosas de vidas há muito afastadas dali.

Henry esticou a coluna dolorida e avistou uma desconjuntada cadeira de jardim; pela aparência, julgou que o objeto já tivera dias melhores em churrascos ou piqueniques familiares. A cadeira rangeu quando Henry a desdobrou, fazendo coro com os joelhos que estalaram assim que ele se sentou, o corpo exausto depois de horas arqueado sobre malas e caixotes.

Descansando do trabalho, Henry pegou um jornal de uma pilha próxima. Era uma cópia antiga do *Hokubei Jiji* — *The North American Times*, um jornal local ainda em circulação. Datado de 12 de março de 1942.

Henry percorreu os velhos artigos impressos em inglês, todos em perfeitas colunas verticais. Entre eles, manchetes sobre o racionamento local e a guerra na Europa e no Pacífico. Esforçando-se para ler aquela fonte delicada no porão mal iluminado, ele atentou para uma matéria estampada na primeira página. A manchete dizia: EDIÇÃO FINAL. “Lamentamos informar que esta será nossa edição final até segunda ordem. Entretanto, gostaríamos de expressar nossos mais profundos apreço e apoio aos Estados Unidos da

América, a seus aliados e às causas da liberdade...” Foi o último jornal impresso em Nihonmachi antes do internamento; antes que todos fossem levados aos campos de concentração, pensou Henry. Havia outros artigos: um deles tratava de oportunidades de transferência mais distantes, para o interior — para locais como Montana e Dakota do Norte; outro era um relatório policial sobre um homem que agia como agente federal, pouco antes de abordar duas japonesas no apartamento onde moravam.

— Encontrou alguma coisa? — A sra. Pettison descia a escada, lanterna na mão, pegando Henry de surpresa, que já se acostumara ao silêncio do porão.

Ele pôs o jornal no chão e se levantou, espanando a poeira do corpo enquanto limpava as mãos na calça, fazendo surgir dois rastros de pó.

— Bom, não achei exatamente o que procurava. Tem uma quantidade tão grande de... *tudo*.

— Não se preocupe. Temos de encerrar por hoje, mas o senhor pode voltar na semana que vem. A poeira precisa assentar antes que possamos fazer a limpeza, e amanhã temos de vedar as paredes. Mas assim que tudo estiver limpo, sinta-se à vontade para voltar e continuar procurando.

Henry agradeceu, desapontado por não encontrar nenhum pertence de Keiko ou de sua família. Mas não perdeu as esperanças. Havia anos ele passava pelo hotel, ou até mesmo décadas — nunca imaginando que algo de valor ainda restasse ali. Supondo que todos os objetos dos anos de guerra já tivessem sido recuperados há muito tempo, Henry simplesmente aceitou o fato e tentou seguir em frente, vivendo a vida. Mas ao olhar para a imensidão de caixas ainda a serem vasculhadas, sentiu a presença de Keiko. Algo dela ainda estava ali. Henry se esforçou para ouvi-la em sua memória, perdida entre os pensamentos. Está aqui. *Eu sei que está*.

Henry também pensou em Ethel. O que ela acharia disso? Será que aprovaria o fato de ele estar ali embaixo, escavando o passado? Quanto mais pensava a respeito, mais se dava conta daquilo que sabia desde o princípio: Ethel nunca deixaria de aprovar algo que o fizesse feliz, até mesmo agora. Principalmente neste momento.

— Eu volto nesta mesma hora, na próxima semana. Tudo bem? — perguntou Henry.

A sra. Pettison assentiu e o conduziu de volta para cima.

Henry apertou os olhos, deixando que os sentidos se ajustassem à luz do dia e ao céu frio e cinzento de Seattle que preenchiam as janelas

quadriculadas do saguão do Hotel Panamá. Aparentemente, tudo — a cidade e o céu — estava mais vívido e brilhante que antes; e tudo tão moderno, comparado à cápsula do tempo no andar de baixo. Ao sair do hotel, Henry olhou para o oeste, onde o sol se punha, uma torrente castanho-avermelhada no horizonte. Lembrou-se de quando ainda era pequeno e tais cenas podiam ser vistas mesmo ao final de dias frios e monótonos.

A NAMORADA DE MARTY

(1986)

NO DIA SEGUINTE, HENRY passou a tarde em Chinatown: foi ao barbeiro, à padaria e a qualquer outro lugar que servisse como desculpa para passar em frente ao Hotel Panamá. Espiou pelas janelas abertas em cada uma dessas vezes, não vendo nada além de trabalhadores e nuvens de poeira por todos os lados. Quando finalmente voltou para casa, Marty o esperava na soleira da porta. O filho tinha uma chave, mas ao que tudo indicava havia ficado trancado do lado de fora. Esparramado sobre os degraus de cimento, com os braços cruzados no peito, Marty balançava os pés, com uma expressão de ansiedade e expectativa.

Henry sentiu, durante o almoço do dia anterior, que algo incomodava o filho, mas deixou-se distrair pela ideia de encontrar alguma coisa — qualquer coisa — que pertencesse a Keiko no porão do Hotel Panamá. Agora Marty estava ali. *Ele está aqui para resolver as coisas comigo*. Para dizer que eu não soube cuidar da mãe dele, pensou Henry.

O último ano de Ethel fora bastante difícil. Enquanto ainda estava lúcida o bastante para unir o marido e o filho, os dois pareciam se dar muito bem. Mas assim que a saúde fraquejou e as palavras *casa de repouso* foram mencionadas, começaram os verdadeiros desentendimentos.

— Pai, você não pode manter a mãe aqui. Este lugar tem cheiro de gente velha — argumentava Marty.

Henry esfregava os olhos, cansado da discussão.

— Nós *somos* velhos.

— Você já esteve no novo Abrigo da Paz? É como uma estância turística! Você não gostaria que minha mãe passasse seus últimos dias num *lugar agradável*? — Ao dizer isso, Marty passou os olhos pelo teto, observando a lúgubre coloração amarela resultante dos anos de tabagismo de Ethel. — Este lugar é um lixo! Não quero que minha mãe fique aqui se pode desfrutar de instalações modernas.

— Esta é a casa *dela* — retorquiu Henry, levantando-se da poltrona. —

Ela quer ficar aqui. Não quer morrer num lugar estranho, não importa o quanto seja agradável.

— *Você quer que ela fique aqui. Não consegue viver sem ela, sem controlar tudo!* — Marty estava a ponto de chorar. — Lá eles vão cuidar dos remédios dela, pai. Eles têm enfermeiros...

Henry estava zangado, mas não queria piorar ainda mais a situação entrando em outra discussão sem sentido, principalmente com Ethel dormindo no quarto ao lado.

O serviço de cuidado domiciliar providenciara todo o necessário para tornar os últimos meses de Ethel mais confortáveis: uma cama de hospital e morfina, atropina e Ativan suficientes para mantê-la relaxada e sem dores. A equipe ligava todos os dias, e um profissional de saúde aparecia sempre que necessário, embora nunca com a frequência que Henry gostaria.

— Henry... — Ele e Marty se imobilizaram ao som débil da voz de Ethel. Ninguém a ouvia falar nada havia pelo menos uma semana.

Henry correu para o quarto deles. *O quarto deles*. Ele ainda o chamava assim, embora havia seis meses dormisse no sofá, ou às vezes numa poltrona reclinável ao lado da cama; mas isso só quando a esposa estava agitada ou assustada.

— Estou aqui. Pssst. Estou aqui... — disse Henry, sentando-se na beirada da cama, pegando a mão frágil da esposa e se aproximando dela para manter sua atenção.

— Henry...

Olhou para Ethel, que mantinha o olhar fixo na janela do quarto.

— Está tudo bem. Estou aqui. — Ao dizer isso, ajustou a camisola de Ethel e puxou as cobertas, voltando a cobrir a esposa até a altura dos braços.

— Me leva pra casa, Henry — suplicou Ethel, agarrando a mão dele. — Não aguento mais este lugar, eu quero ir para casa...

Henry olhou para o filho, parado à frente da porta, emudecido.

Depois daquele dia as discussões cessaram, mas também o diálogo.

— Pai, acho que precisamos conversar.

A voz de Marty despertou Henry de sua melancolia. Subiu parte dos degraus, parando em frente ao filho, face a face.

— Não quer entrar para podermos falar sobre o que está pensando? — sugeriu.

— Prefiro conversar aqui fora mesmo.

Henry percebeu que o filho observava suas roupas, cobertas pela poeira

da reforma no hotel.

— Tudo bem com você? Parece que trombou com um caminhão.

— Bom, você tem a sua história e eu tenho a minha. — Henry sentou-se ao lado do filho, observando a longa sombra de Beacon Hill se escondendo atrás das árvores, alargando a avenida. Nos postes acima as lâmpadas piscaram e ganharam vida.

— Pai, nós não conversamos muito desde que a mãe morreu, sabe?

Henry concordou, inabalável, preparando-se para ser severamente criticado.

— Eu ralei muito pra conseguir boas notas, tentei ser o filho que você sempre quis.

Henry escutava, cheio de remorso. Talvez eu tenha passado tempo demais cuidando de Ethel — *talvez tenha deixado Marty de lado*, pensou. Bom, se aconteceu assim, não foi minha intenção.

— Você não precisa se desculpar de nada. Tenho muito orgulho de você — disse ao filho.

— Eu sei que tem, pai. Posso ver que é verdade. E é por isso que evitei falar a respeito. Primeiro, porque tinha muita coisa acontecendo com a mãe; e segundo porque... bom, porque não sabia como o senhor reagiria.

Henry franziu o cenho; agora sim estava *preocupado*. Pensou em tudo que o filho poderia dizer sob tais circunstâncias: *Está usando drogas. Foi expulso da escola. Bateu o carro, entrou para uma gangue, cometeu um crime, vai pra cadeia, é gay...*

— Pai, eu estou noivo.

— De uma garota?

Henry fez a pergunta com toda a seriedade do mundo. Marty deu risada.

— Claro que é de uma garota.

— E você estava com medo de me contar isso? — Henry sondou algum significado na expressão facial do filho, em seus olhos, na sua linguagem corporal. — Ela está grávida — disse Henry, num tom que mais parecia uma afirmação do que uma pergunta. Era o mesmo tom de alguém que diria: “Nos rendemos” ou “Perdemos na prorrogação”.

— Nossa, pai! Não. Não é nada disso.

— Então por que estamos aqui fora...

— Porque ela está lá dentro, pai. Eu quero que você a conheça.

Henry parecia feliz. É claro que sentia uma pontada de chateação pela misteriosa garota ter sido mantida em segredo, mas o filho andava ocupado,

por isso tinha certeza de que Marty teve algum um motivo.

— Acontece que... Bom, eu sei o quanto seus pais eram malucos. Quero dizer, não eram apenas chineses; eram superchineses, se é que me entende. Eram como pedras de gelo no caldeirão de culturas dos Estados Unidos... viam as coisas de uma só maneira — Marty se esforçava para encontrar as palavras certas. — E sabe do que mais? O senhor se casou com minha mãe e teve todo aquele casamento tradicional. E depois me mandou para a escola chinesa, assim como seu pai... e sempre falou que eu deveria encontrar uma garota chinesa e casar com ela, assim como o senhor e a minha mãe.

Houve uma pausa, um silêncio total. Henry ficou olhando para o filho, esperando que prosseguisse. Nada se movia a não ser as sombras projetadas nos degraus, tremulando conforme o oscilar dos abetos na brisa suave.

— Eu não sou um *Yay Yay*... como seu avô — disse Henry, percebendo aonde a conversa iria chegar, aturdido ao ser comparado com o próprio pai. No fundo, Henry amava o pai; e que filho não amaria? Seu pai sempre quisera o melhor para ele. Mas será que mesmo depois de tudo que tinha enfrentado, visto e feito, ele tinha mudado tão pouco? Será que era tão parecido com o pai? A porta atrás dos dois se abriu com um estalido. Uma jovem colocou a cabeça para fora antes de sair, sorrindo. Tinha cabelos longos e loiros e olhos azuis, como aqueles que Henry chamava de “olhos irlandeses”.

— O senhor deve ser o pai de Marty! Não acredito que ficou aqui fora esse tempo todo. Marty, por que você não disse nada? — Henry sorriu e observou quando a garota olhou com surpresa para o filho, que parecia nervoso, como se apanhado fazendo algo de errado.

Henry estendeu a mão para a futura nora.

A garota se iluminou como uma lâmpada.

— Meu nome é Samantha. Não via a hora de conhecer o senhor — disse e se aproximou, passando os braços ao redor do sogro. Henry deu paladinhas nas costas dela, tentando respirar, retribuir o abraço. Por cima dos ombros da garota, sorrindo, fez um sinal de positivo para o filho.

UMÊ

(1986)

NO QUINTAL, HENRY USAVA luvas de jardinagem para remover os ramos secos de uma velha ameixeira — salpicada aqui e ali por frutinhas verdes, usado na produção de vinho chinês.

A árvore tinha a mesma idade do filho.

Marty e a noiva sentaram nos degraus dos fundos, observando e bebericando chá verde gelado com gengibre. Henry já tinha tentado fazer chá gelado com diversos tipos de chá preto, mas a bebida sempre ficava amarga demais, por mais que adicionasse açúcar ou mel.

— Marty me disse que isso era uma espécie de surpresa, então espero não ter arruinado tudo... mas ele tinha me contado tudo sobre o senhor, e eu já não me aguentava de curiosidade de conhecê-lo.

— Ah, não há muito a ser dito, na verdade — respondeu Henry com cordialidade.

— Bom, pra começar, Marty me falou que essa é a sua árvore favorita — disse Samantha, fazendo o máximo para preencher o silêncio constrangedor entre pai e filho —, e que o senhor a enxertou no dia em que ele nasceu.

Henry continuou a poda, cortando um galho com delicadas flores brancas.

— É uma árvore de umê — explicou, pronunciando devagar o nome “uuu-mêê”. — Ela floresce mesmo nas temperaturas mais extremas... como no mais frio dos invernos.

— Lá vamos nós... — Marty cochichou com a noiva, alto o bastante para o pai escutar. — *Viva la revolución*... — brincou.

— Ei, o que você quer dizer com isso? — interpelou Henry, parando o trabalho.

— Não me leve a mal, pai, mas é que...

Samantha o interrompeu.

— Marty me disse que essa árvore tem um significado especial para o senhor. Como se representasse alguma coisa.

— É verdade — respondeu Henry, tocando numa pequena flor de ameixa com cinco pétalas. — As flores de umê são usadas na decoração do Ano-Novo Chinês. Além disso, são o símbolo da antiga cidade de Nanquim, e hoje é a flor nacional da China.

Marty levantou-se e bateu continência, em tom gozador.

— Por que isso? — indagou Samantha.

— Conte a ela, pai.

Henry continuou podando, ignorando o gesto do filho.

— A flor também era a favorita do meu pai. — Lutou com a tesoura até conseguir cortar um grande galho seco. — É um símbolo de perseverança diante da adversidade... um símbolo revolucionário.

— Seu pai era revolucionário? — perguntou Samantha.

— Ha! — Marty se viu rindo da ideia. — Não, não... Era um nacionalista, sempre com medo do comunismo. Mas ainda acreditava numa China unificada. A árvore de umê era especial para ele nesse sentido, entendeu?

Samantha sorriu e concordou, sorvendo o chá.

— Marty me contou que essa ameixeira veio de uma muda da árvore do seu pai, e que o senhor a plantou no dia em que ele faleceu.

Henry olhou para o filho, fez que sim com a cabeça e cortou outro galho.

— A mãe dele dizia essas coisas pra ele.

Henry sentiu-se mal por mencionar Ethel, trazendo tanta tristeza ao que até então era um dia de alegria.

— Sinto muito — lamentou Samantha. — Gostaria de ter conhecido sua mulher.

Henry abriu um sorriso solene e concordou, enquanto Marty abraçava a noiva e a beijava na cabeça.

Samantha mudou de assunto.

— Marty sempre me disse que o senhor é um engenheiro incrível, que até conseguiu se aposentar mais cedo.

Henry podia ver a nora pelo canto do olho enquanto cuidava da árvore. Era como se ela conferisse uma lista imaginária.

— O senhor é um ótimo cozinheiro, gosta de jardinagem e é o melhor pescador que seu filho já conheceu. Ele me contou tudo sobre quando iam ao lago Washington para pescar salmão.

— Ora essa... — murmurou Henry, olhando para o filho e se perguntando por que o garoto nunca dissera nada disso para *ele*. Então se

lembrou do abismo que se abria na comunicação entre eles e logo imaginou a resposta.

Samantha tomou um gole do chá, mexendo as pedras de gelo com os dedos.

— Marty me disse que o senhor adora jazz.

Henry olhou para ela, intrigado. *Ah, agora sim!*

— E não é qualquer jazz, não. São os clássicos do jazz e do swing da Costa Oeste, como Floyd Standifer e Buddy Catlett. Sei também que o é fã de Dave Holden, além de ser um grande admirador do pai dele, Oscar Holden.

Henry aparou um pequeno galho e o lançou dentro de um balde branco.

— Gostei dela — disse para o filho, alto o suficiente para que ela ouvisse. — Você fez uma ótima escolha.

— Fico feliz que tenha aprovado, pai. Sabe, você me surpreende.

Henry sempre fez o melhor para se comunicar sem palavras, para dar aquele sorriso ao filho, aquele olhar de aprovação. Tinha certeza de que Marty absorvia cada frase de suas conversas sem palavras. Depois de uma vida de acenos com a cabeça, expressões sisudas e sorrisos inexpressivos, ambos eram fluentes em taquigrafia emocional. Por isso, trocaram sorrisos enquanto Samantha exibia seus incríveis conhecimentos acerca da rica história da música do pré-guerra de Seattle. Quanto mais Henry a ouvia, mais pensava em voltar ao Hotel Panamá na próxima semana. A ideia de vasculhar o porão. Todos aqueles caixotes. Todos aqueles baús, caixas e malas. E como tudo seria mais fácil se tivesse alguma ajuda.

Porém, mais do que isso, Henry odiava ser comparado ao pai. Aos olhos de Marty, o fruto não tinha caído muito longe da árvore; na verdade, o fruto agarrara-se teimoso aos galhos. Foi o que ensinei com meu exemplo, pensou Henry, percebendo que uma ajuda de Marty no porão poderia aliviar muito mais do que apenas o cansaço físico.

Henry tirou as luvas de jardinagem e as depositou na varanda.

— A árvore de umê *era* a favorita de meu pai, mas a muda fui eu que plantei. Ela não veio do seu avô, mas de uma árvore do Kobe Park...

— Mas esse parque não ficava no velho bairro japonês? — perguntou Marty.

Henry concordou.

Na noite em que Marty nasceu, Henry fez um entalhe no pequeno tronco de uma ameixeira — uma de muitas que havia no parque —, enfiou

um palito na fissura e o amarrou com uma faixinha de tecido. Semanas depois, voltou e levou o resto do galho — novas raízes haviam crescido. Henry plantara a muda no quintal e desde então havia cuidado dela.

Henry pensara em enxertar uma cerejeira, mas as flores eram bonitas demais, e as lembranças extremamente dolorosas. Mas agora Ethel se fora. Seu pai partira havia muito tempo. Até o bairro japonês não existia mais. Tudo o que restava eram dias repletos de longas e intermináveis horas, além da ameixeira da qual cuidava no quintal, enxertada de uma árvore chinesa de um jardim japonês, tantos anos atrás, na noite em que o filho nasceu.

A árvore cresceu de forma exuberante durante os anos em que Ethel adoeceu. Henry teve menos tempo para cuidar dos imensos galhos que cresciam no espaço limitado do quintal. Mas, assim que a esposa faleceu, Henry voltou a cuidar da árvore, que agora já produzia até frutos.

— O que vocês dois vão fazer na próxima quinta-feira? — perguntou Henry.

O casal se entreolhou, dando de ombros. A expressão de Marty mostrou uma ruga de perplexidade.

— Não temos planos — respondeu Samantha.

— Encontrem-se comigo no salão de chá do Hotel Panamá.

INCÊNDIOS DOMÉSTICOS

(1942)

HENRY IRROMPEU PELA PORTA, quinze minutos antes de seu horário habitual de voltar para casa, sem se incomodar com isso, e seus pais pareceram também não se importar. O garoto precisava falar com alguém. Era necessário contar aos pais o que estava acontecendo. Eles saberiam o que fazer, não é? Não deveriam saber? Henry precisava fazer alguma coisa. Mas o quê? O que poderia fazer? Tinha apenas doze anos.

— Mãe, preciso contar uma coisa! — gritou, tentando recuperar o fôlego.

— Henry, estávamos torcendo para você chegar logo! Temos visitas para o chá. — Ele ouviu a mãe na cozinha, falando em cantonês.

Pouco depois apareceu, falando um inglês falho, apressando-o em direção à modesta sala de estar.

— Vem, vamos.

Henry se viu entregue a uma terrível fantasia. Keiko havia fugido, mas estava lá, em segurança. Talvez toda sua família tivesse fugido, deixando para trás apenas uma casa vazia — janelas abertas, cortinas esvoaçando ao vento — pouco antes de o FBI arrombar a porta. Henry nunca tinha visto ninguém da família, mas podia imaginá-los claramente correndo por alguma viela, deixando os agentes atônitos e confusos.

Aproximou-se da sala e sentiu o estômago cair, como se batesse no piso e rolasse para debaixo do sofá, se perdendo em algum lugar.

— Você deve ser Henry. Estávamos esperando por você. — Um homem branco, mais velho, trajando um belo terno marrom-claro estava sentado em frente ao pai de Henry. Ao lado do sujeito estava Chaz.

— Senta, senta — o pai de Henry gesticulou, em chinglês.

— Henry, meu nome é Charles Preston. Sou construtor. Acho que já conhece o Júnior aqui... nós o chamamos de Chaz, ao menos em casa. Pode chamá-lo como quiser.

Henry já tinha alguns nomes em mente. Até em dois idiomas. Acenou para Chaz, que sorriu de maneira tão meiga que Henry notou suas covinhas

pela primeira vez.

Até agora não tinha entendido o que estava acontecendo — e em sua própria casa, ainda por cima.

— O que... — O que *vocês* fazem aqui?, foi o que pensou, mas as palavras ficaram entaladas em algum ponto da garganta quando percebeu por que seu pai estava de terno, o que usava em reuniões importantes, pela manhã.

— Seu pai e eu estávamos tentando discutir questões de negócios, e ele me disse que você seria um tradutor perfeito. Fiquei sabendo que está estudando inglês na Escola Rainier.

— Oi, Henry — Chaz piscou e voltou-se para o pai. — O Henry é um dos garotos mais inteligentes da classe. Ele consegue traduzir tudo. Aposto que até *japonês*. — As últimas palavras soaram frias como gelo, conforme o garoto abria mais um sorriso para o colega de classe. Henry podia perceber que Chaz detestava estar ali tanto quanto ele, mas era fácil notar que o garoto estava gostando de brincar de gato e rato com Henry, enquanto estava sentado inocentemente ao lado do sr. Preston.

— Henry, o sr. Preston é dono de vários apartamentos por aqui e está interessado em construir algo na Maynard Avenue, no bairro japonês — explicou o pai, em cantonês. — Como sou membro do conselho da Chong Wa, ele precisa de meu apoio e do apoio da comunidade chinesa do International District. Precisa do nosso aval para obter aprovação da Câmara Municipal.

Aquilo foi dito de tal maneira — o tom, os olhos, a idiossincrasia — que Henry percebeu se tratar de algo muito importante. Algo realmente sério, mas muito instigante. Seu pai não costumava se animar com muitas coisas. As vitórias do Exército chinês sobre os invasores japoneses, que foram poucas, e a *bolsa de situdos* do filho na Rainier eram as únicas coisas das quais ele falava com tanto entusiasmo. Até agora, pelo menos.

Henry sentou-se na banquetta entre eles, sentindo-se pequeno e insignificante. Estava preso entre duas rochas, duas imponentes figuras de granito, moldadas à forma de adultos.

— O que tenho de fazer? — perguntou em inglês e depois em cantonês.

— Basta traduzir o que cada um de nós falarmos, da melhor maneira possível — explicou o sr. Preston.

O pai de Henry concordou com a cabeça, tentando acompanhar as palavras pronunciadas lentamente em inglês pelo pai de Chaz.

Henry limpou o canto dos olhos, pensando em Keiko e em sua família. Lembrou-se dos três casais japoneses, em trajes de cerimônia, deitados no chão sujo do Black Elks Club. Empurrados para fora, encarcerados em algum lugar. Retribuiu o olhar do sr. Preston, um homem que queria comprar terras de famílias desfavorecidas que agora tinham de queimar seus bens mais preciosos para não serem consideradas traidoras ou espãs.

Pela primeira vez, Henry se dera conta de onde estava, de um dos lados de uma linha invisível entre ele próprio e o pai, e de tudo mais que conhecera. Não conseguia se lembrar de quando a havia ultrapassado e parecia não haver uma maneira fácil de voltar.

O garoto olhou para o sr. Preston e para Chaz, e depois para o pai, e assentiu. Vamos lá, vou traduzir. Vou fazer o *melhor* possível, pensou.

— Henry, poderia dizer a seu pai que estou tentando adquirir o terreno vazio atrás da Editora Nichibei? Se conseguíssemos fechar o jornal japonês, seu pai aprovaria que comprássemos aquela propriedade também?

Henry ouviu atentamente. Depois se virou para o pai, falando em cantonês.

— Ele quer comprar o terreno atrás do jornal japonês e também o prédio.

O pai, que evidentemente conhecia muito bem a área, respondeu:

— Aquele terreno pertence aos Shitame, mas o chefe da família foi preso há algumas semanas. Faça uma oferta ao banco, eles vão vendê-lo sem grandes dificuldades. — As palavras foram ditas com calma, certamente para que nada escapasse a Henry ao traduzir.

Henry ficou chocado com o que ouvia. Olhou ao redor, procurando a mãe. Ela não estava em nenhum lugar por ali — talvez lá embaixo, lavando roupa ou preparando chá para as visitas. O garoto hesitou por um momento, depois olhou para o sr. Preston e disse, com toda seriedade:

— Meu pai não vai aprovar a venda. Aquele lugar foi um cemitério japonês, e daria muito azar construir alguma coisa ali. É por isso que o terreno está vazio. — Henry imaginou um avião bombardeiro acelerando em direção ao alvo, carregado de bombas.

O sr. Preston gargalhou.

— Ele está brincando, não é? Pergunte se ele está falando sério.

Henry mal podia acreditar que, pela primeira vez em meses, estava realmente falando com o pai... e dizendo mentiras. Porém necessárias, pensou. Fitou Chaz, que olhava para o teto, bastante entediado, ao que tudo indicava.

O pai de Henry ouvia atentamente cada palavra em cantonês.

— O sr. Preston disse que gostaria de transformar o prédio num clube de jazz. Esse tipo de música é bastante popular, dá para ganhar muito dinheiro.

— Henry divisou seu bombardeiro imaginário soltando sua carga explosiva, as bombas se precipitando... *fiiiii...*

O pai de Henry pareceu mais ofendido que confuso. No alvo! As bombas explodiram com o impacto. O International District precisava de muitas coisas, o pai defendia, mas um número ainda maior de clubes noturnos e marinheiros bêbados com certeza não fazia parte de seus planos para o desenvolvimento da comunidade, mesmo que significasse o afastamento dos japoneses de Nihonmachi.

A partir daí, a conversa foi de mal a pior.

O sr. Preston ficou furioso, acusando o pai de Henry de ceder à superstição japonesa. Este, por sua vez, acusou o sr. Preston de ceder às bebidas que pretendia comercializar em seu clube de jazz.

Após mais uma série de traduções tendenciosas por parte de Henry, a discussão bilíngue foi encerrada, com os dois lados concordando em discordar, trocando olhares desconfiados.

Mas continuaram discutindo, agora ignorando Henry completamente, mal compreendendo uma palavra do que o outro dizia. Chaz encarava Henry, sem nem ao menos piscar. Abriu o casaco, revelando o crachá roubado. Nenhum dos pais percebeu, mas Henry viu. Chaz lançou um sorriso malicioso, fechou o casaco e voltou-se para o pai com uma expressão angelical no momento em que ele falava.

— Chega desse assunto. Vejo que ter vindo aqui foi a coisa errada a fazer. Esse povo nunca vai saber negociar de verdade mesmo.

A mãe de Henry voltou com um bule cheio de seu melhor chá de crisântemo, a tempo de ver Chaz e o sr. Preston se levantando e saindo precipitados, como apostadores que acabaram de perder seu último centavo numa rodada de cara ou coroa.

Henry pegou uma xícara de chá e agradeceu à mãe com educação — em inglês. Ela não entendeu o que ele disse, é claro, mas pareceu ter gostado do tom.

Quando terminou o chá, Henry retirou-se para o quarto. Ainda era cedo, mas estava exausto. Deitou, fechou os olhos e pensou no sr. Preston, a versão adulta de Chaz, aquinhoando avidamente o bairro japonês, e no próprio pai, ansioso por ajudar nessas importantes questões de *negócios*. Em

partes, Henry esperava sentir-se feliz por estragar os planos deles, mas tudo que sentia era um alívio exaurido e culpa. Nunca havia desobedecido ao pai tão abertamente, mas teve de fazê-lo. Viu as fogueiras em Nihonmachi, a população queimando seus valiosos pertences — lembranças de quem foram e de quem eram reduzidas a cinzas. Lojas interditadas, com a bandeira dos Estados Unidos nas vitrines. Não entendia muito de negócios, mas sabia que as coisas estavam difíceis e ficando ainda piores. Henry precisava encontrar Keiko, precisava ver a garota. Conforme a escuridão caía, imaginou a garota numa foto em família, o retrato em chamas retorcendo-se em meio às labaredas, queimando, até reduzir-se a cinzas.

ALÔ, ALÔ

(1942)

QUANDO FINALMENTE ABRIU OS OLHOS, Henry não viu nada além da escuridão. *Que horas são? Que dia é hoje? Por quanto tempo dormi?* Os pensamentos disparavam ao esfregar os olhos, piscando, esforçando-se ao máximo para acordar. Um raio de luz da lua atravessava as cortinas blecaute das janelas do quarto.

Alguma coisa o despertara. O que teria sido? Um ruído? Então ele o ouviu novamente, soando na cozinha.

Henry se espreguiçou, reorientando-se no tempo e no espaço, apoiou os pés no piso de madeira e sentou. Tão logo sua vista se acostumou à escuridão, ele divisou o contorno de uma bandeja em seu quarto. A mãe tivera a delicadeza de trazer o jantar, colocando até mesmo o vasinho com o lírio como decoração.

Lá estava ela novamente — a inconfundível campainha do telefone. Henry ainda não se acostumara de todo com aquele som alto e desagradável. Menos da metade das casas em Seattle tinha telefone, e a quantidade era ainda menor em Chinatown. O pai insistiu na instalação de um quando os Estados Unidos declararam guerra aos poderes do Eixo. Era vigia do quarteirão, por isso deveria manter contato constante, ainda que Henry não soubesse com quem.

O telefone tocou mais uma vez, estridente como o alarme de um despertador.

Henry manifestou um bocejo, mas interrompeu o gesto imediatamente, imobilizado pela lembrança de Chaz. *Ele sabe onde eu moro.* Pode estar lá fora me esperando, agora mesmo. Esperando para me pegar desprevenido, enquanto levo o lixo para fora ou recolho a roupa do varal. Poderia me atacar de repente, conseguindo sua vingança, sem professores ou inspetores para impedir.

Espiou por entre as cortinas pesadas e bolorentas; porém, dois andares abaixo, a rua parecia fria e deserta, além de úmida, devido ao recente

temporal.

Henry ouviu a mãe atender o telefone na cozinha.

— *Wei, wei?* Alô, alô.

Abriu a porta e atravessou o corredor em silêncio em direção ao banheiro. A mãe resmungava algo ao telefone sobre não falar inglês. Acenou para o filho, apontando para o telefone. A ligação era para ele. Mais ou menos.

— Alô? — disse Henry. Já estava acostumado a lidar com as chamadas por engano, geralmente em inglês. Havia também ligações para fazer o recenseamento da comunidade asiática: mulheres estranhas perguntando a idade de Henry e se ele era o homem da casa.

— Henry, eu preciso de sua ajuda. — Era Keiko. Parecia calma, mas direta.

Ele hesitou, pois não esperava ouvir a delicada voz da amiga. Começou a falar bem baixinho, mas logo lembrou que, afinal, os pais não falavam inglês.

— Tudo bem com você? Não te vi na escola. Como está sua família?

— Você pode me encontrar no parque? Naquele em que nos vimos da última vez?

Keiko estava sendo vaga, intencionalmente vaga. Henry podia falar com tranquilidade, mas ela não, ao que parecia. Pensou nas telefonistas, que algumas vezes ouvem às escondidas e compreendem tudo.

— Quando? Agora? Hoje à noite?

— Pode me encontrar daqui a uma hora?

Uma hora? Os pensamentos de Henry dispararam. Já estava escuro. O que eu vou falar para os meus pais? Por fim, concordou.

— Daqui a uma hora. Vou fazer o possível. — Vou dar um jeito.

— Obrigada, até mais — Keiko parou por um momento. Justo quando Henry pensou que ela iria dizer alguma coisa, a jovem desligou.

Uma voz feminina, alegre e aguda, surgiu na linha.

— O outro lado se desconectou. Posso ajudá-lo em outra ligação?

Henry desligou de imediato, como se alguém o tivesse pego roubando.

Sua mãe estava bem ao lado quando se virou. Tinha um olhar que Henry não conseguia distinguir, algo entre curiosidade e preocupação.

— O que foi? Você tem uma *namorada*, talvez? — sugeriu.

Henry deu de ombros e respondeu em inglês.

— Sei lá.

E verdade seja dita: ele realmente não sabia. Se a mãe estranhou o fato de a garotinha que ligou para o filho não falar chinês, ela não disse uma

palavra. Talvez tenha pensado que todos os pais obrigassem os filhos a *falar o seu americano*. Quem sabe? Talvez fosse isso mesmo.

Henry pensou em como chegaria ao Kobe Park àquela hora, em pleno blecaute. Ficou feliz por ter dormido mais cedo, afinal, ao que tudo indicava, seria uma longa noite.

Eram quase nove da noite quando Keiko ligou, e Henry ficou esperando quase uma hora no quarto. Os pais foram para a cama às nove e meia; não porque estivessem realmente cansados, mas porque dormir cedo era a coisa certa a fazer. Poupar eletricidade para a guerra era quase um sacramento para o pai de Henry.

Após escutar com atenção e não perceber sinal algum dos pais, Henry abriu a janela e desceu pela escada de incêndio. A escadaria só cobria parte do caminho até o chão, mas ficava perto de um contêiner para reciclagem de pneus. Henry tirou os sapatos e saltou, produzindo um ruído abafado ao tocar a tampa de metal só de meias. Subir seria difícil, mas possível, pensou, calçando de novo os sapatos.

Ao andar pelas calçadas úmidas, os redemoinhos exalados por sua respiração se misturavam à neblina que emanava da água. Henry tentou se manter nas sombras, apesar do medo que se instalara em sua mente e que lhe gelava o estômago. Nunca estivera fora desacompanhado até tão tarde, embora não se sentisse sozinho, com as pessoas apressadas andando para cima e para baixo nas avenidas.

Toda a extensão da South King era coberta por letreiros de neon que desafiavam as restrições do blecaute. Anúncios de bares e discotecas refletiam luzes verdes e vermelhas sobre cada poça que Henry saltava. Um veículo ocasionalmente passava, banhando a rua com luzes enfraquecidas, iluminando homens e mulheres, chineses e brancos que desfrutavam da vida noturna, apesar do racionamento.

Atravessar a Sétima Avenida e entrar em Nihonmachi era como mergulhar no desconhecido. Não havia luzes. Nem carros. Estava tudo fechado. Até mesmo o restaurante Manila tinha tábuas nas janelas para se proteger dos vândalos, ainda que os donos fossem filipinos, e não japoneses. As ruas estavam vazias ao longo de toda a Maynard Avenue. Henry não viu ninguém entre o mercado Janagi e o salão Nippon Kan a não ser Keiko.

No Kobe Park, em frente a um teatro de cabúqui, Henry acenou ao ver a

garota sentada na rampa da colina, como da última vez, rodeada por um pomar de cerejeiras cujas flores começavam a desabrochar. Após subir a colina íngreme do parque escalonado, Henry recuperou o fôlego e sentou-se numa pedra ao lado de Keiko. Ela parecia pálida ao luar, tremendo com o ar frio de Seattle.

— Meus pais me fizeram ficar em casa em vez de ir à escola. Estavam com medo de que alguma coisa pudesse acontecer, que nossa família se separasse — contou a garota. Henry observou Keiko afastar os longos cabelos do rosto, surpreso com a calma e a tranquilidade que aparentava. — A polícia e o FBI levaram nossos rádios e câmeras, além de algumas pessoas do nosso prédio. Depois disso não os vimos mais.

— Sinto muito. — Foi tudo que Henry conseguiu pensar no momento. O que mais poderia dizer?

— Eles vieram e prenderam várias pessoas em dezembro, logo depois de Pearl Harbor, mas depois as coisas se acalmaram. Tudo ficou calmo até demais, eu acho. Meu pai disse que a Marinha deixou de se preocupar com invasões e agora está mais preocupada com sabotagens, sabe? Como explosões de pontes ou centrais elétricas e coisas assim. Por isso agiram rápido e prenderam mais japoneses.

Henry pensou na palavra *sabotagem*. Ele tinha sabotado os planos do sr. Preston de comprar parte do bairro japonês e não se sentiu mal por isso. Mas essas pessoas que estavam sendo presas não eram americanas? De descendência japonesa, mas americanas por nascimento. Afinal de contas, o pai de Keiko havia nascido ali.

— Tem até um toque de recolher agora.

— Toque de recolher?

Keiko assentiu, devagar, observando a paisagem das ruas sem vida ao redor.

— Nenhum japonês pode estar fora dos nossos bairros entre as oito da noite e as seis da manhã. Somos prisioneiros noturnos.

Henry balançou a cabeça, esforçando-se para acreditar no que ouvia, mesmo sabendo que era verdade. Das detenções no Black Elks Club ao sorriso vitorioso do pai, Henry sabia que tudo aquilo estava realmente acontecendo. Entristeceu-se por Keiko e por sua família, pelas injustiças cometidas contra todos em Nihonmachi. Mesmo assim, com certo egoísmo, sentia-se grato por estar com Keiko, culpado pela própria felicidade.

— Eu faltei à aula hoje e fui te procurar — disse Henry. — Estava

preocupado...

Keiko olhou para ele, com um pequeno sorriso tomando cada vez mais o seu rosto. Henry ficou nervoso, atrapalhado com as próprias palavras.

— Estava preocupado com a escola — continuou. — É importante não ficarmos para trás, ainda mais quando os professores já não prestam muita atenção na gente...

Houve um momento de silêncio, seguido pelo sinal da mudança de turno, ressoando desde o Boeing Field. Milhares de trabalhadores voltariam para casa; outros milhares começariam às dez da noite, produzindo aviões para lutar na guerra.

— É muita gentileza sua cuidar dos meus estudos, Henry.

Pôde ver a decepção nos olhos dela; o mesmo olhar de quando se separaram na noite anterior, depois das prisões no Black Elks Club.

— Eu não estava preocupado só com a escola — admitiu. — É mais do que isso. Estava preocupado com...

— *Tá* tudo bem, Henry. Não quero que se meta em encrencas com seu pai, nem na escola nem em casa.

— Eu não estou preocupado com minhas encrencas...

Keiko olhou para ele e respirou fundo.

— Que bom, porque eu preciso de um favor, Henry. E dos grandes. — Keiko se levantou e Henry a seguiu, descendo parte da colina até chegarem a um banco, atrás do qual um carrinho vermelho Radio Flyer estava parcialmente escondido. Nele havia pilhas de álbuns de fotos e uma caixa com retratos. — Isto pertence à minha família. Minha mãe me pediu para levar tudo ao beco e queimar, já que ela mesma não conseguiu fazer isso. O pai dela era da Marinha japonesa, então ela quer que eu queime todas as fotos antigas do Japão. — Keiko olhou para o garoto com uma expressão de tristeza. — Mas eu não consigo, Henry. Estava pensando se você não poderia esconder isso para nós, só por um tempo. Pode fazer isso por mim?

Henry se lembrou da horrível cena daquela tarde no bairro japonês, do fotógrafo do Estúdio de Fotografia Ochi... visivelmente abalado, mas decidido.

— Eu posso esconder no meu quarto. Tem mais alguma coisa?

— Isso é o mais importante. São as lembranças da minha mãe, memórias de nossa família. Manter as coisas da minha infância não vai causar problemas, acho, e outras famílias da vizinhança estão tentando encontrar algum lugar para guardar seus pertences, como itens maiores. O mais

provável é que a gente vá guardar nossas coisas lá, se for preciso.

— Eu vou cuidar de tudo isso. Prometo.

Keiko o abraçou por um breve momento. Henry retribuiu o abraço. Pôs a mão nos cabelos da garota; ela era mais quente do que imaginara.

— Preciso voltar antes que percebam que eu saí — interrompeu Keiko.

— Acho que a gente se vê na escola amanhã, não é?

Henry assentiu, segurou a alça do carrinho vermelho e começou a voltar para casa pelas ruas escuras e vazias do bairro japonês. Puxando toda uma vida de lembranças que esconderia e manteria em segredo, em algum lugar em sua casa.

LADEIRA ABAIXO

(1942)

HENRY JÁ SABIA EXATAMENTE onde esconder o álbum de fotos assim que chegasse ao apartamento no Canton Alley. O local escolhido era o vão entre o piso e a última gaveta da cômoda. Era o espaço perfeito para guardar as preciosas fotos de família de Keiko, se devidamente acomodadas.

Subiria pela escada de incêndio e voltar com uma fronha. Provavelmente seriam necessárias duas viagens para levar tudo para cima, mas não seria nenhum inconveniente. Meu pai ronca, pensou Henry, e minha mãe compensa com seu sono pesado. Contanto que eu não faça nenhuma barulheira, devo conseguir transportar tudo sem nenhum problema.

Fazendo o possível para permanecer nas sombras, ziguezagueando por vielas escuras, Henry retornou furtivamente a Chinatown. Um garoto sozinho à noite poderia não atrair muita atenção, mas com as restrições do blecaute e o novo toque de recolher imposto aos japoneses, ele com certeza seria parado por qualquer policial que patrulhasse a rua.

Henry levou o carrinho vermelho e sua carga pela Maynard Avenue, escuridão adentro, esgueirando-se pelo mesmo caminho que traçara havia pouco. As ruas do bairro japonês estavam vazias, mas ainda davam uma sensação de segurança. Por vezes, as rodas traseiras do carrinho rangiam e guinchavam, rompendo o silêncio da noite quieta e tranquila. Só mais algumas quadras e ele viraria para o norte, descendo a colina e entrando no coração de Chinatown na direção de casa.

Ainda preocupado com Keiko, Henry passou pela editora Rodo-Sha e pela alfaiataria Yada Ladies, onde manequins imitavam os padrões e os tamanhos ocidentais nas vitrines. Passou pela Eureka Odontologia, com seu enorme molde dentário pendurado do lado de fora; o objeto era de aparência pálida, quase transparente ao luar. Se de alguma forma pudesse tirar as bandeiras americanas vistas em cada janela ou afixadas em cada fachada interditada, quase poderia confundir esta parte da cidade com Chinatown, só que maior. Mais desenvolvida.

Ao deixar a calmaria do bairro japonês, virando com cuidado para o norte na South King rumo a sua casa, Henry viu alguém — um garoto. A figura mal se distinguia ao luar, desvelado pelas luzes que piscavam e zumbiam nos postes, rodeadas por mariposas adejando perto das lâmpadas. Conforme se aproximou, Henry pôde ver o garoto arrancar um cartaz com a bandeira americana afixado sobre a vitrine do Mercado Janagi. A porta tinha uma placa de madeira que cobria o vidro próximo à maçaneta, mas as grandes vitrines estavam intactas. Provavelmente puseram tudo isso há pouco tempo, pensou. Cobriram tudo com bandeiras, para servir de proteção.

Henry teve a impressão de que o garoto estava pintando, usando um pincel sobre a superfície do cartaz. Ele saiu à noite, pensou, ainda fazendo o melhor para declarar sua cidadania. Tentando proteger a propriedade da família. Henry relaxou por um momento, confortado por haver crianças da sua idade na rua àquela hora.

O jovem ouviu o ranger do carrinho e congelou. Deu as costas ao trabalho, saindo das sombras para um lugar onde Henry pudesse vê-lo e vice-versa.

Era Denny Brown.

Com um pincel na mão, a tinta vermelha pingando por toda a calçada, deixando um rastro de manchas.

— O que você está fazendo *aqui*? — indagou.

Henry pôde ver a expressão de medo no rosto de Denny. Estava assustado, fora *surpreendido*. Henry notou o olhar sobressaltado do garoto transfigurar-se em raiva quando seus olhos demonstraram ansiedade. Henry estava sozinho, não havia mais ninguém, e Denny parecia ter percebido isso, chegando cada vez mais perto. Henry ficou olhando, aturdido, segurando a alça do carrinho vermelho de Keiko.

— O que você está fazendo? — perguntou Henry, já sabendo a resposta, mas desejando ouvi-la do próprio Denny.

Era uma vã tentativa de entender. Já tinha entendido *quem, onde e o quê*, mas sua tenra idade ainda não o permitira assimilar o *porquê*. Seria medo? Ódio? Ou apenas o tédio juvenil que impelira Denny até aqui, ao bairro japonês, onde famílias se escondiam e trancavam as portas para esconder seus preciosos pertences por medo de serem presas? Tudo isso enquanto Denny estava naquela esquina, pichando “Caíam fora, japas!” sobre bandeiras americanas afixadas nas vitrines das lojas.

— Eu não disse que por dentro ele é japa!

Henry reconheceu a voz. Ao se virar, deparou-se com Chaz. Numa das mãos, um pé de cabra; na outra, um cartaz enrolado com a bandeira americana. Um tipo diferente de hasteamento da bandeira, pensou Henry. A porta de madeira atrás de Chaz tinha marcas grandes, indicando o ponto de onde o pôster fora retirado. Perto de Chaz estava Carl Parks, outro valentão da escola. Os três se viraram para Henry.

Olhando ao redor, Henry não viu mais ninguém. Absolutamente ninguém. Não se via nem mesmo uma luz nos apartamentos próximos.

Chaz sorriu.

— Levando seu carrinho pra passear, Henry? O que você tem aí? *Tá* entregando jornais japas? Ou coisa de espião japonês?

Henry baixou o olhar para os pertences de Keiko. O álbum de fotos. O álbum de casamento. Coisas que prometera guardar. Mal podia enfrentar um deles, que diria os três juntos. Sem pensar, Henry jogou a alça dentro do carrinho e partiu em disparada, empurrando-o pela parte traseira. O garoto inclinou todo o corpo para baixo ao correr, as pernas impelindo o carrinho até o topo da ladeira e depois encosta abaixo, na direção da South King.

— Peguem ele! Não deixem esse amigo dos japas fugir! — gritou Chaz.

— A gente vai te pegar, Henry! — ouviu Denny gritar, os pés golpeando o pavimento. Henry não olhou para trás.

Conforme o carrinho ganhava velocidade na descida íngreme da ladeira, Henry achou que cairia de cara na calçada. Mas conseguiu saltar, projetando os joelhos para fora e mantendo os pés afastados no momento em que os fundilhos da calça tocaram a parte de trás do carrinho, bem em cima dos álbuns de Keiko: as pernas abertas — uma de cada lado, as solas de borracha dos sapatos acima do chão enquanto voava pelo trajeto.

Henry agarrou a alça, manobrando como podia. Descontrolado, o carrinho e a carga desceram South King abaixo, estrepitando sobre o pavimento rachado. Ouvia os gritos dos valentões se aproximando por trás, em seu encalço. Por um instante sentiu uma mão tocar suas costas, agarrando-o pelo colarinho. Debruçou em direção à alça do carrinho, deslocando o peso para a frente. Virando-se por um momento, viu seus perseguidores ficarem para trás, enquanto deslizava colina abaixo, mais rápido do que um trenó pela neve. O rangido das rodinhas não passava de um zumbido, agora que a rotação fazia os eixos assobiarem como um pião.

— Saiam da frente! Cuidado! Saiam! — gritava Henry enquanto os clientes dos bares que transitavam pelas ruas lhe abriam o caminho. Quase

acertou um homem de macacão, mas o escarcéu era tão alto, e tal era o alvoroço histérico diante dele, que a maioria das pessoas saía da frente com grande antecedência. Uma mulher mergulhou pela janela aberta de um veículo estacionado. Henry inclinou-se para trás, passando por baixo dos pés da mulher, que ainda se agitavam para fora.

De repente ouviu um estrondo, seguido por um grito, e olhou para trás, vendo Chaz e Carl tentando parar quando Denny caiu de cara no chão. Tinham desistido da perseguição lá atrás, no alto da ladeira.

Henry virou-se a tempo de esbarrar num parquímetro. Com um solavanco na alça, perdeu o pouco controle que tinha, colidindo com a roda traseira de um carro que passava devagar pelo cruzamento da South King com a Sétima Avenida. Era uma viatura. Henry chocara-se com a roda e o para-choque traseiros, uma montanha negra de metal contra o chassi branco do carrinho.

Seus sapatos deixaram marcas de derrapagem na calçada, na tentativa de frear, oscilando e quicando até sentir os joelhos como duas molas defeituosas. Lançado à frente, Henry virou por sobre a alça, colidindo com o pneu. O carrinho tombou, espalhando o conteúdo ao redor e embaixo da viatura, numa torrente de fotos dispersas e páginas rasgadas.

Caído no chão e sentindo dores, Henry ouviu o carro frear, reduzindo até parar. O pavimento era frio e duro. O corpo machucado doía. As pernas latejavam e os pés ardiam, inchados.

Os passantes voltaram à razão, alguns gritavam e outros festejavam, no que pareceu a Henry uma celebração de bêbados. Os valentões da escola tinham sumido. Henry apoiou-se nos joelhos e na palma das mãos, recolhendo as fotos e as colocando de volta no carrinho.

Ao erguer os olhos, viu o emblema em formato de estrela na porta do carro. Um policial uniformizado desceu.

— Minha nossa! Você vai se matar numa brincadeira dessas... ainda mais à noite! Se esse carrinho tivesse mais potência eu poderia ter te atropelado.

Para Henry, o sujeito parecia mais preocupado do que zangado com o projétil em forma de garoto lançado contra a viatura.

É, mas se tivesse ficado para trás eu teria morrido, pensou Henry, enquanto tentava discretamente levar os álbuns e as fotografias restantes de volta ao carrinho. Olhou para a viatura. Pelo que pôde divisar na noite debilmente iluminada, nenhum dano fora causado. Henry evitara a maior parte do impacto com o próprio corpo, lançado pela parte frontal do carrinho. Estava

coberto de marcas roxas, além de um galo na cabeça, mas tudo bem.

— Me desculpe, eu só estava tentando ir para casa...

O policial pegou uma foto que escorregara para baixo da viatura. Examinou-a com a lanterna e a mostrou a Henry: a fotografia amassada de um oficial japonês posando abaixo de uma bandeira branca com um sol vermelho, uma espada ao lado.

— E onde exatamente fica essa *casa*? Sabe que poderia te prender por desrespeitar o toque de recolher?

Henry tateou a camisa, procurando o crachá, e o mostrou ao policial.

— Eu sou chinês... Uma amiga da escola me pediu... — Não conseguia pensar no que dizer. A verdade deveria funcionar. — Uma amiga me pediu para guardar isso. De uma família nipo-americana.

Qualquer um pode ser espião ou traidor, torceu Henry, mas não um garoto da sexta série com um carregamento de fotografias.

O policial remexeu as fotos e folheou os álbuns. Nenhuma imagem secreta de hangares. Nenhuma fotografia detalhada de estaleiros. Apenas retratos de casamentos. Havia também fotos de férias, embora muitos vestissem os tradicionais trajes japoneses.

Henry espremeu os olhos, ofuscado pela luz que o policial apontou para o crachá e depois para ele. O garoto não enxergava o policial, somente uma figura escura com um distintivo prateado.

— Onde você mora?

Henry apontou na direção de Chinatown.

— Na South King. — Sentia-se mais preocupado com a reação do pai ao vê-lo chegar em casa escoltado pela polícia, com uma porção de fotos japonesas, que com a ideia de ser mandado para a prisão. A cadeia seria moleza comparada ao pai.

O policial parecia mais aborrecido que ofendido. Devia ter sido uma noite agitada, com certeza ele tinha coisas mais importantes a fazer do que deter um menino chinês de doze anos por imprudência na direção de um carrinho Radio Flyer.

— Vai para casa, garoto, e leve isso com você. Não quero mais ver você andando por aí à noite de novo! Entendeu?

Henry assentiu vigorosamente, arrastando-se dali e puxando o carrinho, o coração ainda acelerado. Estava a apenas uma quadra de casa. Nem ao menos olhou para trás.

Quinze minutos depois, Henry estava em seu quarto, recolocando a

última gaveta da cômoda no lugar. Os álbuns de fotos da família Okabe estavam escondidos em segurança. Arrumou as fotos como pôde. Poderiam ser organizadas mais tarde. O carrinho de Keiko ganhou um novo abrigo sob as escadas, no beco atrás do apartamento de Henry.

Subiu na cama e afastou os cobertores com os pés. Era possível sentir o calombo na cabeça, grande como um ovo. Ainda com o corpo quente e suado, Henry deixou a janela do quarto aberta, sentindo o ar fresco que entrava. Sentia o cheiro da chuva que estava por vir e ouvia os apitos e alarmes das balsas no cais, sinalizando a última viagem da noite. Era possível ouvir o som do swing jazz vindo de algum lugar distante. Quem sabe até mesmo do Black Elks Club.

CHÁ

(1986)

HENRY ESPIOU POR CIMA DO JORNAL, sorrindo ao ver Marty e a noiva, Samantha, acenando na janela. Os dois entraram na minúscula casa de chá localizada na parte inferior do Hotel Panamá, fazendo tocar o sininho preso à porta.

— Desde quando começou a frequentar casas de chá japonesas? — perguntou Marty, puxando uma cadeira de vime para Samantha.

Henry dobrou o jornal com indiferença.

— Eu sou um cliente habitual.

— Desde quando? — indagou o filho, mais do que surpreso.

— Desde a semana passada.

— Você deve estar se transformando numa nova pessoa. Isso é novidade para mim. — Marty voltou-se para Samantha. — Meu pai jamais viria aqui. Na verdade, ele detestava vir para este lado da cidade, daqui até o Kobe Park, ao lado daquele novo teatro Nippo Con...

— Teatro Nippon Kan — corrigiu o pai.

— Isso, esse mesmo. Eu costumava acusar meu pai de ser *nipofóbico*... alguém que tem medo de tudo que é japonês. — Ao dizer isso, Marty fingiu levar um susto, em tom de zombaria.

— Por quê? — perguntou Samantha, dando a impressão de pensar que Marty estava brincando ou provocando.

A garçonete trouxe um bule de chá; Marty encheu a xícara do pai e serviu uma para Samantha. Henry, por sua vez, encheu a de Marty. Era uma tradição muito estimada por Henry — nunca encher a própria xícara, apenas a de outrem, que retribuiria o favor.

— Meu avô, o pai do meu pai, era um tradicionalista maluco. Era como uma versão chinesa do ativista afro-americano Farrakhan, mas era bem conhecido por aqui. Arrecadava dinheiro para combater os japoneses. Durante toda a guerra no Pacífico ele ajudou nas operações no norte da China. Era algo muito importante naquela época, não é, pai?

— Isso é um eufemismo — respondeu Henry, bebericando o chá, a xícara firme entre as duas mãos.

— Quando jovem, meu pai não podia entrar no bairro japonês. Era estritamente proibido. Se aparecesse em casa cheirando a sushi, ele seria posto pra fora ou coisa assim.

Samantha pareceu intrigada.

— É por isso que o senhor nunca veio para cá ou para o bairro japonês? Por causa do seu pai?

Henry concordou.

— Tudo era diferente naquele tempo. Por volta de 1882, a Lei de Exclusão de Chineses foi aceita pelo Congresso, proibindo a vinda de chineses. Foi uma época de concorrência feroz por trabalho. Empregados chineses como meu pai costumavam trabalhar mais por menos; tanto é que, quando os pesqueiros locais passaram a usar máquinas para enlatar, elas foram chamadas de “chinas de ferro”. Ainda assim, os negócios locais precisavam de mão de obra barata, por isso contornaram a lei de exclusão permitindo a vinda de trabalhadores japoneses. Não apenas trabalhadores, mas também noivas sob encomenda. O bairro japonês florescia, enquanto Chinatown permanecia estagnada. Meu pai não gostava disso, e quando o Japão invadiu a China...

— Mas e depois? — ela perguntou. — Depois que o senhor cresceu... quando ele morreu? O senhor não sentiu que não havia mais proibições e que poderia fazer o que bem entendesse? Nossa, eu faria. Fico louca da vida quando alguém me diz que não posso fazer alguma coisa, mesmo quando não sei o que fazer com aquilo.

Henry olhou para o filho, que aguardava uma resposta para uma pergunta que nem havia feito.

— Quando eu era garoto, a maior parte do International District *pertencia* ao bairro japonês, ou Nihonmachi, como era chamado. Então a área que meu pai me proibia de entrar era muito grande. Havia certo — Henry procurou pela palavra — *mistério* ali. E com o passar dos anos muita coisa mudou. Naquela época, era ilegal a venda de propriedades para quem não fosse branco, exceto em algumas áreas. Havia até mesmo distritos para imigrantes italianos, para judeus, para negros... As coisas eram assim. Quando os japoneses foram expulsos, toda essa outra gente se mudou. Era como se você tivesse vontade de ir a certo bar para beber alguma coisa, mas quando finalmente completasse vinte e um anos, ele tivesse virado uma

floricultura. Já não era mais o mesmo lugar.

— Então o senhor não quis mais ir? — perguntou Marty. — Depois de todos aqueles anos ouvindo “não”, quando afinal teve a chance, o senhor não quis andar por aí, só para ver como era?

Henry serviu mais chá para Samantha, franzindo o cenho.

— Bem, não foi isso que eu disse.

— Mas o senhor disse que tudo tinha mudado...

— Sim, mas eu ainda *queria* ir.

— Mas então por que não foi? Por que só agora? — insistiu Samantha.

Henry afastou a xícara, tamborilando os dedos sobre a mesa de vidro. Deixou escapar um suspiro profundo que pareceu revelar uma parte de si, assim como as cortinas de um teatro se abrem para revelar um novo ato.

— O motivo pelo qual nunca fui a Nihonmachi... é porque era muito *doloroso*. — Henry sentiu os olhos brilharem com a umidade, mas não eram exatamente lágrimas.

Houve um momento de silêncio. Outro cliente saiu da casa de chá; o sininho da porta soou novamente, rompendo a pausa entre eles.

— Não entendo. Por que seria doloroso se o senhor nem conhecia o lugar? Afinal, seu pai o proibia — interpelou Samantha, antes que Marty o fizesse.

Henry olhou para os dois. Tão jovens. Tão lindos juntos. Mas havia tanto que ainda não sabiam.

— Sim, meu pai me proibiu. — Soltou um suspiro, olhando demoradamente para as fotos emolduradas de Nihonmachi penduradas nas paredes. — Ele era veementemente contra tudo que viesse do Japão. Mesmo antes de Pearl Harbor, a guerra na China já durava quase dez anos. Seria ultrajante seu filho frequentar *aquela outra* parte da cidade, ou seja, o bairro japonês. Vergonhoso... Ah, mas eu ia. Ia do mesmo jeito. *Apesar dele*. Vim até o coração de Nihonmachi. Bem aqui onde estamos, tudo isso era parte do bairro japonês. Vim até aqui e vi muitas coisas. Por muitos anos, passei os melhores e os piores momentos de minha vida nesta rua.

Henry percebeu o olhar confuso do filho; ou chocado, na verdade. Marty passara todos esses anos acreditando que o pai havia sido exatamente como o avô: um homem austero, seguidor fervoroso dos velhos costumes e da velha China. Alguém que nutria inimizade pelos vizinhos, principalmente os japoneses. Fiel aos sentimentos que restaram dos *anos da guerra*. Nunca ocorrera ao filho que todo o entusiasmo exacerbado de Henry e seus

costumes antiquados poderiam ser por qualquer outra razão.

— Foi por isso que nos trouxe aqui? — indagou Marty. A impaciência em sua voz pareceu se amenizar. — Para nos falar sobre o bairro japonês?

Henry concordou com a cabeça, mas logo disse:

— Não — corrigindo-se. — Na verdade, fico feliz que Samantha tenha perguntado, pois isso vai me ajudar a explicar todo o resto.

— O resto do quê? — perguntou Marty. Henry reconheceu o olhar do filho, que o lembrava das conversas hesitantes que tivera com o próprio pai tantos anos atrás.

— Vocês poderiam me ajudar... no porão — Henry se levantou e pegou a carteira. Deixou uma nota de dez dólares sobre a mesa, pelo chá, e começou a subir a escada que ligava a casa de chá ao saguão do hotel, ainda em reforma. — Vocês vêm comigo?

— Pra onde? — perguntou Marty. Samantha o levou pelo braço, sua empolgação e expectativa contrastando com a expressão confusa do noivo.

— Eu explico assim que chegarmos lá — respondeu Henry, com um leve sorriso.

Passaram pelas portas foscas em estilo *art déco* que davam para o iluminado saguão do Hotel Panamá. O local cheirava a pó e a mofo, mas Henry teve uma sensação de novidade ao tocar num tijolo que havia sido jateado e vedado, sem as décadas de poeira e tinta descascada. Tudo fora varrido e limpo, e varrido de novo. O saguão estava exatamente como Henry se lembrava dos tempos de infância, quando espiava pelas vidraças ornamentadas. O hotel tinha voltado a ser o mesmo, como se nada tivesse mudado. Talvez ele mesmo não tivesse mudado tanto assim.

Henry, Marty e Samantha pararam no escritório improvisado do hotel e acenaram para a sra. Pettison, que negociava com um construtor ou um empreiteiro ao telefone. Havia plantas espalhadas pela escrivaninha, e ela discutia detalhes da restauração. Dizia algo sobre não querer mudanças, mantendo o hotel do jeito que era. Edifícios como aquele costumavam ser demolidos ou transformados em prédios residenciais de alto padrão.

Pelas poucas conversas que tivera, Henry sabia que a sra. Pettison não queria nada disso. O que queria mesmo era alçar o Hotel Panamá a sua antiga glória, mantendo o quanto pudesse a arquitetura original. Os tradicionais *sentos*, ou casas de banhos feitas de mármore. Os quartos

simples. Mais ou menos o mesmo que fizera com a casa de chá.

Henry assinou o livro de visitas, sussurrando:

— Nós vamos estar no porão. Dessa vez eu trouxe reforços... — apontando para o filho e a futura nora.

A sra. Pettison aquiesceu e fez sinal para que entrassem, ainda ao telefone.

Descendo a velha escadaria, Marty voltou a se impacientar.

— Hã... Pra onde exatamente estamos indo, pai?

Henry seguiu em frente.

— Espere e verás, espere e verás.

Henry entrou pela pesada porta de dobradiças enferrujadas e os levou depósito adentro. Ligou o interruptor e deu vida àquela iluminação improvisada.

— Que lugar é este? — perguntou Samantha, passando os dedos pelas pilhas de malas e caixas.

— Acho que é um museu. Só que ele ainda não sabe disso. No momento, é uma espécie de cápsula do tempo que data de antes do seu nascimento — respondeu Henry. — Durante a guerra, a comunidade japonesa foi evacuada, *supostamente* para sua própria segurança. Foram avisados com poucos dias de antecedência, obrigados a migrar para campos de internamento. Um senador daquela época, de Idaho, acho, chamava esses lugares de “campos de concentração”. Não eram tão ruins assim, mas mudaram a vida de muita gente. Os japoneses tiveram de deixar tudo para trás, levando apenas duas malas e uma sacola de mão — explicou Henry, indicando com as mãos o tamanho aproximado. — Por isso, eles guardaram seus pertences valiosos em lugares como este hotel, porões de igrejas, ou com amigos. Quando voltaram, o que tinham deixado para trás já tinha sumido havia muito tempo: saqueadores levaram tudo. Mas a maioria nem chegou a voltar.

— E você viu tudo isso quando era garoto, não foi? — perguntou Marty.

— Eu vivi tudo isso — respondeu Henry. — Meu pai era *a favor* da evacuação. Ficou até animado com o “Dia E”, como muitos chamavam. Eu não entendia muito bem toda aquela situação, mas estava no meio de tudo. Vi tudo acontecer.

— Então foi por isso que nunca voltou ao bairro japonês? Muitas lembranças ruins? — perguntou o filho.

— É mais ou menos por aí — respondeu Henry. — De certa forma, não

havia mais por que voltar. Não havia mais nada.

— Não entendo. Por que todas essas coisas ainda estão aqui? — quis saber Samantha.

— Este hotel foi interditado, como o restante do bairro japonês. O dono também foi levado. As pessoas perderam tudo. Imagino que o hotel teve diferentes donos ao longo do tempo, mas continuou fechado por todos esses anos... aliás, décadas. A sra. Pettison comprou o imóvel e encontrou todos esses objetos aqui, não reivindicados. Está tentando encontrar os donos. Meu palpite é que há objetos aqui pertencentes a umas trinta ou quarenta famílias. A sra. Pettison está aguardando contato, espera que alguém venha levar essas coisas, mas poucos apareceram.

— Será que não resta ninguém vivo?

— Quarenta anos é muito tempo — explicou Henry. — As pessoas seguiram suas vidas. Ou faleceram, receio.

Ficaram observando as pilhas de malas em silêncio. Samantha tocou o baú de couro.

— Pai, isso é fascinante, mas por que está mostrando essas coisas pra gente? — Marty ainda parecia um pouco confuso, passando os olhos pelas fileiras de caixas empilhadas até o teto. — Foi por isso mesmo que nos trouxe aqui?

Para Henry, era como se houvesse encontrado um cômodo desconhecido na casa onde fora criado, revelando parte de seu passado que Marty nunca soube existir.

— Bom, pedi que viessem aqui porque talvez vocês possam me ajudar a encontrar algo.

Henry olhou para Marty, as luzes fracas do teto refletidas nos olhos do filho.

— Deixe-me adivinhar. Um disco esquecido do Oscar Holden? Um que parece nem existir mais. O senhor realmente acha que vai encontrá-lo aqui? No meio de todas essas coisas de... sei lá, quarenta e cinco anos atrás?

— Talvez.

— Eu não sabia que Oscar Holden tinha gravado um álbum — comentou Samantha.

— Esse sempre foi o Santo Graal do meu pai. Dizem que foram lançadas poucas cópias nos anos 1940, mas nenhuma sobreviveu até os dias de hoje — explicou Marty. — Há quem duvide que o álbum sequer tenha existido, pois Oscar estava tão velho quando morreu que nem se lembrava mais disso.

Só alguns companheiros da banda, além do meu pai, é claro...

— Eu comprei esse disco. Eu *sei* que existiu — interrompeu Henry. — Mas o disco não tocava na antiga vitrola dos meus pais.

— E onde está esse que o senhor comprou? — questionou Samantha, retirando a tampa de uma chapeleira, torcendo o nariz para o cheiro de bolor.

— Ah, acabei dando a alguém, há muito tempo. Nem cheguei a ouvir.

— Que tristeza — disse Samantha.

Henry apenas deu de ombros.

— Então você acha que pode haver um deles por aqui? No meio de todas essas caixas? Que um deles pode ter sobrevivido por todos esses anos?

— É isso que eu vim averiguar — respondeu Henry.

— E se tiver um por aqui, a quem pertencia? — indagou Marty, pensativo. — Alguém que o senhor conhecia, pai? Alguém que seu velho não queria que andasse com o senhor, do lado errado da cidade?

— Quem sabe — sugeriu. — Se você encontrar o disco, eu te conto.

Marty olhou para o pai, depois para as montanhas de caixas, caixotes, baús e malas. Samantha apertou a mão de Marty por um segundo, sorrindo.

— Então é melhor a gente pôr a mão na massa — falou.

DISCOS

(1942)

KEIKO CAIU NA GARGALHADA quando Henry contou sobre a fuga maluca da noite anterior pela South King. Riu com quase a mesma intensidade quando Denny Brown entrou na fila do almoço. Denny tinha uma expressão de derrota, a mesma de um vira-lata bravo que acaba de ser espancado. Esfolados por causa da queda na calçada, o nariz e as bochechas estavam cobertos de cascas de ferida.

Denny desapareceu entre o bando de crianças famintas. Todos se afastaram fazendo as caretas de sempre, enquanto Henry e Keiko serviam uma gororoba cinzenta que a sra. Beatty sobriamente chamava de “Frango à la king”. O molho borbulhante tinha um matiz que pendia para o verde com um brilho quase metálico, como olho de peixe.

Todos os dias eles raspavam as bandejas, jogando as sobras no lixo. A sra. Beatty era contra reaproveitar comida. Normalmente, Henry e Keiko deixavam as sobras em baldes separados, para serem usadas como lavagem pelos criadores de porcos da região todas as noites. Dessa vez, no entanto, os restos estavam indo para as latas de lixo convencionais. Até mesmo porcos têm certos padrões.

Na segunda-feira, o almoço voltou à velha rotina. Henry e Keiko se sentaram sobre um par de caixas de leite na despensa, dividindo uma lata de pêssegos enquanto conversavam sobre os acontecimentos no Black Elks Club, sobre a noite em que os professores de Keiko foram presos e como o toque de recolher atrapalhava a vida de todo mundo. Os jornais não falaram muito sobre o caso. O que disseram sobre as prisões foi totalmente ofuscado pela grande manchete da semana: a miraculosa fuga do general MacArthur das Filipinas. Sua declaração: “Eu saí de Bataan, mas voltarei”. Escondida abaixo dessa notícia havia uma pequena coluna sobre a prisão de *agentes inimigos* suspeitos. Talvez fosse esse o assunto sobre o qual o pai de Henry andava falando. De repente, o conflito que parecia tão distante ficou mais próximo do que nunca.

Principalmente com valentões como Chaz, Carl Parks e Denny Brown ainda lá fora brincando de guerra no pátio da escola. Embora ninguém quisesse desempenhar o papel de soldados japoneses e alemães, eles obrigavam algum garotinho a ser o inimigo e o caçavam, sem dó. Se alguma vez ficaram entediados com esse jogo, Henry nunca ficou sabendo. Mas ali, naquela despensa empoeirada, havia abrigo e companheirismo.

Keiko sorriu para Henry.

— Eu tenho uma surpresa para você.

Ele olhou curioso para a amiga, oferecendo o último pêssego, que ela espetou com o garfo e comeu em duas grandes bocadas. Os dois dividiram a calda que havia sobrado.

— É, mas só vou contar depois das aulas.

Não era aniversário de Henry e já tinham se passado meses desde o Natal; mas uma surpresa é sempre uma surpresa.

— É por eu estar guardando as suas fotografias? Se for por isso, não precisa, tenho o maior prazer em...

Keiko o interrompeu.

— Não! É por ter me levado ao Black Elks Club.

— E por quase termos ido pra cadeia — murmurou Henry, meio encabulado.

Percebeu que ela torcia os lábios enquanto analisava seu comentário; mas logo abriu um grande sorriso que o tranquilizou.

— Valeu a pena!

Ficaram em silêncio por um momento, até serem interrompidos por uma batida na porta entreaberta. Uma prova científica de que o tempo às vezes passa muito depressa.

— Vamos, vamos! — Era a expressão que a sra. Beatty usava para indicar que era hora de voltar para a aula. Depois do almoço ela passava pela cozinha como um trovão, palitando os dentes; às vezes com um exemplar da revista *Life* nas mãos, enrolado como se fosse um porrete ou um taco de beisebol. Ela o usava para matar moscas, que depois de mortas ficavam por ali mesmo, com as tripas sujando os balcões metálicos da cozinha.

Henry segurou a porta aberta para Keiko, que soltou os cabelos e voltou para a sala de aula. Ele a seguiu, olhando para trás enquanto a sra. Beatty se sentava com a revista. Era o número da última semana. A capa dizia “Trajes de banho da moda”.

Depois da aula, os dois espanaram os apagadores, limpavam as carteiras e lavaram os banheiros. Henry continuava perguntando sobre a surpresa, mas Keiko continuou enrolando.

— Mais tarde... Eu mostro no caminho para casa.

Em vez de caminhar para o sul, em direção a Nihonmachi, Keiko o levou para o norte, para o coração do centro de Seattle. Toda vez que Henry perguntava para onde estavam indo, ela apontava para a Rhodes, uma enorme loja de departamentos na Segunda Avenida. Henry estivera lá algumas vezes com os pais, somente em ocasiões especiais, quando precisavam de uma coisa importante ou procuravam algo que não existia em Chinatown.

A Rhodes era uma das lojas preferidas da região. Estar no enorme edifício de seis andares era como percorrer um catálogo da Sears, mas com o charme e a pompa do mundo real. Principalmente na hora do almoço e do jantar, quando um órgão gigantesco tocava concertos especiais para os consumidores famintos — pelo menos era assim até meses atrás, quando o órgão foi desmontado e levado para a Civic Ice Arena, na Mercer.

Henry e Keiko foram para a seção de áudio, num canto no segundo andar onde ficavam os rádios de gabinetes de madeira e os fonógrafos. Havia um corredor com longas estantes em cerejeira com discos de vinil — que Henry considerou mais leves, porém mais frágeis, que os discos de baquelite. Os discos de baquelite eram bem limitados — outro item canalizado para os esforços de guerra —, e o vinil começou a ser usado na divulgação dos sucessos musicais do momento, como “String of Pearls”, de Glenn Miller, e “Stardust”, de Artie Shaw. Henry adorava música, mas seus pais tinham apenas uma velha Victrola. Duvido que consiga tocar um desses discos modernos, pensou.

Keiko parou na frente de uma das prateleiras de discos.

— Feche os olhos — falou, pegando as mãos de Henry e fazendo com que tapasse os olhos.

Henry olhou ao redor, mas depois obedeceu. Sentia-se meio envergonhado, mas acabou tapando os olhos, parado no meio do corredor de discos. Ouviu Keiko remexer na prateleira e não conseguiu resistir a dar uma espiada por entre os dedos, vendo-a de costas, voltando a apertar os olhos assim que ela se virou com algo nas mãos.

— Pode abrir!

Diante de seus olhos estava um cintilante disco de vinil com uma

sobrecapa de papel branco. O selo simples colado no centro dizia: “Oscar Holden & The Midnight Blue, The Alley Cat Strut”.

Henry ficou sem palavras. Abriu a boca, mas não emitiu nenhum som.

— Dá pra acreditar? — falou Keiko cheia de orgulho — É a nossa música, a que ele tocou para nós!

Henry não conseguia acreditar no que tinha em mãos. Nunca havia conhecido um verdadeiro músico, desses que gravam discos. A única pessoa famosa que tinha visto pessoalmente era Leonard Coatsworth, o último homem sobre a ponte de Tacoma Narrows, antes de ela estremecer, partir em dois e se espatifar na água. Coatsworth apareceu nos cinejornais, caminhando pelo meio da ponte que se dobrava. Quando Henry o viu desfilar na Parada de Seafair, concluiu que não passava de um idiota de aparência comum. Não era um artista de verdade, como Oscar Holden.

É claro que Oscar era famoso na South Jackson, mas sua fama era *real*. Uma fama que se podia comprar e segurar entre as mãos. Quando inclinou aquele disco perfeito para observar seus sulcos, tentou relembrar a música, o som do swing da seção de metais, Sheldon ao saxofone.

— Não consigo acreditar! — disse Henry, admirado.

— Acabou de sair. Eu guardei um dinheiro para comprar... pra você.

— Para nós — corrigiu Henry. — Eu nem vou conseguir ouvir, nós não temos um toca-discos.

— Então venha até minha casa. Meus pais estão mesmo querendo te conhecer.

Ficou lisonjeado e surpreso ao saber que os pais de Keiko queriam conhecê-lo, quase como um boxeador amador diante de uma oportunidade de lutar pelo cinturão. Mas o entusiasmo veio acompanhado por dúvida e ansiedade, e também pelo medo. Seus pais provavelmente não teriam nada em comum com Keiko. Será que os pais dela eram diferentes? O que poderiam estar pensando sobre ele?

Henry e Keiko levaram o disco até o balcão do caixa. Uma mulher de meia-idade, de longos cabelos loiros presos pelo chapéu do uniforme, estava ocupada contando moedas na caixa registradora, separando-as numa bandeja maior.

Keiko se aproximou e depositou o disco sobre o balcão. Depois abriu uma bolsinha e tirou dois dólares, o preço de um disco novo.

A funcionária loira continuou contando moedas.

Pacientes, Henry e Keiko esperaram até ela terminar de contar o que

tinha no caixa. Fazia anotações detalhadas dos valores numa folha de papel.

Enquanto esperavam, outra mulher parou atrás deles, segurando um pequeno relógio de parede. Henry ficou confuso ao ver a funcionária pegar o relógio por cima dos dois. Recebeu o dinheiro, deu o troco e colocou o relógio numa grande sacola de compras da Rhodes.

— Este caixa está aberto? — perguntou Keiko.

A funcionária só olhou ao redor, procurando outro cliente.

— Com licença, senhora, eu gostaria de comprar este disco, por favor.

A irritação de Henry começou a ficar maior que a demonstrada pela funcionária — toda empertigada e com o queixo proeminente. A mulher se debruçou no balcão e murmurou:

— Então por que não volta para o seu bairro e compra isso por lá?

Henry já fora vítima de preconceito, mas nunca havia visto algo assim. Tinha ouvido falar que coisas assim aconteciam no Sul, em lugares como Arkansas ou Alabama, mas não em Seattle, não no Noroeste, na Costa do Pacífico.

A funcionária continuou parada, apoiando o punho no quadril.

— Nós não atendemos tipos como vocês... A propósito, meu marido está lutando na guerra...

— Eu vou comprar o disco — disse Henry, colocando o crachá “Eu sou chinês” no balcão ao lado dos dois dólares de Keiko. — Quer dizer, vou comprar o disco, por favor.

Keiko parecia a um passo de chorar ou explodir. Seus punhos se apoiavam sobre o balcão, tensos por causa da frustração.

Henry olhou fixamente para a funcionária, que pareceu confusa por um momento, depois irritada. Mas acabou cedendo, pegando os dois dólares e afastando o crachá para o lado. Entregou o disco a Henry sem nenhuma sacola ou recibo. O jovem insistiu que ela os fornecesse, temendo que chamasse os seguranças da loja e alegasse que eles tinham roubado o disco. Ela rabiscou o preço em um recibo amarelo, carimbou “pago” e empurrou na direção dele. Henry pegou o recibo e agradeceu friamente.

Enfiou o crachá no bolso junto com o pedaço de papel.

— Vamos embora! — falou para Keiko.

No longo caminho de volta para casa, Keiko ficou o tempo todo olhando para a frente, distante. A alegria da surpresa tinha estourado como um balão de gás vistoso e alegre que não deixa nada para trás a não ser um barbante caído. Henry segurava o disco e tentava fazer o que podia para acalmá-la.

— Obrigado, foi uma surpresa maravilhosa. O melhor presente que já recebi.

— Não estou me sentindo muito grata, nem generosa. Estou com muita raiva — disse Keiko. — Eu nasci aqui. Nem sei falar japonês. Mesmo assim, em qualquer lugar que eu vá... todas as pessoas me odeiam!

Henry conseguiu abrir um sorriso, balançou o vinil na sua frente e entregou o disco a Keiko, tentando fazê-la esquecer. Keiko agradeceu.

— Obrigada.

Ficou olhando para o disco enquanto caminhavam.

— Acho que estou acostumada com as provocações na escola. Afinal, meu pai diz que não passam de crianças estúpidas que implicam com meninos fracos e garotas pequenas, não importa de que parte da cidade eles sejam. Ser japonês ou chinês só facilita as coisas para eles. Somos presas fáceis. Mas assim tão longe de casa, numa parte adulta da cidade...

— A gente espera que adultos se comportem diferente — interrompeu Henry, sabendo por experiência própria que às vezes eles conseguiam ser piores, muito piores.

Pelo menos estamos com o disco, pensou Henry. Uma lembrança de um local onde as pessoas não se importavam com aparências, lugar de nascimento ou origem de família. Quando a música começava a tocar, parecia não fazer a menor diferença se o seu sobrenome era Abernathy ou Anjou, Kung ou Kobayashi. Afinal, eles tinham a música para provar isso.

Enquanto voltavam para casa, Henry e Keiko discutiram sobre quem ficaria com o disco.

— É meu presente para você. É você quem tem que ficar com ele, mesmo que não consiga ouvir. Algum dia você vai poder — insistiu ela.

A opinião de Henry era de que Keiko deveria ficar com o presente, pois tinha um equipamento capaz de reproduzir os novos discos de vinil.

— Além disso — ele argumentou —, minha mãe sempre está por perto, e não sei se ela vai aprovar, porque meu pai não gosta de música moderna.

Por fim, Keiko acabou cedendo. Primeiro, porque seus pais gostavam de jazz, e, segundo, porque percebeu que chegariam muito tarde se não se apressassem a voltar para casa.

Caminharam o mais rápido que podiam ao longo do belíssimo cenário à beira-mar, esmigalhando com os pés os muitos fragmentos de conchas

espalhados pela calçada. As aves marinhas lançavam conchas inteiras no pavimento a fim de quebrá-las e se deliciar com o conteúdo úmido e carnudo. Para Henry, pisar nos moluscos espalhados era nojento. Caminhava com tanto cuidado naquela calçada bagunçada que praticamente não prestava atenção em mais nada. Quase não notou uma fila de soldados próximo ao terminal das balsas.

Os dois foram obrigados a parar no lado norte do terminal, junto de dezenas de carros e um punhado de pessoas que passeavam pelo calçamento. A maioria parecia mais curiosa que irritada. Alguns pareciam felizes. Henry não conseguia compreender o motivo do tumulto.

— Acho que deve ser alguma parada. Tomara... — disse Henry. — *Eu adoro desfiles*. A parada de Seafair foi ainda melhor que a do Ano-Novo Chinês, na Main Street.

— Que dia é hoje? — perguntou Keiko, entregando o disco para ele a fim de tirar o caderno de esboços da mochila.

Ela se sentou no meio-fio e começou a rabiscar a cena a lápis. Havia uma fila de soldados uniformizados, com fuzis equipados com baionetas sobre os ombros. Tudo parecia organizado, cívico e educado. Eficiente mesmo, pensou Henry. A balsa *Keholoken* estava ancorada ao fundo, balançando quase que imperceptivelmente ao fluxo e refluxo das águas verde-escuras do gelado estreito de Puget.

Henry pensou um pouco.

— É dia 30 de março. Não é feriado, não que eu saiba.

— E por que eles estão aqui? Essa é a balsa da ilha de Bainbridge, não é? — perguntou Keiko, batendo o lápis na bochecha.

Henry concordou. Ao olhar para o desenho da amiga, ficou extremamente impressionado. Ela é boa, mais do que boa... Um verdadeiro talento.

Aí eles ouviram um apito.

— Deve estar começando — disse Henry. Ao olhar ao redor, percebeu que havia mais pessoas perfiladas nas ruas, imóveis, como que esperando mudar a luz vermelha de um semáforo quebrado.

Soou mais um apito, e uma longa fila de pessoas começou a sair da balsa. Henry podia ouvir o *plingue-planque* ritmado dos sapatos de couro batendo na rampa de metal. Em uma fila organizada, atravessaram a rua e seguiram no sentido sul. Para onde?, Henry não conseguia entender. Pela direção, seguiam para Chinatown, talvez Nihonmachi.

A fila parecia não ter fim. Mães com filhos pequenos no colo, idosos com passos vacilantes acompanhando o fluxo. Adolescentes saíam correndo, mas logo começavam a caminhar quando se deparavam com os soldados espalhados por toda parte. Todos carregando malas, usando chapéus e capas de chuva. Foi aí que Henry percebeu aquilo que Keiko já sabia. Pelas eventuais conversas que ouviu, notou que todos eram japoneses. Devem ter declarado a ilha de Bainbridge como zona militar, pensou. Estão evacuando todo mundo. Centenas de pessoas. Cada grupo escoltado por um soldado que contava cabeças como uma galinha conta seus pintinhos.

Olhando ao redor, Henry observou que a turma que assistia à cena estava quase toda tão surpresa quanto ele. Quase todos... Havia os que pareciam irritados, como se estivessem atrasados e precisassem esperar a passagem de um trem que não tinha fim. Outros pareciam satisfeitos. Alguns batiam palmas. Henry olhou para Keiko e seu desenho inacabado: a mão segurando o lápis, a ponta quebrada, o braço como de uma estátua.

— Levanta, vamos embora. Precisamos ir pra casa já — disse Henry, tirando o caderno e o lápis das mãos de Keiko para ajudá-la a se levantar. Pôs o braço ao redor dos ombros dela e a afastou dali, tentando fazer o melhor possível para levá-la gentilmente para casa. — É melhor não ficarmos aqui!

Atravessaram a rua, passando em frente dos carros parados que aguardavam o fim do desfile dos cidadãos japoneses. Não podemos ficar. *Precisamos voltar para casa.* Henry percebeu que eram os únicos asiáticos na rua que não tinham malas nas mãos, e não queria acabar preso nas idas e vindas dos soldados.

— Para onde eles estão indo? — perguntou Keiko em voz baixa. — Para onde estão sendo levados?

Henry balançou a cabeça.

— Não sei. — Mas ele sabia. Estavam se dirigindo para a estação ferroviária. Os soldados os conduziam. Não sabia qual seria o destino, mas estavam prestes a ser despachados como pacotes. Talvez porque Bainbridge ficava muito perto do estaleiro naval de Bremerton, ou talvez porque fosse muito mais fácil prender quem morava numa ilha do que numa cidade como Seattle, onde a confusão e a quantidade de gente impediriam que algo parecido acontecesse. Isso não pode acontecer aqui, pensou Henry. Eles são muitos. *Nós somos muitos.*

Henry e Keiko abriram caminho por entre a multidão até a Sétima Avenida, a zona neutra entre Nihonmachi e Chinatown. A notícia já havia se espalhado antes da chegada deles. Pessoas de todas as cores inundavam as ruas. A multidão conversava, olhando na direção da estação ferroviária. Não havia nenhum sinal de soldados nessa parte da cidade. Não haveria problemas.

Henry encontrou Sheldon no meio de um grupo de espectadores, o estojo do sax a tiracolo.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Henry, puxando-o pela manga.

Sheldon olhou para baixo, surpreso por um momento, antes de abrir seu sorriso-com-o-dente-de-ouro para o amigo.

— Meu dia só está começando. Eles fecharam o clube do Oscar temporariamente depois da batida, e até a reabertura, espero que logo, a rua voltou a ser o meu ganha-pão. E isso não está ajudando em nada o meu negócio.

Henry segurava a sacola da Rhodes com o disco. Sheldon sorriu e deu uma piscadela.

— Também comprei um.

O músico apoiou o braço no ombro do garoto enquanto observava a situação. Nenhum dos dois estava disposto a falar sobre música.

— Evacuaram a ilha toda... Disseram que era pra segurança deles. Dá para acreditar num absurdo desses? — comentou Sheldon.

Keiko afastou os cabelos dos olhos enquanto segurava o braço de Henry.

— Para onde estão sendo levados? — perguntou.

Henry temia por Keiko, não queria saber a resposta. Abaixou a cabeça até sua testa encostar na dela e a envolveu com seu casaco.

— Não sei, mocinha — disse Sheldon —, não sei. Para a Califórnia, acho. Ouvi dizer que construíram uma espécie de campo de prisioneiros de guerra por lá, perto de Nevada. Eles aprovaram uma lei que autoriza a prisão de todos os japoneses, alemães e italianos, mas você está vendo algum alemão no meio desse povo? Você vê essa turma indo atrás de Joe DiMaggio?

Henry olhou ao redor. Os poucos japoneses que assistiam a tudo no meio da multidão começaram a ir para suas casas, alguns até correndo.

— É melhor você ir, seus pais devem estar muito preocupados com você — disse Henry, entregando o disco a ela.

Sheldon concordou e acrescentou, olhando para Henry:

— É melhor você ir também, meu jovem. Sua família também deve estar preocupada com você, com ou sem crachá.

Keiko deu um abraço demorado em Henry. Ele podia ver o medo estampado em seus olhos. Ela não temia apenas por si mesma, mas por toda a família. Henry sentia o mesmo. Despediram-se sem dizer uma palavra antes de tomarem rumos diferentes, correndo para suas casas.

OS PAIS

(1942)

UMA SEMANA DEPOIS DA EVACUAÇÃO, a ilha de Bainbridge não era mais novidade. Depois de um mês, já estava quase esquecida — pelo menos aparentemente. Todos se empenhavam ao máximo para voltar à rotina. Isso incluía Henry, que sentia uma mistura de calma e inquietação enquanto fazia planos com Keiko para o almoço de sábado. Ficou surpreso quando ela ligou para sua casa. Quem atendeu foi o pai. Assim que viu que ela falava em inglês, passou o aparelho ao filho. Não perguntou quem era, só se era uma garota, embora soubesse bem a resposta.

Acho que ele só quer ouvir isso da minha boca, pensou Henry.

— Sim, é uma menina — respondeu laconicamente. As palavras ditas em inglês não fizeram sentido para o pai, mas Henry assentiu com a cabeça e explicou. — É uma amiga minha.

O pai pareceu desnorteadado, ainda que aparentemente conformado com o fato de o filho estar entrando na adolescência. Lembrou-se de que na China, *a velha pátria*, havia casamentos bem precoces, aos treze ou catorze anos. Algumas vezes arranjados desde o nascimento, mas somente entre os muito pobres ou muito ricos.

É provável que o pai ficasse mais preocupado se soubesse o objetivo da ligação: conhecer a família de Keiko. Não, pensou Henry, *preocupado* era uma palavra muito fraca. Ficaria roxo de raiva.

Henry, por outro lado, estava menos preocupado, até perceber que o almoço poderia ser considerado um encontro — uma ideia que fazia seu estômago se contrair e as mãos suarem. Repetia para si mesmo que não era nada demais, apenas um almoço com os Okabe.

Na escola, as coisas pareciam estranhamente normais, tão controladas e pacíficas que ele e Keiko nem sabiam o que pensar. Era como se as outras crianças, e até os professores, não soubessem do êxodo dos japoneses da ilha de Bainbridge. O dia começou e terminou em relativa tranquilidade, quase como se nada tivesse acontecido. Perdido em meio às notícias da guerra —

que as tropas americanas e filipinas estavam perdendo em Bataan e que um submarino japonês havia bombardeado uma refinaria de petróleo em algum lugar da Califórnia.

O pai de Henry se mostrava cada vez mais exigente quanto ao uso do crachá.

— Do lado de fora! Ponha do lado de fora, onde todos possam ver! — exigiu em cantonês enquanto o menino se dirigia à porta.

Henry abriu o zíper do casaco para que o crachá ficasse totalmente visível, deixando cair os ombros enquanto aguardava a severa aprovação do pai. Nunca o tinha visto tão sério. Seus pais haviam dado um passo além e agora também usavam um crachá idêntico. Uma espécie de esforço coletivo, concluiu. Entendia a preocupação que tinham com sua segurança, mas era impossível que fossem confundidos com japoneses, já que nunca saíam de Chinatown. E mesmo que saíssem, haveria gente demais para ser presa em Seattle. Milhares.

O plano de Henry e Keiko era se encontrar em frente ao Hotel Panamá. O prédio fora construído havia trinta anos por Sabro Ozasa — um arquiteto que seu pai mencionara uma ou duas vezes. Japonês, mas de certo renome, pelo menos segundo o pai de Henry, que quase nunca reconhecia algum mérito da comunidade nipônica. Era a exceção que confirmava a regra.

O hotel era o edifício mais impressionante de Nihonmachi, ou de todo o bairro, aliás. Assomando como uma sentinela entre duas comunidades distintas, oferecia abrigo confortável a imigrantes recém-chegados, que ficavam hospedados ali por uma semana, um mês, ou até arrumarem trabalho, para juntar um pouco de dinheiro e se tornarem americanos. Henry ficou imaginando a quantidade de estrangeiros que tinham repousado suas cabeças cansadas no Hotel Panamá, sonhando com a vida nova que começara no momento em que desembarcaram dos navios a vapor vindos de Cantão ou Okinawa, contando os dias até conseguirem trazer suas famílias. Dias que normalmente se transformavam em anos.

Ao hotel agora restavam apenas sombras das glórias do passado. Imigrantes, pescadores e trabalhadores da indústria de conservas, que não conseguiram permissão para trazer suas famílias de seus países de origem, acabaram por transformá-lo numa espécie de pensão.

Henry sempre quis descer ao subsolo para conhecer as duas casas de

banho, ou *sen*to, como Keiko as chamava, consideradas as maiores e mais luxuosas de toda a Costa Oeste. Mas tinha muito medo.

Quase tanto medo quanto de contar aos pais que se encontrava com Keiko. Certa vez, deu a entender à mãe — evidentemente em inglês — que tinha uma amiga japonesa, mas logo desistiu do assunto quando ela o fuzilou com os olhos, deixando bem clara sua reprovação. A maioria dos pais chineses era indiferente aos japoneses ou filipinos que chegavam todos os dias fugindo da guerra ou buscando fazer fortuna na América. Alguns tinham ressentimentos, mas os guardavam para si mesmos. Seus pais eram diferentes — vistoriavam sua camisa toda vez que saía, para verificar o crachá “Eu sou chinês”. O orgulho nacionalista do pai, sua bandeira de proteção, não parava de estufar.

Quando Henry acompanhava Keiko até a casa dela, o máximo a que se atrevia era um aceno polido ou um ocasional “Olá” aos pais da garota. Sabia que sua família acabaria descobrindo de alguma forma, por isso mantinha as visitas ao mínimo. Keiko, por outro lado, contava tudo aos pais. Falava sobre o amigo Henry, sobre seu interesse por música e como estava ansiosa pelo almoço daquele dia.

— Henry! — Lá estava ela, sentada na escadaria da frente, acenando. O início da primavera dava os primeiros sinais de renascimento, com as cerejeiras começando a florescer. As ruas, ladeadas de flores brancas e cor-de-rosa, finalmente tinham um aroma que não se parecia com algas marinhas, peixe salgado e maré baixa.

— Eu também posso ser chinesa — brincou, apontando para o crachá de Henry. — *Hou noi mou gin*. Significa “Como você está hoje, bonitinho?” em cantonês.

— Onde você aprendeu isso?

Keiko sorriu.

— Procurei na biblioteca.

— *Oai deki te ureshii desu* — respondeu Henry.

Houve um momento de acanhamento, com os dois sorrindo um para o outro sem saber o que dizer ou que idioma usar. Keiko quebrou o silêncio.

— Minha família está fazendo compras no mercado, a gente vai se encontrar com eles para o almoço.

Correram até o mercado japonês para encontrar os Okabe. Henry deixou que ela ganhasse, um gesto de cortesia que o pai esperaria dele. De qualquer forma, ele nem sabia para onde estavam indo. Seguiu Keiko até a entrada de

uma casa de massas japonesa, recentemente rebatizada de American Garden.

— Henry, que bom ver você de novo! — O sr. Okabe usava calça cinza de flanela e um chapéu que o deixava parecido com Cary Grant. Assim como Keiko, falava um inglês muito bonito.

O gerente os conduziu a uma mesa redonda próximo à janela. Keiko se sentou à frente do amigo, enquanto a mãe procurava uma cadeirinha para o filho menor. Henry calculou que o garotinho tivesse uns três ou quatro anos. Ficou brincando com seu hashi preto laqueado, enquanto a mãe o repreendia delicadamente, dizendo que isso trazia má sorte.

— Obrigado por trazer Keiko para casa todos os dias, Henry. Apreciamos a companhia de um amigo tão consciencioso.

Henry não sabia ao certo o significado de *consciencioso*, mas como aquilo foi dito enquanto o sr. Okabe lhe servia uma xícara de chá verde, considerou um elogio. Segurou a xícara com as duas mãos, um sinal de respeito que aprendera com a mãe, e se ofereceu para encher a xícara do sr. Okabe, mas o pai de Keiko já tinha se servido, usando o tampo giratório da mesa para servir a todos.

— Obrigado pelo convite. — Henry queria ter prestado mais atenção nas aulas de inglês. Até os doze anos, fora proibido de falar inglês em casa. O pai queria que crescesse chinês, assim como ele. Agora tudo estava de cabeça para baixo. Mas a cadência com que falava era mais parecida com a de pescadores recém-chegados da China do que com o inglês fluente falado por Keiko e sua família.

— Interessante esse crachá, Henry — observou a mãe de Keiko com um tom doce, maternal. — Onde você o conseguiu?

Henry escondeu o crachá com a mão. Ia tirá-lo no meio do caminho, mas esqueceu na corrida até o restaurante.

— Meu pai me deu; disse que tenho que usar o tempo todo... é muito constrangedor.

— Não, seu pai está certo. É um homem muito sábio — disse o sr. Okabe.

Se o conhecesse, não pensaria assim.

— Você não deveria ter vergonha de quem é, ainda mais agora.

Henry olhou para Keiko, imaginando o que ela estava achando daquela conversa. Ela sorriu e o chutou por debaixo da mesa, obviamente se sentindo muito mais à vontade ali do que no refeitório da escola.

— É fácil ser o que somos aqui, mas é muito difícil na escola — disse Henry. — Na Rainier, quero dizer. — O que estou dizendo?, pensou. É difícil ser quem eu sou *até mesmo em casa*, com minha própria família.

O sr. Okabe tomou um gole de chá, sinalizando a Henry que fizesse o mesmo. Era mais suave e transparente, com um sabor mais sutil que os chás *oolong* pretos de que seu pai gostava.

— Eu sabia que frequentar uma escola só de ocidentais implicaria certos desafios para Keiko — disse o sr. Okabe. — Mas dissemos a Keiko que sempre fosse ela mesma, não importa a situação. Alertei que talvez nunca gostassem dela, que alguns até a odiariam, mas que, apesar de tudo, eles a respeitariam... como uma americana.

Henry gostou do rumo da conversa, mas se sentiu um pouco culpado, pensando sobre a própria família. Por que nunca tinham explicado isso dessa maneira? Ele só recebeu um crachá e foi obrigado a *falar em americano*.

— Hoje à noite tem um concerto de jazz ao ar livre na Jackson Street. Oscar Holden vai tocar — disse a mãe de Keiko. — Por que não convida sua família para vir conosco?

Henry olhou para Keiko, que sorriu e ergueu as sobrancelhas. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Só tinha visto Oscar Holden naquela vez, com Keiko. Já o tinha ouvido tocar antes, mas só pela porta dos fundos do Black Elks Club, onde o lendário pianista costumava ensaiar. A oferta era tentadora, especialmente agora que Henry mal via Sheldon, atual substituto do saxofonista titular de Oscar. “Uma oportunidade única”, como Sheldon dizia. Realmente.

Mas, ao contrário dos pais de Keiko, a família de Henry não gostava de música *de cor*. Na verdade, eles nem ouviam mais música. Clássica ou moderna. Branca ou negra. A única coisa que ouviam no rádio naqueles dias eram as notícias.

O convite dos Okabe era gentil, mas ele teria de declinar. Anteviu a cena como uma matinê de terror barata no Cine Atlas, cheia de legendas em chinês. Uma tragédia sombria que começaria assim que explicasse que não somente tinha uma amiga japonesa, mas que a família dela queria levar os pais dele a um concerto de jazz.

Antes de poder inventar uma desculpa educada para a sra. Okabe, a garrafinha de molho shoyu começou a saltitar sobre a mesa. Henry a agarrou e sentiu o chão tremer.

Olhando pela janela que vibrava, viu um grande caminhão do Exército

cuspingo fumaça de óleo diesel e avançando em direção à praça. O rangido de sua estrutura metálica encobria o ronco do motor potente. Na rua, as pessoas começaram a se dispersar em todas as direções, antes mesmo de ouvir o estrondo causado pelos freios a gás. Somente os muito velhos ou muito jovens ficaram para observar os soldados, estoicamente acomodados na carroceria do veículo.

Outros caminhões começaram a chegar, um após o outro, desembarcando soldados americanos e policiais militares portando fuzis. Começaram a percorrer a vizinhança pregando pequenos cartazes nas portas, em fachadas de lojas e postes telefônicos. Comerciantes e clientes saíram aos montes para ver o tumulto. Henry e os Okabe ficaram na calçada vendo os soldados passarem, distribuindo cópias do panfleto “Proclamação Pública 1”, escrito parte em inglês, parte em japonês.

Henry olhou para o papel na mão de Keiko. A fonte em negrito era berrante: INSTRUÇÕES PARA TODAS AS PESSOAS COM ASCENDÊNCIA JAPONESA. Tratava-se da evacuação obrigatória das famílias japonesas, para sua própria segurança. Elas tinham poucos dias e deveriam levar apenas o que pudessem carregar. Embaixo, estava assinado pelo presidente dos Estados Unidos e pelo ministro da Guerra. O resto do panfleto era um mistério para Henry, mas não para os Okabe. A mãe começou a chorar de imediato. O pai pareceu furioso, mas manteve a calma. Keiko tocou o coração com a ponta dos dedos e apontou para Henry. Ele fez o mesmo e sentiu o crachá usado por sua família: “Eu sou chinês”.

ANTES ELES DO QUE NÓS

(1942)

HENRY IRROMPEU PELA PORTA do pequeno apartamento onde morava com os pais. Sentado numa poltrona, o pai lia calmamente o *Hsi Hua Pao*, o jornal chinês de Seattle. A mãe cortava legumes na cozinha, ou pelo menos era o que sugeria o som rítmico da faca batendo na tábua.

Ofegante, Henry entregou ao pai uma cópia da proclamação. Levou a mão ao lado do corpo, que doía depois de correr por dez quarteirões. O pai olhou para o panfleto. Pelo olhar, Henry imaginou que esperava uma explicação, em *americano*, sobre a razão de o filho estar tão alterado. Não, isso não! Agora não! *Fale alguma coisa...* Era tudo que Henry conseguia pensar. Acabou falando isso em chinês.

O pai meneou a cabeça em reprovação, interrompendo o filho, que tentava se explicar.

— Não! Você não pode me ignorar. Não mais! — disse Henry em inglês, antes de voltar para o chinês. — Estão levando todo mundo. Todos os japoneses. O Exército está levando todo mundo embora!

O pai devolveu a proclamação.

— Antes eles do que nós!

A mãe surgiu na porta da cozinha, buscando uma explicação em chinês.

— Henry, por que isso é tão importante? Nós estamos em guerra. E vivemos na nossa comunidade. Cuidamos uns dos outros. Você sabe disso muito bem.

Henry não sabia o que dizer — ou que idioma usar. Olhou para os pais e as palavras escaparam.

— É importante para mim — disse em chinês, logo voltando ao inglês. — É importante porque *ela* é japonesa!

Saiu correndo para o quarto, batendo a porta. A imagem das expressões surpresas dos pais permanecia em sua mente perturbada. Mesmo com a porta fechada, ouviu os dois discutindo.

Abriu a janela e saiu pela escada de incêndio. Desanimado, largou o

corpo sobre a grade de metal. Consequia ouvir ao longe o ronco dos caminhões do Exército. Para além do beco, nas ruas de Chinatown, as pessoas cuidavam da própria vida; alguns observavam, falavam ou apontavam em direção a Nihonmachi, mas no geral todos estavam tranquilos.

Henry viu um carro cheio de caixas de papelão se aproximar da porta dos fundos do restaurante Kau Kau. Para sua surpresa, um jovem casal japonês desceu do automóvel, enquanto algumas pessoas saíram do restaurante para transportar as caixas para dentro. Devem ser os pertences pessoais do casal, presumiu. Os objetos que não estavam em caixas foram a indicação. Uma luminária. Um grande tapete, enrolado e amarrado ao teto do sedã verde enferrujado. Tudo foi levado para dentro, menos quatro malas que o casal levou nos ombros com grande dificuldade. Houve uma série de abraços entre os japoneses e os amigos chineses.

O casal se afastou, saindo do beco e seguindo pela rua, como que arrastados até a estação ferroviária. Henry olhou uma última vez para os dois lados do beco, pensando em Keiko e na sua família. Como tinham saído do restaurante American Garden para fazer seus próprios preparativos.

Voltou para o quarto e se esparramou na cama no momento em que a mãe entrava. Fuçou na pilha de revistas em quadrinhos e viu a capa da *Marvel Mystery Comics* número 30, o último que havia comprado. Na capa, o Tocha Humana enfrentava um submarino japonês. A guerra está em toda parte, pensou, guardando as revistas embaixo da cama. A mãe deixou um prato de biscoitos de amêndoas sobre a mesa de cabeceira.

— Está precisando conversar, Henry? Se precisar, por favor, fale comigo.
— Falou em cantonês, com uma expressão que não escondia sua preocupação.

Henry olhou para a janela aberta. As pesadas cortinas de blecaute balançavam discretamente, movidas pela brisa. Não conseguia entender o que as pessoas na rua falavam. As vozes iam e vinham, assim como seu interesse em compreender o que se passava ao redor.

— Por que ele não fala comigo? — perguntou em cantonês, ainda olhando para a janela.

— Ele quem? Seu pai?

Depois de uma longa pausa, olhou para a mãe e fez que sim com a cabeça.

— Ele fala com você todos os dias. Como assim, “por que não fala comigo”?

— Ele fala, mas não me escuta.

Henry se sentou enquanto a mãe dava tapinhas em seu braço e na barriga, procurando palavras para fazer o filho compreender.

— Não sei como mostrar a você que isso faz sentido. Você nasceu aqui, *é americano*. No país de onde seu pai veio só havia guerra. Guerra contra o Japão. Eles invadiram o norte da China, mataram muitas, muitas pessoas! Não apenas soldados, mas mulheres, crianças, velhos e doentes. Seu pai cresceu nesse ambiente. Viu isso acontecer com a *família dele*.

Tirou um lenço da manga e enxugou os olhos, ainda que não estivesse chorando. Talvez ela não consiga mais chorar, pensou Henry. Agora é apenas um hábito.

— Seu pai era um órfão quando chegou aqui, mas nunca se esqueceu de quem era e de onde veio. Nunca se esqueceu de seu *lar*.

— O lar dele agora é aqui! — protestou Henry.

A mãe se levantou e olhou pela janela antes de fechá-la.

— Aqui é onde ele *vive*, mas nunca será o seu lar. Veja o que está acontecendo no bairro japonês. Seu pai tem medo de que um dia aconteça o mesmo com a gente. É por isso que ele quer que aqui seja o seu lar, por mais que adore a China. Quer que você seja *aceito* aqui.

— Mas há outras famílias...

— Eu sei. Há outras famílias. Famílias chinesas. Famílias americanas. Famílias que, neste instante, enquanto conversamos, estão escondendo japoneses, guardando seus pertences. *Muito perigoso*. Eu, você, todos correríamos o risco de sermos presos se ajudássemos essas pessoas. Você tem uma amiga, não tem? Aquela que telefona, a garota da Escola Rainier... *Ela é japonesa?*

Henry não a via mais como japonesa.

— Ela é só uma amiga — respondeu em inglês. *E eu sinto falta dela!*

— Hã? — indagou a mãe, sem entender.

Henry repetiu em cantonês, prestando atenção no que dizia e no quanto dizia. Olhou para os olhos da mãe.

— Ela é minha melhor amiga.

A mãe olhou para o teto e soltou um longo suspiro. Do tipo que damos quando acabamos de nos conformar com alguma coisa ruim. Como quando um parente morre e a gente diz: “Pelo menos ele teve uma vida longa”. Ou quando a nossa casa é destruída por um incêndio e pensamos: “Pelo menos nós estamos vivos”. Era um suspiro de desapontamento resignado. Um

prêmio de consolação a quem chega em segundo lugar e não tem nada a mostrar. De acabar com as mãos vazias depois de perder seu tempo, porque, no fim, o que você faz ou quem você é não faz diferença. Nada faz diferença!

Pelo resto do fim de semana, o pai de Henry não disse uma palavra sobre o que acontecia no bairro japonês. Henry tentou tocar no assunto, mas ele sempre o interrompia quando arriscava falar em chinês. A mãe amenizou um pouco a situação, para atenuar a infelicidade do filho. Já tinha discutido com o marido, algo difícil de acontecer, por causa de Keiko — por causa da *amiga* de Henry —, mas era hora de seguir em frente, e ela também achava que Henry não devia mais levar a discussão adiante. Dizer em cantonês que ele compreenderia tudo quando fosse mais velho só servia para irritá-lo ainda mais. E o máximo que Henry podia fazer era resmungar em inglês sobre o assunto, para ninguém.

Na manhã de domingo, tentou ligar para Keiko antes de seus pais acordarem, mas ninguém atendeu. A telefonista informou que o telefone havia sido desligado. Na segunda-feira, a escola não ajudou a diminuir sua ansiedade. Keiko também não foi à aula. Todos em Nihonmachi estavam preocupados em fazer as malas ou em vender o que não poderiam levar.

Assim, na terça de manhã, em vez de ir à escola, Henry correu para a Union Station, que tinha se tornado o principal ponto de encontro dos moradores de Nihonmachi. Pela South Jackson, Henry pôde ver os vagões Pullman perfilados sobre os trilhos que levavam à estação ferroviária. Havia também muitos ônibus da Greyhound, rangendo e estalando, lotados de soldados, que, ao descer, pareciam deslocados com fuzis nos ombros.

Estão levando todos embora, pensou Henry. Estão levando todo mundo. Deve ter uns cinco mil japoneses. Como vão conseguir levar todos? Para onde eles vão?

A algumas quadras da estação, multidões se apinhavam na rua. Era uma mistura de crianças chorosas, malas amontoadas e soldados que vistoriavam a documentação dos cidadãos locais — a maioria usando suas roupas de domingo e levando uma ou duas malas estufadas a ponto de explodir. Todos tinham uma etiqueta branca pendurada num dos botões do casaco, daquelas que se vê em mobiliários.

A Proclamação Pública 1 determinava que todos os cidadãos japoneses, os estrangeiros e os nascidos nos Estados Unidos até a segunda geração,

como Keiko, tinham de se reunir na estação ferroviária às nove horas da manhã. Eles seriam transportados em levas, de acordo com o bairro, até todos serem retirados. Henry não tinha a menor ideia de para onde estavam indo. Os japoneses da ilha de Bainbridge foram mandados para Manzanar, em alguma região da Califórnia, perto da divisa com Nevada. Mas um acampamento não poderia abrigar a multidão de pessoas aglomerada na estação.

Enquanto procurava Keiko na estação, Henry tentou ignorar as turbas de homens brancos parados atrás das barricadas, xingando as famílias que passavam. O acesso à ponte suspensa que levava ao terminal de trem também estava congestionado, ninguém se movia, todos pressionados contra o parapeito, observando lá embaixo a zona de isolamento delimitada pelos militares. Parecia haver olhos por toda parte. Homens e mulheres assobiavam das janelas dos escritórios no alto dos edifícios.

Henry não havia falado com Keiko desde que saíram do restaurante. Ligou novamente de um telefone público no caminho, mas tocou, tocou, até que a telefonista entrou na ligação perguntando se havia algum problema. Henry desligou. Se desejava encontrá-los, este era o local certo. Será que já tinham partido? Precisava encontrar Keiko! Odiava a ideia de voltar para a escola sem ela e ficou surpreso ao perceber como já sentia sua falta.

Havia alguns chineses por lá, principalmente trabalhadores da ferrovia. Não conseguiu reconhecer ninguém. Sabia que eram chineses pelos crachás que portavam, idênticos ao seu. Com a chegada da Polícia Militar e do Exército, o estoque de crachás da loja que os vendia logo se esgotou. *Isso deve ser como ouro*, pensou Henry, tocando no crachá. *Pequeno e precioso*.

Em pé sobre uma caixa de correio vermelha, branca e azul, Henry percorria freneticamente com os olhos a multidão que se arrastava lentamente para a estação de trem. Viu a chegada de outro caminhão grande do Exército, abrindo caminho sem piedade, com uma cobertura de lona atrás que não transportava soldados, mas japoneses idosos. Pelo modo como caminhavam, alguns eram praticamente paráliticos. Os soldados os ajudavam a descer e os acomodavam em cadeiras de rodas, os cabelos desgrehados. Um médico japonês os acompanhava. Henry conseguiu deduzir o que tinha acontecido. Eles esvaziaram o hospital. Estavam evacuando também doentes e enfermos. Muitos pareciam perplexos, evidentemente por não saber o que estava acontecendo, nem por quê.

Viu um homem branco de mãos dadas com uma japonesa. Não conseguia

deixar de imaginar o que aconteceria com as famílias em que um ocidental havia se casado com uma japonesa. Casamentos multirraciais eram ilegais. Talvez fossem poupados das durezas da experiência do internamento. Mas mudou de ideia quando viu a maleta que a mulher levava e o carrinho de bebê.

Enquanto observava a aglomeração, ouviu tocar o apito das nove horas no Boeing Field, a quilômetros de distância. Já estava observando a multidão fazia uns quarenta minutos, talvez? Sabia que o tempo corria e estava começando a entrar em pânico.

— Keiko! — gritava de cima da caixa de correio. Percebeu que as pessoas olhavam para ele enquanto passavam. Devem achar que estou louco, e talvez eu esteja mesmo. Talvez seja até bom ficar louco. — Keiko! Keiko Okabe! — gritou mais uma vez, até que um soldado olhou para ele, como se estivesse perturbando seu tranquilo sono matinal. Foi então que avistou alguma coisa. Uma visão conhecida.

Sim, são eles! O chapéu estilo Cary Grant do sr. Okabe parecia imponente, mesmo enquanto atravessava a rua com os poucos pertences que lhe restara. Henry reconheceu a postura digna, mas sua atitude encantadora fora substituída por um olhar distante. Andava devagar, segurando a mão da esposa, de mãos dadas com Keiko. O filho mais novo caminhava logo à frente, girando a hélice de um aviãozinho de madeira, sem a menor ideia de que aquele era um dia diferente de todos os demais.

Henry agitou os braços e gritou. Não fez diferença, eles não notaram. Aliás, não notariam nada ao redor, nem se comesse a chover, nem se todos os prédios estivessem em chamas. Como a maioria das famílias japonesas seguindo para a estação, eles andavam cabisbaixos, olhando para a frente, ou preocupando-se em não perder ninguém de vista.

Mas alguém notou Henry.

Era Chaz. De onde estava, Henry reconheceu a face rosada e cheia de espinhas do valentão da escola. Parado atrás da barricada, gargalhando. Acenou para Henry e sorriu, antes de voltar a gritar com as crianças e as mães que passavam chorando.

Henry deu uma olhada no crachá que Chaz usava e desceu da caixa de correio. Forçou a passagem por entre as pessoas, focando no corte escovinha de Chaz, seguindo o som de suas gargalhadas. *Ele vai me matar*, pensou. É maior e mais rápido que eu. Mas nada mais importa. Henry era a determinação em carne e osso.

Chaz olhou com desprezo quando viu o colega passar por baixo da barricada e parar bem à sua frente.

— Sabia que encontraria você aqui, Henry, meu chapa. Como vai seu papai?

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Henry.

— Apreciando a cena, como todo mundo. Pensei em dar uma volta e ver quem está partindo. Mas parece que todos estão dando tchauzinho. Acho que vou ficar muito ocupado tomando conta das coisas deles. — Chaz projetou o lábio inferior, fazendo um beicinho.

Henry tinha ouvido falar dos saques iniciados na noite anterior em algumas áreas. Mesmo antes de as famílias partirem, pessoas estavam levando luminárias, móveis, tudo que não estivesse pregado no chão. Aliás, levavam até martelos, para carregar também o que estivesse pregado.

— Desde que o Exército fechou a Nipolândia, não sobrou muito para se ver — continuou Chaz. — Só achei que podia vir aqui pra dizer um *sayonara*. Mas encontrar você foi um bônus. — Disse isso e agarrou Henry pelo colarinho.

Henry tentou se desvencilhar. Chaz era trinta centímetros mais alto e dava dois dele. Henry procurou um rosto amigável na multidão, mas ninguém estava prestando atenção. Ninguém dava a mínima. *Quem sou eu em meio a tudo isso? Que importância eu tenho?*

Seus olhos se fixaram no crachá na camisa de Chaz. O que ele tinha roubado de Henry. Um troféu espetado no paletó como uma medalha de honra ao mérito por sua crueldade. Como uma medalha de ouro.

Henry cerrou os punhos com tanta força que as unhas cravaram pequenas meias-luas na carne macia da palma das mãos. Socou Chaz o mais forte que pôde, sentindo todo o impacto do golpe no ombro. Sua intenção era lhe atingir o nariz, mas acabou acertando a maçã do rosto. Antes de conseguir desfechar um segundo golpe, foi lançado de costas ao chão. Sua cabeça bateu no concreto, e depois disso só conseguiu ver a chuva de punhos carnudos sobre seu rosto.

Defendendo-se como podia, conseguiu agarrar Chaz e sentiu uma dor aguda na mão. Apesar da saraivada de golpes na cabeça, a única dor que sentia era a da mão perfurada. A única dor que importava.

Henry se afastou rolando e cobrindo o rosto, tentando se esquivar dos socos de Chaz, que parecia flutuar acima dele. A multidão se manteve à distância. Ninguém parecia se importar que um garoto branco estivesse

dando uma surra num garotinho chinês. Ninguém a não ser Sheldon — que viu a briga e tirou o menino maior de cima dele.

Chaz se desvencilhou do homem negro.

— Tire suas mãos sujas de mim! — Sacudiu a poeira da camisa, parecendo humilhado e envergonhado, como um gato recém-saído de um balde de água gelada. Procurou um rosto amistoso na multidão, mas os poucos que assistiam reviraram os olhos para o ogro barulhento em que havia se tornado. — Esqueci que você era amigo desse preto chinês — grunhiu Chaz, quase chorando. Recuando, acrescentou enquanto se afastava: — A gente se vê amanhã na escola, Henry. Da próxima vez, vai ser muito pior!

— Tudo bem com você, garoto? — perguntou Sheldon.

Henry rolou para o lado e sentou, limpando uma gota de sangue do nariz na manga da camisa. Um dos olhos estava inchado e com certeza ficaria roxo no dia seguinte. Passou a língua nos dentes para fazer um inventário. Nenhum quebrado, nem faltando.

Abriu a mão e olhou para o crachá, com a metade da agulha cravada na carne. Sorriu e falou em seu melhor inglês:

— Nunca me senti tão bem na vida.

Henry saiu correndo no meio da multidão, ignorando o caos — procurando a família de Keiko, pensando se a briga com Chaz não havia estragado a única oportunidade de vê-la. Sabia a direção para onde estavam indo, mas eles poderiam estar em qualquer trem da estação. Pensou no pessoal do restaurante Kau Kau, os que estavam cuidando dos pertences do casal japonês. Tinha ouvido a mãe falar que havia outros. Famílias chinesas que recebiam pessoas e as escondiam. Tinha de haver uma chance.

A cada passo, planejava como poderia convencer os seus pais. Será que eles receberiam Keiko? A primeira preocupação deles era a de proteger a si próprios, e depois os outros de sua comunidade. Precisava fazer os pais entenderem. Como poderiam não entender? O pai era um bitolado, mas saber que os soldados estavam levando milhares de pessoas para um local desconhecido, para um destino desconhecido... isso mudaria tudo. Como poderiam ficar sentados e não fazer nada com tanta gente sendo levada embora... quando eles seriam os próximos?

Henry passou correndo por uma montanha de bagagens. Bolsas, malas e

baús empilhados que quase alcançavam a altura dos ônibus prateados que circulavam por ali. Famílias discutiam as quantidades e os tamanhos do que podiam levar. Tudo que fosse excesso acabava no alto do monte, que não parava de crescer. Ao lado da pilha de bagagens havia um caminhão cheio de rádios confiscados. Desde os gigantescos consoles da Philco até os portáteis da Zenith, com antena de ondas curtas dobrável, tudo amontoado na carroceria como sapatos velhos. A Union Station ficava do outro lado da rua, uma majestosa construção de tijolos vermelhos, com um pesado toldo de ferro na entrada principal, suspenso por correntes enormes ancoradas na fachada do prédio. Em cima havia um relógio com um mostrador imenso: 9h15. O tempo estava passando.

Do alto dos íngremes degraus de mármore da estação, Henry observava aquele turbulento mar de gente, grupos de famílias e entes queridos tentando desesperadamente permanecer juntos. Uma criança perdida chorava sozinha enquanto soldados marchavam ao seu lado. Os demais eram embarcados como gado; enviados lote após lote em quatro grandes trens de passageiros. Para onde? Crystal City, no Texas? Winnemucca, Nevada? Eram muitos os rumores. O último dizia que seguiam para uma antiga reserva indígena.

Viu o chapéu novamente. Tudo bem que era apenas um entre muitos, mas o jeito de andar e o porte lembravam o pai de Keiko. Desceu correndo pela escada até o térreo, temendo que algum soldado tentasse detê-lo, mas havia muita coisa acontecendo. Fazer com que todos embarcassem. Cuidar para que partissem. Agora mesmo. Era só o que importava para os homens de uniforme.

Henry se esgueirava entre os adultos, alguns em pé e outros sentados sobre as bagagens, todos parecendo confusos e assustados. Um padre rezava um rosário ao lado de uma jovem japonesa. Outros casais tiravam fotos uns dos outros, tentando sorrir, antes de trocarem abraços e apertos de mãos corteses.

Lá estava ele.

— Sr. Okabe! — Machucado e sem fôlego, Henry sentiu o lado da cabeça começar a doer.

O cavalheiro idoso que virou tinha um bigode grosso e uma expressão derrotada. A decepção de Henry foi acentuada pelo som da sineta de um agente da estação. Pela primeira vez naquela manhã, ele parou de procurar e caiu de joelhos, olhando os ladrilhos sujos do piso. *Ela foi embora, não é?*

— Henry?

Virou-se e lá estavam eles, Keiko e a família. O irmãozinho imitava o som do avião com os lábios. Todos sorriram, cada um com uma etiqueta na roupa que dizia “Família nº 10281”. Pareceram felizes ao ver um rosto que não iria para o local desconhecido ao qual se encaminhavam.

Henry se levantou em um salto.

— Pensei que já tinham partido. — Olhou para Keiko e sua família, desejando que não fossem embora.

— Eu trouxe isso. Ponha na sua roupa e eles deixam você sair daqui — falou enquanto colocava na mão de Keiko o crachá que tinha recuperado de Chaz. Depois se virou para o sr. Okabe, em tom de súplica: — Ela pode ficar com a gente, ou com minha tia. Vou encontrar um lugar para ela ficar. Posso arranjar outros. Posso voltar com um crachá para cada um. O senhor pode ficar com o meu. Fique com esse enquanto eu vou buscar outros.

O coração de Henry disparou enquanto tentava tirar o próprio crachá.

O sr. Okabe olhou para a esposa e tocou no ombro do garoto. Henry viu a centelha de uma oportunidade em seus olhos. Uma chance. Que logo desapareceu. Eles iriam embora. Como os outros. Iriam embora.

— Você acabou de me dar esperança, Henry. — O sr. Okabe apertou a pequena mão de Henry e continuou, olhando em seus olhos: — E às vezes esperança supera qualquer coisa.

Henry soltou um suspiro profundo, e seus ombros caíram no momento em que desistiu de tirar o crachá.

— Seu rosto... O que houve? — perguntou a mãe de Keiko.

— Não é nada — respondeu Henry, lembrando-se dos arranhões e hematomas da briga.

O sr. Okabe tocou na etiqueta presa ao seu casaco.

— Não importa o que nos aconteça, Henry, nós ainda somos americanos! E precisamos ficar unidos... aonde quer que nos levem. Tenho orgulho de você. E sei que seus pais também têm.

Henry pensou naquelas palavras e olhou para Keiko, que segurou suas mãos. Sentiu que era mais macia e quente do que imaginava. Ela tocou na camisa de Henry, onde estava o crachá, logo acima do coração. Sorriu com uma faísca no olhar.

— Obrigada. Posso ficar com isto? — perguntou, mostrando o crachá que ele lhe havia dado.

Henry concordou com a cabeça.

— Para onde estão levando vocês?

O pai de Keiko olhou para o trem, já quase cheio.

— Só sabemos que estamos indo para um centro de remanejamento temporário... chamado Campo Harmony. Fica no terreno da Feira de Puyallup, cerca de duas horas ao sul. Daí por diante... não sabemos mais nada, não nos disseram. Mas a guerra não vai durar para sempre.

Mas Henry não estava tão certo disso. Era o que tinha aprendido ao crescer.

Keiko colocou os braços ao redor dele e cochichou em seu ouvido.

— Eu nunca vou te esquecer. — Espetou o crachá que dizia “Eu sou chinês” na parte interna da capa do seu diário, apertando-o contra o corpo.

— Eu vou estar aqui.

Henry ficou olhando enquanto eles embarcavam no trem, em meio a dezenas de outras famílias. Soldados de luvas brancas e cassetetes nas mãos sopravam apitos, apontando conforme as portas se fechavam. Henry continuou na plataforma de embarque, acenando com as duas mãos enquanto o trem partia da estação, até ficar fora do alcance da vista. Enxugou as lágrimas quentes que lhe escorriam pelo rosto, a tristeza diluída pelo mar de famílias que aguardavam o próximo trem. Centenas de famílias. Milhares.

Evitou contato visual com os soldados enquanto se afastava, pensando sobre o que diria a seus pais, e em qual idioma. Talvez, *se usasse o seu americano*, não teria de falar absolutamente nada.

RUAS VAZIAS

(1942)

HENRY CAMINHAVA NO CONTRAFLUXO das famílias japonesas que ainda seguiam para a Union Station. Quase todos iam a pé, alguns empurrando carrinhos de mão ou porta-bagagens bem pesados. Uns poucos carros e caminhões se arrastavam com malas e bolsas amarradas nos capôs, nas grades e nos tetos — qualquer superfície plana se transformava num amplo espaço para carga quando as famílias embarcavam seus parentes e pertences para seguir para o centro de remanejamento do Exército, o Campo Harmony, como chamou o sr. Okabe.

Henry olhava para aquele povo sem fim. Não sabia aonde ir, queria apenas ir *para longe*, não importava onde fosse esse lugar.

A escola estava totalmente fora de questão. A ideia de chegar atrasado e ser ridicularizado pelos colegas era quase tão terrível quanto a certeza de que alimentaria a felicidade deles — a alegria e a satisfação de saber que a família de Keiko e todo o bairro japonês tinham sido evacuados. Todos sorrindo. Vitoriosos em sua batalha doméstica contra um odiado inimigo. Ainda que esse inimigo falasse a mesma língua e fizesse o juramento à bandeira com eles desde o jardim da infância.

É claro que, no fundo, Henry nem sabia se as escolas estavam abertas naquele dia. A comoção no centro da cidade parecia ter criado uma atmosfera de feriado — uma celebração monstruosa, como um carnaval. Em algum lugar, uma vitrola tocava a marcha patriótica “Stars and Stripes Forever”, um contraste gritante com a melancolia e a tristeza calada dos japoneses.

À medida que se afastava da estação ferroviária, a possibilidade de ser pego pelos inspetores em busca de alunos que matavam aula parecia muito pequena. Muitas coisas estavam acontecendo, muitas pessoas aglomeradas nas ruas. Empresas no centro da cidade fecharam as portas, pois os funcionários foram assistir à comoção. Os que partiam. Os que assistiam. E os soldados nas ruas pareciam totalmente concentrados em sua missão —

formar grupos de pessoas e pendurar etiquetas em suas roupas. Gritavam ordens de comando para ficarem em fila, apitavam de vez em quando para chamar a atenção dos que falavam pouco ou não falavam nada de inglês.

Henry se afastou, indo em direção à Maynard Avenue, até chegar a Nihonmachi. Lá encontrou Sheldon num ponto de ônibus, tomando café de uma garrafa térmica, o estojo do saxofone entre as pernas. Olhou para Henry, balançando a cabeça enquanto os últimos moradores de Nihonmachi seguiam seu caminho.

— Sinto muito, Henry — disse, soprando o copo para esfriar o café.

— Não é culpa sua — respondeu Henry, sentando ao lado do amigo.

— Sinto muito mesmo assim. Você não podia fazer nada. Ninguém poderia fazer nada. Eles vão ficar bem. A guerra vai acabar logo, eles vão voltar.

Henry não conseguia se convencer.

— E se forem mandados de volta para o Japão? Keiko nem ao menos fala japonês. O que vai acontecer com ela? Lá ela é mais inimiga do que aqui.

Sheldon ofereceu seu café a Henry, que recusou, meneando a cabeça.

— Não sei nada sobre isso, Henry. Não saberia responder. Tudo o que sei é que toda guerra um dia termina. Essa também vai acabar. Então tudo vai ficar bem — Sheldon recolocou a tampa na garrafa térmica. — Quer que eu acompanhe você até a escola?

Henry olhava para o nada.

— Você vai pra casa?

— Mais tarde — respondeu Henry, balançando a cabeça.

Sheldon olhou para a rua, como se estivesse esperando um ônibus atrasado que poderia nunca chegar.

— Então venha comigo.

Henry não questionou. Seguiu o saxofonista pela Maynard Avenue, caminhando pela faixa branca tracejada que levava ao coração do bairro japonês, a rua forrada de panfletos com a Proclamação Pública 1 e com bandeiras americanas de papel grudadas no pavimento molhado. As ruas estavam totalmente desertas, assim como as calçadas. Henry olhou para os dois lados da avenida — nenhum carro nem caminhão. Nenhuma bicicleta. Nenhum jornaleiro. Nenhum vendedor de frutas nem compradores de peixes. Nenhum carrinho de flores nem barraquinhas de lámen. As ruas estavam totalmente desertas, vazias — como ele se sentia por dentro. Não restava ninguém.

O Exército removera as barricadas das ruas, menos as que indicavam o caminho até a estação ferroviária. Todos os prédios haviam sido interditados. As janelas foram fechadas com tapumes de madeira, como se os moradores esperassem um tufão que não aconteceu. Faixas que diziam “Eu sou americano” ainda pendiam sobre a Barbearia Sakoda e a Oriental Trading Company, junto com placas que informavam “Atividades encerradas”.

As ruas estavam tão silenciosas que Henry conseguia ouvir o grasnar das gaiivotas que voavam acima. Ouvia o apito dos agentes da estação de trem, a vários quarteirões de distância. Ouvia até o som de seus sapatos se arrastando pela calçada úmida de Seattle, logo abafado pelo barulho de um jipe do Exército entrando na Maynard. Sheldon e ele pularam para a calçada e ficaram olhando os soldados, que lhes devolveram o olhar. Por um momento Henry achou que poderia ser preso, como os cidadãos nipônicos de Seattle. Olhou para baixo e tocou no crachá no casaco. Talvez não fosse tão ruim, não é? Ele poderia ser mandado para o mesmo acampamento de Keiko e de sua família. Sua mãe sentiria falta dele, talvez até o pai sentisse. O jipe seguiu adiante. Os soldados não pararam. Talvez soubessem que ele era chinês ou tivessem coisas mais importantes a fazer do que prender um garotinho perdido e um saxofonista negro desempregado na South Jackson.

Os dois continuaram andando até os degraus do teatro Nippon Kan, em frente ao Kobe Park e à sombra do Hotel Astor, de propriedade de um japonês, silencioso como uma urna funerária vazia. Mesmo deserta, a parte mais bonita do bairro japonês ficava ainda mais bonita à luz da tarde. Flores de cerejeira cobriam as calçadas, as ruas cheiravam a vida.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou Henry, ao ver Sheldon abrir o estojo e pegar o saxofone.

Sheldon colocou a palheta na boquilha e respondeu:

— Estamos vivendo!

Henry olhou para as ruas desertas e se lembrou das pessoas, dos atores e dançarinas, dos velhos fofocando e jogando baralho. De crianças correndo e brincando. Keiko sentada na encosta desenhando em seu caderno de esboços. Rindo dele. Fazendo provocações. As lembranças o animaram, só um pouquinho. Talvez houvesse uma vida a ser vivida.

Atentou os ouvidos assim que Sheldon inspirou fundo e começou um lamento lento no sax. Um tema triste e melancólico, algo que Henry nunca o ouvira tocar na rua ou nos clubes. Foi de partir o coração, mas durou só um momento. Sheldon logo mudou para algo mais festivo — um ritmo mais

rápido, com alma e sentimento. Não estava tocando para ninguém, mas Henry percebeu que tocava para todo mundo.

Henry acenou em despedida, enquanto Sheldon ainda tocava. A meio caminho de casa, ele entrou em Chinatown. Como estava longe dos soldados da estação ferroviária, tirou o crachá e o guardou no bolso. Não queria mais pensar nisso.

Parou e comprou mais um lírio estrelado para a mãe.

CADERNO DE ESBOÇOS

(1986)

NO PORÃO MAL ILUMINADO do Hotel Panamá, Samantha respirou fundo e soprou a poeira da capa de um livrinho.

— Vejam só isso! — exclamou.

Ela e Marty não estavam sendo a ajuda que Henry esperava. Perdiam muito tempo nos detalhes de cada item que encontravam, tentando interpretar algum significado — atribuir valor histórico ou compreender por que o objeto estava guardado ali, fosse um documento de aparência importante ou apenas um buquê de flores secas.

Henry já tinha explicado que boa parte dos objetos de valor das famílias havia sido vendida por uma ninharia, pouco antes de o Exército chegar e levar todos. Era difícil encontrar um local para armazenamento, e ninguém tinha certeza sobre a segurança dos itens deixados para trás. Afinal, ninguém sabia quando voltaria. Mesmo assim, muito do que Henry, Marty e Samantha encontraram claramente tinha grande valor pessoal — álbuns de fotos, certidões de nascimento e casamento e cópias de carbono de documentos de imigração e naturalização. Até mesmo diplomas cuidadosamente emoldurados da Universidade de Washington e alguns títulos de doutorado.

No primeiro dia, Henry fez uma pausa para examinar alguns álbuns de fotos, mas a enorme quantidade de pertences fez com que mantivesse o foco no que realmente procurava. Se não deixasse todo o resto de lado, ficaria ali por semanas.

— Isso é incrível! Olha só esses livros — disse Marty do outro lado do porão empoeirado. — Pai, dá uma olhada nisso.

Henry e sua equipe improvisada já estavam havia duas horas explorando as bagagens atrás de discos antigos. Nesse meio-tempo, atendeu a diversas exclamações de espanto provocadas por pilhas de bijuterias, uma espada japonesa que milagrosamente escapara do confisco e um estojo contendo velhos instrumentos cirúrgicos de bronze. Henry já estava ficando farto

dessas descobertas.

— É um disco? — balbuciou.

— Mais ou menos, tem coisas *gravadas*: é um caderno de esboços. Na verdade, uma caixa cheia deles. Vem ver.

Henry deixou de lado a vaporeira de bambu que havia tirado de um antigo baú de viagem e andou entre as caixas e malas o mais rápido que pôde.

— Deixa eu ver, deixa eu ver...

— Calma, tem pra todo mundo! — disse Marty.

O pai segurou o minúsculo caderno na mão — a capa preta coberta de pó estava velha e quebradiça. Continha vários desenhos de Chinatown e do bairro japonês. Do cais que se projetava na baía de Elliott, de trabalhadores da indústria de conservas, das balsas e das flores à venda no mercado.

Os esboços pareciam grosseiros e inacabados, com algumas indicações ocasionais de tempo e lugar. Não havia nenhum nome escrito neles, ou pelo menos nenhum que Henry conseguisse identificar.

Marty e Samantha estavam debaixo do foco de uma lâmpada, sentados sobre malas, folheando os cadernos de esboços. Henry não podia se sentar. E na verdade tampouco ficar de pé.

— Onde você encontrou isso? Em que pilha?

Marty apontou o local e o pai começou a revirar um caixote com mapas antigos, telas inacabadas e potes com velhos materiais de pintura.

— Pai?

Henry se virou e viu uma expressão perplexa no rosto do filho, alternando o olhar entre a página à sua frente e o pai. Samantha parecia confusa.

— Pai? — repetiu Marty, olhando para Henry na penumbra. — *Este é o senhor?*

O filho mostrou uma página aberta com a orelha dobrada. Era um desenho a lápis de um menino sentado nos degraus de um prédio. Parecendo um tanto triste e solitário.

Henry teve a sensação de estar vendo um fantasma. Ficou imóvel, olhando a imagem.

Marty virou a página. Havia mais dois desenhos, menos detalhados, mas evidentemente do mesmo garoto. O último, em primeiro plano, retratava um rosto jovem e bonito. Embaixo da imagem lia-se “Henry”.

— É o senhor, não é? Eu reconheço esse rosto das fotos e imagens do senhor quando criança.

O pai engoliu em seco e respirou fundo, não mais se importando com a poeira do porão, que fazia seu nariz coçar e dava vontade de esfregar os olhos. Não sentia mais a aridez do ambiente. Tocou as linhas na página, sentindo as marcas do lápis, a textura do grafite suavizada para realçar a sombra e a luz. Tirou o pequeno caderno das mãos do filho e virou a página. Deparou-se com flores de cerejeira, velhas e ressecadas, marrons e quebradiças, prensadas no meio do caderno. Fragmentos de algo que um dia fora tão cheio de vida.

Os anos não foram gentis.

Henry fechou o caderno e olhou para o filho, assentindo com a cabeça.

— Achei alguma coisa! — Samantha voltara a examinar as caixas onde haviam encontrado os cadernos. — É um disco! — Retirou uma capa branca e encardida, de tamanho incomum se comparada aos padrões atuais. Era um disco velho de 78 rpm. Samantha o entregou a Henry. Era duas vezes mais pesado que os de hoje; mesmo assim, Henry o sentiu vergar. Nem precisou tirar o velho disco da capa para perceber que estava quebrado em dois. Abriu a capa e viu as duas metades, presas uma a outra apenas pelo rótulo. Algumas lascas tinham se depositado no fundo do invólucro. Tirou o disco da capa com todo o cuidado. Ele ainda parecia novo e brilhante, mesmo quebrado. Sem arranhões na superfície, os sulcos espessos livres de poeira. Segurou-o com a palma da mão, meio encurvado. Com o reflexo da luz, era possível distinguir pequenas impressões digitais nas bordas do vinil. Pequenas impressões digitais. Henry pôs os dedos sobre elas, medindo o tamanho; depois tocou no rótulo, onde se lia: “Oscar Holden & The Midnight Blue, The Alley Cat Strut”.

Henry deu um suspiro silencioso e sentou em um antigo engradado de leite. Como tantas coisas que desejou na vida — como seu pai, seu casamento, sua própria vida —, esta havia chegado meio defeituosa. Imperfeita. Mas não tinha importância, era tudo o que ele queria. Algo que esperava encontrar e conseguiu. Não importava o estado em que estivesse.

UWAJIMAYA

(1986)

HENRY E MARTY ESTAVAM ENCOSTADOS no capô do Honda de Marty, no estacionamento da mercearia Uwajimaya. Samantha tinha entrado para comprar algumas coisas, pois insistiu em preparar um jantar para todos, um jantar chinês. Por quê, ou o que tentava provar, Henry não sabia dizer, e na verdade não fazia diferença. Ela poderia fazer *huevos rancheros* ou *coq au vin* e estaria tudo bem. Henry ficara tão ansioso com o que poderia encontrar no porão do Hotel Panamá que se esquecera totalmente do almoço. Agora já era quase hora do jantar e ele se sentia empolgado, emocionalmente exausto... e faminto.

— Lamento que tenha achado seu Santo Graal todo danificado daquele jeito. — Marty tentava fazer o melhor possível para consolar o pai, que na verdade estava muito bem, apesar das impressões do filho acerca do dia.

— Eu encontrei o disco, é tudo o que importa. Não ligo para o estado...

— Sim, mas não dá para tocar — interrompeu Marty. — E nesse estado não vale nada, nem para colecionadores.

Henry refletiu por um momento, olhando distraidamente para o relógio, esperando com o filho que Samantha saísse da loja.

— O que determina o valor é o mercado, e o mercado não vai determinar nada... pois eu *nunca* o venderia, mesmo que estivesse em perfeito estado. Estive atrás disso a minha vida toda, por anos e anos. Décadas. Agora consegui. Prefiro mil vezes ter encontrado um disco quebrado a tê-lo perdido para sempre.

Marty abriu um sorriso.

— Algo como “É melhor ter amado e perdido o amor do que nunca ter...”

— “... amado” — completou Henry. — É mais ou menos isso. Na verdade, não é um momento tão marcante assim, mas é mais ou menos isso.

Ele e Marty tinham examinado o resto das caixas e dos baús próximos de onde encontraram os cadernos de esboços e o disco antigo, mas nada estava identificado com muita clareza. Henry achou várias etiquetas perdidas,

inclusive uma com o nome Okabe, mas sobre uma pilha de revistas. O mais provável era que algum camundongo ou ratazana tivesse roído o barbante que a prendia na bagagem havia muito tempo. A maioria das caixas continha materiais de pintura, provavelmente de Keiko ou da mãe. Quando tivesse mais tempo, Henry pretendia voltar e verificar o que poderia encontrar. Mas, no momento, já tinha conseguido exatamente o que queria.

— Então você vai explicar o que é aquela caixa no banco de trás? — perguntou Marty, apontando para o pequeno caixote de madeira com cadernos de esboços dentro do seu Honda Accord.

A sra. Pettison deixou Henry levar temporariamente a coleção de cadernos e desenhos de Keiko quando ele mostrou as ilustrações que traziam seu nome embaixo. Sua única exigência foi que depois os trouxesse de volta, para serem catalogados com o restante dos pertences que seriam fotografados por um historiador. O antigo disco de vinil de Oscar Holden de 78 rpm também foi posto dentro da caixa, mas de modo a não ser notado. O velho disco de jazz estava quebrado e não tinha nenhum valor, certo? Ainda assim, Henry se sentia culpado, apesar de Marty ter convencido o pai de que algumas regras deveriam ser mais flexíveis.

Henry se apoiou no capô do carro, tomando cuidado para não amassar a lataria, até encontrar uma posição confortável.

— Esses cadernos eram de alguém muito especial... do tempo de quando eu era garoto, durante *os anos da guerra*.

— Um amigo japonês, é isso? — perguntou Marty, mas num tom que mais parecia uma afirmação.

O pai ergueu as sobrancelhas e concordou com a cabeça, observando a expressão enigmática no rosto do filho. Os olhos de Marty brilhavam com um misto de tristeza e remorso. Henry não sabia bem a razão.

— O Yay Yay deve ter surtado quando descobriu — disse Marty.

Henry sempre se surpreendia com a capacidade que o filho tinha de manter os pés firmemente plantados em dois mundos: um, o do chinês tradicional; o outro, o do americano contemporâneo. Era até moderno. Administrava o quadro de avisos computadorizado do programa de química da Universidade de Seattle, mas continuava chamando o avô pelo tratamento honorífico do chinês tradicional: Yay Yay (e Yin Yin para a avó). Se bem que as formalidades tinham mão dupla, pois as cartas que a avó escrevia ao neto na universidade eram endereçadas ao “Mestre Martin Lee”.

— Seu avô andava ocupado naquele tempo, lutando a guerra em duas

frentes: na América do Norte e na China. — *Mas sim, você nem imagina.*

— Como era esse seu amigo? Como vocês se conheceram?

— Amiga.

— Como?

— Era uma *amiga*. O nome dela era Keiko. Éramos as duas únicas crianças asiáticas matriculadas numa escola para alunos brancos. Isso no auge da guerra, sabe? Nossos pais queriam que fôssemos americanos, e o mais rápido possível.

Henry sorriu, pelo menos por dentro, quando o filho desencostou do capô, se virou para ele, tentou falar alguma coisa... e retornou à posição inicial.

— Deixa ver se eu entendi. Sua melhor *amiga* era uma garota japonesa, e isso aconteceu quando o senhor morava sob o mesmo teto que o Yay Yay, a encarnação da revolução cultural chinesa? Fala sério... — Henry ficou vendo o filho tropeçar nas palavras, surpreso com a sua revelação. — Ela era como... uma namorada? Sei que não é a conversa muito fácil de se ter com o próprio pai, mas eu preciso saber. Quer dizer, o seu casamento não foi praticamente arranjado? Era o que o senhor dava a entender quando falava sobre como o senhor e mamãe se conheceram.

Henry olhou para os dois lados da South King. Havia pessoas de todos os tipos caminhando pelas calçadas — e de todas as etnias. Chineses e japoneses, mas também vietnamitas, laosianos, coreanos e, claro, muitos ocidentais. Além de uma grande mistura de *hapa*, como eles dizem nas ilhas do Pacífico, ou “mestiços”. Gente que era um pouco de tudo.

— Nós éramos muito novos — respondeu. — Os namoros não eram como os de hoje.

— Então ela foi... alguém *especial*...?

O pai não respondeu. Tanto tempo se passara que não sabia como explicar certas coisas de maneira que o filho pudesse compreender. Especialmente agora que conhecera Samantha. Na sua época, o costume era conhecer os pais da garota antes de começar a namorar, não o contrário. E o namoro era mais como um cortejo, e o cortejo levava ao...

— Minha mãe sabia dessa história toda?

Henry sentiu o buraco na forma de Ethel em seu coração ficar um pouco mais vazio, um pouco mais frio. Tinha muita saudade dela.

— Alguma coisa. Mas depois que me casei com sua mãe, nunca mais olhei para trás.

— Pai, você anda cheio de surpresas ultimamente. Quero dizer, grandes surpresas, dessas que mudam a percepção das coisas. Estou perplexo. Então, todo esse tempo... enquanto a gente procurava o disco, o senhor estava atrás do disco ou das lembranças de Keiko, a *amiga* que perdeu há tanto tempo?

Henry se sentiu meio desconfortável quando o filho disse a palavra *amiga* de modo a insinuar algo mais. Mas ela era *mais* do que uma amiga, não era?

— Começou com o disco, que eu sempre quis reencontrar — disse Henry, não muito certo de ser inteiramente verdade. — Eu queria o disco para dar a alguém. Uma espécie de último desejo de um irmão há muito tempo perdido. Tinha uma vaga lembrança de as coisas de Keiko terem sido guardadas no porão do hotel, mas pensei que haviam sido recuperadas décadas atrás. Nunca sonhei que ainda estivessem *lá*, bem debaixo do meu nariz. Passei na porta daquele hotel durante muitos anos, sem saber de nada. Aí eles começaram a trazer aquelas coisas para cima: o guarda-sol de bambu. Coisas deixadas para trás. Não fazia a mínima ideia do que encontraria. Mas estou muito contente pelos cadernos de esboços. Por essas memórias.

— Espera um pouco — interrompeu Marty. — Em primeiro lugar, o senhor é filho único. Depois, acabou de dizer que nunca venderia esse disco, não importa em que estado estivesse.

— Mas eu não disse que não o *daria de presente*, especialmente a um velho amigo...

— Cheguei. — Samantha apareceu, com pesadas sacolas de compras penduradas nos braços. Henry pegou uma parte e Marty as demais. — Hoje vocês vão ter um verdadeiro banquete! Vou fazer caranguejo com feijão-preto, minha especialidade. — Pegou um pacote embrulhado que, pelo tamanho, parecia conter um grande caranguejo do Pacífico. — Também vou preparar *choy sum* com molho de ostra picante.

Dois dos pratos favoritos de Henry. Antes ele estava com fome — agora estava com fome e impressionado.

— Também comprei um potinho de sorvete de chá verde de sobremesa.

O rosto de Marty se imobilizou numa delicada careta. Henry sorriu, agradecido pela gentileza e pela consideração da futura nora, mesmo que ela não soubesse que o sorvete era japonês. Mas não importava. Ele já tinha aprendido, havia muito tempo: nenhuma família é perfeita.

CAMPO HARMONY

(1942)

NO DIA SEGUINTE, HENRY FINGIU ESTAR DOENTE, recusando-se até mesmo a comer. Mas sabia que não conseguiria enganar a mãe por muito tempo, se é que chegou a enganá-la. Provavelmente, não. Ela simplesmente teve a delicadeza de aceitar seus sintomas inventados. Assim como a desculpa que usara para explicar o olho roxo e o rosto inchado, cortesias de Chaz. Disse que tinha “trombado” com alguém nas ruas congestionadas. Henry não deu outros pormenores. O truque só funcionou porque a mãe estava disposta a ser sua cúmplice, e ele não queria abusar da sorte.

Então, na quinta-feira, Henry fez aquilo que o aterrorizara a semana toda: começou a se preparar para voltar à escola, para as aulas do sexto ano da sra. Walker. Sozinho.

No café da manhã, a mãe não perguntou se ele estava melhor. Ela sabia. O pai comeu uma tigela de *jook* enquanto lia o jornal, exasperando-se com a série de vitórias japonesas em Bataan, em Burma e nas Ilhas Salomão.

Henry o encarou sem dizer uma única palavra. Mesmo que pudesse conversar com o pai em cantonês, não teria nada a dizer. Queria culpá-lo pelo fato de a família de Keiko ter sido levada. Culpá-lo por não ter feito nada para impedir. Mas, afinal, nem sabia por que culpá-lo. Por não se importar? Como poderia culpar o pai quando ninguém mais tinha se incomodado com o que aconteceu?

O pai deve ter percebido que estava sendo observado. Baixou o jornal e olhou para Henry, que devolveu o olhar, sem piscar.

— Tenho uma coisa para você — disse. O pai enfiou a mão no bolso da camisa e tirou um novo crachá. Esse dizia: “Eu sou americano”, em letras garrafais vermelhas, brancas e azuis. Entregou a Henry, que franziu a testa e se recusou a pegar. O pai pôs calmamente o novo crachá na mesa.

— Seu pai quer que você use isso. É o melhor a fazer, agora que os japoneses estão sendo evacuados de Seattle — disse a mãe, enchendo uma tigela com uma sopa de arroz pastosa e meio insossa, e a depositando

fumegante diante de Henry.

Novamente aquela palavra. *Evacuados*. Ainda que a tivesse pronunciado em cantonês, não fazia o menor sentido. Evacuados de onde? Eles tinham tirado Keiko dele.

Pegou o crachá e a mochila e saiu irritado porta afora. Nem sequer tocou na tigela de sopa. Saiu sem nem ao menos se despedir.

No caminho para a escola, os garotos que se dirigiam à escola chinesa não caçoaram dele como de costume. A expressão do seu rosto deve ter servido como um alerta. Ou talvez também estivessem chocados em ver os prédios de Nihonmachi vazios, com as janelas e as portas vedadas por tapumes, a poucos quarteirões dali.

A algumas quadras de casa, na primeira lixeira que encontrou, Henry jogou o novo crachá na pilha de lixo, que transbordava — frascos que não podiam ser reciclados para o esforço de guerra e cartazes pintados à mão que foram usados pela turba empolgada que apoiava a evacuação quarenta e oito horas antes.

Naquele dia, a professora Walker faltou, sendo substituída pelo professor Deacons. Os outros alunos pareciam tão preocupados com o quanto poderiam se aproveitar da inexperiência do novo professor no decorrer das aulas que deixaram Henry em paz no fundo da classe. Ele sentiu que poderia desaparecer. E talvez tivesse mesmo desaparecido. Ninguém o chamou. Ninguém lhe dirigiu uma palavra, o que o deixou muito grato.

O refeitório, por outro lado, era algo totalmente diferente. A sra. Beatty parecia realmente aborrecida com ausência de Keiko. Mas Henry não sabia bem se o desapontamento era devido às circunstâncias injustas da partida da amiga ou simplesmente porque ela precisaria ajudar mais na limpeza da cozinha. Henry a ouviu praguejar em voz baixa enquanto trazia a última panela do almoço, que chamou de “frango katsu-retsu”. Henry não sabia o que aquilo significava, mas parecia comida japonesa. Aliás, comida nipo-americana. Peito de frango empanado com um molho à base de shoyu. Naquele dia, o almoço parecia bonito. E também cheirava bem.

— Deixe que experimentem e vamos ver se têm algo a dizer — murmurou a sra. Beatty antes de sair para fumar.

Se os colegas de Henry sabiam que o prato principal do almoço era comida japonesa, ninguém notou nem pareceu se importar. Mas Henry

adorou a ironia. Sorriu ao perceber que a sra. Beatty era mais do que aparentava ser.

Os outros garotos, no entanto, não o surpreendiam.

— Olha, esqueceram um aqui! — provocou um grupo do quarto ano enquanto Henry os servia. — Alguém ligue para o Exército, um deles fugiu!

Henry não estava usando o crachá. Nem o antigo nem o novo. Nenhum teria feito diferença. Quantos dias mais?, pensou. Sheldon disse que a guerra não ia durar para sempre. Por quantos dias mais teria de aturar essa provocação?

Como que uma prece sendo atendida por uma divindade cruel e vingativa, Chaz apareceu com sua bandeja na frente de Henry.

— Levaram a sua namorada embora, Henry? Talvez agora você aprenda a não confrater... conflater... *a não andar por aí com o inimigo*. Japa suja e traidora... provavelmente envenenando a nossa comida.

Henry encheu uma colherada de frango com molho e ergueu o braço, mirando a testa ossuda e simiesca de Chaz. Foi quando sentiu dedos grossos como salsichas segurando seu antebraço. Olhou para cima e viu que a sra. Beatty estava bem atrás dele. Ela tirou a concha de sua mão e encarou Chaz.

— Cai fora. Acabou a comida — falou.

— Como assim? Ainda tem muita...

— A cozinha tá fechada pra você hoje. Pode sair!

Henry olhou para cima e viu o que poderia definir como a expressão de guerra da sra. Beatty. Um olhar inflexível, como o dos soldados em treinamento que apareciam nos cinejornais da Movietone, a expressão pétrea de alguém cuja profissão é matar e mutilar.

Chaz parecia um cachorrinho que tinha sido flagrado fazendo sujeira, com o nariz esfregado no cocô. Saiu com a bandeja vazia, empurrando um garoto mais novo do seu caminho.

— Nunca fui com a cara dele — disse a sra. Beatty, enquanto Henry voltava a servir os últimos alunos da fila, que pareciam deleitados ao ver o valentão da escola ser humilhado. — Que tal ganhar um dinheiro no sábado? — perguntou a intrépida cozinheira.

— Quem? Eu? — indagou Henry.

— É, você. Tem alguma outra coisa para fazer no sábado?

Henry fez que não com a cabeça, meio confuso e assustado com aquela mulher que parecia um tanque de guerra e que acabara de fazer Chaz se borrar de medo.

— Fui convidada para cuidar de um refeitório, como contratada civil do Exército, e preciso de alguém que trabalhe duro e saiba como gosto que as coisas sejam feitas. — Ficou olhando para Henry, que não sabia bem o que estava ouvindo. — Você tem algum problema com isso?

— Não — respondeu. E não tinha mesmo. Ela cozinhava, ele organizava e servia, depois recolhia tudo e limpava. Era um trabalho pesado, mas ele já estava acostumado. E por mais que o fizesse trabalhar duro na cozinha da escola, a sra. Beatty nunca lhe dirigira uma palavra ofensiva. Tampouco, claro, tinha lhe dito uma palavra gentil.

— Que bom. Me encontre aqui no sábado às nove da manhã. E não se atrase! Eu pago dez centavos por hora.

Dinheiro é dinheiro, pensou Henry, ainda impressionado por ter visto Chaz sair com o rabo entre as pernas.

— Aonde nós vamos trabalhar?

— No Campo Harmony... fica no terreno da Feira de Puyallup, perto de Tacoma. Algo me diz que você já ouviu falar do lugar — disse, olhando para Henry com a expressão inflexível de sempre.

Henry sabia exatamente onde ficava. Já tinha procurado no mapa. Vou estar lá no sábado de manhã, nove horas em ponto. Não perderia isso por nada neste mundo. Isso é o que ele queria dizer, mas a única palavra que conseguiu articular foi:

— Obrigado.

Se sabia o quanto essa viagem era importante para ele, a sra. Beatty não demonstrou nada.

— Ah, aí vêm eles... — Pegou uma caixa de fósforos e saiu de novo com seu almoço. — Me avise quando terminar tudo por aqui.

Quando o sábado chegou, Henry tinha somente um propósito. Uma missão. Encontrar Keiko. Depois, quem sabe? Pensaria nisso mais tarde.

Henry não sabia bem o que pensar sobre a proposta da sra. Beatty, mas não se atrevia a fazer perguntas. A mulher era intimidante, grande como uma montanha — e uma pessoa de poucas palavras. Mesmo assim, ele se sentia grato. Contou aos pais que ela ia pagar pela ajuda dele na cozinha aos sábados. Não era exatamente verdade, mas também não era mentira. Ele iria ajudar a sra. Beatty na cozinha em Campo Harmony, a uns sessenta quilômetros ao sul de Seattle.

Henry estava na sacada da cozinha quando a sra. Beatty chegou dirigindo uma picape Plymouth vermelha. O velho utilitário parecia ter sido lavado recentemente, mas os grandes pneus de faixa branca estavam salpicados de lama das ruas molhadas.

A sra. Beatty jogou uma ponta de cigarro na poça mais próxima, ouvindo seu chiado ao apagar.

— Entra — ordenou secamente, fechando a janela, estremecendo a picape com o movimento do braço roliço.

Bom dia para a senhora também, pensou Henry, contornando a frente da picape, torcendo para que o convite fosse para o banco da frente, e não o traseiro. Quando olhou a carroceria, só conseguiu ver o que pareciam ser caixas debaixo de uma lona, amarradas com uma corda grossa. Henry se acomodou no banco da frente. Os pais dele não tinham carro, embora tivessem conseguido economizar o suficiente para comprar um. Mas com o racionamento da gasolina, não fazia sentido comprar um automóvel, de acordo com o pai de Henry. Por isso eles costumavam viajar de ônibus. Em raras ocasiões, pegavam carona com a tia King, mas só quando iam a algum compromisso familiar — um casamento, um funeral ou as bodas de ouro de algum parente mais velho. Andar de carro parecia algo tão moderno e excitante. Não importava aonde eles iam ou o tempo de viagem. Seu coração sempre disparava, como naquele dia. Ou será que era pelo pensamento de rever Keiko?

— Eu não vou pagar pelo tempo de viagem.

Henry não entendeu se aquilo era uma pergunta ou uma afirmação.

— Tudo bem. Estou contente só por ir. — *Na verdade, iria até de graça.*

— O Exército não me paga pelos quilômetros rodados, e só enchem o tanque para a ida e a volta.

Henry concordou com a cabeça, como se aquilo fizesse sentido. Até onde sabia, a sra. Beatty havia sido contratada para um trabalho temporário em um refeitório.

— A senhora já foi do Exército? — perguntou Henry.

— Da Marinha Mercante. Quer dizer, meu pai era, mesmo antes de ser chamada oficialmente de Comissão Marítima. Era o chefe dos cozinheiros do *SS City of Flint...* e eu o ajudava sempre que estava no porto. Lista de compras, planejamento de cardápio, preparativos e estocagem. Cheguei a ficar meses a bordo numa viagem ao Havaí. Ele costumava me chamar de sua “pequena sombra”.

Henry não conseguia imaginar a sra. Beatty como uma coisa *pequena*.

— Fiquei tão boa nisso que ele me chamava toda vez que seu velho navio atracava... e me botava pra trabalhar por alguns dias aqui e acolá. O melhor amigo dele, o comissário de bordo, também é chinês. É como um tio pra mim, você ia gostar dele. As coisas são assim nesses navios, acho que todos os cozinheiros são de cor ou chineses.

Isso chamou a atenção de Henry.

— A senhora se encontra com eles com frequência?

A sra. Beatty mordeu o lábio por um momento, olhando para a frente.

— Ele costumava me mandar cartões-postais da Austrália, da Nova Guiné, de lugares assim. Agora não mais. — A voz dela ficou embargada de tristeza. — O velho navio do meu pai foi capturado pelos alemães há dois anos e meio. Recebi da Cruz Vermelha uma foto dele num acampamento de prisioneiros, e depois algumas cartas, mas faz mais de um ano que não tenho nenhuma notícia.

Sinto muito, pensou Henry, mas não disse nada. A sra. Beatty tinha um jeito de manter conversas unilaterais, e ele estava acostumado a ser o lado que não falava.

Ela pigarreou e estufou as bochechas. Jogou um cigarro pela metade pela janela e acendeu outro.

— Enfim, alguém no Campo Harmony sabia que eu cozinhava pra muita gente, que sabia administrar porções e alimentar crianças, então, quando me ligaram, não tive como dizer não. — Olhou para Henry como se de alguma forma isso fosse culpa dele. — E aqui estamos nós.

E ali estavam eles. Na picape da sra. Beatty, chacoalhando em uma estrada empoeirada que passava quilômetros e mais quilômetros de terras produtivas ao sul de Tacoma. Henry refletia sobre a cozinheira e seu pai desaparecido enquanto olhava para vacas e cavalos de tração, maiores e mais musculosos do que jamais vira. Isso sim era produção agrícola de verdade, não aqueles jardins e terrenos baldios de Seattle transformados em hortas para o esforço de guerra.

Henry não tinha ideia do que esperar. Será que o Campo Harmony era igual ao acampamento em que o pai da sra. Beatty estava preso? Não poderia ser tão ruim. Tinha ouvido falar que era um local temporário, até o Exército descobrir como e onde construir acampamentos permanentes no interior. *Permanentes*. Não gostava do som dessa palavra. Aliás, eles insistiam em chamar o local de “acampamento” — algo que tentava soar simpático de um

jeito que até Henry imaginava ser falso. Mas a beleza da paisagem rural reavivou suas esperanças. Nunca estivera em um acampamento de verão, mas tinha visto fotos na revista *Boys' Life*: cabanas próximas a um lindo lago que reluzia ao pôr do sol, pessoas ao redor de fogueiras e em pescarias, todas sorrindo e se divertindo, totalmente des preocupadas.

Nada parecido com a pitoresca cidade de Puyallup, uma pequena comunidade agrícola rodeada por hectares de exuberantes narcisos. Estufas salpicavam os vastos campos amarelos, e o monte Rainier dominava o horizonte com seu pico nevado. Enquanto passavam devagar pela avenida principal, com casas de artesanato em ambos os lados, rumo ao Pioneer Park, cartazes nas vitrines das lojas diziam: “Fora, japas!”. Os cartazes eram um lembrete sombrio de que o Campo Harmony não era nenhum acampamento de verão e de que ninguém voltaria tão cedo para casa.

Henry abaixou a janela e ficou impressionado com o cheiro de estrume fresco de cavalo, ou seria de vaca? Será que tinha alguma diferença? Até onde sabia, aquele fedor poderia ser de bode ou de galinha. De qualquer forma, era bem diferente do ar frio e salgado de Seattle.

Próximo ao centro de Puyallup, eles entraram num grande estacionamento forrado de cascalho. Henry olhou fascinado para os imensos estábulos e os demais compartimentos dispostos ao redor da sede da famosa Feira Estadual de Washington. Ao ver os silos gigantescos, percebeu pela primeira vez que definitivamente vivia em um país agrícola. Nunca estivera na feira, e o lugar era muito maior do que imaginara. A área ocupada pelo evento devia ser tão grande quanto Chinatown, se não fosse maior.

Havia um grande estádio de madeira, que precisava de uma pintura nova, e o que parecia ser algo como uma arena de rodeios ou de exposição de gado. Atrás, um grande terreno aberto abrigava centenas de galinheiros organizados em pequenas fileiras. Toda a área era cercada com arame farpado.

Então ele viu pessoas entrando e saindo daquelas minúsculas construções. De cabelos pretos e pele levemente morena. Notou que havia torres ao longo do perímetro da cerca. Mesmo à distância, era possível ver soldados com metralhadoras. Os holofotes apagados estavam voltados para o solo árido. Henry nem precisou ler a placa acima da entrada do cercado de arame farpado. Era o Campo Harmony.

Henry nunca estivera numa prisão. Na única vez em que ele e o pai estiveram na prefeitura de Seattle para conseguir autorização para uma reunião, a seriedade do lugar o assombrou. A fachada de mármore, as lajotas de granito frio do piso. Tudo era muito pesado, ao mesmo tempo inspirador e assustador.

Henry teve a mesma sensação quando entraram em um cercado, situado entre dois grandes portões metálicos. Os portões eram de arame farpado, com uma fileira de espirais pontudas que pareciam mais afiadas que facas de cozinha. Henry ficou imóvel — aterrorizado, para ser mais preciso. Não moveu um músculo quando o soldado da Polícia Militar se aproximou da janela para verificar os documentos da sra. Beatty. Henry não se mexeu nem para fazer com que o crachá “Eu sou chinês” ficasse claramente visível. Este é um lugar onde pessoas como eu entram e não saem mais, pensou Henry. Apenas mais um prisioneiro de guerra japonês, mesmo sendo chinês.

— Quem é o garoto? — indagou o soldado. Henry olhou para o homem de uniforme, que parecia mais um adolescente que um homem, com um rosto juvenil e cheio de espinhas. Não parecia muito entusiasmado por servir num lugar daqueles.

— É um ajudante de cozinha. — Se estava preocupada em entrar com Henry no Campo Harmony, a sra. Beatty não deixou transparecer. — Eu o trouxe para me ajudar no trabalho, trocar as travessas de comida, coisas assim.

— Você tem documentos?

É agora que eles me pegam, pensou Henry, olhando para o arame farpado e imaginando a que galinheiro seria designado.

Viu a cozinheira parruda puxar um pequeno arquivo de papéis debaixo do assento do motorista.

— Este é o registro dele na escola, mostrando que é um ajudante de cozinha. E este é o cartão de vacinação. — Virou-se para Henry. — Para entrar aqui é preciso estar vacinado contra tifo, mas eu verifiquei, e você foi vacinado. — Henry não entendeu muito bem, mas de repente se sentiu grato por ter sido obrigado pelos pais a frequentar aquela escola idiota. E grato pela *bolsa de situdos* na cozinha todos aqueles meses. Se não tivesse de trabalhar na cozinha, jamais chegaria tão longe, e tão perto de Keiko.

O soldado e a cozinheira discutiram por um momento, mas o homem mais forte — nesse caso, mulher — acabou levando a melhor, pois o jovem soldado a liberou para a próxima área de detenção, onde outros caminhões

eram descarregados.

A sra. Beatty estacionou num local de carga e descarga e puxou o freio de mão. Henry desceu e afundou até os tornozelos na lama, chafurdando ruidosamente ao atolar e desatolar os pés, até alcançar uma passarela improvisada. Sacudiu a lama o melhor que pôde e seguiu a sra. Beatty, limpando os pés na madeira, até chegar à construção mais próxima. Seus sapatos e meias molhados chapinhavam a cada passo.

No caminho, sentiu o cheiro de alguma coisa cozinhando. Não necessariamente saborosa, mas *alguma coisa*.

— Espere aqui — disse a sra. Beatty, entrando na cozinha. Algum tempo depois, reapareceu acompanhada por um funcionário uniformizado. A sra. Beatty tirou a lona da parte traseira da picape, revelando caixas de shoyu, vinagre de arroz e outros ingredientes da cozinha japonesa.

Os dois levaram os suprimentos para dentro, ajudados por Henry e por alguns jovens de avental e gorro branco — soldados destacados para a cozinha. Organizaram-se num refeitório que talvez tivesse uns doze metros de comprimento, com fileiras e fileiras de mesas e cadeiras marrons dobráveis. As tábuas do piso eram um tapete com manchas de gordura salpicado de pegadas enlameadas. Henry ficou surpreso com o quanto se sentiu confortável. O acampamento era assustador, mas a cozinha... A cozinha era como sua casa. Ele já estava acostumado.

Olhou por baixo das tampas das panelas a vapor, duas vezes maiores que as da escola. Evidentemente, o almoço já havia sido preparado. Henry encarou as pilhas molhadas, algumas marrons, outras cinzas — linguiças enlatadas, batatas cozidas e pão seco e amanhecido. Só o cheiro da gordura foi suficiente para sentir saudades da comida da Escola Rainier. Pelo menos os condimentos trazidos pela sra. Beatty iriam ajudar um pouco.

Henry viu a sra. Beatty e outro jovem soldado examinarem documentos e uma espécie de formulário. Sua atribuição era a de servir, ao lado de outro soldado de avental, que o olhou com uma expressão de surpresa. Teria sido causada pela idade ou pela etnia de Henry? Não tinha importância; o soldado deu de ombros e começou a servir. Henry concluiu que estava acostumado a obedecer a ordens.

Quando os primeiros prisioneiros japoneses foram dispostos em fila única, seus cabelos e roupas estavam salpicados de chuva. Alguns conversavam animadamente, outros faziam cara feia, e quase todos franziram a testa quando viram o que Henry estava servindo. Sentiu vontade

de se desculpar. Enquanto a fila andava, percebeu crianças lá fora, brincando na lama, enquanto os pais aguardavam para ser servidos.

— *Konichiwa* — disse um menino, deslizando a bandeja pelo balcão metálico em frente às travessas de comida.

Henry apontou o crachá. Muitas e muitas vezes. Todas as vezes, o prisioneiro que o cumprimentava tinha um olhar esperançoso, depois se mostrava decepcionado e, no final, confuso. Talvez isso seja uma coisa boa. Talvez eles falem de mim. Talvez Keiko fique sabendo onde me encontrar, pensou Henry.

Tinha certeza de que acabaria vendo Keiko na fila. A cada menina que entrava, sua esperança aumentava e esvanecia, seu coração inflava e desinflava como um balão. Mas ela não apareceu.

— Você conhece os Okabe? Keiko Okabe? — perguntou algumas vezes. Na maioria dos casos, a resposta vinha por meio de um olhar confuso ou desconfiado. Afinal, os chineses também eram Aliados, lutando contra o Japão. Um senhor mais velho sorriu e aquiesceu, falando alguma coisa com muito entusiasmo. Mas Henry não entendeu nada, pois o homem só falava japonês. Talvez aquele senhor soubesse exatamente onde Keiko estava, mas não conseguia explicar nem ajudar.

Henry continuou servindo por duas horas, das 11h30 até as 13h30. Começou a ficar inquieto perto do final do seu turno, balançando o corpo para a frente e para trás, em pé sobre o caixote de maçãs que usava para alcançar as panelas. Até aquele momento, não vira nenhum sinal dos Okabe. Nem um vislumbre.

Observava a multidão que entrava. Alguns pareciam esperançosos, mas a qualidade da comida acabava com o otimismo, revelando a realidade do ambiente. Ainda assim, ninguém reclamou, nem para ele, nem para o jovem que servia ao seu lado. Henry se perguntou como o soldado branco estaria se sentindo, agora que *ele* era minoria no refeitório. Mas ele iria embora ao final do turno. E tinha um fuzil com uma grande baioneta na ponta.

— Vamos lá, precisamos preparar o jantar no próximo setor. — A sra. Beatty apareceu quando ele estava recolhendo as últimas travessas e reunindo algumas bandejas espalhadas.

Henry estava acostumado a obedecer a ordens na cozinha. Seguiram com a picape até outra seção do Campo Harmony, com menos armazéns e mais árvores frondosas e áreas de piquenique desertas. O mapa da sra. Beatty dava uma visão geral de todo o campo, que era dividido em quatro

quadrantes — cada um com seu próprio refeitório. Ainda havia uma chance de encontrar Keiko; ou três chances, para ser mais exato.

No refeitório seguinte, o almoço já havia terminado. A sra. Beatty o designou para limpar e lavar bandejas, enquanto se reunia com o administrador da cozinha para decidir sobre a necessidade de suprimentos e o planejamento do cardápio.

— Fique por aqui se terminar mais cedo — orientou. — Não vá se aventurar por aí, a não ser que queira ficar aqui até o fim da guerra. — Henry desconfiou que ela não estava brincando e concordou respeitosamente, voltando ao trabalho.

Ao que parecia, o refeitório era zona proibida para os japoneses fora do horário das refeições. A maioria ficava confinada aos galinheiros, embora Henry às vezes visse alguém passando pelo caminho enlameado para ir ou vir da latrina.

Quando acabou o trabalho, Henry sentou-se na escada dos fundos e ficou olhando a fumaça que saía das chaminés nos telhados das casas improvisadas. A névoa fumacenta pairava no céu cinzento e úmido acima do acampamento. O cheiro de madeira queimada empestava ar.

Ela está aqui. Em algum lugar. No meio de quantas pessoas? Mil? Cinco mil? Henry não sabia. Queria gritar seu nome ou correr de porta em porta, mas os soldados nas torres de vigia não pareciam ser displicentes com o trabalho. Vigiam a área, para a proteção daqueles que estavam confinados — ou ao menos era o que diziam. Mas, se era assim, por que as armas estavam apontadas para o interior do acampamento?

Não tinha importância. Henry se sentia melhor ao saber que conseguira chegar até ali. Ainda havia alguma chance de encontrar Keiko. Talvez ainda visse seu rosto sorridente no meio daqueles rostos tristes e chocados. Mas já estava escurecendo. Talvez fosse tarde demais.

HORÁRIO DE VISITAS

(1942)

PASSADOS SETE DIAS ANGUSTIANTES, Henry repetia o processo — começando com as mesmas esperanças. Encontrava-se com a sra. Beatty nos fundos da escola, iam de carro para o sul até Puyallup e passavam pelos portões de arame farpado do Campo Harmony — dessa vez entrando nas Áreas 3 e 4, que eram ainda maiores. A última incluía os pavilhões de exposição de animais, que foram convertidos em abrigos, uma família em cada estábulo, ou ao menos era o que diziam.

Em casa, os pais sentiam-se orgulhosos dele.

— Se você continuar economizando, vai poder pagar sua viagem à China — elogiava o pai em cantonês. A mãe apenas anuía e sorria cada vez que o via guardar o dinheiro que ganhava num pote de geleia na mesa de cabeceira. Henry não sabia o que mais poderia fazer com tanto dinheiro, num momento em que açúcar e couro para sapatos eram racionados. Parecia um desperdício gastar em doces ou em mais revistas em quadrinhos, principalmente levando em conta o Campo Harmony, onde tudo era tão escasso.

— Mais um dia de rotina — resmungou a sra. Beatty quando começou a descarregar produtos japoneses da carroceria da picape.

Naquela semana Henry tinha entendido de onde eles vinham. A sra. Beatty encomendava suprimentos extras para a escola e os levava para os acampamentos, passando-os discretamente para os prisioneiros e suas famílias. Trocava por cigarros, fornecidos a todos os alojamentos. Henry nunca soube se ela os fumava ou vendia.

O que Henry sabia era que a Área 4 era a que abrigava mais evacuados. Esse quadrante do terreno da feira era o maior, com um enorme celeiro de troféus que fora convertido em refeitório.

— Tudo bem com seus pais se você trabalhar uns dias a mais quando a escola entrar em férias? — perguntou a sra. Beatty, palitando os dentes com a embalagem de cartolina de uma cartela de fósforos do Ubangi Club.

— Sim, senhora — concordou Henry enfaticamente.

Era um dos benefícios de não conseguir se comunicar com os pais. Eles pensariam que ele tinha algum curso de verão, ou algum trabalho extra na Escolar Rainier — trabalho remunerado. Faziam todos os tipos de perguntas malucas. Ele estava tendo aulas extras? Estava monitorando outros alunos? *Imagine, o filho deles ensinando alunos brancos!* Ele apenas sorria e concordava, deixando-os pensar o que quisessem.

Henry enfrentava outra barreira idiomática dentro do Campo Harmony. Ver um garoto chinês de pé num engradado de maçãs atrás do balcão servindo refeições já era bem estranho. Mas, quanto mais perguntava aos que entravam na sua fila sobre os Okabe, mais frustrado ele se sentia. Poucos lhe davam atenção, e os que se interessavam pareciam não entender. Mesmo assim, como um navio perdido enviando um SOS de vez em quando, Henry continuava salpicando de perguntas os que servia.

— Okabe? Alguém conhece os Okabe? — Para Henry era um nome específico, mas na verdade poderia haver centenas de pessoas com esse nome no campo. Poderia ser como Smith ou Lee.

— Por que você está procurando pelos Okabe? — A voz veio de algum lugar na fila cheia de gente. Um homem se afastou da fila, bandeja na mão, olhando para a frente com timidez. Usava uma camisa abotoada que já fora branca, mas agora era da mesma cor do céu encoberto. A calça estava amassada e tinha lama nos quadris. O cabelo desgrehado era contrabalançado pela barba rente e pelo bigode — os pelos escuros dando lugar a salpicos de cinza que o faziam parecer digno e culto, apesar de sua condição.

Quando serviu o almoço do homem, um guisado de milho com ovos cozidos, Henry o reconheceu. Era o pai de Keiko.

— Henry? — disse o homem mais velho.

Henry aquiesceu.

— Quer um pouco de guisado? — Henry não podia acreditar que só conseguiu pensar em dizer isso. Sentiu-se constrangido com as circunstâncias do sr. Okabe, como entrar na casa de alguém e encontrar a pessoa despida. — Como vai o senhor? Como vai sua família... Como está Keiko?

O sr. Okabe ajeitou o cabelo com os dedos. Passou a mão na barba e abriu um enorme sorriso.

— Henry! O que você faz aqui? — Era como se uma camada de

sofrimento solidificada ao seu redor nas últimas duas semanas rachasse e se desfizesse em pó. Estendeu a mão por cima do balcão e segurou os braços de Henry, os olhos radiantes e vivos. — Eu nem acredito... Quer dizer... como chegou até aqui?

Henry olhou para a longa fila se formando atrás do sr. Okabe.

— A sra. Beatty, da lanchonete da escola, me pediu pra trabalhar com ela por um tempo. Acho que está tentando ajudar, do jeito dela. Eu já passei por todas as áreas... tentando encontrar Keiko e o senhor. Como ela está, como estão todos?

— Bem. Tudo bem. — O sr. Okabe sorriu, parecendo ter esquecido o almoço frugal servido por Henry em sua bandeja, com um pão a mais. — Essas são as primeiras férias que tenho em anos. Só gostaria que fosse num lugar mais ensolarado.

Henry sabia que o sr. Okabe poderia acabar tendo o que desejava. Ouvira falar que o Exército estava construindo campos permanentes no Texas e no Arizona. Lugares quentes e miseráveis.

O sr. Okabe saiu da fila para deixar os outros se aproximarem. Henry continuou servindo enquanto conversavam.

— Onde está Keiko, ela está comendo bem?

— Está com a mãe e o irmãozinho, ela está bem. Ontem, metade da população desta área ficou doente por uma comida meio estragada, inclusive quase toda nossa família. Mas eu e Keiko já estamos bem. Ela ficou pra ajudar em casa, eu ia dar minha porção a ela. — Olhou desconfiado para a comida antes de voltar para Henry. — Ela sente saudade de você.

Agora foi a vez de Henry ficar radiante. Não deu piruetas nem cambalhotas, mas nunca na vida tinha se sentido tão bem acerca de qualquer coisa.

— Você sabe onde fica o posto de visitas? — perguntou o sr. Okabe. A palavra soou como uma nota aguda e perfeita extraída de um instrumento esmeradamente afinado. *Visitas*? Nunca tinha pensado nessa possibilidade.

— Existe uma área para visitantes? Onde? — O próximo da fila teve que pigarrear, delicadamente, para manter Henry servindo as refeições.

— Depois dessa porta à esquerda, em direção ao portão principal do lado leste da Área 4. É um espaço cercado, pouco antes do portão. Você pode chegar pelo lado dos visitantes se sair pelos fundos do prédio. Quando você termina aqui?

Henry olhou para o velho relógio do Exército pendurado na parede acima

da porta da frente.

— Daqui a uma hora...

— Eu vou dizer a Keiko para encontrar você lá. — O sr. Okabe se dirigiu à porta. — Eu preciso voltar. Obrigado, Henry.

— Obrigado por quê?

— Só estou agradecendo, caso fique algum tempo sem ver você.

Henry suspirou ao ver o sr. Okabe se afastar, acenando quando ele passou pela porta com a bandeja de comida. Os outros na fila começaram a ver Henry como uma espécie de celebridade, ou talvez um confidente, todos sorrindo e se cumprimentando em japonês e em inglês.

Depois de servido o almoço, com todas as bandejas recolhidas, lavadas e guardadas, Henry foi se encontrar com a sra. Beatty, que conversava com um jovem oficial da intendência. Como havia feito na semana anterior, ela organizava os cardápios e falava sobre substituir as batatas cozidas (que eram abundantes) por arroz, que a sra. Beatty insistia que eles pedissem, embora não estivesse na lista. Henry imaginou que os dois ficariam ali por um bom tempo, e a sra. Beatty fez um gesto com a mão, mandando-o para o fundo do refeitório. Tudo confirmado.

Henry seguiu a estrada de terra até o portão mais próximo e percorreu o trajeto entre as duas cercas de arame farpado. Aquela terra de ninguém era na verdade um caminho de algumas centenas de metros pouco utilizado, que dava numa área cercada de alambrado projetada para as visitas aos prisioneiros (como eles mesmos se chamavam), ou evacuados (como o Exército se habituara a chamá-los).

O caminho levava até uma área com bancos dentro do cercado, onde uma pequena procissão de visitantes entrava e saía, conversando e às vezes chorando, enquanto davam-se as mãos através do arame farpado que separava os prisioneiros dos que estavam do lado de fora. Dois soldados uniformizados ocupavam uma mesa improvisada no lado dos prisioneiros, os fuzis apoiados contra um mourão do cercado. Pareciam tão entediados quanto possível, jogando baralho, às vezes parando para inspecionar cartas sendo entregues ou quaisquer outros pacotes.

Como já trabalhava dentro do campo, Henry poderia ter ido diretamente até os soldados a partir do refeitório, mas o medo de forçar demais a situação e ser confundido com um residente do Campo Harmony era muito real. Por

isso que a sra. Beatty o mantinha atrás do refeitório, onde os auxiliares da cozinha sabiam quem ele era, ou na picape, quando se preparavam para partir. Mesmo com esse acesso especial, pareceu mais seguro chegar à área de visitas do campo do jeito apropriado, ao menos para manter a sra. Beatty contente, e ela continuar a chamá-lo.

Henry parou em frente à cerca, batendo no arame com um graveto, sem saber se era eletrificada. Tinha certeza de que não era, mas mesmo assim tomou precauções. Para sua surpresa, os soldados nem pareceram notá-lo. Também por estarem ocupados discutindo com duas mulheres de uma igreja batista local que tentavam entregar uma Bíblia em japonês a uma interna mais velha, uma senhora que Henry considerou muito idosa.

— Não é permitido nada impresso em japonês! — dizia um dos soldados.

As mulheres mostraram suas cruzes e tentaram entregar aos jovens soldados uma espécie de panfleto. Eles recusaram.

— Se eu não conseguir ler em inglês claro, não vai entrar no campo — Henry entreteve um dos soldados dizer. A mulher falou alguma coisa para a senhora japonesa em sua língua nativa. Depois tocaram as mãos e se despediram com um aceno. A Bíblia saiu do campo da mesma forma como havia entrado, e a senhora se afastou de mãos vazias. Os soldados voltaram ao jogo de baralho.

Henry ficou olhando e esperando, até ver uma linda garotinha chegar pelo caminho enlameado com um vestido amarelo desbotado, de galochas vermelhas e uma capa de chuva marrom. Ela parou do outro lado da cerca, com o rosto sorridente, empalidecido pela intoxicação, emoldurado pelo metal frio do arame farpado. Uma borboleta capturada. Henry sorriu e expirou devagar.

— Eu sonhei com você na semana passada — disse Keiko, parecendo feliz e aliviada, e até um pouco confusa. — E continuo pensando que isso ainda deve ser um sonho.

Henry olhou ao longo da cerca e voltou para Keiko, tocando os fios de metal entre os dois.

— Isso é *real*. Eu também preferia estar sonhado.

— Foi um sonho bonito. Oscar Holden estava tocando. E nós estávamos dançando...

— Eu não sei dançar — replicou Henry.

— No *meu* sonho você sabia. A gente estava dançando num clube, com um monte de gente, e a música... era aquela que ele tocou para nós. A

música do disco que compramos. Mas era mais lenta, por alguma razão... Nós estávamos mais lentos.

— Foi um belo sonho. — Henry sentia tanto quanto ela.

— Eu penso nesse sonho. Penso tanto que sonho acordada de dia, quando estou andando pela sujeira do campo, indo e voltando da enfermaria com minha mãe para ajudar os velhos e os doentes. Eu tenho esse sonho o tempo todo. Não só à noite.

Henry encostou as mãos na cerca de arame farpado.

— Talvez eu também consiga sonhar.

— Você não precisa, Henry. Aqui dentro, acho que meu sonho é grande o bastante para nós dois.

Henry deu uma olhada na torre de vigília mais próxima, com as ameaçadoras metralhadoras e sacos de areia como proteção. Proteção contra o quê?

— Sinto muito por você estar aqui — falou. — Não sabia mais o que fazer quando você foi embora. Por isso vim aqui tentar te encontrar. E continuo sem saber o que fazer.

— Tem uma coisa que você pode fazer... — Keiko também tocou na cerca, pousando as mãos sobre as de Henry. — Será que pode me trazer umas coisas? Não tenho papel nem envelopes... nem selos, mas se me trouxer alguns eu posso escrever pra você. E se pudesse trazer um tecido pra nós... qualquer um, só alguns metros. Não temos cortinas, os holofotes passam pela nossa janela e não deixam a gente dormir.

— O que você quiser. Eu trago...

— E eu tenho um pedido especial.

Henry passou os polegares sobre as costas macias da mão dela, olhando para seus olhos castanhos através dos espirais farpados da cerca.

— Semana que vem vai ser o meu aniversário. Será que você consegue trazer todas essas coisas até lá? Nós vamos fazer uma sessão de música ao ar livre nesse dia, logo depois do jantar. Nosso vizinho negociou um toca-discos com os soldados, mas eles só têm um disco riscado de música caipira ou algo assim, e é terrível. Os soldados vão deixar a gente fazer uma sessão de música ao ar livre, se o tempo melhorar. Podem até tocar a música pra nós pelos alto-falantes. E eu gostaria muito de receber uma visita no meu aniversário. A gente pode ficar escutando.

— Que dia é o seu aniversário? — perguntou Henry. Sabia que ela era uns meses mais velha, mas quase tinha esquecido seu aniversário na

confusão dos últimos acontecimentos.

— Na verdade é daqui uma semana a partir de amanhã, mas estamos tentando fazer nossa primeira reunião social no campo, alguma coisa pra melhorar o ambiente e não parecer tanto uma prisão. Propusemos o próximo domingo para a sessão de música e vamos aproveitar para comemorar o meu aniversário.

— Você está com o disco que compramos? — perguntou Henry, lembrando-se das ruas desertas de Nihonmachi, dos prédios cobertos de tapumes.

— Deve estar no porão do Hotel Panamá. Tem um monte de coisas lá. Foi onde meu pai guardou o que não cabia nas nossas malas, coisas que também não queríamos vender... coisas pessoais. Mas o hotel estava sendo interditado quando saímos. Não sei se continua fechado. Você nunca vai conseguir chegar lá, e, mesmo que chegasse, não sei se conseguiria achar esse disco. Tem tanta coisa.

Henry pensou no velho hotel. Até onde se lembrava, o andar térreo estava todo revestido de tapumes. As janelas dos andares superiores — as que estavam descobertas — foram todas quebradas por garotos que atiraram pedras depois da evacuação.

— Tudo bem. Vou conseguir o que puder e trago no domingo que vem.

— Na mesma hora?

— Mais tarde. Na semana que vem nós vamos ajudar com o jantar na Área 4, mas a gente pode se encontrar depois, por volta das seis. Provavelmente a gente vai se ver no jantar, se você entrar na minha fila.

— Eu vou estar lá. Aonde mais eu iria? — Olhou ao redor, examinando a longa extensão do arame farpado, depois olhou para baixo, parecendo notar o quanto estava enlameada. Enfiou a mão no bolso.

— Eu tenho uma coisa pra você.

Henry relutou para largar uma das mãos delas quando Keiko tirou um punhado de dentes-de-leão amarrado com uma fita.

— Essas flores crescem no assoalho da nossa casa. Não é bem um assoalho, só algumas pranchas de madeira em cima da terra. Minha mãe acha uma coisa horrível essas plantas crescendo no piso, mas eu gosto delas. São as únicas flores que crescem aqui. Eu colhi pra você. — Passou as flores para Henry através de uma brecha debaixo do arame.

— Desculpe — disse Henry, sentindo-se de repente envergonhado por ter vindo de mãos vazias. — Eu não trouxe nada pra você.

— Não tem problema. Você ter vindo já é suficiente. Eu sabia que você viria. Talvez tenha sido o meu sonho. Talvez por ter desejado isso. Mas eu sabia que você ia me encontrar. — Keiko olhou para Henry e deu um suspiro profundo. — Sua família sabe que você está aqui? — perguntou.

— Não, não sabe — confessou Henry, envergonhado da ambivalência da mãe e do entusiasmo do pai. — Desculpe não ter contado a eles. Eu não podia... eles nunca me deixariam vir. Eu *odeio* o meu pai, ele...

— Tudo bem, Henry, não tem importância.

— Eu...

— Tudo bem. Eu também não gostaria que meu filho fosse a um campo de prisioneiros.

Henry virou a palma das mãos para cima, sentindo as mãos de Keiko sobre as dele, os dois tocando o metal cortante entre elas, sem vacilar. Olhando para baixo, notou que havia lama seca embaixo das unhas de Keiko. Ela também notou, encolheu os dedos e voltou os olhos para Henry.

O momento, por assim dizer, terminou abruptamente quando Henry ouviu uma buzina à distância. Era a sra. Beatty na picape, fazendo gestos para ele voltar. Claramente, ela pressentiu onde poderia encontrá-lo.

— Eu preciso ir embora. Mas volto na semana que vem, certo? — disse Henry.

Keiko anuiu, contendo as lágrimas, mas achando um sorriso.

— Eu vou estar aqui.

DE VOLTA PARA CASA

(1942)

HENRY ACORDOU NO DOMINGO de manhã sentindo-se um novo homem, mesmo tendo só doze anos — quase treze, na verdade. Tinha encontrado Keiko. Estivera frente a frente com ela. De alguma forma, só de saber onde ela estava era um consolo, ainda que o lugar fosse um campo de prisioneiros enlameado.

Agora só precisava encontrar alguns itens para levar ao Campo Harmony no próximo sábado. Mas e quanto ao disco do Oscar Holden? Seria um belo presente de aniversário, pensou. Se conseguisse localizá-lo.

Henry encontrou o pai na cozinha, ainda de roupão, examinando um mapa da China publicado pela revista *National Geographic*, que usava para acompanhar o andamento da guerra. O pai tinha colado o mapa numa folha de cortiça, espetando alfinetes aqui e ali para indicar as principais batalhas — azuis para as vitórias e vermelhos para as derrotas. Havia diversos alfinetes azuis mais recentes. Mesmo assim, o pai balançava a cabeça.

— Bom dia — disse Henry.

— *Jou san* — o pai respondeu, batendo num ponto do mapa com a unha. Ficou murmurando e repetindo uma frase em cantonês que Henry não entendia: *Sanguang Zhengce*.

— O que significa isso? — perguntou Henry. Parecia algo como “três luzes”.

Meses antes, ele e o pai haviam estabelecido um padrão de não comunicação. Henry sabia quando o pai estava se lamentando de alguma coisa, só precisava fazer a pergunta. Mesmo que fosse em inglês, se o tom soasse como uma pergunta, Henry obteria algum tipo de explicação.

— Significa “três luzinhas”... É uma piada — respondeu o pai em cantonês. — Os japoneses chamam de “três fogos”. Chamam de “Matem Todos. Queimem Todos. Saqueiem Tudo”. Eles fecharam a estrada para Burma, mas depois dos bombardeios em Pearl Harbor nós finalmente estamos recebendo suprimentos dos americanos.

E *you* não é americano?, pensou Henry. Nós não somos americanos? Eles não estão recebendo suprimentos de *nós*?

O pai continuou falando. Henry não sabia bem se consigo mesmo ou com ele.

— Não só suprimentos. Aviões. Os Tigres Voadores estão ajudando Chiang Kai-shek e o Exército nacionalista a derrotar os invasores do Império Japonês... mas agora eles estão destruindo tudo. Os japoneses estão matando civis, torturando milhares, queimando cidades.

Henry percebeu o conflito nos olhos do pai na forma como fitava o mapa, entre contente e triste. Vitoriosos e derrotados.

— Mas nós temos algumas boas notícias. Hong Kong está segura. Os japoneses estão contidos no norte há meses. No próximo ano letivo, você já pode ir a Cantão.

Disse aquilo como se fosse um presente de aniversário, de Natal ou do Ano-Novo Chinês num só pacote. Como se fossem boas notícias. O pai tinha passado a maior parte de seus anos escolares na China, concluindo sua formação. Era um rito de passagem esperado. A maioria das famílias mandava os filhos para a casa de parentes para estudar numa escola chinesa — famílias chinesas tradicionais, como a de Henry.

— E quanto à minha bolsa de estudos na Rainier? Por que não estudar na escola chinesa da King Street, como os outros garotos? E se eu não quiser ir? — Henry disse aquelas palavras sabendo que o pai entenderia apenas algumas: *bolsa de estudos, Rainier, King Street*.

— Hã? — perguntou o pai. — Não, não, não... *Ir a Cantão*.

Pensar em ir à China era aterrorizante. Para Henry, era um país estrangeiro. Sem jazz e sem revistas em quadrinhos — e sem Keiko. Imaginava como seria ficar na casa do tio, que não devia ser mais que um barraco, sendo provocado pelos locais por não ser suficientemente chinês. O contrário do que acontecia aqui, onde ele não era suficientemente americano. Não sabia o que era pior. Tornava a situação de Keiko, ainda que triste, parecer muito mais atraente. Henry se flagrou sentindo uma ponta de inveja. Ao menos ela estava com a família. Pelo menos, por enquanto. Ao menos eles entendiam. Pelo menos não iam mandá-la para longe.

Antes de prosseguir com sua discussão bilíngue, a mãe saiu da cozinha e deu a Henry uma lista de compras e alguns dólares. Normalmente, ela o mandava ao mercado para fazer pequenas compras, inclusive pelo filho levar jeito para conseguir algumas pechinchas. Ele pegou a lista e um *bau* de

porco no vapor para comer no caminho, desceu a escada e saiu no ar frio da manhã, aliviado por escapar um pouco de casa.

Enquanto descia a South King em direção à Sétima Avenida e ao mercado chinês, Henry pensava no que poderia comprar para o aniversário de Keiko — além de papel de carta, tecido para as cortinas e o disco de Oscar Holden, que ele estava determinado a encontrar. Os dois primeiros itens seriam fáceis. Podia comprar artigos de papelaria e tecido na Woolworth's na Terceira Avenida qualquer dia durante a semana. E sabia onde estava o disco. Mas o que ela iria querer de presente de aniversário? O que poderia comprar que fizesse alguma diferença no campo? Tinha economizado todo o dinheiro recebido pelo trabalho com a sra. Beatty. Mas o que poderia comprar? Talvez um novo caderno de esboços e um conjunto de aquarelas? Sim, quanto mais pensava, mais os materiais de desenho pareciam perfeitos.

Mas como iria conseguir o disco era uma questão que continuava sem resposta quando ele passou pelo mercado e entrou em Nihonmachi. Depois de percorrer dois quarteirões da South Main, parou em frente à fachada lacrada do Hotel Panamá. Não havia como entrar — seriam necessários um pé de cabra e mais músculos do que Henry tinha nos ombros. E quando entrasse lá, onde estaria esse disco?

Dinheiro ele tinha — por que não comprar um disco novo? Fazia mais sentido que entrar à força no velho hotel. Mas essa ideia também pareceu infrutífera enquanto ele andava de Nihonmachi em direção ao centro e à loja de departamentos da Rhodes. Tinha dúvidas se eles lhe venderiam o disco, principalmente depois da encrenca armada com ele e Keiko da última vez. Essas dúvidas foram amplificadas quando Henry passou pelo Cine Admiral. A marquise anunciava um novo filme chamado *Little Tokyo, U.S.A.*, que provocou sua curiosidade, mas o deixou nervoso e apreensivo.

As fotos de publicidade eram de grandes estrelas de Hollywood — Harold Huber e June Duprez, maquiados para parecer japoneses. Faziam papel de espiões e conspiradores que ajudaram a planejar o bombardeio de Pearl Harbor. A julgar pelos bilhetes rasgados e pelas pontas de cigarro espalhadas pela calçada, o filme era um sucesso.

A Rhodes estava fora de questão. Henry não era confiável nessa parte da cidade. E o Black Elks Club continuava fechado — por isso não tinha esperança de ir atrás da fonte, o próprio Oscar Holden, para comprar um

disco novo. Henry chutou uma lata na calçada, sua frustração provocando um nó no estômago.

Talvez Sheldon?

Henry ziguezagueou de volta na direção da South Jackson, onde Sheldon às vezes tocava nas tardes de domingo; em geral, quando chegava um navio na cidade, trazendo marinheiros insaciáveis e suas namoradas para o bairro.

No caminho, passou outra vez pelo Hotel Panamá. A grande entrada de mármore pela qual nunca o deixaram passar agora estava vedada. Henry consultou a lista de compras da mãe. Provavelmente teria mais uns trinta minutos até os pais começarem a se preocupar com seu atraso.

Imaginando que poderia haver uma porta nos fundos, Henry entrou por uma ruela atrás da Agência de Empregos Togo, também vedada por tapumes. Ali havia caixas empilhadas e montes de lixo, pilhas de peças de vestuário e sapatos velhos. Coisas que ninguém queria, descartadas, que continuavam ali porque o serviço de limpeza da área fora suspenso. Atrás do hotel, Henry procurou um ponto de carga e descarga ou uma escada de incêndio que pudessem dar acesso a uma das muitas janelas quebradas do segundo andar.

Em vez disso, encontrou Chaz, Will Whitworth e um pequeno grupo de garotos também tentando entrar. Estavam olhando e apontando para as janelas do segundo andar. Alguns atiravam pedras, enquanto outros remexiam em caixas abandonadas. Um garoto que Henry não conhecia tinha encontrado uma caixa cheia de pratos e os atirava contra uma parede de tijolos, estilhaçando-os, espalhando os cacos de louça fina como uma chuva.

Antes que Henry pudesse gritar, correr ou se esconder, eles o avistaram. Primeiro um deles, depois todos.

— É um japa. Pega!

— Não, é um china — disse Will, detendo o garoto por um momento, enquanto todos se aproximavam de Henry.

Chaz assumiu o controle da situação.

— Henry! — Sorriu, parecendo mais feliz do que surpreso. — Onde está a sua namoradinha, Henry? Ela não está em casa, se estiver procurando por ela... e o seu amigo preto não está por perto hoje, está? — ironizou. — É melhor se acostumar comigo. Meu pai vai comprar todos esses prédios, a gente pode até acabar sendo vizinhos.

Henry sentiu os joelhos bambearem, mas seus dentes estavam tão cerrados quanto seus punhos. Viu um velho cabo de vassoura em cima de

uma pilha de lixo, quase da altura dele. Pegou o cabo de vassoura com as duas mãos, empunhando-o como um taco de beisebol. Brandiu-o uma vez, depois mais uma, para garantir. Parecia robusto e pesado. Robusto o bastante para rebater uma bola em curva do tamanho da cabeça de Chaz.

Todos os garotos pararam, exceto Chaz, que se aproximou um pouco de Henry, mas se mantendo fora do alcance do bastão improvisado.

— Vai pra casa, Chaz. — A raiva na própria voz surpreendeu Henry. Sentiu o sangue fugir dos punhos que seguravam o cabo de vassoura, até suas juntas empalidecerem.

Chaz falou mansamente, com uma falsa delicadeza na voz.

— Minha casa é *aqui*, nos Estados Unidos da *América*... não nos Estados Unidos de Tóquio. E, de todo jeito, meu pai vai acabar sendo dono de todo esse bairro. O que você vai fazer, enfrentar todos nós? Você acha que pode bater em todos nós?

Henry sabia que não teria chance contra os sete garotos.

— Você pode acabar me pegando, mas sei que um de vocês vai voltar pra casa mancando. — Henry brandiu o cabo, batendo no chão sujo e arenoso entre ele e o garoto maior. Lembrou-se vividamente do hematoma no rosto e do olho roxo que tinha ganhado perto da estação ferroviária, cortesia de Chaz.

Os garotos na retaguarda hesitaram. Começaram a se retirar, abandonaram os itens que tinham surrupiado da ruela, antes de virarem a esquina correndo. Henry ensaiou um ataque feroz a Chaz, que também recuou, parecendo pálido e até um pouco assustado. O cabelo espetado de seu corte escovinha pareceu murchar. Sem dizer uma palavra, Chaz cuspiu no chão entre os dois e se afastou.

Henry ficou com o cabo de vassoura apoiado no chão, o corpo tremendo e o coração batendo mais forte. Sentiu as pernas bambas. *Eu consegui. Ganhei a parada. Enfrentei todos eles. Venci.*

Quando se virou, Henry deu de cara com um soldado. Aliás, com dois soldados — com braçadeiras da Polícia Militar. Os fuzis estavam pendurados nos ombros, e cada um tinha um longo cassete preto preso ao pulso por uma tira de couro. Um dos soldados olhou para o peito de Henry e cutucou o crachá com o cassete.

Henry largou o cabo de vassoura, que caiu no chão, fazendo um som estridente.

— Chega de saques, garoto. Não me interessa quem você é... Cai fora.

Henry recuou, depois saiu andando o mais depressa que suas pernas bambas conseguiam. Quando chegou na South Main, correu na direção da Jackson, o território de Sheldon. Viu as luzes de um carro de polícia refletindo no pavimento molhado e nas poças que tentava evitar. Olhando para trás, viu Chaz e seus amigos na calçada sendo interrogados por um policial, que escrevia alguma coisa num bloquinho. Parecia que o policial não estava acreditando na desculpa que Chaz estava inventando. Os saques e vandalismos vinham sendo muito frequentes. E agora Chaz tinha sido pego em flagrante.

O JANTAR

(1986)

PARA GRANDE SURPRESA DE HENRY, Samantha era uma cozinheira incrível. Ele tinha uma afinidade especial com qualquer um que tivesse talento na cozinha, pois era quem mais cozinhava em casa. Mesmo antes de Ethel ficar doente, ele gostava de cozinhar. Mas, depois do câncer, toda a atividade culinária — e a de limpar, lavar — sobrou para Henry. Ele não se incomodava. Ethel sentia muita dor, estava sempre doente, sempre sofrendo com o câncer ou com tratamentos radioterápicos receitados para matar partes internas dela. As duas coisas devastavam seu corpo frágil e pequeno. O mínimo que podia fazer era preparar suas massas favoritas ou o manjar de mangas frescas com menta. Ainda que, perto do fim, por mais maravilhoso que tudo parecesse, ela tivesse pouco apetite. Era tudo o que Henry podia fazer para que Ethel ingerisse fluidos. E, já bem no final, ela realmente queria ir embora, precisava partir.

Pensou nisso e lutou para afastar uma onda de melancolia quando o filho lhe ofereceu uma torrada, erguendo seu copo de *heung jou*, um vinho fermentado que tinha mais gosto de álcool de cereais.

— A um achado bem-sucedido, na cápsula do tempo do porão do Hotel Panamá.

Henry ergueu o copo, mas tomou só um golinho, enquanto Marty e Samantha esvaziaram seus copos, estremecendo e fazendo caretas com o sabor forte e a sensação lacrimejante.

— Puxa, isso queima — grunhiu Marty.

Sorrindo, Henry renovou o copo do filho com o líquido incolor e aparentemente inofensivo, mas que poderia ser facilmente usado para limpar graxa de peças usadas de automóveis.

— A Oscar Holden e a suas duradouras gravações — brindou Samantha.

— Não. Não. Não. Pra mim chega. Conheço meus limites — disse Marty, depositando o copo na mesa redonda no canto da pequena sala de jantar, que funcionava também como sala de estar. Era um local silencioso e

reflexivo, enfeitado com vasos de folhagens, como a planta-jade de que Henry cuidava desde que Marty nasceu. As paredes eram forradas de fotos de família, vivas e coloridas, contra o fundo outrora branco, que agora parecia manchado e amarelado, escurecido nos cantos como dentes manchados de café.

Henry olhou para o filho e para a jovem, com quem estava claramente encantado. Com seus copos na mão. Sentindo o ardor da bebida. Como os dois eram diferentes. E como isso pouco importava. As diferenças não eram notáveis. Tão parecidos, tão felizes. Difícil dizer onde terminava uma pessoa e começava a outra. Marty estava feliz. Saindo-se bem, com boas notas *e* feliz. O que mais um pai poderia querer para o filho?

Enquanto olhava para a pilha de cascas de caranguejo na travessa vazia de *choy sum*, Henry constatou que as habilidades de Samantha na cozinha se comparavam às de Ethel em seus melhores dias — e até mesmo às dele. Marty tinha escolhido bem.

— Muito bem, quem está pronto para a sobremesa?

— Eu estou tão cheio — gemeu Marty, empurrando o prato.

— Sempre sobra um lugarzinho — provocou Henry enquanto Samantha ia à cozinha e voltava, trazendo uma pequena travessa.

— O que é isso? — perguntou Henry, atônito. Estava esperando o sorvete de chá verde.

— Eu fiz isso especialmente para o meu futuro sogro... o sorvete é para mim. Mas isto — continuou, pondo um prato de doces brancos e delicados na frente de Henry — é algo para uma ocasião especial. É o doce barba de dragão.

A última vez que Henry tinha comido o doce barba de dragão fora antes de Ethel ficar doente. Enquanto abria a refinada cobertura açucarada, com recheio de coco ralado e sementes de gergelim, viu Marty sorrindo com aprovação — como que dizendo: “Está vendo, pai, eu sabia que você ia gostar dela”.

Estava delicioso.

— Demora anos para aprender a fazer isso, como você...?

— Eu andei praticando — explicou Samantha. — Às vezes é preciso meter a cara. Tentar fazer o que for mais difícil. Como o senhor fez com sua namorada de infância.

Henry engasgou um pouco com a sobremesa, sentindo o recheio doce e limpando a garganta.

— Já vi que meu filho andou lhe contando algumas histórias.

— Não deu pra evitar. Além do mais, o senhor nunca pensou no que aconteceu com ela? Sem querer desrespeitar sua esposa, essa garota, seja quem for, ainda pode estar por aí em algum lugar. Não sente curiosidade de saber onde ela está, onde poderia estar?

Henry olhou para seu copo de vinho e tomou tudo numa só talagada. Sentiu o ardor e a sensação lacrimejante nos olhos, os sínus se descongestionando com a queimação. Depositou o copo na mesa e olhou para Samantha e para Marty. Avaliando suas expressões, divididas em partes iguais entre esperança e pensamento positivo.

— Eu tenho pensado nela. — Henry procurava as palavras, incerto quanto à reação de Marty. Sabendo o quanto o filho amava Ethel, sem querer atropelar sua memória. — Eu tenho pensado nela. — O tempo todo. Agora mesmo, aliás. Não seria errado dizer isso a você, *seria*? — Mas isso aconteceu tanto tempo atrás. As pessoas crescem. Elas se casam, constituem famílias. A vida continua.

Henry tinha pensado em Keiko em todos aqueles anos — às vezes com saudade, às vezes com uma resignação melancólica, e até desejando sinceramente o melhor para ela, que pudesse ser feliz. Foi então que percebeu que a amava. Mais do que a havia amado tantos anos atrás. Amava-a a ponto de deixá-la partir — e não escarafunchar o passado. Além disso, ele tinha Ethel, que fora uma adorável esposa. E claro que ele também a amava. E quando ficou doente, Henry teria trocado de lugar com ela se pudesse. Para vê-la se levantar e voltar a andar, ele se deitaria com prazer naquela cama do hospital. Mas, no final, foi ele quem teve de continuar vivendo.

Quando viu aquelas coisas saindo do porão do Hotel Panamá, Henry se permitiu fazer conjecturas e desejar. Desejar um disco de Oscar Holden que ninguém acreditava existir. Desejar evidências de uma garota que um dia o amou pelo que ele era, embora tivesse nascido no outro lado da vizinhança.

Marty observava o pai absorto em pensamentos.

— Sabe de uma coisa, pai, o senhor está com as coisas dela, pelo menos com os cadernos de esboços. Quer dizer, mesmo se estiver casada e tudo o mais, ela vai gostar de recuperar essas coisas. E se for o senhor a lhe entregar, que bela coincidência isso poderia ser.

— Eu não faço ideia de onde ela está — protestou Henry enquanto o filho servia mais vinho no seu copo. — Talvez nem esteja mais viva.

Quarenta anos é muito tempo. E quase ninguém reivindicou as coisas do Panamá. Quase ninguém. As pessoas não olham para trás, e não havia nada para o que voltar, por isso seguiram em frente.

Era verdade. Henry sabia. E, pela expressão de seu rosto, Marty também sabia. Mesmo assim, ninguém imaginava que o disco ainda existisse, e ele foi encontrado. Quem sabe o que poderia encontrar se procurasse direito?

DEGRAUS

(1986)

DEPOIS DO JANTAR, HENRY insistiu em lavar a louça. Samantha tinha feito um trabalho maravilhoso. Quando entrou, ele meio que esperava encontrar caixas de comida para viagem do restaurante Jumbo Seafood escondidas embaixo da pia, ou pelo menos livros de receita manchados de molho de ostra. Mas a cozinha estava limpa e arrumada — ela tinha lavado as panelas enquanto cozinhava, do jeito que Henry fazia. Enxugou e guardou os poucos pratos que restavam e colocou algumas travessas de molho na pia.

Quando pôs a cabeça para fora para agradecer, era tarde demais. Samantha já havia tirado os sapatos e dormia no sofá, ressonando baixinho. Henry olhou para a garrafa de vinho de ameixa quase vazia e sorriu, antes de cobri-la com uma manta verde que Ethel tricotara. Ela sempre fora habilidosa, mas o tricô acabou se tornando um passatempo necessário. Propiciava algo para fazer com as mãos enquanto se submetia à quimioterapia. Ele sempre admirou como Ethel conseguia tricotar tão bem com uma cânula espetada no braço, mas ela parecia não se incomodar.

Henry sentiu uma corrente de ar e notou que a porta estava aberta. Viu a silhueta do filho atrás da tela. Mariposas adejavam ao redor da luz da varanda, chocando-se com a lâmpada, atraídas de forma irresistível por algo que não poderiam jamais conseguir.

— Por que vocês não dormem aqui? — perguntou Henry, abrindo a porta de tela. Sentou-se ao lado de Marty, esperando uma resposta. — Ela está dormindo, e já é tarde para dirigir.

— Quem disse? — retrucou Marty.

Henry fechou um pouco a cara. Sabia que o filho detestava obedecer a ordens, mesmo que fosse uma oferta gentil. Eram nessas ocasiões que ele e Marty discutiam só pela discussão. E ninguém nunca vencía.

— Só estou dizendo que é tarde...

— Desculpe, pai — disse Marty, mudando de atitude. — Acho que só estou cansado. Este foi um ano difícil. — Segurava um cigarro apagado na

mão. Ethel afinal sucumbiu quando o câncer se alastrou pelos pulmões. Henry tinha parado de fumar anos atrás, mas Marty ainda lutava: parou quando a mãe ficou doente, mas voltava uma vez ou outra. Henry sabia o quanto o filho se sentia culpado por fumar enquanto a mãe morria de câncer no pulmão.

Marty jogou o cigarro na rua.

— Não consigo deixar de pensar na mamãe e no quanto as coisas mudaram nesses últimos anos.

Henry assentiu, olhando para a calçada. Podia ver através da janela do vizinho da frente. A TV estava ligada, eles assistiam a uma espécie de programa de variedades hispânico. A vizinhança está sempre mudando, pensou Henry, observando o quarteirão além da padaria coreana e a lavanderia a seco administrada por uma família armênia.

— Posso perguntar uma coisa, pai?

Henry assentiu mais uma vez.

— Você manteve mamãe em casa só pra me contrariar?

Henry viu uma picape com suspensão rebaixada entrando na rua.

— O que você acha? — perguntou, sabendo a resposta, mas surpreso pelo filho ter feito uma pergunta tão direta.

Marty se levantou e foi até o cigarro que tinha jogado na rua. Henry achou que ele ia pegar o cigarro sujo e acendê-lo. Mas Marty pisou nele, triturando-o.

— Era o que eu achava. Não fazia sentido pra mim, sabe? Quer dizer, esse não é um bairro especialmente chique... a gente podia ter posto mamãe em algum lugar com uma vista, com uma sala de jogos. — Marty balançou a cabeça. — Acho que agora eu entendo. Não importa que a casa da gente seja ou não *agradável*... Só importa que seja a *nossa* casa.

Henry ficou ouvindo a barulhenta picape a distância.

— Yay Yay sabia sobre Keiko? — perguntou Marty. — A mamãe sabia?

Henry se espreguiçou e se recostou.

— Seu avô sabia, porque eu contei. — Olhou para o filho, tentando avaliar sua reação. — Depois disso ele parou de falar comigo...

Henry pouco falara com o filho sobre sua infância, e Marty não sabia das histórias do avô. Ele quase nunca perguntava. A maior parte do que sabia havia sido contada pela mãe.

— Mas e a mamãe?

Henry soltou um grande suspiro e passou a mão na parte do rosto que se

esquecera de barbear na comoção dos últimos dias. Os pelos hirsutos o fizeram se lembrar daqueles meses, dos anos cuidando de Ethel. Como os dias se passavam sem que ele saísse de casa, como se barbeava sem nenhuma razão, só por hábito. Depois ele relaxou — pois morava com alguém que nem percebia, que não conseguia perceber.

— Não sei bem o quanto sua mãe sabia. Nós não falávamos a respeito.

— Você não falava sobre antigas paixões? — perguntou Marty.

— Que antigas paixões? — Henry abriu um pequeno sorriso. — Eu fui o primeiro garoto com quem ela saiu. Naquele tempo era diferente... não era como agora.

— Mas você teve uma, evidentemente. — Marty mostrou um caderno nos degraus, ao lado do seu paletó.

Henry pegou o caderno, folheou as páginas, tocando nas impressões onde o lápis de Keiko havia dançado sobre o papel. Sentindo a textura dos desenhos, ponderou sobre a razão de ela ter abandonado o caderno. Por que tinha deixado tudo para trás? Por que ele também fizera isso?

Em todos aqueles anos, Henry amou Ethel. Foi um marido fiel e dedicado, mas desviava-se muitos quarteirões de seu caminho para evitar o Hotel Panamá e as lembranças de Keiko. Se soubesse que os pertences dela ainda estavam lá...

Devolveu o caderno de esboços ao filho.

— Você não quer ficar com ele? — perguntou Marty.

Henry deu de ombros.

— Eu tenho o disco. É o suficiente. — *Um disco quebrado*, pensou. Duas metades que nunca mais tocariam.

O DISCO DE SHELDON

(1942)

QUANDO A SEGUNDA-FEIRA CHEGOU, Henry ainda sorria por ter localizado Keiko e por ter visto Chaz ser procurado pela polícia. Seus passos estavam animados quando saiu da escola correndo, depois andou e em seguida correu um pouco mais, passando pelos peixeiros da South King até chegar à South Jackson. As pessoas nas ruas pareciam felizes. O presidente Roosevelt havia anunciado que o tenente-coronel James Doolittle tinha comandado um esquadrão de B-25 num ataque de bombardeiros a Tóquio. Parecia que o moral estava alto em toda parte. Quando indagado sobre de onde os aviões haviam decolado, o presidente fez uma piada, dizendo aos repórteres que eles tinham vindo de *Xangrilá* — que por acaso era o nome de um clube de jazz pelo qual passava para se encontrar com Sheldon.

Localizar Sheldon àquela hora da tarde era fácil. Henry seguiu seu ouvido, indo em direção às notas de blues vindas do instrumento de Sheldon, um tema que Henry reconheceu — intitulado “Writin’ Paper Blues”. Um dos que Sheldon tocava no clube com Oscar. Muito apropriado, considerando que Henry ainda precisava passar na papelaria para fazer as compras de Keiko, entre outras coisas.

Em cima da escada de um prédio, perto do local onde Sheldon se apresentava, Henry viu uma pequena montanha de trocados no estojo do sax aberto. Isso e um disco de vinil de 78 rpm, apoiado numa pequena estante de madeira. Do mesmo tipo que a sua mãe usava para algumas peças de porcelana que conseguia comprar. Um pequeno cartaz escrito à mão dizia: “Como apresentado no novo disco de Oscar Holden”.

Para Henry, os espectadores pareciam os mesmos, mas aplaudiam com muito mais entusiasmo enquanto Sheldon tocava, para sua agradável surpresa. Aplaudiram mais ainda quando ele terminou com uma nota doce e aguda que ecoou com o tilintar das moedas que pingavam no estojo do sax. O monte de moedas era mais dinheiro do que Henry já havia visto, ainda que em trocados.

Sheldon fez uma saudação, tocando na aba do chapéu, enquanto a multidão se dispersava.

— Henry, por onde tem andado, jovem senhor? Não tenho visto você por aqui há uns dois ou três fins de semana.

Era verdade. Henry andava tão ocupado no Campo Harmony, e escondendo o fato dos pais, que não via Sheldon desde o Dia E. Sentia-se um pouco culpado por sua ausência.

— Eu arranjei um emprego de fim de semana... no Campo Harmony, aquele lugar...

— Eu sei. Sei tudo sobre *aquele* lugar... está nos jornais há semanas. Mas agora... diga uma coisa, como nesse mundo de Deus você arranjou esse negócio... esse emprego?

Era uma longa história. E Henry nem sabia ainda o final.

— Posso explicar mais tarde? Tenho um monte de coisas pra fazer e já estou atrasado... *e eu preciso de um favor*.

Sheldon se abanava com o chapéu.

— Dinheiro? Pode pegar o que precisar — falou, apontando o estojo cheio de moedas prateadas. Henry tentou adivinhar quanto haveria ali, pelo menos uns vinte dólares só em moedas de cinquenta centavos. Mas não era daqueles objetos redondos e achatados que Henry precisava.

— Eu preciso do seu disco.

Houve um momento de silêncio perplexo. Henry ouviu uma bateria ensaiando no segundo andar de um dos clubes ao longe.

— Isso é engraçado, soou como “Eu preciso do seu disco” — disse Sheldon. — Parece até que ouvi você dizer “Eu preciso do seu *último* disco”. O único disco que eu tenho... comigo tocando. O único que restou na loja, já que o disco de Oscar vendeu como pão quente em uma semana.

Henry olhou para o amigo, mordendo o lábio.

— Foi isso que eu ouvi? — perguntou Sheldon, parecendo que estava brincando, mas Henry não tinha muita certeza.

— É para a Keiko. Para o aniversário dela.

— Aaaaah. — Sheldon pareceu ter sido esfaqueado. Fechou os olhos e contorceu a boca num esgar de dor. — Agora você me pegou. Me pegou bem aqui. — Bateu no coração e abriu um sorriso cheio de dentes para Henry.

— Isso quer dizer que você vai me dar? Depois eu reponho. Eu e Keiko compramos um disco juntos, mas ela não pôde levar para o campo, e agora

está guardado em algum lugar. Eu não sei onde... provavelmente perdido.

Sheldon pôs o chapéu na cabeça e ajustou a boquilha do sax.

— Pode ficar com ele. Só por ser para uma causa mais *nobre*.

Henry não entendeu a gozação de Sheldon, senão teria ficado totalmente envergonhado e negaria que era o *amor* que o motivava de uma forma inimaginável.

— Muito obrigado. Um dia eu te pago — falou.

— Vai lá tocar essa coisa. Vai tocar essa coisa naquele campo. Pode ir. Eu meio que gosto de como isso soa — disse Sheldon. — Vai ser a primeira vez que vou tocar num estabelecimento de *brancos*... mesmo que seja para uma turma de japoneses, uma audiência meio cativa.

Henry sorriu e olhou para Sheldon, que claramente esperava uma reação ao seu trocadilho. Henry enfiou o disco embaixo do casaco e saiu correndo e gritando:

— Obrigado, senhor, e tenha um ótimo dia. — Sheldon balançou a cabeça e sorriu, antes de começar a se aquecer para mais uma apresentação no meio da tarde.

No dia seguinte, Henry parou na Woolworth's a caminho de casa, na volta da escola. A loja de artigos baratos estava mais cheia que o normal — aliás, lotada. Henry contou doze guichês diferentes, todos vendendo bônus de guerra. O Elks tinha um guichê. Assim como o Venture Club. Cada grupo tinha um gigantesco termômetro de cartolina mostrando o quanto tinham vendido, todos competindo para vender mais do que os outros. Um deles tinha até um recorte em tamanho natural de Bing Crosby usando um uniforme do Exército.

— Dia de pagamento é dia de comprar bônus! — gritava um homem, servindo pedaços de torta e xícaras de café.

Henry caminhou no meio da multidão, passou pelos guichês de plástico vermelho vivo e pelos bancos giratórios do balcão de refrigerantes, dirigindo-se para o fundo da loja. Pegou papel de carta, material de desenho, um corte de tecido e um caderno de esboços cujas páginas em branco pareciam muito promissoras, um futuro ainda não escrito. Pagou rapidamente a uma jovem, que sorriu ao avistar seu crachá, e correu o resto do caminho até seu apartamento, chegando talvez dez minutos atrasado. Quase nada. Nem tempo suficiente para dar uma folga à mãe. Guardou as coisas de Keiko e o

disco numa velha tina de lavar roupa embaixo da escada, no fundo do beco, antes de subir a escada de dois em dois degraus, com pés ligeiros.

As coisas estavam melhorando, pois a notícia que se espalhava era de que Chaz e seus amigos tinham sido enquadrados pela polícia de Seattle por pelo menos parte do prejuízo que causaram em Nihonmachi. Mas ninguém saberia dizer se receberiam alguma punição. Os cidadãos japoneses, embora fossem americanos, agora eram considerados inimigos estrangeiros — será que alguém se importaria com o que acontecesse com suas casas? De qualquer forma, o pai de Chaz logo descobriria que seu garoto de ouro tinha um coração de carvão, o que já era castigo suficiente, argumentava Henry, sentindo-se mais aliviado que alegre.

Depois havia Sheldon, que finalmente estava gozando dos frutos monetários de seu trabalho musical. Ele sempre atraía uma multidão, mas agora era uma multidão *pagante*, em vez das pessoas que lhe jogavam apenas alguns tostões de passagem.

E, além do presente de aniversário, a última cópia do disco de Oscar Holden de 78 rpm logo estaria a caminho de Keiko. Aquela música era algo que poderiam compartilhar, mesmo separados por uma cerca de arame farpado e sob a vigilância de uma torre equipada com metralhadoras.

Apesar da desgraça de tudo que havia visto, da tristeza do êxodo forçado para o Campo Harmony, as coisas estavam administráveis, e a guerra não poderia durar para sempre. Um dia Keiko voltaria para casa, não é?

Henry estava assobiando quando abriu a porta do pequeno apartamento e viu seus pais. Foi então que seus lábios se apertaram em silêncio e ele perdeu o fôlego. Os dois estavam sentados à minúscula mesa da cozinha. Espalhados pela mesa estavam os álbuns de fotografias de Keiko. Os que ele havia escondido com todo cuidado atrás das gavetas da cômoda. Centenas de fotos de famílias japonesas, algumas em trajes tradicionais, outras em uniformes militares. Pilhas e pilhas de imagens em preto e branco. Pouca gente sorria. Mas nenhuma parecia tão sorumbática quanto seus pais — os rostos contraídos numa expressão de choque, vergonha e traição.

A mãe murmurou alguma coisa, desgostosa. O pai pegou um álbum de fotos, rasgou em dois pela lombada e o jogou no chão, gritando alguma coisa em cantonês. Pareciam mais indignados com as próprias fotos do que com Henry. Mas sua vez iria chegar. Ele sabia.

Bem, pelo menos agora nós vamos ter uma conversa de verdade, pensou Henry. E, pai, *já era tempo*.

Henry deixou as compras na mesa perto da porta, tirou o casaco e sentou na cadeira em frente ao pai, observando as fotos de Keiko e sua família espalhadas — sua família japonesa. Fotos de casamento dos pais usando quimonos. Imagens de noivas. Fotos de um velho, provavelmente o avô dela, usando o uniforme da Marinha Imperial do Japão. Algumas famílias japonesas tinham queimado aquelas coisas. Outras esconderam as valiosas lembranças de quem eram e de onde vieram. Algumas chegaram a enterrar os álbuns de fotografias. Um *tesouro enterrado*, pensou Henry.

Já fazia oito meses desde que o pai insistira para ele só falar em inglês. Agora isso iria mudar.

— O que você tem a dizer? Fale logo! — disparou o pai em cantonês.

Antes de Henry poder responder, o pai se lançou ao ataque.

— Eu pus você na escola. Direcionei o seu caminho... para uma escola *especial*. Fiz tudo isso por *você*. Uma das melhores escolas de brancos. E o que acontece? Em vez de estudar, você está de olho nessa garota japonesa! Ela é filha dos açougueiros do meu povo. Do *seu* povo. O sangue deles está nela! Ela tem o fedor desse sangue!

— Ela é americana — protestou Henry, falando baixo em cantonês. As palavras soaram estranhas. Estrangeiras. Como andar sobre um lago congelado sem saber se vai aguentar o seu peso ou deixá-lo cair nas profundezas geladas.

— Veja! Veja com seus próprios olhos! — O pai de Henry mostrou uma página de um dos álbuns, quase o encostando no rosto de Henry. — Isto não é americano! — Apontou para a imagem de um homem imponente em trajes tradicionais japoneses. — Se o FBI encontrar isso aqui na nossa casa, na nossa casa sino-americana... eles podem nos prender. Levar tudo. Podem nos jogar na cadeia e nos multar em cinco mil dólares por ajudar o inimigo.

— Ela não é o inimigo — replicou Henry, falando um pouco mais alto, com o coração disparado e as mãos começando a tremer, tremer de frustração, com uma raiva que nunca havia se permitido sentir. — O senhor nem a conhece. Nunca a viu. — Apertou a mandíbula e rilhou os dentes.

— Eu não preciso fazer isso... ela é japonesa!

— Ela nasceu no mesmo hospital que eu, no mesmo ano em que nasci. Ela é *americana*! — Henry falou bem alto, tão alto que ficou assustado. Nunca tinha falado daquela maneira com um adulto, imagine com o próprio pai, a quem fora ensinado a reverenciar e respeitar.

A mãe tinha ido à cozinha por um momento para levar um vaso de flores

da mesa. Henry viu a expressão chocada e decepcionada no rosto dela por ele ter sido desobediente. A expressão logo se transformou numa resignação silenciosa, mas isso só fez aumentar a carga de culpa sobre os ombros de Henry. Apoiou a cabeça nas mãos, envergonhado por ter falado tão alto na frente da mãe. Ela virou para o outro lado, como se ele não tivesse dito nada. Como se não estivesse lá. Voltou para a cozinha antes de Henry dizer qualquer coisa.

Quando Henry ergueu a cabeça, o pai já estava diante da janela aberta com um monte de fotos de Keiko. Olhou para Henry com o rosto tão inexpressivo que parecia uma máscara de decepção. Depois jogou as fotos, os álbuns e as caixas pela janela. Elas se espalharam pelo chão, cobrindo o beco com retângulos brancos, rostos perdidos olhando para ninguém.

Henry se abaixou para pegar os álbuns rasgados. O pai os tirou de sua mão e também os jogou pela janela. Henry ouviu os objetos batendo no pavimento lá fora, sons no asfalto molhado.

— Ela nasceu aqui. A família dela nasceu aqui. O senhor nem *nasceu* aqui — murmurou Henry para o pai, que olhou para o outro lado, ignorando as palavras do filho.

Henry faria treze anos dali a alguns meses; talvez significasse deixar de ser um garoto e começar a ser outra coisa, pensou, enquanto vestia o casaco e andava em direção à porta. Não podia deixar aquelas fotos lá fora.

Virou-se para o pai.

— Eu vou pegar aquelas fotos. Eu disse a ela que guardaria... só até ela voltar. E vou manter minha promessa.

O pai apontou para a porta.

— Se você sair por essa porta... Se sair por essa porta agora, não faz mais parte da família. Não é mais chinês. Não faz mais parte de nós. Não faz mais parte de mim.

Henry não hesitou. Pegou na maçaneta, sentindo o metal frio e duro na mão. Olhou para trás, falando em seu melhor cantonês.

— Eu sou o que o senhor fez de mim, pai. — Abriu a pesada porta. — Eu... sou americano.

DE VOLTA AO CAMPO

(1942)

HENRY CONSEGUIU SALVAR A maior parte das fotos de Keiko. Limpou a lama e o lixo com a manga da camisa e escondeu tudo na velha tina de lavar roupa embaixo da escada até poder dar para Sheldon guardar. Mas a partir daquele momento, começou a se sentir um fantasma no pequeno apartamento de tijolos onde morava com os pais. Eles não falavam com ele; na verdade, mal notavam sua presença. Falavam um com o outro como se ele não estivesse ali e, quando se viravam em sua direção, ambos fingiam que ele não existia. Ao menos Henry esperava que só estivessem fingindo.

No começo, Henry falava com eles assim mesmo, em inglês — conversas na hora das refeições —, depois passou a implorar em chinês. Não adiantou nada. A grande muralha de silêncio dos pais era impenetrável às suas melhores tentativas de subvertê-la. Então ele também começou a não dizer nada. E como as conversas entre os pais quase sempre eram sobre a *educação* de Henry, as *notas* de Henry, o *futuro* de Henry, com a *ausência* de Henry, eles falavam muito pouco. Os únicos sons que se ouviam no pequeno apartamento vinham das páginas de jornal sendo folheadas ou do chiado da estática do rádio sem fio — apresentando boletins com notícias da guerra e as mais recentes atualizações sobre o racionamento e os grandes treinamentos da Defesa Aérea Civil. No rádio, nunca mencionavam nada sobre os japoneses retirados de Nihonmachi — era como se nunca tivessem existido.

Depois de alguns dias, a mãe passou a reconhecer sua existência, do jeito dela. Lavava a roupa dele e embrulhava seu lanche. Mas fazia isso com pouca cerimônia, talvez para não contrariar a vontade do marido, que continuava nessa linha de renegar o filho figurativamente, se não literalmente.

— Obrigado — disse Henry, quando a mãe pôs uma tigela de arroz à sua frente. Mas então ela foi buscar outros hashis...

— Está esperando alguém mais para jantar? — interrompeu o pai de

Henry em chinês, baixando o jornal. — Responda — exigiu.

Ela olhou para o marido como que pedindo desculpas e logo retirou a tigela da mesa, evitando olhar para o filho.

Para não se sentir totalmente rejeitado, Henry fez seu próprio prato e se serviu. Comeu tudo em silêncio, os únicos sons os dos palitinhos batendo ocasionalmente na beira da tigela de arroz quase vazia.

O silêncio ensurdecedor continuava na Escola Rainier, apesar de Henry ter pensado em seguir seus velhos amigos para a escola chinesa, ou até mesmo ir para a Bailey Gatzert, uma escola multiétnica que alguns garotos mais velhos frequentavam. Mas sabia que teria de se matricular de alguma forma, e sem a cooperação dos pais isso seria impossível. Talvez, quando terminasse o ano letivo, conseguisse convencer a mãe a mudá-lo de escola. Não, seu pai tinha orgulho demais da *bolsa de estudos* do filho. A mãe nunca concordaria com Henry.

Por isso ele aceitou o fato de que concluiria as duas semanas seguintes da sexta série exatamente onde estava. Era necessário, não é? A sra. Beatty continuava levando-o ao Campo Harmony nos fins de semana, e, se ele não trabalhasse na cozinha a semana toda, suas saídas de fim de semana para ver Keiko poderiam estar em perigo.

Quando o sábado ia se aproximando, Henry sentia muita vontade de falar com alguém... com qualquer um. Tentou encontrar Sheldon durante a semana, mas nunca tinha tempo antes das aulas. Depois das aulas, Sheldon estava sempre tocando no Black Elks Club, que havia sido reinaugurado recentemente.

A melhor conversa que Henry podia esperar acontecia quando viajava com a sra. Beatty. Ela fumava enquanto dirigia, jogando as cinzas para fora e soltando a fumaça pelo canto da boca. Mas a fumaça sempre voltava com o vento, envolvendo os dois. Henry baixou o vidro uns cinco centímetros, tentando afastar a fumaça dos presentes que levava no colo.

Além de uma sacola com miudezas da Woolworth's, levava também duas caixas embrulhadas em papel lavanda com uma fita branca que tinha surrupiado do cesto de costura da mãe. Uma das caixas continha um caderno de esboços, lápis, pincéis e uma paleta de aquarela. A outra era o disco de Oscar Holden; o que Sheldon havia lhe dado. Henry o embrulhou delicadamente com um tecido, para protegê-lo.

— É um pouco cedo para o Natal — comentou a sra. Beatty, jogando uma guimba pela janela da picape.

— Amanhã é o aniversário da Keiko.

— É mesmo?

Henry confirmou, abanando o resto da fumaça.

— Muito atencioso da sua parte — disse a sra. Beatty. Quando Henry ia dizer alguma coisa, ela o interrompeu. — Você sabe que eles não vão deixar você entrar com essas coisas desse jeito? Quer dizer, isso pode ser uma arma, algumas granadas de mão, quem sabe... tudo embrulhado com uma bela fita, entrega especial.

— Mas eu queria que ela abrisse na cerca...

— Não adianta, querido, todos os presentes são abertos pela sentinela de plantão. Regras são regras.

Henry sacudiu a caixa maior no colo, a que continha o disco, pensando que poderia arrancar a fita e acabar logo com aquilo.

— Não se preocupe, eu cuido disso — continuou a sra. Beatty. E cuidou mesmo.

Já na periferia de Puyallup, a sra. Beatty parou no estacionamento de um posto de gasolina Shell. Escolheu uma vaga meio afastada, perto dos fundos, evitando as bombas de gasolina e os frentistas, que observavam os dois com curiosidade.

— Pegue essas caixas e venha comigo — ordenou, deixando a picape em ponto morto antes de ir até a traseira do veículo, ainda com o motor ligado.

Henry foi atrás, segurando os presentes, enquanto ela subia na carroceria da picape. Gemendo, ela puxou um saco de vinte e cinco quilos e o empurrou na direção de Henry, antes de desamarrar e abri-lo. Henry viu que estava cheio de arroz.

— Me dá isso aqui.

Henry entregou os presentes e ficou olhando enquanto ela enfiava os dois pacotes no meio do arroz e depois o fechava. Henry olhou para todos aqueles sacos, imaginando o que poderia haver neles. Já tinha visto a sra. Beatty trocando coisas com soldados e às vezes com residentes do campo. Coisas como lixas, pequenos serrotes e outras ferramentas de marcenaria. Para alguma fuga?, Henry se perguntou. Não, ele já tinha visto alguns homens mais velhos trabalhando fora dos casebres, construindo cadeiras e estantes. Provavelmente era assim que as ferramentas chegavam. Da pedra angular do mercado negro da sra. Beatty.

— Ei, o que você tá fazendo aí com esse japa? — O frentista do posto de gasolina tinha contornado o prédio, provavelmente curioso com aquela

senhora e com aquele pequeno asiático.

— Ele não é japa. É um china... e os chineses são nossos aliados. Por isso, cai fora, meu amigo! — A sra. Beatty ergueu a última saca, a que estava com o disco, e a empurrou para a lateral da carroceria com um baque pesado.

O frentista recuou imediatamente, dando alguns passos para trás na direção do posto, fazendo um tímido aceno.

— Só estava tentando ajudar. Esse é o meu trabalho, sabe.

Ignorando-o, Henry e a sra. Beatty voltaram a subir na picate e seguiram viagem.

— Nem uma palavra sobre isso, entendeu?

Henry aquiesceu. E ficou de boca fechada pelo resto da viagem, até chegarem ao Campo Harmony e passarem pelos portões principais.

Na Área 4, Henry começou a cumprir sua rotina habitual de servir o almoço. Aos poucos, a sra. Beatty tinha ganhado a confiança do administrador da cozinha do campo, que agora encomendava alimentos apreciados pelos residentes japoneses — ou seja, arroz, mas também sopa de missô com tofu, que Henry achou que estava com um cheiro delicioso.

— Henry!

Ergueu os olhos e viu a sra. Okabe na fila. Com uma calça empoeirada e um colete com um grande O costurado de um lado.

— Foi você o responsável por dar um fim naquela terrível carne enlatada? Que de repente se transformou num fluxo constante de arroz e peixe... foi você quem fez isso? — perguntou, sorrindo.

— Não posso dizer que fui eu, mas fico feliz em estar servindo coisas que eu também como. — Henry serviu para ela um prato cheio de arroz com *katsu* de porco. — Trouxe uns presentes de aniversário para Keiko. A senhora poderia entregar para ela? — Henry largou a concha por um momento e se virou para pegar os pacotes, que estavam aos seus pés.

— Por que você mesmo não fala com ela? — A sra. Okabe apontou para o fim da fila. Keiko esticou a cabeça, sorrindo e acenando.

— Obrigado, vou fazer isso. Estão precisando de alguma coisa? Alguma coisa para sua família? Às vezes eu posso trazer coisas para o campo, coisas que normalmente não são permitidas.

— Muito gentil da sua parte, Henry, mas acho que por enquanto estamos

bem. No começo, alguns homens estavam querendo ferramentas, mas agora já conseguiram. Algumas semanas atrás, um simples martelo seria um tesouro. Agora só se ouvem marteladas e o barulho de serrotes o dia todo, é incrível eles terem todo esse trabalho...

— Como assim? — perguntou Henry, sem entender.

— Eles vão nos transferir daqui de qualquer jeito... Isso é só temporário. Não se pode dormir num estábulo de cavalo enquanto a guerra durar, não é? Espero que não. Um mês já está ruim o suficiente. Daqui a alguns meses eles vão nos mandar para campos permanentes que estão sendo construídos mais para o interior. Nem sabemos para onde vamos. Se para o Texas ou para Idaho... Provavelmente Idaho, pelo menos é o que esperamos, por ser mais perto de casa, ou do que costumava ser nossa casa. Eles podem até separar parte dos homens... ficar com os mais habilidosos, que podem ser necessários em outro lugar. Eles estão fazendo a gente construir nossa própria prisão, dá para acreditar?

Henry balançou a cabeça, incrédulo.

— Como vai o velho bairro?

Henry não sabia o que dizer. Como explicar que Nihonmachi era agora uma cidade fantasma? Tudo forrado de tapumes — um desastre de janelas e portas quebradas, além de outros vandalismos.

— Vai bem — foi só o que conseguiu responder.

A sra. Okabe pareceu sentir sua hesitação. Por um momento seus olhos foram velados por uma expressão de tristeza, e ela limpou o canto de um olho como se um cisco a incomodasse.

— Muito obrigada por vir aqui, Henry. Keiko sente muita saudade de você...

Henry viu que ela sorriu corajosamente, antes de pegar sua bandeja e desaparecer na multidão.

— *Oai deki te ureshii desu!* — Keiko estava do outro lado do balcão, sorrindo, quase radiante. — Você voltou!

— Eu disse que voltaria... e você também está muito bonita. Como vai? — Henry olhou para ela e se sentiu meio zozinho, até um pouco sem fôlego.

— É tão engraçado. Eles jogam a gente aqui por sermos japoneses, mas eu sou nissei... da segunda geração. Eu nem *falo* japonês. Na escola eles caçoavam de mim por ser estrangeira. Aqui alguns garotos, os *issei*, da primeira geração, caçoam de mim porque não sei falar japonês, por não ser suficientemente japonesa.

— Sinto muito.

— Não é culpa sua, Henry. Você já fez tanto desde que vim para cá. Eu tinha medo de que se esquecesse de mim.

Henry pensou nos seus pais. Como não falavam uma palavra com ele havia quase uma semana. O pai era teimoso, e tradicional. Não tinha apenas ameaçado renegar o filho — fizera o serviço completo. A mãe sabia, de alguma forma sabia. Talvez fosse a perda de apetite; as mães percebem essas coisas. Os olhares perdidos. Sentimentos que só podem ser escondidos por certo tempo dos que realmente prestam atenção. Mas a mãe obedecia ao marido, e Henry agora estava sozinho. *Tudo por sua causa*, pensou. Gostaria de pensar em alguma outra coisa — em alguém mais —, mas não consigo. Será que isso é que é *amor*?

— Como eu poderia me esquecer de você? — falou.

Atrás de Keiko, um homem mais velho começou a bater a bandeja no corrimão de metal, pigarreando.

— É melhor eu ir embora — disse Keiko, estendendo a bandeja para Henry servir.

— Eu trouxe aquelas coisas que me pediu... e um presente de aniversário pra você.

— É mesmo? — Keiko sorriu, deleitada.

— A gente se encontra na cerca dos visitantes uma hora depois do jantar, certo?

Keiko abriu mais um sorriso antes de desaparecer na multidão do refeitório. Henry voltou ao trabalho, servindo refeição atrás de refeição, até todos estarem alimentados. Depois levou as panelas para a pia, onde as lavou com uma mangueira de água gelada, pensando que Keiko iria partir mais uma vez — seguindo para algum lugar desconhecido.

Keiko passou por uns guardas diferentes daquela vez e encontrou Henry na área cercada para os visitantes, onde tinham combinado. Havia outros três ou quatro ajuntamentos de visitantes ao longo da cerca, a uma distância de dois e três metros entre eles, criando áreas de intimidade para conversar pela cerca de arame farpado que separava os internos do mundo exterior.

Estava escurecendo, um vento frio soprava nuvens pesadas que encobriam o céu normalmente escuro. A chuva estava chegando.

— Eles acabaram de cancelar a festa com o nosso disco... por causa do

tempo.

Henry olhou para o céu que escurecia, mais desapontado por Keiko do que por si mesmo.

— Não se preocupe, haverá outras festas — falou. — Pode contar com isso.

— Espero que não esteja decepcionado — disse Keiko com um suspiro. — Você veio de tão longe. Eu realmente queria ouvir esse disco com você aqui na cerca.

— Eu... não vim por causa da música — disse Henry.

Esfregou os olhos, tentando esquecer a notícia de que Keiko e a família logo iriam embora de novo. Tudo parecia tão sério... e definitivo. Interrompeu o momento com um sorriso.

— Isto é pra você. Feliz aniversário.

Henry entregou a Keiko o primeiro dos dois presentes que trouxera, passando-o com todo cuidado pelas tramas do arame farpado para não rasgar o papel de embrulho. Keiko o recebeu graciosamente e desamarrou a fita, dobrando-a cuidadosamente.

— Vou guardar isso. No campo, fitas como essa já são um presente. — Henry a viu fazer o mesmo com o papel de embrulho antes de abrir o pacote, pouco menor que uma caixa de sapatos.

— Ah, Henry...

Pegou o caderno de esboços, a aquarela e o jogo de pincéis de crina. Depois um conjunto de lápis de desenho, cada um de um número diferente.

— Gostou?

— Henry, eu simplesmente adorei. É uma maravilha...

— Você é uma artista. Seria uma pena estar aqui tão longe do que é tão boa em fazer — disse Henry. — Você olhou dentro do caderno?

Keiko depositou a caixa no chão; a lama da semana anterior tinha endurecido, criando um solo desértico e rugoso. Abriu o pequeno caderno de esboços e leu a etiqueta com o preço.

— Um dólar e vinte cinco.

— Oops... — Henry estendeu o braço e arrancou a etiqueta da papelaria onde tinha comprado o caderno. — Não era pra você ver isso. Veja a página seguinte.

Keiko virou a página e leu a inscrição em voz alta.

— Para Keiko, a menina americana mais meiga e mais linda que já conheci. Com amor, seu amigo, Henry.

Henry viu os olhos dela umedecerem quando leu mais uma vez.

— Henry, isso é tão meigo, nem sei o que dizer.

Ele tinha se sentido pouco à vontade ao escrever a palavra *amor* no caderno. Ficou olhando para a página em branco por uns vinte minutos, preocupado com que palavras escolher, antes de finalmente escrever à tinta. Desse jeito não tinha mais volta.

— É só dizer obrigada e tudo bem.

Keiko olhou para ele através do arame. O vento soprou e lhe afastou o cabelo do rosto. Dava para ouvir os trovões rugindo ao longe ao pé das montanhas, mas nenhum dos dois olhou.

— Não acho que “obrigada” é o bastante. Você veio de tão longe pra me trazer isso. E eu conheço a sua família... o seu pai...

Henry olhou para baixo e exalou devagar.

— Ele sabe, não sabe? — perguntou Keiko.

Henry aquiesceu.

— Mas nós somos apenas amigos.

Henry olhou nos olhos dela.

— Nós somos mais do que amigos. Somos o mesmo povo. Mas ele não vê isso... Só vê você como filha do inimigo... Ele me renegou. Meus pais não falaram comigo esta semana. Mas minha mãe ainda meio que se comporta como se eu estivesse presente. — As palavras saíram tão casualmente que até Henry se surpreendeu com a normalidade da situação. Mas a comunicação em sua casa já não era nada normal havia quase um ano; aquilo era apenas o desdobramento final.

Keiko olhou para Henry, chocada, com tristeza no olhar.

— Sinto muito. Nunca quis que isso acontecesse. Me sinto muito mal. Como um pai pode tratar um filho...

— Está tudo bem. Pra começar, eu e ele nunca nos falamos muito. Não é culpa sua. Eu quis estar com você. No primeiro dia em que você foi à escola, fiquei chocado e um pouco surpreso. Mas ir à escola sem você não é a mesma coisa. Eu... sinto sua falta.

— Fico tão contente de você estar aqui — disse Keiko, tocando o arame farpado da cerca. — Eu também sinto sua falta.

— Eu trouxe outra coisa pra você. — Henry entregou o outro pacote pelo arame farpado. — É só uma pequena surpresa, pode não valer muito agora, com o mau tempo e tudo mais.

Keiko desembulhou o segundo pacote com o mesmo cuidado que o

primeiro.

— Como você conseguiu encontrar isto? — murmurou em tom de êxtase, olhando para o disco de Oscar Holden dentro da capa desbotada.

— Eu não consegui entrar no Hotel Panamá, e o disco está esgotado na cidade, mas Sheldon me deu esse aí. Acho que para nós dois. Que pena você não poder ouvir hoje à noite, com o concerto cancelado e tudo mais.

— Nós ainda temos um toca-discos no nosso alojamento. Vou ouvir de qualquer jeito, só por você. Na verdade, por nós dois.

Aquilo fez Henry sorrir. Pais, que pais?

— Você não pode imaginar o quanto fico feliz em ter isto. É quase como ter você aqui ao meu lado... Não que eu queira sujeitar você a um lugar como este. Mas essa é a nossa música. Vou tocar este disco todos os dias.

Trovões ribombaram no céu, transformando a garoa em chuva, primeiro com algumas gotas esparsas, depois se avolumando num aguaceiro. Henry entregou o último pacote a Keiko, o da Woolworth's, com artigos de papelaria, selos e pano para as cortinas de blecaute.

— É melhor você ir — insistiu.

— Eu não quero sair de perto de você. Nós acabamos de chegar.

— Você vai ficar doente com essa chuva, morando num lugar como este. Você precisa ir. Volto na semana que vem. Eu vou te achar.

— Acabou o horário de visita — bradou um soldado, enrolando-se numa capa de chuva verde e reunindo seus registros. — Todo mundo longe da cerca! — A chuva já ondulava no solo, o som abafando suas vozes.

Para Henry, foi como se houvessem se passado três horas, das seis às nove da noite, quando as nuvens escureceram o céu. Uma luz cinza e opaca iluminou o solo, que se transformou no terreno enlameado e empapado da semana anterior.

Keiko estendeu o braço e segurou as mãos de Henry.

— Não me esqueça, Henry. Eu não vou te esquecer. E, se os seus pais não querem falar com você, eu falo com eles e digo o quanto você é maravilhoso por fazer isso.

— Eu vou estar aqui, toda semana.

Keiko fechou o botão de cima do casaco.

— Semana que vem?

Henry assentiu.

— Então eu vou te escrever — disse Keiko, dando tchau com a mão quando os últimos visitantes se afastavam em direção ao portão principal.

Henry foi o último a sair, ensopado, depois de ver Keiko voltar à pequena construção perto do pavilhão de abrigo de animais que se tornara seu lar. Quase podia ver o vapor da respiração dela, de tão frio, mas ele sentia que estava quente por dentro.

Quando ficou mais escuro, Henry viu os holofotes das torres com as metralhadoras se acenderem. Os guardas da torre varriam a linha da cerca, iluminando Henry e outros visitantes que evitavam as poças a caminho do portão principal. Henry tomou a direção da picape da sra. Beatty. No escuro, conseguiu ver sua silhueta maciça tirando caixas de frutas vazias da traseira, o rosto iluminado pela brasa vermelha do cigarro pendurado na boca.

Acima do rumor da chuva, Henry ouviu uma música que vinha do campo. A música foi ficando cada vez mais alta, forçando os limites dos alto-falantes de onde saía. Era o disco. O disco deles. “Alley Cat Strut”, de Oscar Holden. Mais alto que a tempestade. Tão alto que o guarda perto do portão começou a gritar:

— Desliguem esta música!

Os holofotes varreram as construções da Área 4, projetando um olhar ameaçador em busca da fonte sonora.

DE MUDANÇA

(1942)

FINALMENTE HENRY RECEBEU A notícia que o assombrara durante todo o verão. Sabia que era só uma questão de tempo. Keiko ia se mudar para longe.

O Campo Harmony sempre foi considerado temporário, até serem construídos campos permanentes — longe da zona costeira, que era considerada vulnerável a bombardeios ou a uma invasão. Nessas comunidades litorâneas, qualquer cidadão japonês era um espião em potencial — capaz de monitorar as idas e vindas de navios de guerra e linhas de suprimentos no mar. Assim, para o quanto mais longe da costa os japoneses pudessem ser mandados, melhor. Todos nós estaremos mais seguros — foi o que dissera o pai de Henry, ao menos na época em que ainda falava com ele. Mas não importava. As palavras ainda ressoavam nos seus ouvidos, mesmo no constrangedor silêncio do pequeno apartamento de Canton Alley.

Keiko escrevia para ele uma vez por semana. Às vezes incluía uma lista de artigos que ele e a sra. Beatty poderiam contrabandear para o campo. Coisas pequenas, como um jornal, ou grandes, como discos esquecidos ou certidões de nascimento. Às vezes eram coisas mais práticas, como pasta de dente ou sabonete. Faltava de tudo dentro dos campos.

De início, Henry nem achou que receberia cartas de Keiko. Tinha certeza de que o pai rasgaria qualquer carta ou bilhete vindo do Campo Harmony. Mas de alguma forma sua mãe, ao separar antes a correspondência, encontrava a carta toda semana e a enfiava embaixo do seu travesseiro. Nunca disse uma palavra, mas Henry sabia que era ela. Fazia o máximo para ser uma esposa obediente, para honrar as vontades do marido, mas também para cuidar do filho. Henry gostaria de agradecer a ela. Mas, mesmo em particular, expressar sua gratidão teria sido maus modos — o reconhecimento de que ela estava desobedecendo às regras estabelecidas pelo seu pai seria considerado como uma admissão de culpa, por isso ele

também não dizia nada. Mas realmente se sentia agradecido.

A última carta de Keiko dizia que o pai dela já tinha partido. Ofereceu-se como voluntário para ir para o Campo de Minidoka, em Idaho, perto da fronteira com Oregon. Ia fazer parte da equipe de trabalho — ajudar na construção do campo, dos refeitórios, dos alojamentos, até mesmo de uma escola.

Keiko já havia mencionado que o pai era advogado, mas agora trabalhava ao lado de médicos, dentistas e outros profissionais que realizavam trabalhos braçais sob o sol quente do verão por centavos ao dia. Era evidente que esses esforços valiam a pena. Os homens que se apresentavam como voluntários queriam ficar o mais perto possível de suas casas. Mais ainda, ficou estabelecido que suas famílias se reuniriam com eles assim que o acampamento estivesse pronto. Algumas famílias foram separadas, umas foram para o Texas e outras para Nevada. Pelo menos os Okabe permaneceriam juntos.

Henry sabia que não tinha muito tempo. Provavelmente o próximo sábado seria seu último dia de visita ao Campo Harmony. Sua última chance de ver Keiko por um longo período.

Henry já estivera dentro da Área 4 quase uma dezena de vezes, na cozinha, no refeitório ou no cercado dos visitantes, conversando com Keiko através do arame farpado, às vezes até com os pais dela, perdido entre a meia dúzia de grupos de visitantes que em geral frequentavam a cerca durante o dia. Mas nunca havia entrado no próprio campo, a grande área comum, a grande área de desfiles que já fora o coração da feira estadual. Agora era um terreno empoeirado (às vezes enlameado), repisado pelos milhares de passos de internos impacientes.

Hoje seria diferente. Henry tinha se acostumado com a estranheza do lugar. Com os cães de guarda que patrulhavam o portão principal. Com as torres com metralhadoras. Até com a visão de homens por toda parte com fuzis equipados com baionetas nas costas. Tudo parecia tão normal agora. Mas hoje, durante a costumeira rotina de seu sábado no refeitório, Henry tinha planos de visitar Keiko. Não na cerca. Ia entrar no campo. Iria encontrá-la.

Assim, depois de servido o jantar para a maioria dos prisioneiros, quando a multidão começou a diminuir, Henry pediu licença para ir ao banheiro. O

outro ajudante de cozinha poderia lidar com os pequenos grupos que chegariam mais tarde. Ainda não tinha visto Keiko. Ela costumava aparecer mais tarde; uma forma de passar mais tempo conversando com Henry sem atrapalhar a fila.

Henry voltou à cozinha e saiu pela porta de trás, passando pela sra. Beatty, que estava lá fora fumando um cigarro e conversando com um dos sargentos da intendência. Se ela o notou, não disse nada. Mas, até aí, ela raramente dizia alguma coisa.

Em vez de ir ao banheiro, Henry deu a volta no prédio e se misturou aos prisioneiros japoneses, dirigindo-se ao grande celeiro de troféus que se tornara um abrigo improvisado para o que ele calculava serem trezentas pessoas. Guardou seu crachá “Eu sou chinês” no bolso.

Se me pegarem, pensou Henry, é provável que não me deixem mais vir aqui. A sra. Beatty vai ficar furiosa. Mas, se Keiko estiver de partida, eu não vou vir mais de qualquer jeito, então, que diferença faria? De um jeito ou de outro, este é meu último fim de semana no Campo Harmony — e o de Keiko também.

Se os homens e as mulheres acharam estranho um garoto chinês seguindo atrás deles até os alojamentos, não disseram uma palavra. Continuaram conversando sobre a iminente transferência, tanto em inglês como em japonês — uma conversa que parecia ecoar em todas as áreas do campo. Seria na próxima semana, agora Henry tinha certeza.

Ao se aproximar do grande prédio onde a maior parte das famílias da Área 4 moravam, Henry ficou surpreso de como a vida ali se tornara normal. Homens mais velhos, fumando cachimbo, acomodavam-se em cadeiras feitas em casa, enquanto criancinhas brincavam de amarelinha e jogavam bola. Grupos de mulheres cuidavam de longos varais de roupa e até podavam pequenos jardins plantados no terreno árido.

Henry se esgueirou pela entrada principal do prédio — uma grande porta de correr de um celeiro, deixada aberta para arejar o interior abafado. Dentro havia fileiras e mais fileiras de baias, a maioria coberta por cortinas improvisadas penduradas em pedaços de corda. Henry percebeu que os mais afortunados tinham janelas que refrescavam o ambiente. Ouviu uma flauta sendo tocada em algum lugar, em meio ao barulho da multidão, que surpreendentemente soava mais baixa à medida que ele caminhava. Cada baia acomodava uma família, mas claramente tinham sido lavadas pelos novos moradores e não cheiravam a vacas ou cavalos. Nem um pouco, para

surpresa de Henry.

Andando pelos corredores entre as filas de lares improvisados, Henry não fazia ideia de como encontraria Keiko e sua família. Alguns moradores tinham afixado cartazes, ou flâmulas — em japonês, inglês e às vezes nos dois idiomas. Mas havia muitas baías desocupadas. De repente viu um pequeno aviso acima de uma cortina e ficou sabendo onde Keiko morava. A flâmula estava em inglês e dizia: “Bem-vindo ao Hotel Panamá”.

Henry bateu na viga de madeira do canto da baía. Bateu mais uma vez.

— *Konichiwa*.

— *Donata desu ka?* — foi a resposta atrás da cortina. Henry reconheceu a frase como “Quem é?”. A voz era de Keiko. Quando ela aprendeu a falar japonês? E quando Henry tinha aprendido a dizer *Konichiwa*?

— Esse hotel tem alguma vaga? — perguntou.

Houve uma pausa.

— Talvez, mas você pode não gostar, a casa de banhos no porão anda muito lotada esses dias.

Ela sabia.

— Eu só estou de passagem, não me incomodaria em ficar por um tempo, se você tiver um quarto.

— Vou verificar com o meu gerente. Não, sinto muito, estamos lotados. Talvez você possa tentar a baía dos porcos, dois prédios adiante. Ouvi dizer que eles têm uns quartos agradáveis.

Henry se afastou, com passos barulhentos e exagerados.

— Tudo bem, obrigado pela dica, tenha um bom dia...

Keiko abriu a cortina.

— Para um garoto que me perseguiu na estação ferroviária cheia de soldados, você desiste fácil.

Henry girou nos calcanhares e voltou até onde estava Keiko. Deu uma olhada ao redor da cocheira.

— Onde está sua família?

— Minha mãe levou meu irmão mais novo ao médico por causa de uma dor de ouvido, e você sabe sobre o meu pai... Ele saiu daqui já faz uma semana. Está terminando o teto do campo em Idaho. Nossa próxima parada. Eu sempre gostei de viajar, acho que essa é a minha chance. — Henry viu a expressão de Keiko ficar mais séria. — Você ultrapassou alguns limites para vir até aqui, não foi, Henry?

Ele ficou olhando para ela. Usava um vestido amarelo de verão e

sandálias. O cabelo estava amarrado na nuca com a fita branca do presente que ele havia lhe dado de aniversário. Mechas de cabelos pretos caíam pelos lados do rosto, que estava bem bronzeado por sua estadia no Campo Harmony.

Henry deu de ombros.

— Eu desobedeci a um monte de regras vindo até aqui, mas tudo bem...

— Então é claro que você sabe que estou de partida, não é? — perguntou Keiko. — Você recebeu minha carta. Sabe que todos nós estamos de partida.

Henry aquiesceu, sentindo-se triste, mas sem querer demonstrar, com medo de que aquilo fizesse Keiko se sentir ainda pior.

— Eles vão levar a gente para Minidoka na semana que vem. Os ônibus já levaram algumas famílias de outras áreas. Gostaria que você viesse com a gente.

— Eu também — concordou Henry. — Eu iria se pudesse. Não me diga que não pensou a respeito.

— Sobre você vir com a gente ou sobre eu ir com você?

— As duas coisas, acho.

— Eu não tenho lugar para onde ir, Henry. Nihonmachi não existe mais. Eu preciso ficar com a minha família. E você precisa ficar com a sua. Eu entendo. Nós não somos tão diferentes, sabe.

— Eu também não tenho muitas razões para voltar para casa. Mas também não posso ir com você, apesar de ter pensado em me misturar... Seria fácil largar tudo e ir com você. Mas sou chinês, não japonês. Eles descobririam. Todo mundo descobriria. Não posso esconder quem eu sou. Meus pais também ficariam sabendo e saberiam para onde eu fui. Todos estaríamos mais encrencados e não saberíamos o que fazer.

— Então por que você veio até aqui? Ou a sra. Beatty está com você? — perguntou Keiko, olhando para os dois lados das fileiras de baias.

Por que eu digo essas coisas?, pensou Henry. O que posso dizer para alguém que faça alguma diferença?

— Eu só vim ver você, frente a frente. Dizer o quanto lamento o jeito que me comportei no primeiro dia na escola.

— Não estou entendendo...

— Eu tive medo de você. Sinceramente. Medo do que meu pai poderia dizer ou fazer. Meu pai já tinha dito tantas coisas... Eu simplesmente não sabia o que pensar. Nunca tive nenhum amigo japonês, imagine então uma...

— Henry não conseguiu dizer a palavra *namorada*, mas interrompeu a frase de um jeito que tinha certeza de que Keiko compreenderia o que queria dizer.

Keiko sorriu e olhou para ele, sem piscar os olhos castanhos.

— Então é isso, provavelmente é a última vez que nos vemos... por um longo tempo — continuou Henry. — Quer dizer, nós nem sabemos se vocês vão voltar, se eles vão deixar vocês voltarem. Tem senadores que querem mandar vocês todos de volta para o Japão, ganhando ou perdendo a guerra.

— É verdade — concordou Keiko. — Eu vou te escrever... se você quiser. O seu pai sabe sobre as cartas?

Henry fez que não com a cabeça. Estendeu o braço e pegou a mão dela, sentindo sua pele macia, observando os dedos esguios, meio sujos pelo trabalho no campo.

— Desculpe ter causado tantos problemas na sua família — disse Keiko. — Se ficar melhor para você em casa, eu posso parar de escrever.

Henry deu um suspiro profundo.

— Eu vou fazer treze anos logo. A idade que meu pai tinha quando saiu de casa e começou a trabalhar em tempo integral na China. Já tenho idade para tomar minhas próprias decisões.

Keiko chegou mais perto.

— E quais seriam essas decisões, Henry?

Henry ficou sem palavras. Nada que tinha aprendido nas aulas de inglês da Escola Rainier poderia definir o que se passava com ele. Já tinha assistido a filmes em que o herói pega a garota, a música atinge um crescendo. Queria tanto enlaçar Keiko e ficar com ela nos braços para que não fosse embora. Mas também morava numa casa em que a demonstração mais dramática de emoções costumava ser um meneio de cabeça ou um sorriso ocasional. Simplesmente supunha que todas as famílias eram daquele jeito — e que todas as pessoas também. Até conhecer Keiko e a família dela.

— Eu... é que... — gaguejou Henry.

O que estou fazendo? Preciso deixar que ela vá, ela tem de ficar com sua família — com a comunidade dela. *Preciso deixar que ela siga em frente.*

— Eu vou sentir sua falta — falou, soltando as mãos dela e enfiando as suas nos bolsos, olhando para os pés.

Keiko pareceu arrasada.

— Mais do que você imagina, Henry.

Durante a hora seguinte, Henry ficou ali, ouvindo Keiko falar sobre

pequenos detalhes. Como os brinquedos que o pai fazia para o irmão mais novo. Ou como era difícil dormir, por causa da senhora barulhenta que roncava e soltava pum a noite toda, apesar de ela mesma não acordar. O tempo passou depressa. Não mencionaram mais nenhuma vez que iriam sentir saudades um do outro ou como se sentiam. Estavam juntos, sozinhos até, mas era como se estivessem diante da cerca que separava os visitantes — Henry de um lado, Keiko do outro —, separados pelo arame farpado.

UM ESTRANHO

(1942)

A VOLTA PARA CASA foi mais silenciosa que o normal. Henry ficou olhando pela janela, vendo o sol se pôr uma última vez. Vendo os campos cultivados dar lugar à paisagem do Boeing Field com suas enormes construções recobertas por redes de camuflagem — numa frágil tentativa de esconder as fábricas de bombardeiros dos inimigos. Henry não disse uma palavra, e a sra. Beatty, talvez por solidariedade, tampouco falou. Deixou Henry com seus pensamentos. Todos sobre Keiko.

Com os últimos prisioneiros transferidos para acampamentos mais distantes, o Campo Harmony voltaria a ser a sede da Feira de Washington. Bem a tempo da época da colheita do outono. Henry ponderou se a feira deste ano pareceria diferente quando as pessoas passassem pelo galpão de troféus, admirando cabeças de gado premiadas. Considerou se alguém lembraria que, dois meses antes, famílias inteiras dormiam ali. Centenas delas.

Mas e agora? Em alguns dias Keiko estaria a caminho de Minidoka, em Idaho. Um pequeno campo de trabalho em algum lugar nas montanhas, perto da fronteira com o Oregon, presumia. Era mais perto que Crystal City, no Texas, mas ainda parecia um mundo de distância.

A despedida dos dois havia sido formal. Depois da decisão de deixá-la ir (para o bem da própria Keiko, continuava a se lembrar), Henry manteve uma distância educada, sem querer dificultar as coisas para ambos. Ela era sua melhor amiga. Mais do que amiga, na verdade. Muito mais. Pensar em sua partida era uma tortura, mas a ideia de dizer a Keiko o que realmente sentia, e *deixar* que fosse embora, era mais do que seu coraçãozinho conseguia aguentar.

Por isso ele se despediu com um aceno e um sorriso. Nem mesmo um abraço. Keiko olhou para outro lado, enxugando os olhos com as costas da mão. Ele tinha feito a melhor coisa, certo? Uma vez seu pai disse que as escolhas mais difíceis da vida não são entre o certo e o errado, mas entre o

certo e o que for melhor. A melhor coisa era deixá-la partir. E Henry tinha feito exatamente isso.

Mas sua cabeça estava cheia de dúvidas.

Para sua surpresa, ninguém havia notado que ele estivera fora. Ou, se notou, não se preocupou em dizer nada. A verdade era que os moradores do Campo Harmony estavam indo embora, e os que trabalhavam no campo e os soldados só queriam retornar às suas vidas. Cumpriram seu dever e estavam prontos para esquecer aquela desagradável questão de uma vez por todas.

A sra. Beatty foi muito prestativa ao deixar Henry em Chinatown, a um quarteirão do apartamento onde morava com os pais. Ela nunca tinha feito isso.

— Acho que é isso — falou. — Não se meta em encrencas neste verão... e não vá inventar de mudar de escola. Continuo esperando você na cozinha no outono, entendeu? — A sra. Beatty deixou o motor ligado enquanto apagava o cigarro num cinzeirinho que guardava no painel para quando o cinzeiro do carro estivesse cheio.

— Eu vou me cuidar. Espero que tenha notícias do seu pai. Tenho certeza de que ele está bem — disse Henry, pensando no pai da sra. Beatty e na tripulação do ss *City of Flint*, marujos da Marinha Mercante presos em algum lugar na Alemanha, como Keiko e sua família.

A sra. Beatty abriu um leve sorriso, aquiescendo.

— Obrigada, Henry. Muito solidário da sua parte. Tenho certeza de que ele vai se sair bem. E você também. — Lutou para engatar a marcha da picafe, olhando para Henry mais uma vez. — Assim como Keiko.

Henry ficou olhando a picafe se afastar, sacolejando nas ruas esburacadas, o braço da sra. Beatty acenando da janela. Pouco depois virou a esquina e desapareceu. As ruas estavam tranquilas. Henry tentou ouvir se Sheldon estava tocando na Jackson, mas só escutou o rugido de caminhões, o guincho dos freios e um cachorro latindo ao longe.

Subiu a escada e chegou ao corredor onde ficava seu apartamento, sentindo o cheiro vaporoso de arroz no ar. Quando chegou em casa, a porta estava entreaberta, e ele viu luz saindo de dentro. Uma sombra se moveu, a silhueta de um homem mais velho, mas que não era seu pai.

Quando Henry entrou, a mãe estava sentada à mesa da cozinha fungando num lenço, os olhos vermelhos, o nariz inchado de tanto chorar. Henry reconheceu o homem imediatamente, pelo estetoscópio pendurado no pescoço. O dr. Luke, um dos poucos médicos chineses que trabalhavam na

South King — e que ainda atendiam em casa. Uma vez tinha vindo quando Henry “caiu do balanço” na escola (na verdade uma surra, cortesia de Chaz Preston) e sofreu uma concussão. Henry vomitou e desmaiou e a mãe chamou imediatamente o médico do bairro. Mas Henry estava bem, e, apesar das lágrimas, a mãe pareceu razoavelmente bem. Mas dessa vez ela parecia assustada, o corpo tremendo. Foi então que Henry ficou sabendo.

— Henry, sua mãe estava justamente falando de você. Você cresceu desde minha última visita. — O dr. Luke estava sendo educado, falando em chinês, mas também parecia nervoso. O que ele está querendo me dizer?, pensou Henry.

A mãe de Henry levantou da cadeira e caiu de joelhos, dando um abraço tão apertado no filho que chegou a doer.

— O que aconteceu? Onde está o meu pai? — perguntou Henry, já adivinhando a resposta.

A mãe se aprumou, enxugando as lágrimas dos olhos, e falou em um tom positivo, que de alguma forma não combinava com a notícia que estava prestes a anunciar.

— Henry, seu pai teve um derrame. Você sabe o que é isso?

Henry fez que não com a cabeça. Apesar de ter uma vaga lembrança do Velho Wee no mercado de peixe, que falava de um jeito engraçado e só usava o braço direito para pesar a pesca do dia.

— Henry, foi um derrame muito grave — disse o dr. Luke, pondo as mãos em seus ombros. — Seu pai é resistente e teimoso. Acho que vai conseguir superar, mas vai precisar de repouso... pelo menos por um mês. E ele mal consegue falar. Talvez recupere parte da fala, mas, enquanto isso, vai ser difícil para todos nós. Principalmente para ele.

As únicas palavras que Henry ouviu foram “ele mal consegue falar”. O pai mal falava alguma coisa quando podia e nos últimos dois meses não tinha dito uma palavra a Henry. Nem mesmo um boa-noite. Nem um olá, ou um até logo.

— Ele vai morrer? — foi só o que Henry conseguiu pensar em perguntar, com a voz entrecortada.

O dr. Luke meneou a cabeça, mas Henry pressentiu a verdade. Olhou para a mãe, que parecia aterrorizada, sem dizer uma palavra. O que ela poderia dizer?

— Essas coisas acontecem, Henry — respondeu o dr. Luke. — Seu pai vive empenhado em tantas coisas, e já não é mais tão jovem por dentro. Teve

uma vida dura na China. Isso envelhece um corpo. E agora, com tantas preocupações por causa da guerra...

Henry foi atingido por uma onda de culpa. Sentiu-se afundando. A mãe pegou a mão dele.

— Não é culpa sua. Não pense assim. Não é sua culpa... Não é, entendeu?

Henry anuiu para fazer a mãe se sentir melhor, mas estava dilacerado por dentro. Tinha tão pouco em comum com o pai. Nunca o entendera. Ainda assim, era o único pai que ele tinha, o único que teria.

— Posso ver o meu pai? — perguntou.

Henry viu a mãe olhar para o dr. Luke; o médico fez uma pausa e concordou. Na porta do quarto dos pais, Henry sentiu o cheiro de incenso budista queimando, misturado a uma espécie de produto de limpeza. A mãe acendeu o pequeno abajur no canto. Quando seus olhos se adaptaram, Henry olhou para o pai, que parecia frágil e pequeno. Parecia um prisioneiro da cama — coberto até o pescoço, que se mexia num ritmo convulso e irregular. O rosto estava pálido, um dos lados parecia inchado, como se tivesse se envolvido numa briga, enquanto o outro lado via tudo sem fazer nada. O braço estava caído ao lado, a palma da mão para cima; um longo tubo ligava seu pulso a um frasco com um líquido transparente pendurado numa das colunas da cama.

— Pode ir, Henry, ele pode te ouvir — disse o dr. Luke, empurrando-o para a frente.

Henry foi até a beira da cama, com medo de machucar o pai ou empurrá-lo para mais perto de seus antepassados se encostasse nele.

— Tudo bem, Henry, acho que ele quer saber se você está aqui. — A mãe afagou delicadamente os ombros do garoto, pegando a mão dele e a levando até os dedos débeis e imóveis do pai. — Diga alguma coisa, fale que você está aqui.

Dizer alguma coisa? O que eu poderia dizer agora? E em que idioma? Henry tirou o crachá “Eu sou chinês” da camisa e pôs na mesa de cabeceira perto do que supôs que fossem os remédios do pai. Era uma grande coleção de frascos de vidro marrons, alguns com rótulos em inglês; outros eram de poções de ervas, rotulados em chinês.

Henry viu o pai abrir os olhos, piscar duas vezes. Não sabia dizer o que havia por trás daquele rosto atônito e inexpressivo. Mesmo assim, sabia o que tinha de dizer.

— *Deui mh jjuh*. — Queria dizer “Eu não consigo encarar”, um pedido de desculpas formal quando se admite culpa ou erro. Henry sentiu a mão da mãe em seu rosto por um momento, uma carícia de consolo.

O pai olhou para ele, a cabeça lutando para forçar uma atividade ao corpo desobediente. Cada movimento da boca exigia um incrível esforço. Só o ato de inspirar e expirar gerava um som que parecia quase impossível. Mesmo assim, os dedos dele se enlaçaram com os de Henry, tão de leve que foi quase imperceptível. E conseguiu enunciar uma única frase:

— *Saang jan*.

Significava “estranho”. Querendo dizer: “Você é um estranho para mim”.

TREZE ANOS

(1942)

UM MÊS DEPOIS, HENRY CRESCEU, ou ao menos foi o que sentiu. Completou treze anos, a idade em que muitos trabalhadores tinham saído da China, duas gerações antes, à procura de Chinshan — a Montanha de Ouro, buscando fortuna nos Estados Unidos. A mesma idade que tinha o pai quando aceitou um emprego como operário, a idade que o pai considerava que um garoto se transformava em homem. Ou uma garota em mulher, aliás, pois os casamentos arranjados costumavam acontecer aos treze — a idade em que normalmente uma garota concluía sua educação —, e só para aqueles que conseguiam arcar com esses arranjos.

O aniversário de Henry se passou sem grandes fanfarras. A mãe preparou um *gau*, um delicioso bolo de arroz glutinoso que normalmente reservava para festas especiais como o Ano-Novo Lunar. Tias e primos da família vieram para um jantar de frango com feijão-preto e *choy sum* com molho de ostra — também favoritos de Henry. King, sua tia rica, lhe deu de presente um envelope vermelho cheio de notas de dez dólares novinhas em folha, o máximo de dinheiro que havia recebido de uma vez só. Também deu um envelope para a mãe de Henry, que agradeceu muito, mas não o abriu. Foi então que Henry percebeu que a tia King e o marido, Herb, deviam estar ajudando a sustentar sua família, agora que o pai estava acamado.

O pai de Henry continuava confinado à cama ou a uma cadeira de rodas que a mãe empurrava pelo apartamento, posicionando-o perto do rádio ou na janela, onde podia tomar um pouco de ar fresco de vez em quando. Não falava nada com o filho, mas cochichava algumas palavras com a mulher, que cuidava do marido da melhor forma que podia.

Às vezes Henry flagrava o pai olhando para ele, mas quando os olhares se encontravam, o pai virava o rosto para outro lado. Henry queria dizer alguma coisa, sentindo-se culpado por ser desobediente, por ter causado o estado debilitado do pai. Mas, de certa forma, Henry era filho do pai dele e podia ser igualmente teimoso.

Keiko já tinha partido para Minidoka havia mais de um mês, no dia 11 de agosto, com os últimos prisioneiros do Campo Harmony. E nunca mais lhe escrevera. Claro que ninguém tinha como saber o que aquilo *realmente* significava. Talvez não existisse um serviço de correio onde ela estava. Ou talvez Henry tivesse sido muito claro na despedida e ela estava seguindo em frente sem ele. Esquecendo-o de uma vez por todas. De qualquer forma, Henry sentia tanto a falta dela que até doía.

Principalmente na escola, quando começou o semestre do outono. Henry ainda tinha mais dois anos antes de se transferir para o Colégio Garfield, que ele ouvira dizer que era muito mais integrado, para onde a maioria dos garotos chineses e negros acabava indo. Uma classe multiétnica seria uma grande mudança em relação à Rainier, onde ele voltara a ser, mais uma vez, o único aluno não branco. Continuava trabalhando na cozinha na hora do almoço com a sra. Beatty, que nunca falava sobre Keiko.

Henry quase não via mais Chaz, expulso da escola ao ser apanhado vandalizando casas de Nihonmachi. Corriam rumores de que estava praticando bullying com os garotos da Bailey Gatzert, para onde iam todos os filhos de operários. Às vezes Henry o via seguindo o pai pela cidade, mas só isso. Rosnava para Henry, mas Henry não tinha mais medo dele. Chaz estava do jeito que seria pelo resto da vida, pensava Henry, abatido e amargurado. De sua parte, Henry sentia que ainda não havia aprendido seus melhores truques.

Mesmo assim, os deveres de Henry depois da escola pareciam vazios, e a volta a pé para casa era uma coisa solitária. Só o que podia fazer era pensar em Keiko, em como se sentia feliz com ela por perto. E o quanto se sentiu triste e letárgico ao vê-la enxugando os olhos quando ele se despediu. Lamentava mais não ter dito o quanto gostava dela do que tê-la visto partir. O quanto ela significava para ele. O pai era um comunicador horrível. Depois de tanto tempo se rebelando contra a vontade e as maneiras do pai, Henry odiava o fato de não ser muito diferente dele — não quando realmente precisava.

Henry passava pelas arcadas pretas de Chinatown, sozinho de novo, seguindo o inconfundível som do sax de Sheldon e a vibração dos aplausos, que pareciam sempre acompanhar suas apresentações naqueles dias. Sheldon tocava em pequenos clubes ao redor da South Jackson, mas Oscar Holden agora estava sendo procurado pela polícia por se manifestar contra o tratamento dispensado aos moradores de Nihonmachi e quase não se

apresentava mais. É o preço que se paga por se manifestar livremente — perder a oportunidade de se fazer ouvir. Uma tragédia, pensava Henry. Não, mais que uma tragédia, era um crime ter esse talento arrancado dele. O disco que havia gravado estava esgotado e se tornou uma espécie de item de colecionador, ao menos por enquanto.

— Teve alguma notícia de lá? — Sheldon avistou Henry e apontou com o queixo para o leste, na direção de Idaho. Na direção de Minidoka.

Henry fez que não com a cabeça, tentando não parecer tão triste quanto se sentia.

— Eu estive em Idaho uma vez, não é tão ruim. Tive um primo que contrabandeava bebida pela fronteira para Post Falls anos atrás, durante a Lei Seca. É bonito, com todas aquelas montanhas e tal.

Henry arrastava os pés na calçada. Sheldon devolveu sua lancheira vazia.

— Puxa, faz muito tempo que não sou mais o que se chama de “jovem” — começou Sheldon. — Mas, garoto, eu posso ver nos seus olhos. Sei que você está tentando dar uma de corajoso... com essa expressão que nem sua mãe conseguiria desmascarar. Mas eu já vi muita coisa ruim na vida. Sei o que você sente, e sei que é *muito* ruim.

Henry deu uma olhada para Sheldon.

— O quê? É tão óbvio assim?

— Todo mundo já sentiu isso, garoto. Ver todo mundo ser preso daquele jeito. Para algumas pessoas, é suficiente para entristecer a vida inteira. Ali, no *chamado International District*... Eu, você, os filipinos, depois os coreanos chegando, até alguns judeus e italianos, todos sentimos isso. Mas com você a dor é diferente, por ter visto Keiko indo embora.

— Eu *deixei* Keiko ir embora.

— Henry, ela iria embora de qualquer jeito, deixasse você ou não. Não é culpa sua.

— Não... Eu deixei Keiko ir embora. Nem cheguei a me despedir, foi como se tivesse mandado ela embora.

Houve um momento de silêncio enquanto Sheldon dedilhava seu sax.

— Então você devia pegar papel e caneta e escrever para ela...

Henry o interrompeu:

— Eu nem sei o endereço. Eu a deixei ir embora, e ela nem me escreveu.

Sheldon apertou os lábios e soltou um longo suspiro, fechando o estojo do sax e sentando no velho meio-fio de cimento ao lado de Henry.

— Você sabe onde fica Minidoka, certo?

— Eu posso localizar num mapa...

— Então vamos até lá falar com ela... Eles devem ter horários de visita, como em Puyallup. Eu e você podemos pegar um busão e ir até lá.

— Busão...

— O ônibus da Greyhound, garoto! Será que tenho de soletrar tudo pra você? A gente pega um ônibus, no momento eu estou com tempo de sobra. A gente pode sair na sexta-feira e voltar no domingo, você nem vai perder aulas na escola nem nada.

— Eu não posso fazer isso...

— Ei, você já está com treze anos, não é? Já é um homem aos olhos do seu pai. Pode tomar uma decisão de homem e fazer o que precisa ser feito. É o que eu faria.

— Eu não posso deixar minha mãe sozinha. E o meu pai?

— O que tem o seu pai?

— Não posso sair desse jeito. Se ele descobrir que fui até Idaho para me encontrar com uma garota japonesa, o coração dele baquearia de vez...

— Henry. — Sheldon fez a expressão mais séria que Henry já tinha visto.

— O seu pai causou o próprio derrame, não foi culpa sua. Ele está com a cabeça na guerra, envolvido de corpo e alma desde que tinha a sua idade lá na China. Você não pode se sentir responsável por coisas que aconteceram antes mesmo de você nascer. Está me entendendo?

Henry se levantou e espanou o fundilho da calça.

— Eu preciso ir embora. A gente se vê. — Abriu um sorriso, o máximo que conseguiu, e partiu na direção de casa.

Sheldon não discutiu.

Ele tem razão, pensou Henry. Eu já tenho idade para tomar minhas próprias decisões. Mas Idaho é muito longe, perigoso demais. Que adianta sair correndo desse jeito, para um lugar em que nunca estive? Se alguma coisa acontecesse comigo, quem iria tomar conta da minha mãe? Com meu pai acamado, agora eu sou o homem da casa. Poderia até largar a escola e arranjar um emprego para ajudar a pagar as contas. Além do mais, fugir não é uma coisa responsável. Quanto mais pensava a respeito, mais percebia que dinheiro não seria problema. O dinheiro do trabalho no Campo Harmony era mais que suficiente para pagar a viagem, e o presente da tia King cobriria o resto.

Não, eu não posso fazer isso. Neste momento não é possível.

Quando chegou em casa, o pai estava na cama, dormindo profundamente. Desde o derrame, ele nem mesmo roncava tão alto como

antes. Parecia que tudo o que fazia era uma pálida sombra do que fora. A não ser seu olhar de acusação, sempre projetado em Henry. Não importava onde estivesse, Henry sempre o sentia.

A mãe subiu a escada atrás dele com um cesto de roupa retirada do varal que dividia com outros vizinhos da rua.

— Você recebeu um cartão de aniversário. — Ela tirou algo do bolso do avental e entregou a ele. Era um envelope amarelo vivo, meio sujo e amassado. Henry reconheceu o selo.

Soube de quem era só pela letra — enviado de Minidoka. De Keiko. Ela não tinha se esquecido dele.

Olhou para a mãe, um tanto atônito, mas não pediu desculpas.

— Tudo bem — foi só o que ela disse, afastando-se com o cesto de roupas.

Henry nem foi para o quarto. Abriu o envelope com todo cuidado e leu a carta ali mesmo. No alto da página havia um pequeno desenho de um bolo de aniversário feito a bico de pena e colorido com aquarela. A carta dizia: “Feliz aniversário, Henry! Eu não queria que você fosse, mas sabia que eu teria de ir de qualquer jeito, e o que você poderia fazer? Não quero perturbar sua família ou piorar as coisas entre você e seu pai. Só queria que soubesse que penso em você. E sinto sua falta mais do que você pode imaginar”.

O resto era sobre a vida no campo. Que lá eles tinham uma escola, como estava o pai dela. Seu diploma de advogado não adiantava muito quando ele precisava colher beterrabas todos os dias.

E a carta terminava com: “Não vou escrever mais. Não quero incomodar você. Talvez seu pai tenha razão. Keiko”.

Os dedos de Henry tremiam enquanto ele lia várias vezes a última linha. Olhou para a mãe, agora na cozinha, observando-o pelo canto dos olhos. Levou a mão à boca, parecendo preocupada.

Henry deu um meio sorriso para ela e foi para o quarto, onde contou o dinheiro que tinha economizado durante todo o verão e o dinheiro da sorte da tia King. Em seguida, localizou sua velha maleta no alto do armário e a encheu com roupas e roupas de baixo para durar alguns dias.

Ao sair do quarto, sentiu-se uma pessoa totalmente diferente da que tinha entrado. A mãe olhou para ele, parecendo confusa.

Maleta na mão, andou até a porta.

— Estou indo para a estação rodoviária, volto em alguns dias. Não espere por mim.

— Eu sabia que você ia fazer a coisa certa — disse Sheldon, sorrindo no banco do ônibus da Greyhound rumo a Walla Walla. — Sabia que teria coragem... Eu vi nos seus olhos.

Henry ficou olhando pela janela, vendo as ruas de Seattle dar lugar a montanhas verdejantes em direção ao desfiladeiro entre o oeste e o leste de Washington. Quando se encontrou com Sheldon, o amigo só precisou ver a mala na sua mão.

— Eu só tenho que pegar o meu chapéu — foi a única resposta de Sheldon, e os dois reuniram suas coisas e foram para a estação, onde compraram duas passagens de ida e volta para Jerome, Idaho, a cidade mais próxima do Campo de Minidoka. As passagens custaram doze dólares cada. Henry se ofereceu para pagar a do amigo com o dinheiro que tinha economizado do emprego daquele verão, mas Sheldon declinou.

— Obrigado por vir comigo. Você não precisava pagar, eu tenho algum dinheiro...

— Tudo bem, Henry, eu nunca saio mesmo da cidade.

Henry se sentiu agradecido. No fundo, queria poupar o dinheiro. Ao menos o suficiente para *três* passagens de ida e volta. Ia pedir a Keiko para voltar com ele. Poderia dar seu crachá a ela durante a visita. A essa altura, qualquer tentativa era válida. Ela poderia ficar na casa da tia King em Beacon Hill, ao menos assim acreditava. Ao contrário do pai, tia King não tinha rixa com seus vizinhos japoneses. Ela mesma dissera isso certa vez, para surpresa de Henry — de certa forma era mais complacente, mais receptiva. Um tiro no escuro, mas era sua última esperança na situação atual.

— Você sabe onde fica esse lugar? — perguntou Sheldon.

— Eu sei como era em Puyallup, no Campo Harmony. Se chegarmos mais perto, vai ser difícil não saber onde fica o lugar.

— Como é que você tem tanta certeza...

Henry o interrompeu.

— Deve haver umas nove mil pessoas presas lá. É como uma pequena cidade. Não vai ser problema encontrar o campo. O problema vai ser encontrar Keiko no meio de tanta gente.

Sheldon deu um assobio, para espanto de uma senhora mais velha com um chapéu de pele, que se virou com uma carranca.

Henry não se incomodou em sentar no fundo do ônibus. Mas, por alguma razão, Sheldon pareceu não gostar disso. De vez em quando

resmungava que isso aqui é o *Noroeste do país, não o Sul profundo*, que o motorista do ônibus não tinha nada que apontar o fundo do ônibus quando ele e Henry subiram. Mesmo assim, eles concordaram. Viajar para tão longe, para um lugar desconhecido, já era em si uma encrenca em potencial. A coisa boa de sentar no fundo era não ter ninguém atrás para ficar bisbilhotando ou fazendo perguntas. Henry meio que desapareceu na última fileira do ônibus, olhando pela janela, e os que olhavam para trás não fixavam os olhos em Sheldon.

— O que acontece se a gente chegar lá e não conseguir alugar um quarto para passar a noite? — perguntou Henry.

— A gente dá um jeito. Não vai ser a primeira vez que durmo na rua, sabe.

Apesar da atitude otimista de Sheldon, Henry tinha uma preocupação real. Pouco antes de todos os japoneses terem sido evacuados da ilha de Bainbridge, o tio de Keiko e a família tentaram se restabelecer em um lugar mais remoto da ilha — onde os japoneses não eram tão vigiados. Algumas famílias japonesas foram instadas a sair voluntariamente. Algumas chegaram a pensar que isso poderia evitar que fossem encarceradas. O problema era que ninguém vendia gasolina a essas famílias que abandonavam a cidade nem alugavam quartos a elas. Mesmo locais praticamente vazios as recusavam e afixavam placas de “Fechado” quando elas saíam dos automóveis. O tio de Keiko tinha chegado até Wenatchee, em Washington, mais foi obrigado a voltar porque ninguém vendia gasolina para o veículo. Voltou e foi preso com todos os demais.

Henry refletiu sobre a ideia de dormir na rua e se sentiu contente por ter trazido roupas extras. Setembro era um mês de chuva e tempo frio, pelo menos em Seattle. Quem sabe como seria em Idaho nessa época do ano?

Seis horas depois eles chegaram a Walla Walla, uma pequena comunidade agrícola conhecida por seus pomares de maçãs. Henry e Sheldon tiveram quarenta e cinco minutos para almoçar antes de voltar a embarcar para Twin Falls — e de lá para Jerome, Idaho, de onde supunham poder seguir até o Campo de Minidoka.

Assim que desceram, Henry imediatamente se sentiu constrangido. Como se todos os olhos do mundo estivessem nele, e em Sheldon também. Não havia uma pessoa de cor à vista. Nem mesmo um índio, que Henry

imaginava encontrar numa cidade com o nome de uma tribo indígena. Foram recebidos por brancos de caras fechadas, todos parecendo estranhar aqueles visitantes. Apesar disso, ninguém pareceu inamistoso. Simplesmente olhavam para Henry e Sheldon e continuavam cuidando da vida. Mesmo assim, Henry ficou dedilhando seu crachá “Eu sou chinês”, e Sheldon falou:

— Vamos encontrar algum lugar pra comer. Mas não olhe nos olhos de ninguém, entendeu?

Henry sabia que Sheldon não era de Seattle; tinha sido criado em Tacoma, mas nascera no Alabama. Os pais saíram do Sul quando ele tinha cinco ou seis anos, e claramente Sheldon já tinha visto o suficiente para não querer voltar nunca mais. Continuava chamando adultos e garotos de “senhor”, tocando a aba do chapéu e dizendo “senhora”. Mas, fora isso, não queria ter nada a ver com o Sul. E, a julgar pela rápida reação de Sheldon às pessoas nas ruas de Walla Walla, aquele lugar poderia muito bem ser Birmingham, no Alabama.

— Para onde nós vamos?

Sheldon olhou para as vitrines das lojas e dos restaurantes.

— Sei lá... Talvez isso não seja tão ruim quanto pensei.

— Como assim, ruim?

— Dá uma olhada e veja por si mesmo. Não tem ninguém preocupado com a gente. E não vejo nenhuma placa “só para brancos” nas vitrines.

Desceram a rua, passando por pessoas que pareciam notar os dois, mas simplesmente acenavam, em vez de afastar os filhos. O que era ainda mais surpreendente.

Finalmente, ele e Sheldon pararam na grande entrada do que devia ser o edifício mais alto da cidade, o Marcus Whitman Hotel. Havia uma cafeteria bem visível lá dentro.

— O que você acha? — perguntou Henry.

— Tão bom quanto qualquer outro lugar. Vamos entrar por trás e pedir alguma coisa pra viagem.

— Por trás? — indagou Henry.

— Melhor não se arriscar, Henry, já que chegamos tão longe...

— Posso ajudar em alguma coisa? — Um senhor mais velho devia ter atravessado a rua atrás deles. A pergunta fez Sheldon se apurar, e Henry se escondeu atrás dele.

— Vocês não são destas bandas, não é?

Henry engoliu em seco.

— Não, senhor, nós só estamos de passagem. Aliás, estamos voltando para o ônibus agora mesmo...

— Ora, já que vieram de tão longe, seria melhor entrar e tomar alguma coisa quente. — Henry viu o homem esticar o pescoço e olhar para a parada de ônibus. — Acho que vocês têm tempo. Bem-vindos a Walla Walla, espero que voltem em outra ocasião. — Entregou um pequeno panfleto a Henry e a Sheldon e tocou o chapéu. — Deus os abençoe.

Henry ficou olhando o homem se afastar. Que lugar é este?, conjecturou. Será que ele pensa que sou japonês? Olhou para o crachá, depois para Sheldon, que folheava a brochura enquanto coçava a cabeça com uma expressão de alívio no rosto. O panfleto era de uma igreja adventista, um grupo que Henry sabia estar prestando serviços de caridade a famílias japonesas prisioneiras. Como professores e enfermeiras voluntários. Como souberam depois, havia uma grande congregação na cidade, até mesmo uma igreja e uma escola.

Enquanto faziam uma rápida refeição com café e torradas, os dois olhavam ao redor, sem encarar ninguém. Nem todos estavam com medo. Alguns até sorriam.

Localizar o campo foi fácil — de um jeito que fez Henry se sentir um pouco mais triste. Quando ele e Sheldon desceram do ônibus em Jerome, Henry não pôde deixar de notar um cartaz enorme dizendo: CENTRO DE RECOLOCAÇÃO DE TEMPOS DE GUERRA DE MINIDOKA — 30 QUILOMETROS. Dezenas de pessoas eram embarcadas em carros e caminhões, todos com destino ao que se tornara a sétima maior cidade de Idaho.

Sheldon ajeitou o chapéu.

— Centro de Recolocação... Eles fazem parecer que é uma Câmara de Comércio ajudando as pessoas a encontrar novas casas ou coisa parecida.

— É a nova casa deles agora — foi tudo que Henry conseguiu dizer.

Uma mulher com uma capa de enfermeira abriu a janela de um sedã azul.

— Parece que vocês dois estão indo para o campo. Querem uma carona? — perguntou.

Henry e Sheldon se entreolharam. Era assim tão óbvio? Parecia que todos no ônibus tinham algum negócio no norte. Os dois anuíram

vigorosamente.

— Esse caminhão atrás de mim está levando visitantes, se é o que estão planejando.

Henry apontou para um grande caminhão de trigo, com bancos improvisados na traseira e uma rampa de acesso.

— Esse caminhão?

— Esse mesmo. Melhor irem logo se quiserem chegar lá, eles não vão esperar muito tempo.

Sheldon tocou o dedo na aba do chapéu e pegou a maleta, instando Henry.

— Muito obrigado, senhora... Ficamos agradecidos.

Andaram até o caminhão e subiram na carroceria, sentando-se ao lado de duas enfermeiras e de um padre, que conversavam numa língua que parecia latim, às vezes misturando algumas palavras japonesas.

— Parece que vai ser mais fácil do que você pensou — comentou Sheldon, encaixando a maleta entre os pés. — E é maior do que você pensava, também.

Henry aquiesceu, olhando ao redor. Era o único asiático à vista, imagine no caminhão. Mas ele era chinês; a China era um país aliado dos Estados Unidos — e Henry era um cidadão dos Estados Unidos, ainda por cima. Aquilo devia valer alguma coisa, certo?

Olhando para o horizonte, Henry pôde ver o acampamento a oito quilômetros de distância. Uma grande chaminé de pedra se erguia acima dos campos secos e empoeirados, no que acabou se revelando uma pequena cidade. Tudo parecia ainda em construção. Mesmo à distância, Henry distinguiu algumas estruturas esqueléticas de grandes fileiras de prédios.

Sheldon também viu.

— Isso deve ter uns quatrocentos hectares, fácil — falou. Henry não sabia quanto era aquilo, mas era enorme. — Dá para acreditar? — perguntou Sheldon. — É como uma cidade se erguendo do rio Snake. É tudo tão árido e seco nesse extremo norte, e eles simplesmente jogaram todo mundo aqui.

Henry observava a paisagem ressecada. Não havia árvores, mata ou flores em parte alguma, mal se via um arbusto. Apenas uma paisagem viva e pulsante de barracas de lona pontilhando o terreno deserto. E gente. Milhares de pessoas — a maioria trabalhando nas construções ou no campo, colhendo milho, batatas ou beterrabas. Até crianças pequenas e pessoas de

idade podiam ser vistas agachadas nos sulcos poeirentos. Todos muito vivos e em movimento.

O caminhão entrou num afloramento esburacado, os freios gemeram ao estacionar. Quando os passageiros desembarcaram, os trabalhadores foram conduzidos para uma direção e os visitantes para outra. Henry e Sheldon seguiram o pequeno grupo que se amontoou numa antessala de pedra para visitantes. No sopro do vento, Henry podia sentir a poeira no ar, a abrasão na pele. A terra era seca e rachada, mas pairava um aroma indescritível. Capim-gordura, e o cheiro de chuva se aproximando. Sendo de Seattle, Henry conhecia muito bem aquele cheiro. Uma tempestade estava se formando.

Na sala de espera, todos foram informados sobre o que podia e o que não podia entrar ou sair do campo. Coisas como álcool e cigarros eram permitidas em poucas quantidades, mas outras relativamente inofensivas, como lixas de unha, eram proibidas.

— Imagino que um alicate de cortar arame esteja fora de cogitação — cochichou Henry para Sheldon, que concordou e inclinou a cabeça.

A figura de um garoto chinês era incomum, raramente vista na movimentação de entrada e saída do Campo de Minidoka. Até Henry, que a princípio tinha certeza de que seria levado ao centro do campo na ponta de baionetas, ficou surpreso de como as pessoas mal o notavam. Como era possível? Havia milhares de prisioneiros para cadastrar. E a cada hora chegavam mais ônibus trazendo mais prisioneiros. O campo ainda respirava e ganhava vida, buscando seu ritmo — uma comunidade em crescimento, cercada por arame farpado.

— Espero que tenha tomado banho antes de sair de casa — disse Sheldon, olhando pela janela. — Pois aquilo que eles estão cavando lá são galerias de esgoto.

Henry cheirou a própria manga, sentindo um odor de suor e bolor, como na viagem de ônibus.

Sheldon enxugou a testa com um lenço.

— Vai demorar meses até eles terem água e descarga nas privadas.

Henry observou os trabalhadores japoneses labutando sob o sol. A visão fez com que agradecesse por estar abrigado enquanto esperava na fila com Sheldon. Foram trinta minutos até conseguirem se registrar como visitantes. Finalmente um funcionário verificou os registros do campo para ver se a família Okabe já havia chegado.

— Eles são quacres — comentou Sheldon, apontando com a cabeça para

o quadro de funcionários.

— Como o cara da aveia?

— Algo assim. Eles são contra a guerra e tudo o mais. Agora se apresentaram como voluntários para os campos, ensinando, fornecendo enfermeiras e pessoal... Pelo menos foi o que ouvi dizer. A maioria dos brancos aqui é quacre. Mas como estamos em *Idaho*, provavelmente alguns são adventistas. A mesma coisa, acho.

Henry olhou para a mulher branca atrás da mesa. Era parecida com a Betty Crocker da embalagem de misturas para bolo — de estatura média, simples e simpática.

A mulher ergueu os olhos da papelada, sorrindo.

— Os Okabe? Sim, estão aqui, junto com uma dezena de outras famílias com esse nome, mas acho que encontrei quem vocês procuram.

Sheldon deu um tapinha no ombro de Henry.

— Podem seguir na direção daquela sala de espera — apontou. — Eles vão ajudá-los a se orientar. O campo é organizado como uma cidade, com ruas e quarteirões. Normalmente, as visitas são classificadas pela inicial ou por telefonemas daqui, que às vezes são feitos do escritório central. Ou então um mensageiro vai até a área do campo e afixa um cartaz no lado de fora das barracas designadas àquela família.

Henry tentou seguir em frente, piscando os olhos e esfregando a testa.

— Normalmente leva menos de um dia — disse a mulher —, pois a maioria das crianças está em salas de aula temporárias e os adultos trabalham no campo.

— Que tipo de trabalho? — conjecturou Henry, lembrando-se de todas as atividades lá fora.

— Trabalho braçal. Colhendo beterrabas ou erguendo construções. Tem muito trabalho de escriturária para mulheres também. — A mulher soltou um suspiro ao dizer isso e voltou à pilha de papéis à sua frente.

Henry preencheu uma ficha para Keiko, que ficou sabendo ter sido assentada no Bloco 17 — não muito longe desse lado do Campo de Minidoka. Queria fazer uma surpresa, por isso só escreveu “Visitante” e deixou o nome em branco. Um mensageiro, um japonês mais velho, que por ironia mancava, pegou o papel e se afastou.

— Isso pode demorar um tempo — disse Henry.

Sheldon aquiesceu e ficou olhando a multidão de visitantes entrando e saindo.

Sentado num banco duro entre um homem mais velho com várias caixas de hinários e um jovem casal com cestas de peras, Henry olhava para Sheldon estalando os dedos, desejando que tivesse trazido seu saxofone.

— Obrigado por ter vindo comigo — falou.

Sheldon deu um tapinha no joelho de Henry.

— Era o que precisava ser feito. Só isso. Seu velho sabe que você está aqui?

Henry fez que não com a cabeça de forma solene.

— Eu disse para minha mãe que ia ficar uns dias fora. Ela deve saber. Acho que não sabe que estou *aqui*, mas sabe o suficiente. Não estou dizendo que ela gostou, mas me deixou vir e não perguntou nada... Era o melhor que podia fazer, suponho, o jeito de ela ajudar. Vai ficar preocupada, essas coisas, mas ela está bem. Eu precisava vir. Talvez nunca mais veja Keiko e não queria que o que eu disse ou deixei de dizer no Campo Harmony fosse a última coisa que ela ouviu de mim.

Sheldon observava as pessoas indo e vindo.

— Ainda há esperança para você, Henry. Você vai ver. Pode levar algum tempo, mas sempre há esperança.

Esse *tempo* demorou seis horas, e ele e Sheldon continuaram esperando — às vezes dentro, às vezes andando de um lado para outro na parte externa do centro dos visitantes. Nuvens pesadas passaram, escurecendo o céu, embora ainda faltassem várias horas para o pôr do sol.

Finalmente, Henry tocou na valise, olhando para um cartaz que dizia que o horário de visitas terminava às 17h30.

— Está quase na hora de voltar. Nós deixamos a nossa mensagem. Ela ainda não deve ter visto. — Mas a gente volta amanhã. Logo ela vai encontrar, pensou.

Lá fora, gotas de chuva grossas e pesadas pontilhavam o solo crestado. Ao bater nos tetos de zinco das casas improvisadas e ainda inacabadas, a chuva criava um trinado lento, um som tamborilado. As pessoas procuravam abrigo em qualquer lugar. Henry pensou nos tetos de lona e nas casas ainda em construção. Torceu para que estivessem vazias e que os moradores do campo estivessem abrigados nas alas de casas com os tetos já construídos.

— Tem um ônibus para visitantes ali — apontou Sheldon, protegendo a cabeça com a valise da chuva, que se transformava num aguaceiro. Trovões soavam ao longe, mas não havia relâmpagos à vista. Ainda não estava escuro.

Henry tentou imaginar o que Keiko estaria fazendo naquele momento.

Voltando da escola para casa com outras garotas japonesas. Que estranha mistura deveria ser — algumas que só falavam inglês, outras que só falavam japonês. Pensou em Keiko e em sua família assentadas naqueles alojamentos de um cômodo, encolhidas ao redor de um fogão a lenha tentando se aquecer, a chuva caindo em baldes sob as goteiras do telhado. Pensou nela tocando o disco de Oscar Holden. Será que ela pensa em mim? Será que pensa em mim tanto quanto penso nela? *Será?* Não, Henry pensava tanto nela que conseguia vê-la pelas ruas de Seattle, até ouvir sua voz. Simples e baixa. Cintilando, num inglês perfeito, como agora, falando o nome dele em meio aos trovões da tempestade. E ela estava lá. Como se nunca tivesse partido. Henry sempre se surpreendia com o quanto gostava de ouvi-la chamar o seu nome.

Henry. Desde o dia em que se conheceram na cozinha. *Henry.* Até aquele dia terrível em que ficou olhando impotente quando ela e a família embarcaram no trem para o Campo Harmony. *Henry.* E, finalmente, quando ela disse *até logo* de um jeito resguardado e distante como jamais tinha visto, quando ele disse adeus e a deixou ir embora, sem querer complicar ainda mais as coisas, querendo ser um *bom filho*.

Aquela voz o atormentava havia semanas.

— Henry?

Ela estava lá. Em pé debaixo da chuva, fora da sala de pedra dos visitantes que já ia fechando, atrás do portão trancado e das cercas de arame farpado. Usando aquele vestido amarelo e o suéter cinza, molhado, pendurado nos ombros. Logo depois tentou contornar as poças d'água, correndo para a cerca que se interpunha entre os dois.

— Henry! — O bilhete do mensageiro estava molhado e amassado em sua mão.

Com os olhos molhados, enxugando a chuva do rosto com a manga, Henry pegou nos braços dela através da cerca que os separava, descendo as mãos para tocar nas dela — incrivelmente quentes, apesar da chuva fria. Encostando a cabeça na dela pelo vão do arame farpado, Henry ficou tão perto que podia sentir os cílios dela quando piscavam; a proximidade de alguma forma manteve seus rostos um pouco secos enquanto a chuva caía por suas faces e ensopavam suas roupas.

— O que você está fazendo aqui? — Keiko piscou para descartar as gotas de chuva que borrifavam seus olhos e escorriam por uma mecha de cabelo molhada.

— Eu... completei treze anos. — Henry não sabia mais o que dizer.

Keiko não disse uma palavra; simplesmente estendeu os braços pelo arame farpado e o abraçou pela cintura.

— Eu saí de casa. Vim ver você. Já tenho idade para tomar minhas próprias decisões, por isso tomei um ônibus com Sheldon. Eu precisava te dizer uma coisa.

Henry baixou o olhar. Os olhos castanhos de Keiko pareciam refletir algo invisível no céu cinza de setembro. Algo que brilhava por dentro.

— Desculpe...

— Pelo quê?

— Por não ter me despedido.

— Mas você se despediu...

— Não do jeito que deveria. Eu estava preocupado demais com a minha família. Preocupado com tudo. Estava confuso. Não sabia o que queria. Não sabia o que era realmente uma despedida.

— Mas você veio até aqui, viajou tantos quilômetros, só para se despedir de mim? — perguntou Keiko.

— Não — respondeu Henry, sentindo um frio na barriga. A chuva que caía era fria, mas ele não sentia. A jaqueta enroscou e rasgou no arame farpado quando as mãos dele a pegaram pela cintura, os dedos sentindo o suéter ensopado. Estava inclinado, a testa encostada no arame de metal frio; se houvesse uma farpa ali, ele não a sentiria. Só sentia a face de Keiko, molhada de chuva, quando ela também se aconchegou.

— Eu vim para fazer isso — disse Henry. Foi o primeiro beijo dos dois.

SHELDON THOMAS

(1986)

HENRY SAIU DA CHUVA E entrou nos sinuosos corredores do Hearthstone Inn, uma casa de repouso na zona oeste de Seattle, não muito longe do terminal da balsa de Fauntleroy, que ligava Seattle à ilha de Vashon. Henry estava vindo com mais frequência, agora que Ethel falecera e ele tinha mais tempo disponível.

O Hearthstone Inn era uma das melhores casas de repouso da zona oeste de Seattle, pelo menos para Henry — agora que se tornara um especialista em casas de repouso. Era mais especialista ainda nas de que não gostava. Aqueles lugares frios e cinzentos — como as instituições estaduais das quais tinha lutado tanto para manter Ethel afastada. Aqueles predinhos de janelas pequenas e blocos cinza onde as pessoas iam para morrer, sozinhas. Em comparação, Hearthstone parecia mais um bangalô de caça rústico, ou uma pousada, do que uma casa de repouso.

Logo na entrada havia um lustre feito de chifres de veado. Um belo toque, pensou Henry, enquanto se encaminhava para uma das alas que conhecia. Não se preocupou em parar no posto de enfermagem, preferindo ir direto ao quarto 42. Bateu de leve na porta, logo abaixo da placa que dizia: SHELDON THOMAS.

Ninguém respondeu, mas Henry deu uma espiada assim mesmo. Sheldon dormia, reclinado na cama do hospital. Suas bochechas outrora robustas, que estufavam quando tocava seu sax, agora apenas recobriam os ossos da face. Uma cânula intravenosa estava presa por esparadrapo em seu pulso, envolvendo também a pele enrugada do antebraço. Um tubo plástico transparente passava pelas orelhas e pousava logo abaixo do nariz, sibilando e inserindo oxigênio nos seus pulmões.

Uma jovem enfermeira, um rosto novo que Henry não reconheceu, entrou e tocou em seu braço.

— O senhor é amigo ou membro da família? — cochichou a pergunta no ouvido dele, tentando não perturbar Sheldon.

A pergunta pairou como um lindo acorde, ressoando no ar. Henry era chinês, Sheldon obviamente não era. Os dois não se pareciam em nada. Em nada mesmo.

— Sou um parente distante — respondeu Henry.

A resposta pareceu satisfatória.

— Nós íamos justamente acordá-lo para ministrar alguns medicamentos — disse a enfermeira. — Então é uma boa hora para uma visita. De qualquer forma, ele deve acordar logo. Se precisar de alguma coisa, eu estou lá fora.

Henry deixou a porta entreaberta. Uma luminária com uma cúpula roxa era a única luz no quarto, além das luzes vermelhas dos diversos monitores ligados ao velho amigo. As cortinas estavam abertas, a luminosidade do crepúsculo nublado amornava o recinto.

Um disco de ouro de 45 rpm estava afixado na parede numa moldura empoeirada, um single que a banda de Sheldon gravara no final dos anos 1950. Ao lado havia fotos de Sheldon com a família — filhos e netos. Desenhos em giz de cera e caneta hidrográfica pontilhavam a porta do banheiro e a parede logo abaixo de uma televisão suspensa do teto. A mesa de cabeceira estava congestionada por pequenas pilhas de fotos e partituras.

Henry sentou na desgastada cadeira ao lado da cama e notou um recente cartão de aniversário. Sheldon tinha completado setenta e quatro anos na semana anterior.

Um dos muitos monitores começou a bipar, mas logo silenciou.

Henry viu a boca de Sheldon começar a se abrir num bocejo silencioso, depois os olhos piscaram, ajustando-se à luz. Olhou para Henry e sorriu, mostrando seu velho dente de ouro.

— Ora, ora... Há quanto tempo você está aí? — perguntou, espreguiçando-se e esfregando a cabeça calva, ajeitando o resto de cabelos brancos que ainda lhe restava.

— Acabei de chegar.

— Já é domingo? — perguntou Sheldon, acordando e ajeitando-se na cama de hospital.

Nos meses depois da morte de Ethel, Henry vinha habitualmente nas tardes de domingo para assistir aos jogos do Seahawks com Sheldon. Uma enfermeira ajudava a pôr Sheldon numa cadeira de rodas e os dois desciam para o grande salão de recreação, onde havia um grande telão de TV com retroprojeção. Mas, nas últimas semanas, Sheldon não tinha mais energia.

Agora eles simplesmente assistiam ao jogo na quietude do quarto. Às vezes Henry contrabandeava asas de frango fritas ou sopa de mariscos do Ivar's, ou qualquer outro prato favorito de Sheldon que as enfermeiras não costumavam permitir.

Não era dia de jogo do Seahawks, e Henry tinha trazido algo diferente para Sheldon.

— Eu vim mais cedo esta semana — disse. Alto o bastante para Sheldon ouvir sem seu aparelho auditivo.

— O quê? Você acha que não vou durar até domingo? — disse Sheldon, dando risada.

Henry riu do amigo.

— Encontrei uma coisa que acho que você vai gostar. Uma coisa que estou procurando há... uma coisa que você anda procurando há anos.

Os olhos grandes e injetados de Sheldon se viraram para Henry, ainda jovens apesar do rosto velho e caído. Era um olhar que Henry conhecia havia muito tempo.

— Você tem uma surpresa para mim, Henry?

Henry concordou, sorrindo. Sabia que o velho disco de Oscar Holden significava tanto para Sheldon quanto para ele próprio. Talvez por diferentes razões, mas significava muito para ambos. Oscar Holden tinha propiciado a grande chance de Sheldon em 1942. Ele tocou com Holden por um ano depois do fim da guerra, quando o clube reabriu suas portas. Quando Oscar faleceu, anos depois, Sheldon formou sua própria banda. O fato de ter tocado com Oscar abriu oportunidades para muitas apresentações regulares e até rendeu um modesto contrato com uma gravadora local.

— Bom, eu não estou ficando mais novo e o Natal está chegando — disse Sheldon.

— Agora eu achei, mas tem um problema... vai precisar de uma pequena restauração antes de ser tocado.

— Não tem importância nenhuma. — Sheldon falou batendo um dedo trêmulo na testa. — Eu ainda toco essa música na minha cabeça todas as noites. Eu a conheço bem. Eu estava lá, lembra?

Henry pegou a sacola e retirou o disco de 78 rpm, ainda em sua capa original. Mostrou-o a Sheldon, lendo o que estava escrito no selo do disco enquanto o amigo tateava a mesa de cabeceira à procura dos óculos de leitura.

— Oscar Holden e...

— The Midnight Blue — Sheldon completou.

Henry entregou o disco ao velho amigo, que o tirou da capa sobre o peito. Seus olhos se fecharam como se estivesse ouvindo a música tocar em algum lugar, em algum momento, tempos atrás.

ESPERANDO

(1942)

HENRY ACORDOU NUM COLCHÃO de palha desbotado no chão, ouvindo a chuva vazar pelo teto e gotejar na pequena tina de lavar roupa no centro do que era a sala de estar dos Okabe. À direita, Keiko e o irmão mais novo dormiam numa área acortinada, separados dos pais.

Ouviu a mãe de Keiko ressonando baixinho e o gotejar da chuva no teto de zinco — um som melódico e relaxante que fazia com que Henry achasse que ainda estava sonhando. Talvez fosse um sonho. Talvez estivesse em casa, na sua cama, a janela com vista para o Canton Alley aberta a despeito dos desejos da mãe. Fechou os olhos e inspirou, sentindo o cheiro da chuva, mas não da maresia de Seattle. Ele estava aqui. Consequira chegar a Minidoka. Chegou ainda mais longe, até a *casa* de Keiko.

Keiko não quis que ele fosse embora, e nem Henry queria ir. Por isso tinha se encontrado com Keiko do outro lado do prédio dos visitantes. Tudo era projetado para evitar que as pessoas fugissem, não para evitar que alguém se esgueirasse para dentro. E, para sua surpresa, ele nem teve de enfrentar grandes dificuldades. Só disse a um surpresa, porém solidário Sheldon, que os dois se encontrariam no dia seguinte, pegou uma pilha de livros escolares sendo levados por um grupo de professores quacres e passou pelos guardas com eles. Ao menos uma vez na vida foi bom que os brancos pensassem que Henry era um *deles* — que era japonês.

Henry virou de lado, esfregando os olhos, e parou em meio a um bocejo. Keiko estava na cama dela, olhando para ele, o queixo apoiado nos braços sobre o travesseiro. O cabelo estava desmanchado, escorrido e espetado em ângulos esquisitos, mas ainda assim bonito. Ela sorriu, e Henry reviveu. Não conseguia acreditar que estava ali. Mais do que isso, não conseguia acreditar que os pais dela tivessem concordado com que estivesse lá. O pai dele o teria expulsado. Mas ela disse que não haveria problema, e assim foi. Os pais dela se sentiram estranhamente honrados e lisonjeados de receberem um convidado em seu lar improvisado, cercado de arame farpado, holofotes e

torres com metralhadoras.

Quando Keiko entrou em casa, Henry mal conseguiu passar pela porta. Os pais ficaram espantados e lisonjeados por ele ter vindo de tão longe, mas por alguma razão não pareceram *muito* surpresos. Henry havia deduzido que Keiko tinha se esquecido dele. Na verdade, pode ter sido bem o contrário.

Virou-se para ficar mais perto de Keiko, enrolando-se na colcha feita à mão para ficar de frente para ela. Keiko estava a poucos centímetros de distância, afastando o cabelo dos olhos.

— Eu sonhei que você tinha vindo me visitar ontem à noite — murmurou Keiko. — Sonhei que você tinha vindo até aqui porque sentiu minha falta. E quando acordei ainda tinha certeza de que era um sonho, mas depois olhei e você estava aqui.

— Não consigo acreditar que estou aqui. Não consigo acreditar que os seus pais...

— Henry, isso não é sobre a gente. Quer dizer, é, mas eles não definem você pelo crachá que usa. Definem você pelo que faz, pelo que suas atitudes dizem sobre você. E ter vindo até aqui, apesar dos seus pais, diz muito para eles... e para mim. E eles são americanos em primeiro lugar. Não o veem como inimigo. Veem você como uma pessoa.

As palavras eram um estranho consolo. Por que essa aceitação? Era isso que era? O sentimento de fazer parte de alguma coisa era estranho a Henry, uma coisa estranha e inadequada, como escrever com a mão esquerda ou vestir a cueca por cima da calça. Olhou para os pais dela dormindo. Pareciam mais sossegados aqui, neste lugar úmido e frio, que os pais dele numa casa quente e aconchegante.

— Eu tenho de ir embora hoje. Eu e Sheldon temos que pegar o ônibus à noite.

— Eu sei. Sabia que você não poderia ficar para sempre. Além do mais, uma das outras famílias pode nos denunciar. Você é um segredo que não podemos guardar por muito tempo.

— Você pode guardar um segredo? — perguntou Henry.

Keiko sentou-se na cama. Aquilo deve ter chamado a sua atenção, pensou Henry quando ela afofou o travesseiro no colo, cobrindo os ombros com o cobertor. Mostrou dois dedos da mão.

— Palavra de escoteira, *Kemosabe*.

— Eu vim pensando em tirar você daqui, não em entrar escondido.

— E como você pretendia fazer isso?

— Sei lá. Achei que podia te dar o meu crachá, como na estação ferroviária...

— Você é uma doçura, Henry. Eu gostaria de poder fazer isso, gostaria mesmo. Mas você já vai estar bem encrencado quando chegar em casa. Se chegasse em casa comigo, aí seria demais. Nós dois iríamos parar na cadeia. *Você quer saber um segredo?* — perguntou Keiko.

Henry gostou daquele jogo, concordando com a cabeça.

— Eu iria. Por isso não me peça, pois eu voltaria com você. Ao menos tentaria.

Henry se sentiu lisonjeado. Até mesmo comovido. Absorveu o significado daquilo.

— Então acho que vou ficar te esperando.

— E eu vou escrever — disse Keiko.

— Isso não pode durar para sempre, certo?

Os dois se viraram para a janela, olhando para os prédios mais próximos através do vidro atingido pela chuva. Keiko perdeu o sorriso.

— Não importa por quanto tempo. Eu vou te esperar — disse Henry.

A mãe de Keiko parou de risonhar e se mexeu, acordando. Olhou para Henry, confusa por um momento, depois abriu um sorriso.

— Bom dia, Henry. Qual é a sensação de ser prisioneiro por um dia?

Henry olhou para Keiko.

— Foi o melhor dia da minha vida.

Keiko voltou a sorrir.

O café da manhã com a família de Keiko foi arroz com *tamago* — ovos cozidos. Nada sofisticado, mas bem nutritivo, e Henry apreciou bastante. Os Okabe pareciam contentes por estar assentados num lugar de certa forma mais permanente que as periclitantes cocheiras do local da Feira de Puyallup. A mãe de Keiko fez um bule de chá, enquanto o pai lia o jornal impresso dentro do campo. Apesar do ambiente simples e das roupas modestas, pareciam uma família americana normal.

— É bom não ter que ir sempre ao refeitório? — Henry fazia o máximo para travar uma conversa educada em inglês.

— Em dias chuvosos, sempre é bom — respondeu a mãe de Keiko, sorrindo enquanto comia.

— Eu ainda não consigo acreditar que estou aqui. Muito obrigado.

— Somos quase quatro mil pessoas aqui, Henry, e você é o nosso primeiro hóspede, é um grande prazer — disse o sr. Okabe. — Devem chegar mais uns seis mil no mês que vem, dá pra acreditar?

Dez mil? Era um número inimaginável para Henry.

— Com tanta gente, o que impedem que vocês dominem o campo?

O sr. Okabe serviu mais uma xícara de chá para a esposa.

— Ah, essa é uma pergunta muito profunda, Henry. Eu já andei pensando a respeito. Deve haver uns duzentos guardas e pessoal do Exército... e nós somos muitos. Mesmo se considerarmos apenas os homens, temos um regimento inteiro aqui. Sabe o que nos impede de fazer isso?

Henry balançou a cabeça. Não fazia ideia.

— Lealdade. Nós *continuamos* leais aos Estados Unidos da América. Por quê? Porque somos americanos. Não concordamos, mas vamos mostrar nossa lealdade e obediência. Você entende isso, Henry?

Henry só conseguiu dar um suspiro e aquiescer. Conhecía bem o conceito. Dolorosamente bem. Obediência como sinal de lealdade, como expressão de honra, até um ato de amor; era um tema até desgastado na casa dele. Principalmente entre ele e o pai. Mas não era esse o caso agora, era? Foi eu quem causou o derrame do meu pai? Teria sido causado pela minha desobediência? Por mais que tentasse se convencer do contrário, tinha dificuldade em se persuadir de que a resposta era não. O sentimento de culpa continuava.

— Mas nem isso é suficiente para eles — acrescentou a mãe de Keiko.

— De certa forma é verdade — continuou o sr. Okabe, bebericando o chá. — Correm rumores de que a Autoridade de Recolocação de Guerra tem planos de fazer todos os homens acima de dezessete anos assinarem um voto de lealdade aos Estados Unidos.

— Por quê? — perguntou Henry, confuso. — Como eles podem pôr vocês aqui e ainda quererem que assinem um voto de lealdade?

Keiko entrou na conversa:

— Porque querem que a gente entre na guerra com eles. Querem recrutar homens para lutar contra os alemães.

Aquilo fazia tanto sentido para Henry quanto o pai mandá-lo a uma escola de brancos com um crachá dizendo “Eu sou chinês”.

— E nós vamos fazer isso com prazer. Eu vou — disse o sr. Okabe. — Muitos de nós se ofereceram para entrar no Exército logo depois do bombardeio de Pearl Harbor. A maioria foi rejeitada, muitos foram atacados

na hora.

— Mas por que vocês fariam isso, por que querem ir? — perguntou Henry.

O sr. Okabe deu risada.

— Olhe ao seu redor, Henry. Não estamos morando na Park Avenue. E eu faria qualquer coisa para ajudar a aliviar o sofrimento... ou até mais, o escrutínio e a desonra da minha família. Muitos de nós fariam o mesmo. Além disso, para muitos, a única forma de provar que somos americanos é derramando sangue pela causa americana... apesar do que está sendo feito conosco. Aliás, é ainda mais importante, diante do que foi feito.

Henry começou a entender e a apreciar o sentimento daquela complexa rede de injustiças e contradições.

— Quando eles vão deixar vocês irem à guerra? — perguntou.

O sr. Okabe não sabia, mas imaginava que seria bem depois do campo estar concluído. Quando terminassem o trabalho, eles poderiam ser usados em outro lugar.

— Mas chega de falar sobre essa guerra, Henry — interrompeu a mãe de Keiko. — Precisamos pensar num jeito de tirar você daqui hoje.

— Ela tem razão — concordou o sr. Okabe. — Nos sentimos honrados por ter vindo de tão longe para cortejar Keiko, mas este é um lugar muito perigoso. Estamos tão acostumados que os soldados nos parecem normais. Mas houve um tiroteio na semana anterior à que chegamos.

Henry empalideceu um pouco, sentindo a cor lhe abandonar o rosto. Não sabia bem o que o deixava mais nervoso: o fato de sua presença ali ser considerada como um namoro formal, que ele supunha que fosse, ou de alguém ter sido baleado.

— Hã, imagino que não tenha pedido permissão... — disse Henry.

— Para sair daqui? — perguntou a mãe de Keiko.

— Não. Permissão para cortejar sua filha. — Henry lembrou-se de novo que tinha agora a mesma idade do pai quando ficou noivo da mãe. — Posso?

Henry se sentiu estranho e desajeitado. Não por se sentir ainda novo demais, mas por ter crescido com a estranha tradição chinesa de usar um casamenteiro — alguém agindo como mediador entre as famílias. Uma corte tradicional envolvia um intercâmbio de presentes de família para família, símbolos do noivado. Nada disso seria possível neste momento.

O sr. Okabe olhou para ele com uma expressão de orgulho, do tipo que Henry sempre desejou ver no rosto do pai.

— Henry, você tem sido incrivelmente honorável em suas intenções com relação à minha filha e sempre ajudou a nossa família. Você tem minha total permissão... Se o fato de ter ficado aqui e dormido no nosso chão já não foi uma permissão suficiente.

Henry empertigou-se, não acreditando no que havia perguntado e no que ouvira como resposta. Fez uma careta ao se preocupar com o pai, mas logo viu Keiko sorrindo para ele do outro lado da mesa. Ela renovou a xícara de chá de Henry e a passou para ele.

— Muito obrigado. Por tudo. — Henry bebericou o chá, ainda atônito. Os Okabe eram tão informais e tranquilos, tão americanos. Até mesmo pela maneira como mencionavam as coisas terríveis que aconteceram com eles no Campo de Minidoka.

— Qual foi a causa desse tiroteio? — perguntou.

— Ah, isso... — O jeito de falar do sr. Okabe fez o fato parecer ainda mais estranho. Sem dúvida tinha sido uma coisa ruim, mas ele estava tão acostumado a viver com a dor. Viver aqui deve fazer isso com as pessoas, pensou Henry. — Um homem... acho que o nome dele era Okamoto, foi baleado ao tentar impedir um caminhão de seguir na direção errada. Um dos soldados que escoltava o caminhão atirou. Morreu na hora — explicou o sr. Okabe, engolindo em seco.

— E o que aconteceu com ele? — perguntou Henry. — Com o soldado, não como o homem baleado.

— Nada. Foi multado por uso indevido de propriedade governamental, só isso.

Henry sentiu o silêncio pairar pesadamente em todos eles.

— Uso do quê? Que propriedade? — perguntou Henry depois de um momento.

O sr. Okabe engasgou ao olhar para a mulher e soltou um suspiro profundo.

— A bala, Henry. — A mãe de Keiko terminou a história. — Ele foi multado pelo uso não autorizado da bala que matou o sr. Okamoto.

ADEUS

(1942)

COMO ERA SÁBADO, KEIKO não tinha aula, e como Henry era um visitante muito especial, os pais a liberaram de suas tarefas naquele dia — só dessa vez. Então, enquanto a mãe dela lavava e costurava roupas e o pai ajudava as famílias que chegavam a se alojar no novo bloco, Henry ficou sentado na escada em frente à construção, conversando com Keiko quase a tarde toda. Se houvesse uma área mais tranquila e romântica no acampamento, eles a teriam encontrado. Mas não havia um parque, aliás nem mesmo uma árvore maior que um arbusto. Por isso ficaram sentados em blocos de cimento, lado a lado, os pés se tocando.

— A que horas você vai embora? — perguntou Keiko.

— Junto com os voluntários, quando tocar a sirene das 17h30. Vou me misturar com eles no portão, mostrar meu crachá e torcer pra conseguir sair. É onde Sheldon vai me encontrar, aí pelo menos vou ter alguém que fale por mim.

— E se te pegarem?

— Isso não seria tão ruim, seria? Eu teria de ficar aqui com você.

Keiko sorriu e apoiou a cabeça no ombro de Henry.

— Eu vou ficar com saudade.

— Eu também — disse Henry. — Mas vou continuar esperando você até tudo isso acabar.

— E se demorar anos?

— Vou esperar mesmo assim. Além do mais, eu preciso de tempo pra arranjar um bom emprego e economizar dinheiro.

Henry mal conseguia acreditar no que estava dizendo. Até um ano atrás ele trabalhava na cozinha da Escola Rainier. Agora estava falando em cuidar de alguém. Parecia muito adulto e meio assustador. Na verdade, ele nem tinha chegado a sair com Keiko quando os dois estavam do mesmo lado da cerca. Mas um namoro podia durar um ano, ou muitos anos. Mesmo na família dele, quando os pais argumentavam sobre a tradição de usar um

casamenteiro para Henry, nada era decidido. Será que eles ao menos o deixariam namorar uma garota americana? Não fazia diferença, agora que o pai estava tão debilitado. Apesar do sentimento de culpa que sentia, doravante teria que tomar suas próprias decisões. Seguir os desejos do próprio coração.

— Quanto tempo você vai me esperar, Henry?

— O quanto for necessário. Não me importo com o que meu pai diz.

— E se eu já for uma velha? — comentou Keiko, dando risada. — E se ainda estiver aqui quando estiver velha e meu cabelo ficar grisalho...

— Eu trago uma bengala para você.

— Você ainda esperaria por mim?

Henry sorriu, aquiesceu e segurou a mão de Keiko. Fez isso sem olhar, parecia que as mãos se encaixavam sozinhas. Passaram quase o dia todo debaixo daquele céu nublado. Henry olhava para cima, esperando uma chuva, mas o vento, que os deixava um pouco com frio, soprou as nuvens para o sul do campo. Não ia mais chover.

À medida que as horas passavam, eles conversavam sobre música, sobre Oscar Holden e como seria a vida quando a família de Keiko voltasse para Seattle. Henry não conseguiu contar que Nihonmachi estava desaparecendo. Prédio a prédio, quarteirão por quarteirão, tudo estava sendo transformado, vendido e reformado. Ponderava sobre o que restaria quando eles saíssem do campo, se é que restaria alguma coisa. O Hotel Panamá, como o restante do bairro japonês, agora estava cercado por tapumes, dormente como um paciente em coma — nunca se sabia se eles se levantariam ou simplesmente não acordariam mais.

Quando terminou o turno da tarde para os muitos voluntários que trabalhavam no Campo de Minidoka, Henry se despediu da família de Keiko mais uma vez. O irmão mais novo pareceu olhar para ele com certa inveja. Acho que até esse menino sabe que tenho uma ligação com o exterior, uma liberdade que não lhe é permitida, pensou Henry.

Ainda segurando a mão de Keiko, foi andando com ela até o mais perto possível do portão dos voluntários sem serem vistos. Ficaram atrás de uma das construções periféricas esperando uma equipe de trabalhadores e missionários passarem para Henry se misturar à multidão em direção ao portão. Ele esperava que Sheldon estivesse do outro lado.

— Não sei quando vamos nos ver de novo. Fiz tudo o que podia para vir visitar você dessa vez — ele disse a Keiko.

— Não precisa vir mais. Basta esperar e escrever. Eu vou estar aqui... Não precisa se preocupar comigo. Aqui estou em segurança, e isso não vai durar para sempre.

Henry a puxou para um abraço, sentindo os braços dela ao redor de seus ombros. Abaixando-se, sentiu o calor do rosto dela no ar fresco do outono. Tocaram as testas enquanto se olhavam nos olhos, refletindo as nuvens que passavam lentamente. A cabeça dele se virou para a esquerda, junto à dela, e seus lábios se tocaram num beijo. Quando Henry abriu os olhos, os olhos de Keiko sorriam para ele. Abraçou-a mais uma vez e a soltou — andando de costas, acenando, tentando não abrir um grande sorriso, mas não conseguiu evitar.

Eu a amo. Henry estacou diante desse pensamento. Nem ao menos sabia o que era aquilo, ou o que significava, mas sentia o amor queimando em seu peito — um sentimento indistinto, interior. Nada mais parecia importar. Nem a turma sombria de trabalhadores do campo passando pelo portão de arame farpado. Nem as metralhadoras nas torres, acima.

Henry começou a acenar, antes de abaixar a mão devagar, enquanto as palavras “Eu te amo” saíam de seus lábios. Keiko estava longe demais para ouvir, ou talvez ele não tivesse emitido nenhum som, mas ela sabia, e seus lábios ecoaram as mesmas palavras quando levou a mão ao coração e apontou para Henry. Ele simplesmente sorriu e aquiesceu, virando-se em direção ao portão.

PROBLEMAS EM CASA

(1942)

HENRY SE AFUNDOU NO BANCO e falou muito pouco durante a longa viagem de ônibus. Sentia-se realmente mal, imaginando a preocupação que havia causado. Mas ele tinha de ir. E agora enfrentaria as consequências. Sentia um estranho e duradouro consolo em saber que não poderia desapontar o pai mais ainda. Não mais. O que mais poderia haver para desapontá-lo? O que mais poderia isentar Henry de um castigo?

Mas havia a mãe. Henry se preocupava com ela. Tinha deixado outro bilhete no travesseiro para ela encontrar mais tarde. Só uma coisinha para que ela não se preocupasse... mas já era demais. O bilhete dizia que estava indo visitar Keiko, que um amigo iria junto para fazer companhia e que, se tudo corresse bem, ele estaria em casa no sábado à noite. O pote em cima da cômoda estava vazio, por isso ela imaginaria que Henry tivesse dinheiro suficiente para a viagem. Mas, em toda sua vida, ele nunca havia passado uma noite fora de casa. Isso a deixaria muito preocupada, ainda mais com o seu pai doente.

Quando saiu de Seattle, imaginou que sentia o mesmo que o pai deve ter sentido quando saiu de casa aos treze anos. Assustado, entusiasmado e confuso. Para o pai, sair de casa com treze anos foi uma questão de orgulho, apesar de que, no fundo, Henry sentisse um bocado de vazio e tristeza naquele episódio. Agora, voltando para casa de ônibus, ele sabia o que o pai havia sentido. Mágoa e solidão — mas também a necessidade de fazer o que era certo. Para o pai, aquilo significava ajudar as causas da China. Para Henry, significava ajudar Keiko.

Quando afinal se despediu de Sheldon na estação rodoviária de Seattle, Henry se sentia exausto, apesar de ter dormido o dia inteiro no ônibus.

— Vai ficar tudo bem com você em casa? — perguntou Sheldon.

Henry bocejou e concordou com a cabeça.

Sheldon olhou para ele, as sobrancelhas erguidas, mostrando preocupação.

— Vai ficar tudo bem — garantiu Henry.

Sheldon se espreguiçou e disse:

— Obrigado, senhor, e tenha um ótimo dia — e começou a voltar para casa, andando na direção da South Jackson, com a maleta na mão.

Henry lhe garantira que tudo ficaria bem. Mas agora, subindo a escada para o apartamento, percebeu que mal se sentia mais em casa. De alguma forma, tudo parecia menor. Mais restritivo. Mas sabia que era o mesmo lugar de onde havia saído.

A porta estava destrancada. Um bom sinal.

Dentro, estava tudo escuro e silencioso. O pequeno apartamento tinha um aroma úmido de arroz cozinhando, misturado ao cheiro bruto e queimado dos cigarros Camel que o pai fumava. A mãe também fumava da mesma marca, mas não tanto quanto o pai. Isso era algo que tinha mudado quando o pai ficou doente. Sua capacidade de fumar havia desaparecido, bem como a vontade. O que restara parecia ser dirigido a negar a existência de Henry e se concentrar nos mapas da guerra na China.

A única luz vinha de uma luminária de cerâmica na cozinha, que a mãe havia feito numa oficina de artesanato em Yook Fun anos atrás, antes de Henry nascer. Ela tinha uma vida diferente antes de Henry nascer. Considerou se ela voltaria àquela vida se ele fosse embora. Perto da luminária havia um pequeno prato de comida, arroz frio e linguiça de pato defumada. O prato favorito de Henry.

Percebeu que a porta do quarto dos pais estava quase fechada. Henry não sabia o que mais o surpreendia. Que a mãe tivesse deixado um belo jantar para ele ou que não o estivesse esperando acordada, pronta para rebater todas as suas desculpas.

O silêncio era desconcertante.

Pegou o hashi e levou o prato para o quarto, onde deixou sua pequena maleta. Ficou atônito e confuso quando olhou para a cama e viu um grande terno preto estendido. No chão havia um par de sapatos marrons que pareciam dois números maiores que o seu. O grande paletó era de corte ocidental, mas tinha um desenho em espiral bordado no bolso, feito pela mãe — moderno, mas conferindo um toque oriental. Uma noção de lugar num mundo moderno.

Então ele se deu conta. *Meu pai morreu.*

Henry nunca havia vestido um terno tão bonito na vida. As melhores roupas que tinha eram as que usava diariamente na Escola Rainier. Usava

essas roupas dias seguidos, fazendo o máximo para mantê-las limpas, até sua mãe lavá-las à mão para ele vesti-las outra vez. Sua aparência era mais importante para ela do que o fato de ser provocado impiedosamente por ser pobre demais para ter outras roupas para ir à escola.

Mas quando tocou no belo tecido do terno, lembrou-se de que não era branco. Se Henry fosse usar esse terno para um funeral tradicional do pai, a mãe teria insistido que, por ser o filho de direito, ele usasse a cor das tradições do seu pai. Branco era a cor para funerais, não preto. Aquele terno jamais seria adequado.

Henry abriu a porta e andou pelo corredor até o quarto dos pais. Espiou lá dentro, viu a mãe dormindo e a silhueta do pai. Conseguiu ouvir a respiração áspera do homem, nem melhor nem pior de quando saíra de casa três dias atrás. O pai não tinha morrido. Henry deu um suspiro e observou que seu sentimento de culpa dava lugar a um alívio tranquilo.

Ele voltou para o quarto e sentou na cama, examinando o terno e comendo seu jantar frio. A linguiça estava doce e macia. Fresquinha também. A mãe devia ter preparado enquanto ele estava fora. Quando mastigava o último bocado, avistou parte de um pequeno envelope que devia ter sido enfiado no bolso superior do paletó.

Estendeu o braço e abriu o paletó, que agora pareceu grande demais para ele. Era o jeito da mãe. Tudo tinha de levar em conta o seu crescimento. Tudo tinha que durar muito.

Puxou o envelope e tocou no cabeçalho, que dizia: “China Mutual Steam Navigation Co.” — era uma linha de transatlânticos. Henry não precisou abrir para saber o que havia lá dentro. Seria uma passagem — uma passagem para a China.

— É para você. De mim e do seu pai. — A mãe dele estava de pé na soleira da porta, envolta num penhoar florido, falando com Henry em seu cantonês familiar, um idioma que ele não falara durante todo o fim de semana. — O Japão está perdendo — ela continuou. — O Kuomintang expulsou o Exército Imperial do Japão para o norte de uma vez por todas. Seu pai decidiu que você já pode ir para Cantão. Para terminar os estudos na China.

Henry ficou perto da cama, olhando para a mãe. Tinha ouvido as últimas notícias sobre a Batalha de Guadalcanal na viagem de ônibus de volta. Mas, para os seus pais, a guerra com o Japão sempre era vista pelo lado chinês. Eles lutavam em guerras diferentes. E agora Henry tinha treze anos, a idade

de um homem aos olhos do pai. Aqueles mesmos olhos que não o viam mais como filho. No entanto, lá estava Henry, recebendo a coisa que seu pai sempre quis mais para ele — uma chance de voltar para a China, um lugar que não conhecia, onde nunca estivera, para morar com parentes que nunca encontrara. Para seu pai, era a coisa mais preciosa que podia dar a Henry. E por mais que Henry temesse que esse dia chegasse, parte dele queria ir, ao menos para voltar entendendo o que havia transformado seu pai no que era.

Mas Henry sabia a verdadeira razão.

— Ele só está fazendo isso para me afastar dela — falou. Ficou olhando para o rosto da mãe, procurando uma confirmação em sua expressão, em sua reação.

— Esse é o sonho do seu pai. Ele trabalhou e economizou durante anos para lhe dar isso. Para fazer isso *por* você. Para você saber de onde veio. Você não acha que já o desonrou demais?

Aquelas palavras o machucaram. Mas Henry já fora ferido outras vezes.

— Por que agora?

— O Exército... os japoneses... Finalmente é seguro...

— Por que agora? Por que hoje? Não é tão seguro chegar lá. Os submarinos japoneses têm afundado metade dos navios que chegam ou partem do sul da China. Como é que eu sei disso tudo? Porque é só do que ele fala desde que nasci!

— Esta é a casa dele. Você é filho dele! — disparou a mãe, não tão alto que pudesse acordar o pai de Henry, mas com uma convicção que ele nunca tinha visto. A mãe sempre estivera em cima do muro no conflito entre ele e o pai. Andando com um pé firmemente plantado em cada lado da zona neutra que Henry e o pai nunca invadiam. Agora ela exercia seu próprio poder. Amava Henry como filho, ele não tinha dúvida, mas não havia escolha a não ser honrar os desejos do marido. O pai de Henry estava entrevado e mal conseguia falar ou se mexer, mas ainda era o chefe da casa.

— Eu não quero ir. Esse é o sonho dele. Não meu! Eu nasci *aqui*, nem falo o mesmo dialeto do vilarejo de onde ele veio. Não vou me adaptar lá mais do que me encaixo na escola de brancos para a qual ele me mandou. Será que já não fiz o suficiente?

— Fez o suficiente? Você já fez demais! Passou para o lado do inimigo. Do inimigo da China... *e* dos Estados Unidos. Nós somos *aliados*. Eles são o inimigo. Você se tornou inimigo dele. E mesmo assim ele deseja isso para você. Para você!

— Não é para mim — disse Henry em voz baixa. — E eu não fiz isso com ele. — Quando ouviu as próprias palavras, quase acreditou nelas. Quase. Mas ao olhar para a mãe, com lágrimas escorrendo no rosto, tremendo para conter a raiva e a frustração, percebeu que seria sempre atormentado por isso, pelo efeito de suas ações sobre o pai.

Henry olhou para o terno. Caro, feito por um alfaiate. A passagem também custou caro. Ele não fazia ideia de para onde estava indo, onde iria ficar ou por quanto tempo. E, ao ver sua mãe chorando, que agora passava os dias cuidando do marido moribundo, de seu pai moribundo, Henry sentiu sua resolução desmoronar. Talvez treze anos não fosse idade suficiente para escapar da dor e das pressões da família. Talvez nunca conseguisse escapar.

— Quando eu vou partir? — As palavras caíram de sua boca, acenadas como uma bandeira branca de rendição. Pensou em Keiko, sentindo-se cada vez mais longe dela a cada momento, como se seu coração já estivesse a bordo do transatlântico, sendo levado para o quente e sufocante Mar do Sul da China.

— Na semana que vem — murmurou a mãe.

— Por quanto tempo? — perguntou Henry.

Viu a mãe hesitar. Obviamente, isso também era difícil para ela. A mãe o estava mandando partir, realizando os desejos do marido, afastando-se do próprio filho. Henry olhou para ela, sem querer ir.

— Três, talvez quatro anos.

Silêncio.

Henry ponderou a respeito. Realisticamente falando, não fazia ideia de quando Keiko voltaria para casa, se é que voltaria. Afinal, para que casa ela poderia voltar? Talvez a guerra continuasse para sempre. Talvez ela fosse mandada para o Japão. Tudo era uma incógnita. *Mas, quatro anos?* Era impensável. Henry jamais tinha ficado *quatro dias* longe dos pais.

— Eu... não posso fazer isso.

— Você precisa fazer. Não tem escolha. Já está decidido.

— Sou eu que vou decidir. Tenho a mesma idade que o pai tinha quando foi embora, quando fez suas próprias escolhas. Se eu for, será por escolha minha, não dele — disse Henry. Percebeu o conflito da mãe, desejando obedecer aos desejos do marido, mas sem querer perder o filho. — É minha escolha, não dele. Nem sua.

— E o que eu vou dizer a ele? O que você quer que eu diga?

— Diga que eu vou, mas não agora. Só quando a guerra acabar. Só

quando ela voltar. Eu disse a ela que esperaria. Fiz uma promessa.

— Mas você não vai vê-la... talvez durante anos.

— Mas vou escrever para ela toda semana.

— Eu não posso dizer que...

— Então faça o que sempre fez nos últimos anos. Não diga nada.

A mãe levou as mãos à cabeça, esfregando as têmporas. Balançando-se para a frente e para trás.

— Você é teimoso. Igual ao seu pai.

— Ele me fez do jeito que eu sou.

Henry detestou dizer isso, mas era verdade, não era?

CARTAS

(1943)

HENRY ESCREVEU PARA KEIKO, contando sobre a inconveniente decisão do pai de mandá-lo numa viagem. Para a China, para o pequeno vilarejo onde o pai havia crescido, perto de Cantão. Henry ainda tinha parentes distantes lá. Gente que não conhecia. Alguns nem eram parentes de sangue, mas *calabash*, como dizia seu pai, usando uma estranha gíria quase em inglês. Eram chegados. Unidos pelo pensamento. Todos na aldeia eram considerados como da família. E gostavam de visitantes dos Estados Unidos — Henry sabia disso pelas histórias do pai, que a visita dele incluiria uma calorosa recepção e também um bocado de trabalho. Parte dele queria ir. Mas outra parte não queria ter nada a ver com o que seu pai manipulador havia planejado para ele.

E não poderia ir agora. Keiko ou sua família poderiam precisar dele, e conheciam pouca gente fora dos acampamentos. Henry era tudo o que tinham.

Para grande surpresa de Henry, Keiko achou que ele deveria ir. *Por que não?*, perguntara em sua carta mais recente do Campo de Minidoka. Ela era uma prisioneira, de qualquer forma os dois estavam separados, e *talvez ele pudesse usar esse tempo*, sugeriu — para completar os estudos que tantos pais de crianças nascidas nos Estados Unidos desejavam aos filhos.

Teimosamente, Henry se recusava a ceder aos desejos do pai. O pai não queria ter nada a ver com Keiko. E já tinha renegado o filho. Henry não podia esquecer isso. Por isso ficou, continuando com sua *bolsa de situdos*.

Ele também escrevia para Keiko, toda semana.

Henry passava seus dias na escola, ajudando a sra. Beatty, e nas tardes livres perambulava para cima e para baixo na South Jackson, ouvindo o que os melhores músicos da cidade tinham a oferecer. Ouvia Oscar Holden e Sheldon sempre que podia, mas em algumas noites simplesmente ficava em casa e escrevia para Keiko.

Em troca, ela mandava bilhetes, com desenhos feitos dentro e até fora do

campo, quando lhe permitiam sair do cercado. As regras mais estritas haviam sido amainadas um pouco quando o campo foi totalmente estabelecido — a Tropa de Escoteiras de Keiko podia até acampar algumas noites fora da cerca de arame farpado. *Incrível*, pensou Henry. Prisioneiras que podiam sair e voltar voluntariamente. Mas era lá que estavam as suas famílias, então para onde mais poderiam ir?

Pelo menos ela se mantinha ocupada. Henry também, indo até a velha agência dos correios na South King, perto da fábrica de massas Yong Kick. Com o passar dos meses, suas jornadas semanais se tornaram um hábito — pelo qual ainda ansiava.

— Uma carta... expressa, por favor — pedia Henry, entregando o envelope com a carta para Keiko que havia escrito na noite anterior.

A garota magricela que trabalhava no balcão parecia ter a mesma idade de Henry — talvez uns catorze anos, de cabelos escuros e pele cor de oliva. Imaginava que fosse a filha do chefe do correio trabalhando em Chinatown, ajudando os pais do jeito chinês.

— Mais uma carta? Dessa vez expressa, você disse? Vai custar caro... doze centavos.

Henry contou os trocados que tinha no bolso enquanto ela colava os selos. Não sabia o que mais dizer, já havia cumprido aquela rotina dezenas de vezes. O suficiente para saber o que viria a seguir, já percebendo a frustração nos olhos da jovem funcionária.

— Sinto muito, Henry. Nenhuma carta pra você hoje. Talvez amanhã.

Já fazia três semanas que não recebia nenhuma carta de Keiko. Sabia que a correspondência militar tinha precedência sobre os despachos domésticos, principalmente cartas para alguém com sobrenome japonês — sem mencionar que a correspondência que entrava e saía dos campos de prisioneiros era mais lenta. Mas era algo perturbador, quase de partir o coração. Tanto que Henry começou a mandar todas as cartas por via expressa — um serviço especial de ônibus que custava dez vezes mais que a postagem normal, mas chegava mais depressa. Ou ao menos assim ele pensava.

Ainda assim, nenhuma palavra do Campo de Minidoka. Nenhuma carta de Keiko.

Na volta para casa, Henry encontrou Sheldon fazendo uma apresentação

vespertina na esquina da South Jackson.

— Achei que você agora só tocava no Black Elks Club — comentou Henry, parando na rua onde costumava dar seu almoço a Sheldon todos os dias.

— Ainda estou tocando. Continuo lá, com certeza. Cada vez mais shows com lotação esgotada. Oscar lota o lugar todas as noites, ainda mais agora, com tantos brancos abrindo negócios por essas bandas.

Henry concordou com a cabeça, olhando o que restava do bairro japonês. A maioria das lojas tinha sido vendida por uma bagatela, ou então os bancos locais haviam confiscado os estabelecimentos interditados para revender o terreno com lucro. Os que eram financiados por bancos locais, de posse de japoneses, foram os últimos a falir, mas acabaram falindo quando os bancos se tornaram insolventes e seus proprietários foram mandados a lugares como Minidoka, Manzanar e Tule Lake.

— Acho que gosto de vir aqui homenagear o passado com meu sax de vez em quando. Pensar nos bons tempos, sabe? — Sheldon deu uma piscada para Henry, que não sentiu vontade de rir. Aqueles tempos tinham acabado. As coisas estavam diferentes. *Eu estou diferente*, pensou Henry.

— Tá voltando para casa de mãos vazias? — perguntou Sheldon, quase afirmando, como se o andar tristonho de Henry voltando da agência dos correios se tornasse mais visível por essa razão.

— Não entendo. Achei que a gente ia se escrever mais. Será que é errado pensar assim? Sei que ela anda muito ocupada. Na última carta ela disse que agora está estudando, praticando esportes... até participando da turma do anuário escolar. — Henry deu de ombros. — Só não achei que ia me esquecer em tão pouco tempo.

— Henry, de jeito nenhum ela se esqueceu de você. *Isso eu garanto*. Talvez haja muito mais coisas a fazer, para se ocupar, com dez mil japoneses amontoados na mesma área. Imagino que ela devia estar acostumada com aquela escola moleza de sangue azul que vocês dois frequentavam.

— Pelo menos nós estávamos juntos.

— *Ainda bem* que vocês estavam juntos... isso é uma beleza — observou Sheldon. — Mas não se preocupe, um dia ela volta. Mantenha a fé. Continue escrevendo. É difícil lidar com o tempo e o espaço, isso eu posso dizer. Como nasci no Sul antes de vir para cá, sei do que estou falando. As relações entre as pessoas são um negócio difícil. Difícil de conservar. Mas não desista, alguma coisa de bom vai resultar de tudo isso... As coisas

sempre acabam dando certo, você vai ver.

— Gostaria de ser tão otimista quanto você — disse Henry.

— Otimismo é só o que eu tenho. O otimismo torna a vida mais fácil. Agora vai embora, vai para casa tomar conta da sua mãe... e tenha um ótimo dia, senhor!

Henry se despediu com um aceno, refletindo sobre se deveria tentar reencontrar Keiko. Mas logo pensou como devia ser a vida dela agora. Como devia ser maravilhoso finalmente frequentar uma escola só com alunos japoneses, todos como ela. Toda uma comunidade crescendo no deserto. Será que lá é melhor para ela do que aqui comigo? Talvez ela esteja melhor assim. Talvez.

— Boa notícia, Henry. — A jovem funcionária chinesa afastou o cabelo dos olhos e segurou o envelope amassado com as duas mãos. — Parece que ela gosta de você, afinal.

Henry pegou a carta, dando um leve suspiro.

— Obrigado — foi só o que conseguiu dizer. Já fazia três semanas desde a última carta. Vinha ficando cada vez mais nervoso, até mesmo prevendo uma carta de adeus, o tipo terrível de rompimento normalmente reservado aos homens alistados.

Pegou o envelope na mão, sem saber se o abria ou não, antes de sair para a rua, virar a esquina e encontrar um banco perto do ponto de ônibus mais próximo.

Ao abrir a carta, Henry respirou fundo e soltou o ar lentamente enquanto desdobrava o papel. Logo notou a data; era da semana anterior. Parecia que o correio às vezes ainda funcionava no tempo certo.

“Querido Henry...”

Não era uma carta de despedida. Só mais uma das cartas sinceras de Keiko — atualizando Henry sobre a vida diária no campo. Dizendo que todos os homens deviam assinar votos de lealdade, que os tornariam elegíveis para alistamento e prestação de serviço militar para lutar contra os alemães. Alguns tinham assinado de imediato, como o pai de Keiko, ansiosos para provar sua lealdade. Outros resistiam, se recusando a assinar; os mais rebeldes eram levados, sendo presos em outro lugar.

Ela quase não mencionava as cartas de Henry, dizendo apenas que sentia muita saudade dele e esperava que estivesse indo bem.

Henry voltou a escrever para ela naquela mesma noite, postando a carta no dia seguinte.

Dessa vez teve de esperar meses pela resposta, que quando veio mostrou uma Keiko mais confusa e ocupada que nunca. Henry havia escrito mais duas cartas enquanto aguardava e não sabia dizer a qual carta ela estava respondendo. Ou será que a carta tinha se extraviado?

Henry estava aprendendo que o tempo de separação era uma forma de criar distância — mais do que as montanhas ou o fuso horário que os separavam. A verdadeira distância, do tipo que faz sofrer e parar de refletir. Faz sentir tanto a falta de uma pessoa que começava a doer gostar tanto de alguém.

O PASSAR DOS ANOS

(1945)

VOLTANDO DA AGÊNCIA DO CORREIO, Henry virou a esquina da South King e deu de cara com Chaz. Henry tinha crescido mais de trinta centímetros desde a última vez que o vira, e agora percebia que não olhava nos olhos de seu torturador no mesmo nível. Na verdade, olhava uns cinco ou dez centímetros para baixo. Chaz parecia pequeno e fraco, mesmo que pesasse uns dez ou quinze quilos a mais do que Henry.

Frente a frente, tudo que Chaz conseguiu dizer foi um resmungado *olá*. Nem chegou a sorrir. Henry ficou só olhando, fazendo o possível para parecer frio e intimidante. Em comparação, Chaz parecia frouxo e manso, cedendo primeiro, contornando Henry para seguir seu caminho.

— Meu pai ainda vai ser dono da sua namorada, Henry — sussurrou ao passar por ele, alto o suficiente para que Henry pudesse ouvir.

— O que você disse? — Henry segurou Chaz pelo braço e lhe deu um puxão, um movimento que surpreendeu os dois.

— Meu pai ainda vai comprar o que restou da Japalândia, e sua namorada não vai ter mais para onde voltar quando sair do campo de concentração onde foi entocada. — Soltou-se de Henry e voltou a avançar, mais patético e irritante que ameaçador. — E daí, o que você vai fazer?

Abalado, Henry o deixou partir, observando enquanto ele andava pesadamente, subindo a ladeira e virando a esquina até se perder de vista. Henry olhou rua abaixo para o que restava de Nihonmachi. Não muita coisa. As únicas construções remanescentes eram os prédios maiores, caros demais para serem comprados, como o Hotel Panamá, que se mantinha como a última evidência de uma comunidade viva e ativa. Pouco restava que não tivesse sido devastado, demolido ou ocupado por interesses comerciais chineses ou de brancos.

Henry mal conseguia acreditar que tinham se passado dois anos. Para seu pai, foram dois anos de ataques aéreos e notícias da guerra — da Indochina a Iwo Jima. Para Henry, foram vinte e quatro meses escrevendo para Keiko,

às vezes recebendo uma resposta, talvez uma a cada vários meses. Só dando um alô, como se os pensamentos dela em relação a ele estivessem se esvanecendo.

Cada vez que ia ao correio, a mesma jovem funcionária o contemplava com o que Henry considerava uma triste combinação de dó e admiração.

— Ela deve ser muito especial para você, Henry. Você nunca desistiu, não é?

A funcionária não sabia muito a respeito de Henry, só de seus hábitos missivistas e de sua dedicação. E talvez sentisse sua pontada de vazio, um sinal da solidão que sentia quando saía da agência de mãos vazias toda semana.

Henry pensou em fazer outra viagem de ônibus. Voltar ao busão, como Sheldon chamava, naquele longo trajeto da Greyhound, passando por Walla Walla até chegar a Minidoka. Mas descartou a ideia. Precisava ajudar a mãe a cuidar das coisas, e Keiko parecia estar bem, pelas poucas cartas que recebia.

Nas primeiras cartas, Keiko pedia constantes atualizações sobre a vida em Seattle. Na escola, no antigo bairro. Henry aos poucos a informou de que pouco restava do que ela já chamara de casa. Ela nunca parecia acreditar que aquilo pudesse desaparecer desse jeito, num período tão curto. Gostava tanto daquele bairro — um lugar com tantas lembranças. Como poderia ter desaparecido? Como Henry podia dizer isso a ela?

Quando ela perguntou: “O que aconteceu com o velho bairro... ainda continua deserto?”, Henry só conseguiu responder: “Mudou. Foram abertos novos negócios. Gente nova”. Ela pareceu entender o significado. Parecia que ninguém se importava com o que acontecera ao que restara de Nihonmachi. Chaz tinha se livrado das acusações de vandalismo anos atrás — o juiz nem as considerou. Henry guardou aquelas novidades consigo mesmo e só atualizava Keiko sobre o panorama jazzístico na South Jackson. Como Oscar Holden voltara a tocar no Black Elks Club. Como Sheldon tocava regularmente na banda, inclusive algumas composições próprias. A vida seguia em frente. Os Estados Unidos estavam ganhando a guerra. A próxima vitória seria no Pacífico. Depois, talvez Keiko voltasse. Mas voltar para o quê? Henry não sabia ao certo, só sabia que estaria ali, esperando.

Em casa, Henry era delicado com a mãe, que parecia considerá-lo o homem

da casa agora que estava com quinze anos e ajudava a pagar as contas. Tinha arrumado um emprego de meio período no Min's BBQ, mas não se sentia tão útil. Principalmente quando garotos da idade dele mentiam sobre já terem completado dezoito anos para se alistar, para lutar na linha de frente. Mas era o mínimo que podia fazer. Apesar das melhores intenções da mãe e dos desejos do pai, Henry continuava em casa — seus estudos na China podiam esperar. Teriam de esperar. Havia prometido esperar por Keiko e pretendia manter essa promessa, não se importando com o quanto demorasse.

O pai continuava sem falar com ele. Mas, até aí, depois do derrame ele pouco falava com qualquer um. Tivera outra pequena hemorragia cerebral, e sua voz agora não passava de um sussurro. Mesmo assim, a mãe ligava e desligava o rádio perto da cama dele quando havia algum relato da guerra nas Filipinas ou em Iwo Jima — com cada batalha no Pacífico dando um passo à frente na esperada invasão do Japão, uma tarefa assustadora depois que o premiê Suzuki anunciara que os nipônicos lutariam até o fim. Quando o noticiário terminava, ela lia o jornal para ele e relatava as atividades de levantamento de fundos das associações beneficentes que se espalhavam em Chinatown. Disse que o Kuomintang tinha expandido seu escritório para um posto avançado, onde manifestos do orgulho nacionalista podiam ser impressos e distribuídos, além de diversos empreendimentos de levantamento de fundos para armar e equipar as facções que resistiam no continente.

Às vezes Henry tinha conversas unilaterais com o pai. Era tudo o que podia fazer. O pai nem sequer olhava para ele, mas Henry tinha certeza de que ouvia. Só lhe restava escutar; estava fraco demais para se mexer e exercer seu poder. Por isso, Henry falava com delicadeza; e o pai, como sempre, olhava pela janela, fingindo não prestar atenção.

— Hoje encontrei Chaz Preston. Lembra dele?

O pai continuou imóvel.

— Ele veio com o pai aqui em casa alguns anos atrás. O pai dele queria sua ajuda para comprar alguns imóveis desocupados... os que foram abandonados quando os japoneses saíram.

Henry continuou falando, apesar da falta de reação do pai.

— Ele me disse que estão comprando o que restou de Nihonmachi... talvez até mesmo o Hotel Pacífico Norte. Talvez até o Panamá.

Apesar da mudez e da fragilidade, o pai ainda era considerado um membro de destaque na Associação Beneficente Bing Kung e na Câmara de

Comércio Chinesa. Sua idade e a saúde só o tornavam um membro ainda mais reverenciado em certos círculos, onde se deve honrar e respeitar os que deram tanto de si. Depois de ter angariado tanto dinheiro para o esforço de guerra, a opinião de seu pai ainda fazia diferença. Henry já vira muitos membros da comunidade dos homens de negócio procurarem seu pai para pedir sua aprovação em transações comerciais no bairro.

— O senhor não acha que vão deixar a família de Chaz, os Preston, comprar o Panamá, acha? — Henry tinha esperança de que o hotel não fosse vendido antes da volta de Keiko, ou ao menos que fosse comprado por homens de negócio chineses. Mas poucos deles tinham dinheiro suficiente para fazer uma oferta considerável.

Henry olhou para o pai, que se virou e, pela primeira vez em meses, olhou nos olhos dele intencionalmente. Era só o que precisava saber. Antes mesmo de o pai reunir energia para dar um sorriso torto, Henry sabia. Alguma coisa estava em andamento. O Hotel Panamá ia ser vendido.

Henry não sabia o que fazer com essa informação. Já estava esperando Keiko havia quase três anos. Ele a amava. Esperaria mais ainda se precisasse. Mas ao mesmo tempo queria que, quando ela voltasse para casa, que fosse por outras razões além de revê-lo; que parte de sua antiga vida e parte de sua infância ainda estivessem ali. Que ainda existissem alguns dos lugares que tinha desenhado em seu caderno de esboços, aquelas lembranças que tanto significavam para ela.

ENCONTRO NO PANAMÁ

(1945)

DEPOIS DO CAFÉ DA MANHÃ, Henry ajudou a mãe a levar a roupa lavada para cima, onde ela a pendurava para secar, depois se acomodou ao lado do velho rádio Emerson para ouvir o *Texaco Star Theater*, um programa de variedades — não o tipo de programa que o pai costumava ouvir. Henry ergueu os olhos e viu a mãe empurrando o pai numa cadeira de rodas para a sala de estar, perto de sua cadeira de leitura. Atrás da orelha dela, um lírio estrelado que Henry tinha pegado no mercado mais cedo.

— Ponha no programa do seu *pai* — ela implorou em cantonês.

Henry abaixou o volume do rádio e desligou o aparelho.

— Eu preciso falar com ele sobre uma coisa. Uma coisa muito importante, a senhora se incomoda? — Henry perguntou o mais delicadamente possível. A mãe gesticulou com os braços e se afastou. Sabia que ela não via utilidade nessas conversas unilaterais.

O pai de Henry olhou para ele por um momento, antes de lançar um olhar frustrado para o rádio, como se o filho fosse um cobrador ou um convidado abusando da hospitalidade.

— Eu já vou ligar de novo — disse Henry, olhando para o rádio. Deixou o aparelho desligado para garantir que o pai o ouvisse sem se distrair. — Só quero falar sobre uma coisa primeiro. — Tinha nas mãos o recibo da China Mutual Steam Navigation Co., a sua passagem para a China.

Henry deixou um momento de silêncio pairar entre os dois. Um período do fim de uma sentença daquela fraturada relação entre pai e filho.

— Eu vou. — Quando as palavras socaram o ar, Henry não sabia ao certo se o pai o ouvira. Mostrou o envelope de viagem para ele ver. — Eu disse que vou.

O pai de Henry olhou para o filho, esperando.

Henry tinha pensado a respeito da proposta de ir para a China para concluir sua educação. Agora que estava mais velho, o tempo que ficaria lá seria de um ou dois anos. Viajar para o exterior num navio a vapor e começar

a vida de novo, longe de tudo que o lembrava de Keiko, parecia uma boa alternativa a perambular pelas ruas perto da South King.

Porém, parte dele detestava a ideia de ceder ao pai. O pai era tão teimoso, tão intolerante. Mas quanto mais pensava a respeito, mais Henry percebia que talvez houvesse algo de bom a tirar de toda aquela história.

— Eu vou, mas com uma condição — falou.

Agora ele realmente tinha a atenção do pai, por mais débil e fugidia que fosse.

— Eu sei que o Hotel Panamá está à venda. Sei quem quer comprar o lugar. E como o senhor é membro antigo das associações do centro, sei que pode interferir na questão. — Henry respirou fundo. — Se o senhor conseguir impedir a venda, eu faço o que deseja, vou terminar meus estudos na China. Vou concluir o ano aqui em Seattle e tomo o vapor em agosto para Cantão. — Ficou examinando a expressão paralisada do pai; o derrame já havia eliminado grande parte de quem ele era. — Eu vou.

A mão do pai de Henry começou a tremer no colo; a cabeça inclinada se endireitou no frágil suporte do pescoço enfraquecido. Os lábios estremeeceram para formular alguns sons, para falar palavras que Henry não ouvia havia anos.

— *Do jeh*. — Obrigado. Depois perguntou: — *Por quê?*

— Não me agradeça — disse Henry em cantonês. — Não estou fazendo isso pelo *senhor*. Estou fazendo por mim, pela garota, a que odeia tanto. O senhor conseguiu o que deseja. Agora sou *eu* que quero uma coisa. Quero que aquele hotel fique do jeito que está. Desocupado.

Henry não sabia exatamente por quê. Ou sabia? Para ele, o hotel era uma memória viva e pulsante. E era um lugar que o pai gostaria que deixasse de existir, por isso queria que fosse poupado. De alguma forma, equilibrava a balança na sua cabeça. Henry iria para a China. Começaria de novo. E se aquele velho hotel continuasse em pé, talvez Nihonmachi pudesse começar de novo também. Não para ele. Não para Keiko. Mas por precisar de um lugar por onde começar. Em algum momento no futuro. Depois da guerra. Depois que as agrídoces lembranças dele e de Keiko já tivessem sido recobertas, ele teria um lugar remissente. Um símbolo que estaria ali para ele em algum momento do futuro.

No dia seguinte, Henry postou sua última carta para Keiko. Ela não escrevia

havia seis meses. E mesmo assim só falava de quanto adorava a escola de lá, dos bailinhos e das festas formais. Para ela, era uma vida plena e abundante. Não parecia estar precisando dele.

Mesmo assim, Henry queria revê-la. Aliás, sua esperança era tão grande que poderia até acontecer. E, quem sabe, talvez pudesse desfrutar um momento com ela de novo. Sabia-se que muitas famílias tinham sido libertadas em janeiro. E como Minidoka era conhecido como um campo para “confinados leais”, Keiko poderia estar bem. Nesse caso, ela voltaria logo para casa. Os alemães estavam perdendo. A guerra nas duas frentes iria terminar mais cedo que tarde.

Henry não escrevia para ela havia várias semanas, mas essa carta era diferente.

Essa carta não era apenas uma despedida — era um adeus. Desejava que ela tivesse uma vida feliz, informava que estava indo para a China em alguns meses, que a encontraria se conseguisse voltar logo, por uma última vez. Em frente ao Hotel Panamá. Henry escolheu uma data em março — dali a um mês. Se estivesse para voltar, ela receberia o convite a tempo. E se ainda estivesse no acampamento e precisasse responder à carta, havia tempo para isso também. Era o mínimo que podia fazer. Afinal, ele ainda a amava. Tinha esperado mais de dois anos por ela; poderia esperar mais um mês, não é?

A funcionária pegou a carta e colou um selo de vinte centavos no envelope.

— Espero que ela saiba o quanto você gosta dela. Espero que diga isso a ela. — Pegou o envelope e o depositou com reverência numa pilha a ser despachada. — Espero que ela mereça essa espera, Henry. Estou vendo você vir aqui durante todos esses meses. É uma garota de sorte, mesmo que não responda suas cartas com a frequência que você gostaria.

Ou nunca, pensou Henry, sorrindo para esconder a tristeza.

— Provavelmente esta é última vez que você vai me ver, pois é minha última carta para esse endereço.

A funcionária pareceu abatida, como se estivesse seguindo uma radionovela que tinha dado errado.

— Oh... por quê? Ouvi dizer que os campos estão mandando gente para casa a torto e a direito. Ela pode voltar logo para Seattle, certo?

Henry olhou pela janela e viu as ruas movimentadas de Chinatown. Se as pessoas estão saindo dos acampamentos, poucos estão voltando para suas casas originais. Pois elas não estavam mais lá. Além do mais, ninguém as

alugaria para elas. As lojas ainda se recusavam a atendê-las. Os japoneses não eram mais bem-vindos ao bairro japonês.

— Eu não acho que ela vai voltar — disse Henry, virando para a funcionária e sorrindo. — E acho que não consigo esperar mais. Vou para Cantão terminar meus estudos daqui a alguns meses. Chegou a hora de olhar para a frente. Não para trás.

— Terminar seus estudos na China?

Henry confirmou, mas sentiu como se desculpasse. Por ceder, por desistir.

— Então seus pais devem estar muito orgulhosos...

Henry a interrompeu.

— Não estou fazendo isso por eles. De qualquer forma, foi um prazer conhecê-la.

Forçou um sorriso educado e tomou o caminho da porta, virando-se para trás e detectando mais que uma insinuação de tristeza no rosto da jovem funcionária do correio. Algumas coisas não são feitas para durar, pensou Henry.

Um mês depois, como disse que faria, Henry ficou esperando na escadaria do Hotel Panamá. De onde estava, o panorama tinha mudado completamente. Não havia mais lanternas de papel, nem os anúncios de neon da Barbearia Uji-Toko ou do Estúdio de Fotografia Ochi. Em seu lugar erguiam-se a Alfaiataria Plymouth e o Cascade Diner. Mas o Panamá permanecia um bastião frente à maré alta de oportunidades de desenvolvimentos.

Henry escovou a calça do terno e arrumou a gravata. Fazia calor demais para usar um paletó, por isso o mantinha no colo, às vezes afastando os cabelos que lhe caíam no rosto quando ventava. O terno, que o pai tinha comprado e a mãe ajustado, caía bem nele — depois que finalmente crescera. Logo o usaria em sua viagem à China. Para morar com parentes e frequentar outra escola. Um lugar onde ele voltaria a ser *especial*.

Sentado ali, observando belos casais passeando de braços dados, Henry se permitiu sentir saudades de Keiko. Tinha descartado esses sentimentos meses antes, quando as cartas dela pararam de chegar, sabendo que tempo e espaço nem sempre fazem o coração se lembrar — às vezes era exatamente o contrário. Ao pensar em Keiko não retornando, ou na alternativa real ainda

mais terrível — de que tivesse se esquecido dele e seguido em frente —, Henry ficava menos preocupado e simplesmente começava a se desesperar. Depois da escola, sozinho em certas ocasiões e em outras com Sheldon, ele andava pela Maynard Avenue procurando o que restara do outrora vibrante Nihonmachi. O tempo que havia passado ali, acompanhando Keiko até sua casa, observando-o ao seu lado enquanto ela pintava ou desenhava em seu caderno de esboços — tudo parecia ter acontecido toda uma vida atrás, a vida de outra pessoa. Não achava realmente que ela iria aparecer. Mas precisava tentar, fazer um último gesto nobre, para poder dizer, quando tomasse aquele navio, que tinha dado tudo o que podia. Uma última esperança. Esperança era só o que ele tinha, e como dissera o sr. Okabe quando partiu com a família naquele trem quase três anos antes, a esperança pode fazer a gente passar por qualquer coisa.

O relógio de prata do pai estava no bolso do terno. Henry o tirou do bolso e abriu a tampa, ouvindo o tique-taque para verificar se estava funcionando. Estava. Era quase meio-dia, a hora que disse que estaria ali... esperando. Observou o próprio reflexo no cristal espelhado do relógio de bolso. Parecia mais velho. Mais crescido. Parecido com o pai em seus melhores tempos, e aquilo o surpreendeu. Os segundos se passavam, ele ouviu ao longe o apito do meio-dia no Boeing Field e em seguida um eco ao vento quando os Estaleiros Todd anunciaram a hora do almoço.

O tempo tinha passado. Não havia mais por que esperar.

Então ele ouviu passos. O inconfundível toque-toque de saltos de sapatos femininos no pavimento. Uma sombra longa e esguia se projetou nos degraus e cobriu seu reflexo no relógio, mostrando os dois ponteiros juntos, na vertical, meio-dia.

Ela estava lá. Uma jovem com belos sapatos de couro pretos, pernas de fora, uma saia azul comprida e plissada, que dançava em torno dos seus quadris no ar fresco primaveril. Henry não conseguiu olhar para cima. Tinha esperado tanto tempo. Prendeu a respiração e fechou os olhos, ouvindo... escutando os sons da rua movimentada, os carros passando, a arenga dos vendedores de rua, o som de um saxofone em alguma esquina ali perto. Sentiu seu perfume de jasmim.

Quando abriu os olhos, viu uma blusa de mangas curtas, imaculadamente branca, com botões de madrepérola.

Henry olhou para o rosto dela. Por um breve instante viu o rosto de Keiko. Mais velho, os cabelos compridos repartidos de lado, usando um

pouco de maquiagem, o suficiente para destacar as bochechas flexíveis, algo que nunca tinha visto. Ela se afastou para o lado e Henry piscou, olhando para o sol por um momento antes de ser bloqueado pelo corpo dela e poder vê-la de novo.

Não era Keiko.

Agora conseguia ver claramente. Era jovem e bonita, mas era *chinesa*. Não japonesa. E estava com uma carta na mão, que entregou a ele.

— Sinto muito, Henry.

Era a jovem funcionária do correio. A que Henry cumprimentara por mais de dois anos, indo e voltando, mandando cartas para Minidoka. Henry nunca a tinha visto tão bem-vestida. Parecia tão diferente.

— Esta carta voltou na semana passada, sem ser aberta. Está escrito “Devolver para o remetente”. Acho que ela não está mais lá... ou...

Henry pegou a carta e examinou o feio carimbo preto de retorno, aplicado sobre o endereço que havia escrito com tanto amor em sua melhor caligrafia. A tinta tinha penetrado no envelope, espalhando-se como lágrimas. Quando olhou o verso, viu que a carta tinha sido aberta.

— Desculpe. Sei que não deveria ter feito isso, mas me senti tão mal. E também não gostei de pensar em você sentado aqui, esperando alguém que nunca viria.

Henry sentiu-se letárgico, de tão desapontado, e um pouco confuso.

— E você veio aqui me trazer isto?

Aprumou-se na calçada e olhou para os olhos dela, vendo-os de um jeito que nunca tinha visto, percebendo o quanto ela parecia comovida.

— Na verdade, eu vim para trazer *isto*. — Deu a Henry um ramalhete de lírios estrelados, amarrados com um pedaço de fita azul. — Já vi você comprando essas flores no mercado algumas vezes. Acho que devem ser suas flores prediletas e pensei que talvez alguém pudesse dar a você, para variar.

Henry pegou as flores, atônito, examinando cada uma delas, inalando a doce fragrância, sentindo o peso delas nas mãos. Não conseguiu deixar de notar o sorriso frágil, esperançoso e sincero da garota.

— Muito obrigado. — Sentiu-se comovido. Seu desapontamento esvaneceu. — Eu... nem sei o seu nome.

O sorriso dela se iluminou.

— Eu sou Ethel... Ethel Chen.

DIA DA VITÓRIA SOBRE O JAPÃO

(1945)

CINCO MESES. HENRY ESTAVA saindo com Ethel havia cinco meses.

Ela estudava no Colégio Garfield e morava na Oitava Avenida com a família, que os pais de Henry aprovaram de imediato. De certa forma, Henry sentia que Ethel era uma segunda chance. Tinha esperança, até rezava para que Keiko voltasse, ou ao menos escrevesse explicando para onde tinha ido e por quê. Não saber de seu destino doía quase tanto quanto tê-la perdido — pois ele nunca chegou a saber o que havia acontecido. A vida ficou complicada, imaginava. Mas de uma forma estranha e amorosa, esperava que se sentisse feliz onde quer estivesse e com quem pudesse estar.

Por outro lado, Henry agora estava com Ethel. E com Sheldon de vez em quando, é claro — como sempre. Mesmo assim, nunca conseguiu esquecer Keiko; na verdade, todas as manhãs pensava nela ao acordar e lamentava o que havia perdido. Logo em seguida se lembrava de Ethel e imaginava um tempo, dali a muitos anos, quando poderia realmente esquecer Keiko por um dia, uma semana, um mês, talvez até por mais tempo.

Ele e Sheldon ocupavam um banco no parque na esquina da South King com a Maynard, suando com o calor da tarde de agosto. Seu amigo não tocava mais nas ruas. As apresentações regulares no Black Elks Club pagavam suas contas, e as ruas já não eram mais as mesmas. Sheldon se queixava. Chegara a seguir mais para o norte ao longo das docas, procurando outras esquinas para tocar, outros turistas para quem se apresentar, mas seu coração não estava mais nessa. Agora seu lugar era no clube.

— Vou sentir falta de não ver você mais por aqui, Henry — disse Sheldon, abrindo um amendoim torrado, jogando a casca na calçada e oferecendo o saco ao amigo.

Henry pegou um punhado.

— Eu vou voltar. Minha casa é aqui. Aqui mesmo. Eu vou para a China aprender o que puder, ver parentes há muito perdidos, mas não é isso que eu sou. Eu sou este lugar. Aqui é o meu lugar. Mesmo assim, é difícil acreditar

que daqui a uma semana estarei zarpando para uma aldeia no sul da China, cheia de parentes que nunca vi e com nomes que não consigo nem pronunciar.

— Mas você percebe a ironia, não? — perguntou Sheldon, cuspidando uma casca de amendoim pelo canto da boca.

— De ter esperado por ela... por Keiko, e agora estar pedindo para Ethel esperar por mim? Sei que não faz muito sentido, mas ela disse que vai esperar, e eu acredito nela. Ela vai esperar. Meus pais a adoram. Por mais que eu deteste ver meu pai tão feliz nessas circunstâncias, ele está feliz. Mas ele fez a parte dele. Eu disse que só iria se ele me fizesse um favor em troca, e ele manteve a palavra. Agora quer conversar comigo o tempo todo, mas sei lá...

— Sobre o seu velho?

— Nós moramos sob o mesmo teto, mas ficamos sem nos falar por dois, quase três anos; pelo menos ele não falava comigo, nem percebia a minha presença. E agora quer o filho de volta, e eu não sei o que *sentir*. Por isso simplesmente deixo Ethel conversando com ele, e parece estar funcionando.

Sheldon abriu outro amendoim, balançando a cabeça e lambendo o sal da casca antes de jogá-la fora.

— Falando nela...

Henry ergueu os olhos e viu Ethel atravessando a rua correndo, no meio do trânsito.

Os dois tinham começado a sair juntos no dia em que Henry ficou esperando no Hotel Panamá. Ela o convidou para almoçar, e ele a convidou para jantar. Apesar de frequentarem escolas diferentes, os dois se encontravam o máximo que podiam. Passavam o dia inteiro juntos aos sábados — passeando de braços dados pelas docas ou tomando o ônibus número 6 até Woodland Park, brincando nas piscinas rasas ou correndo um atrás do outro pelos jardins do zoológico. Trocaram o primeiro beijo no alto da Smith Tower, no trigésimo quinto andar, vendo o sol se pôr sobre a cidade, iluminando o porto e sombreando as montanhas ao longe. Henry tinha guardado o ingresso na carteira, um pedaço de papel amarelado de cinquenta centavos que o lembrava de uma tarde perfeita.

Um lugar ao qual Henry nunca levou Ethel foi o Black Elks Club. Ele jamais mencionou a birosca enfumaçada onde Oscar Holden fazia as honras e Sheldon o acompanhava, tocando. Essa lembrança era especial para Henry, algo difícil de compartilhar. Sheldon nunca perguntou sobre isso.

Parecia entender sem precisar de explicações.

Henry se levantou e Ethel o abraçou, apertando-o e sacudindo-o, parecendo ao mesmo tempo frenética e em êxtase.

— Ei... ei, qual é a pressa? O que aconteceu? Qual é o problema, tudo bem com você? — perguntou Henry enquanto tentava fazê-la falar.

— Pssst... — foi só o que conseguiu responder, segurando a mão de Henry. Parecia quase histérica, feliz em seu abandono. — Escuta! Escuta! Está escutando? — Estendeu o braço e pegou a mão de Sheldon também.

Henry olhou para a rua, atônito e perplexo. Todos os carros na South King estavam parados, imóveis. Alguns no meio da esquina com a Sétima Avenida. Pessoas corriam pelas ruas, saindo de lojas e edifícios comerciais.

Ao longe, por toda parte, Henry ouvia sinos tocando, depois automóveis buzinando. As balsas de transporte nos terminais começaram a soar as sirenes. Os sons irrompiam de janelas abertas e do cais. Não eram sirenes gritantes anunciando um alarme antiaéreo. Não era aquela buzina ameaçadora tocando nos telhados dos edifícios, mas sons alegres, que ressoavam como uma onda, varrendo todas as áreas de Chinatown, do International District e de toda a cidade de Seattle.

A notícia se espalhava no boca a boca, de uma casa a outra, de um quarteirão a outro — os japoneses tinham se rendido. Para onde Henry olhasse, pessoas inundavam as ruas, dançando sobre os capôs de carros estacionados. Homens adultos gritavam como garotinhos, mulheres-feitas, até as estoicas chinesas, choravam abertamente lágrimas de alegria.

Sheldon tirou o sax do estojo, encaixou a boquilha de junco e começou a uivar, dançando no meio da South King, entre um caminhão de leite e um carro de polícia, cujas luzes piscavam em círculos lentos e preguiçosos.

Ethel abraçou Henry de novo, e ele a beijou. Todo mundo estava fazendo isso; até pessoas que não se conheciam se abraçavam e choravam. Alguns trouxeram taças de vinho, copos com qualquer coisa.

No fundo, Henry sabia que o fim da guerra era iminente. Todo mundo sabia. Todo mundo sentia. Ponderou sobre o que deveria sentir. Alegria? Alívio? Conjecturou sobre o que o pai faria para preencher o seu tempo, agora que os japoneses tinham se rendido. Mas sabia que a guerra continuaria na cabeça do pai. Agora seria a vez do Kuomintang, de nacionalistas versus comunistas. A luta da China continuaria, assim como a do seu pai.

Apesar dos anos de *bolsa de situdos* na Rainier e das hordas de garotos

chineses gritando “Demônio Branco” quando ele ia para a escola de manhã, Henry nunca se sentira tão americano quanto neste momento, comemorando a maior vitória na história da história. Era uma alegria simples, inesperada, que evocava uma paz tranquila. Era um final feliz que trazia a promessa de um novo começo. Assim, quando Ethel afinal o soltou, os lábios ainda molhados e macios com os beijos de Henry, as palavras saíram como uma confissão secreta. E de alguma forma faziam sentido. De alguma forma eram apropriadas. Se Henry tinha alguma dúvida antes, agora era ofuscada pelos sinos de igrejas tocando, pelos risos e pelos gritos da multidão.

— Ethel...

Ela ajeitou o cabelo e alisou o vestido, tentando se compor no frenesi do momento.

— Quer se casar comigo?

Assim que disse isso, alarmes dispararam em sua cabeça. A percepção de que palavras não são coisas com que se brincar, que corações estavam em risco. Não se arrependeu de ter feito a proposta, só ficou um pouco surpreso de tê-la feito. Afinal de contas, eles eram jovens. Mas não mais jovens do que muitas noivas nas fotos que tinham vindo do Japão. Ademais, em uma semana ele partiria para a China. Ficaria fora pelo menos dois anos, e ela disse que o esperaria. Agora teria alguma coisa por que valia a pena esperar.

— Henry, eu poderia jurar que você acabou de me pedir em casamento.

Músicos de jazz começaram a invadir as ruas, saindo dos clubes da South Jackson, alguns comemorando, outros improvisando espontaneamente.

— Eu pedi. Estou pedindo agora. Quer se casar comigo?

Ela não disse uma palavra. As lágrimas em seus olhos, motivadas pelo dia mais feliz na história de Seattle, voltaram a fluir por uma razão totalmente diferente.

— Isso significa um sim ou um não? — perguntou Henry, de repente se sentindo nu e vulnerável.

De sua parte, Ethel parecia inspirada. Henry ficou olhando enquanto ela subia no capô de um carro da polícia antes que o guarda conseguisse impedi-la. Virou-se para a multidão e gritou:

— Eu vou me casar! — A multidão vibrou com aprovação, homens e mulheres tocaram as taças e fizeram um brinde.

Enquanto o policial a ajudava a descer, ela olhou nos olhos de Henry e anuiu.

— Sim — falou. — Sim, eu vou te esperar... E sim, eu aceito. Por isso volte logo, não posso ficar esperando pra sempre.

Foi naquele momento, naquele diálogo, que tudo ficou em silêncio na cabeça de Henry. A multidão, as buzinas e as sirenes baixaram de volume. E ele percebeu pela primeira vez umas poucas famílias japonesas na multidão. Tentando fazer o melhor possível para cuidar da própria vida sem serem notadas. Atrélicas à má sorte de estarem da alguma forma do lado perdedor, ou chegando do outro lado da cidade por conta de circunstâncias infelizes que fugiam ao seu controle. Algumas famílias japonesas, aliás, vinham voltando aos poucos nos últimos meses. Mas encontraram pouca coisa de seus pertences, e menos ainda em termos de oportunidades para começar de novo. Apesar do auxílio do Comitê de Serviços de Amigos Americanos, um grupo que ajudava famílias japonesas a encontrar moradia e alugar apartamentos, poucas ficaram.

Foi durante esse momento roubado, essa nesga de melancolia silenciosa, que Henry viu o que mais desejava, e o que mais temia. Do outro lado da rua, dois lindos olhos castanhos olhavam diretamente para ele. Ou será que ele projetava o que estava em seu coração? Ela estava imóvel. Mais alta agora — os cabelos mais compridos roçando os ombros na direção da brisa fresca do verão.

Henry esfregou os olhos e ela desapareceu, perdida na multidão comemorativa que continuava a invadir as ruas.

Mas não poderia ser Keiko. *Ela teria escrito.*

Enquanto voltava para casa pelas calçadas cobertas de papel picado e lixo, Henry conjecturava sobre como o pai estaria recebendo a notícia. Sabia que a mãe provavelmente prepararia um banquete, algo para comemorar, coisa rara em épocas de racionamento. Mas o pai, quem saberia dizer?

Por dentro, nos pensamentos recônditos de Henry, ele não conseguia evitar a lembrança de Keiko. Os “e se?”. *E se* ele tivesse dito algo diferente? *E se* tivesse pedido para ela ficar?

Mas não podia esquecer o amor, os sentimentos sinceros de Ethel pelo noivado dos dois, o abraço apertado, oferecendo todo seu coração de forma tão generosa.

Virando a esquina, Henry olhou para a janela de seu apartamento do Canton Alley — lembrando que partiria para a China na semana seguinte.

E, enquanto pensava em como a mãe se portaria na despedida, ouviu-a gritar seu nome. Berrar, aliás. Não era como as comemorações vocais dos outros na rua... era outra coisa.

— Henry! O seu pai... — Henry percebeu que ela acenava freneticamente da janela, a mesma que odiava que ele deixasse aberta.

Henry saiu correndo.

Ainda na rua, e depois subindo a escada para o apartamento, Ethel tentou acompanhá-lo, mas depois disse para ele seguir na frente. Ela sabia, até mesmo antes de Henry. Passava mais tempo com o pai dele que qualquer um além de sua mãe.

No apartamento onde morava com os pais, Henry viu o dr. Luke mais uma vez. Fechando sua valise preta, parecendo vencido e alquebrado.

— Sinto muito, Henry.

— O que aconteceu?

Henry irrompeu no quarto dos pais. O pai estava na cama, pálido. Os pés retorcidos em ângulos impossíveis, rígidos e sem vida do joelho para baixo. A respiração agitava seu peito. O único outro som era o da mãe chorando. Henry a abraçou e ela se aninhou a ele, afagando seu rosto.

— Ele não tem mais muito tempo, Henry — explicou o médico com tristeza. — Queria ver você uma última vez. Está se aguentando por sua causa.

Ethel entrou pela porta, sem fôlego e com uma expressão de tristeza ao ver o estado do futuro sogro. Passou a mão no braço da mãe de Henry, que começou a adotar aquele olhar vago de aceitação silenciosa.

Henry sentou-se ao lado da frágil figura que havia restado de seu outrora dominador pai.

— Estou aqui — disse em cantonês. — Agora você pode ir, seus antepassados estão aguardando... Não precisa mais ficar me esperando. Os japoneses se renderam... Eu vou para a China na semana que vem. E vou me casar com Ethel. — Se as palavras foram uma surpresa para qualquer um, ninguém tinha razão para demonstrar no momento.

O pai abriu os olhos e localizou Henry.

— *Wo wei ni zuo* — As palavras tremeram em meio à respiração fatigada. *Eu fiz isso por você.*

Foi então que Henry ficou sabendo. O pai não estava falando sobre mandá-lo para a China ou sobre ter planejado seu casamento com Ethel. O pai era supersticioso e queria morrer com a consciência tranquila, para não

ser atormentado no outro mundo. O pai dele estava confessando.

— Você interferiu, não foi? — falou Henry com uma resignação tranquila, incapaz de se sentir ressentido com o pai moribundo. Queria sentir, mas, ao contrário do pai, não se permitia ser definido pelo ódio. — Você usou seu cargo nas associações beneficentes para impedir que minhas cartas chegassem até Keiko. E que as delas chegassem até mim. Foi você quem fez isso, não foi?

Henry ficou olhando para o pai, esperando sua morte a qualquer momento, deixando essa pergunta sem uma resposta. Mas o pai inspirou uma última vez, com um longo suspiro, e confirmou o que Henry já tinha adivinhado. Em seu último alento ele aquiesceu e disse de novo:

— *Wo wei ni zuo.* — Eu fiz isso por você.

Henry viu os olhos do pai se arregalarem, olhando para o teto, a boca soltar um último e longo suspiro que lhe estremeceu o peito. Para Henry, ele quase pareceu surpreso quando seus olhos se fecharam pela última vez.

A mãe se agarrou a Ethel, as duas chorando.

Henry não conseguia olhar para nenhuma das duas. Afastou-se do pai e olhou pela janela. O entusiasmo pela rendição do Japão ainda era palpável no ar, com pessoas perambulando pelas ruas em busca de um lugar para continuar as comemorações.

Henry não sentia vontade de comemorar, sentia vontade de gritar. Não fez nem uma coisa nem outra.

Disparou do quarto dos pais, passou por um entristecido dr. Luke e desceu depressa a escada, correndo pela King Street — para o sul, em direção à Maynard Avenue, na direção de onde ficava Nihonmachi.

Se quem ele tinha visto na rua fosse mesmo Keiko, ela estaria lá para pegar suas coisas.

Primeiro, foi correndo até o apartamento onde ela morava, do qual tinha saído havia mais de três anos. Os apartamentos do bairro começavam agora a ser alugados para famílias italianas e judaicas. Não viu sinal dela. Em meio à festança e às comemorações, ninguém notava Henry correndo pela rua. Todos que ele via pareciam tão felizes. Tão satisfeitos. O oposto de como ele se sentia.

Continuou procurando, mas o único lugar que pensou em ir era o Hotel Panamá. Se a família dela *tivesse* guardado seus pertences lá, eles teriam de recuperar suas coisas, *não é mesmo?*

Descendo a South Washington correndo, passou pelo velho prédio da

Editora Nichibei, agora ocupado pela Roosevelt Federal Savings & Loan, e avistou a escadaria do Hotel Panamá — em frente à porta, um trabalhador solitário. O hotel estava sendo coberto por tapumes mais uma vez.

Está vazio, pensou Henry.

Enquanto observava o rosto dos japoneses nas ruas, Henry só conseguia prender a respiração e conter a raiva que sentia do pai. Procurou o sr. Okabe, imaginando-o com um uniforme do Exército. A última carta de Keiko dizia que finalmente haviam deixado que ele se alistasse. Deve ter sido um dos muitos milhares de Minidoka sobre os quais Henry lera a respeito, que haviam ingressado no 442º Regimento para lutar na Alemanha. Um *advogado*. Mandaram um advogado japonês para a França, a fim de lutar contra os alemães.

Henry queria gritar o nome de Keiko. Dizer que foi por causa do pai, que não foi culpa dele nem dela. Que dessa vez tudo poderia ser consertado, que ela não precisava mais ir embora. Mas não conseguia falar nada; como ondas na superfície de um lago plácido, algumas coisas não deviam ser perturbadas.

Henry deu um passo à frente, ficando no meio-fio. Se desse outro passo em direção ao hotel, sabia que estaria partindo o coração de Ethel e sabia que ela não merecia isso.

Quando se virou, lembrando-se de respirar de novo, viu Ethel ali, em pé, talvez a uns três metros de distância, abrindo caminho pela multidão na calçada. Devia estar preocupada com ele, pensou Henry. Imaginou-a correndo atrás dele, perturbada com a morte de seu pai, com o seu comportamento. Ela se aproximou, mas manteve certa distância, como se não soubesse do que ele precisava. Henry sabia. Segurou a mão dela e Ethel relaxou, os olhos molhados de lágrimas das emoções conflitantes do dia. Se chegou a desconfiar ou a conjecturar a respeito, ela não disse uma palavra. E se participou sem querer do extravio das cartas de Henry, ela nunca disse nada a respeito. Mas Henry conhecia o coração dela — inocente demais para ser envolvida no drama de seu pai. Ela simplesmente deixou Henry sentir tudo e nunca perguntou nada. Sempre estava lá quando ele precisava dela.

Enquanto voltava para casa com Ethel, Henry sabia que havia muito a fazer. Precisava ajudar a mãe nos preparativos do funeral. Tinha de fazer as malas para a viagem à China. E precisava encontrar um anel de noivado. Algo que iria fazer com certa tristeza.

Fazer o que sempre fez, encontrar a doçura em meio à amargura.

DISCOS QUEBRADOS

(1986)

HENRY NÃO TINHA NOTÍCIAS DO FILHO havia uma semana. Marty não havia ligado para pedir dinheiro emprestado. Não tinha aparecido para lavar sua roupa ou encerar seu Honda. Pensou no seu filho chinês, envolvido com uma garota branca, dirigindo um carro japonês. O pai de Henry devia estar se revirando no túmulo. O pensamento o fez sorrir. Um pouco.

Marty não tinha telefone em seu alojamento, e o telefone comunitário no corredor só tocava e tocava e ninguém atendia. Henry tentou entrar em contato.

Logo após sua visita ao Kobe Park, Henry foi a pé até a extremidade sul de Capitol Hill e passou pelo balcão de segurança dos alojamentos da Universidade de Seattle. O segurança na recepção estava ocupado com seus estudos quando Henry entrou no elevador e apertou o botão do sexto andar — o último. Ficou contente quando o filho se mudou do quarto andar antes do último ano; quatro era um número de má sorte. Em chinês, a palavra *quatro* rimava com a que significava *morte*. Marty não acreditava nas superstições arraigadas do pai, mas Henry ficou feliz assim mesmo.

Sorriu educadamente ao sair do elevador, quase trombando com dois moradores que saíam dos chuveiros de roupão.

— Pai! — gritou Marty do corredor. — O que está fazendo aqui?

Henry se dirigiu ao quarto do filho, contornando dois jovens que empurravam um barril de cerveja num carrinho de supermercado e passando por outra garota com uma trouxa de roupa suja nos braços.

— Tudo bem? O senhor nunca vem aqui — disse Marty, com uma expressão curiosa. Henry ficou parado na porta do quarto, sentindo-se deslocado com sua idade naquele lugar. — Quer dizer, eu vou me formar daqui a uma semana, e só *agora* o senhor aparece... quando todo mundo está de partida. Assim vai pensar que todo o dinheiro suado gasto na faculdade foi um desperdício.

— Eu só vim para trazer isto pra você. — Henry entregou um pequeno

cartão de agradecimento ao filho. — É para Sam. Por nos preparar o jantar.

— Ah, pai... não precisava...

— Por favor — insistiu Henry.

Desde a morte de Ethel, era sua primeira tentativa de visitar Marty. Quando o filho ainda era calouro, Ethel fazia questão de entregar presentes pessoalmente quando sua saúde permitia que saísse um pouco. Mas Henry nunca tinha vindo sozinho.

Passando os olhos pelo quarto de Marty, viu os cadernos de esboços de Keiko espalhados na escrivaninha. Henry não disse muita coisa. Não gostava de falar sobre coisas de Keiko na frente de Marty — como se seu entusiasmo e sua alegria por ter encontrado aquilo de alguma forma maculassem a memória de Ethel. *Muito cedo*. Era cedo demais.

— Desculpe pelo que Samantha disse, pai, sobre encontrar Keiko. Ela simplesmente se envolveu com a coisa... sabe como é?

Henry sabia. Era compreensível. Os objetos no Hotel Panamá estavam atraindo a atenção de alguns historiadores locais. Era esperado certo fascínio.

— Ela é ótima — comentou Henry.

— Mas ela tem razão no que diz?

— Quanto a devolver os cadernos de esboços à legítima proprietária...

— Não, sobre descobrir se ela está viva, onde pode estar.

Henry olhou para as prateleiras de Marty. Viu um serviço de chá chinês e um conjunto de tigelas de arroz de porcelana que ele e Ethel ganharam de presente de casamento. Estavam usados, lascados e tinham rachaduras por toda parte sob o acabamento esmaltado.

— Eu tive a minha chance.

— Como assim, no meio da guerra? Ela foi afastada do senhor. Não queria ir embora nem o senhor queria que ela fosse. E as coisas que Yay Yay fez e disse, a maneira como interferiu... Como consegue aceitar tudo isso?

Marty estava com uma velha panela de cozinhar arroz sibilando numa mesa perto da janela. Henry afastou a panela da parede e desligou o fio da tomada, um velho hábito de precaução, para deixá-la esfriar. Olhou para o filho, sem saber como responder.

— Vocês poderiam ter ficado juntos...

Henry o interrompeu, enxugando as mãos numa toalha enquanto falava.

— Eu tive minha chance. *E deixei que ela fosse*. Ela foi embora. Mas eu *também* deixei que fosse.

Pendurou a toalha na maçaneta do armário, com as mãos limpas. Havia pensado em Keiko muitas vezes ao longo dos anos. Mesmo durante aquelas noites vazias e solitárias enquanto Ethel empreendia sua longa e lenta jornada em direção ao destino final. Mal conseguia encostar nela por causa das tantas dores, e, quando fazia isso, Ethel estava tão drogada de remédios que nem sabia que ele estava lá. Foi uma estrada difícil e amarga que teve de percorrer sozinho, como quando tinha de voltar da Escola Rainier quando garoto. Keiko... como ele gostaria que ela estivesse lá naqueles momentos. Mas eu tomei minha decisão, pensou. Poderia tê-la localizado depois da guerra. Poderia ter magoado Ethel e conseguir o que desejava, mas não me pareceu certo. Não na época. Nem nesses últimos anos.

— Eu tive minha chance. — Foi o que dissera, ao se aposentar de uma vida de anseios. — Eu tive minha chance, e às vezes a vida não dá uma segunda. A gente olha para o que tem, não para o que falta, e segue em frente.

Henry ficou observando o filho ouvir o que dizia; pela primeira vez em muitos anos, Marty parecia se contentar em ouvir. Sem retrucar.

— Como aquele disco quebrado que encontramos — continuou Henry. — Algumas coisas não têm conserto.

A CASA DE REPOUSO

(1986)

HENRY NÃO TEVE VONTADE de correr pelos corredores sonolentos e bem cuidados do Hearthstone Inn. Correr seria o mesmo que voar, em face da silenciosa dignidade mantida pela sofisticada e elegante casa de repouso. Além do mais, poderia trombar com alguma velha senhora com seu andador.

Velho... que termo relativo. Sentia-se velho a cada vez que pensava que Marty ia se casar. Sentiu-se velho quando Ethel faleceu, mas lá estava ele, sentindo-se como um garotinho que poderia levar uma bronca por andar depressa demais pelos corredores.

Quando recebeu a ligação informando que o estado de saúde de Sheldon tinha se agravado, Henry não pegou o paletó, a carteira ou qualquer outra coisa. Só pegou a chave do carro e saiu correndo. Não deixou que nada o atrasasse no trajeto, passando por dois sinais vermelhos. Já havia recebido *aquele telefonema* antes, já se acostumara a uma variedade de alarmes falsos, mas dessa vez sabia que era diferente. Reconhecia a morte quando ela estava aguardando ali perto. Quando percebeu a alteração na respiração de Ethel, a mudança do seu estado mental, ele entendeu. E agora, visitando o amigo, sabia que o fim estava próximo.

Sheldon havia se adoentado em diversas ocasiões, basicamente por causa de toda uma vida com uma diabetes malcuidada. Quando afinal começou a se tratar, quando afinal encontrou os médicos certos, o mal já estava feito.

— Como ele está? — perguntou Henry, parando no primeiro posto de enfermagem e apontando para o quarto de Sheldon, de onde saía uma enfermeira empurrando um aparelho de diálise. Não adianta mais, pensou Henry. Já estão tirando tudo dele.

A enfermeira, uma ruiva rechonchuda que parecia ter a idade de Marty, leu a tela do computador e voltou a olhar para Henry.

— Está próximo. A mulher dele acabou de sair... para ir buscar o resto da família. É engraçado. Depois de todos esses pequenos ataques, a gente luta para afastar as visitas, faz parte do processo de deixar o paciente descansar,

esperando que se recupere logo. Mas quando chega esse momento, essa proximidade, nada melhor que os amigos e a família. Chegou esse momento, sinto muito.

Henry percebeu uma comoção genuína nos olhos dela.

Bateu na porta entreaberta e entrou. Andou em silêncio pelo piso de lajotas, observando a série de equipamentos geralmente ligados a Sheldon — a maioria já desligada, afastada em um canto do quarto.

Henry se acomodou numa cadeira de rodas ao lado do amigo, reclinado na cama para respirar com mais facilidade, a cabeça caída para o lado, aninhada em um travesseiro e voltada para Henry, com um tubo fino e transparente preso ao nariz. O ruído sibilante do oxigênio era o único som do quarto.

Viu um CD player perto da cama. Henry ajustou o volume no mínimo e apertou a tecla play. O ritmo suave do bebop de Floyd Standifer preencheu o silêncio do quarto vazio como um fluxo estável de areia escorrendo para o fundo de uma ampulheta. O tempo diminuindo a cada segundo.

Henry deu um tapinha no braço do amigo, atento às cânulas alojadas na mão de Sheldon, vendo nas marcas da pele o panorama de sua condição clínica e a recente remoção de outros tubos e monitores.

Sheldon abriu os olhos, as pálpebras trêmulas, o queixo caindo de um lado a outro, o olhar encontrando Henry. Sentiu-se triste pelo amigo — uma tristeza só abrandada quando viu o disco quebrado perto da cama de Sheldon.

Eu já estive aqui tantas vezes, pensou consigo mesmo. Muitas vezes com minha esposa, e agora com meu velho amigo. É muito cedo. Foi toda uma vida, mas ainda assim é cedo demais para todo mundo. Henry se agarrara à sua dor e à sua tristeza quando Ethel morreu, e agora isso.

Viu a confusão nos olhos de Sheldon. Reconheceu o olhar vago de não saber onde está ou por que estava ali.

— Casa... Hora de ir pra casa — era tudo que Sheldon continuava dizendo, repetindo em voz baixa, de um jeito que parecia quase uma súplica.

— Agora esta é a sua casa. E acho que Minnie vai voltar logo com o restante da sua família.

Há anos Henry conhecia a segunda esposa de Sheldon, Minnie, mas acabou que nunca visitara o casal com a frequência que gostaria.

— Henry... conserte.

— Consertar o quê? — perguntou Henry, sentindo-se estranhamente

grato por aquelas duras semanas finais com Ethel. Aquela experiência fazia aquele difícil intercâmbio parecer normal. Logo viu o que Sheldon estava olhando: o velho disco de vinil de 78 rpm, partido em dois. — O disco. Você quer que eu conserte o disco do Oscar Holden, não quer?

Sheldon fechou os olhos e caiu em um sono profundo, do tipo que somente alguém na sua condição pode conseguir. Uma respiração difícil e trabalhosa. Mas logo acordou. Olhos abertos. Lúcido de novo, como despertando para um novo dia.

— Henry...

— Estou aqui...

— O que você tá fazendo aqui? Hoje é domingo?

— Não. — Henry olhou para o velho amigo, sorrindo, tentando ser animador apesar das circunstâncias. — Não, não é domingo.

— Que pena. Todas essas visitas no meio da semana. Deve ter chegado a hora da minha última apresentação, hein, Henry? — Sheldon tossiu um pouco e lutou para fazer seus doloridos pulmões funcionarem como deveriam.

Observando seu velho amigo, ainda tão alto e imponente, mesmo no leito de morte, Henry olhou para o velho disco quebrado na mesa de cabeceira sobre rodas ao lado da cama.

— Há pouco você me pediu pra consertar. Estou achando que você se referia a esse velho disco quebrado, talvez encontrar algum lugar que faça uma restauração...

Olhando para Sheldon, Henry não tinha certeza de que em seu estado ele ainda se lembrasse da conversa iniciada minutos atrás.

— Acho que chegou a hora de você consertar, Henry. Mas eu não estava falando desse velho disco. Se conseguir juntar essas partes quebradas e tirar alguma música dele, acho que deve fazer isso. Mas não estava falando sobre o disco, Henry.

Henry olhou para o disco de Oscar Holden — o disco que ainda teve esperança de encontrar no empoeirado porão daquele velho hotel.

Sheldon se ergueu um pouco e segurou a mão de Henry. Os velhos e ressecados dedos, que pareciam de papel pardo, ainda pareciam fortes.

— Nós dois... — Sheldon fez uma pausa para recuperar o fôlego. — Nós dois sabemos que você sempre procurou esse velho disco. Sempre soubemos. — A respiração dele diminuiu. — Conserte — conseguiu dizer Sheldon uma última vez, antes de voltar a adormecer, suas palavras

desaparecendo no suave sibilo do oxigênio.

PASSAGENS

(1986)

AO ENTRAR NA BUD'S JAZZ RECORDS, Henry logo sentiu o aroma do tabaco com baunilha favorito de Bud. O dono fumava e mastigava um velho cachimbo, lendo um exemplar do *Seattle Weekly* manchado de café. Abaixou o jornal o suficiente para fazer um aceno de cabeça para Henry e dar uma baforada no cachimbo, pendendo precariamente no canto da boca; como sempre, devia estar há uns três dias sem fazer a barba. No fundo da loja, uma mulher cantava uma antiga melodia. Helen Humes? Dos anos 1930? Henry não sabia ao certo.

Ele estava com uma embalagem de papel pardo debaixo do braço. E dentro havia um disco quebrado de Oscar Holden. Havia anos Henry vasculhava a loja de Bud à procura daquele disco. Claro que se sentia um pouco mal por ter pegado o disco do quarto de Sheldon, mas o velho amigo estava dormindo e, quando acordava, sentia-se cada vez mais desorientado. A lucidez silenciosa dava lugar a momentos de confusão e perplexidade. Como os devaneios do velho amigo sobre consertar o que estava quebrado. O disco? O próprio Henry? Não dava para saber.

De qualquer forma, em todos aqueles anos, Henry quis ouvir a música gravada naqueles dois semicírculos de vinil separados — e talvez fizesse bem a Sheldon ouvir também, uma última vez. Henry não sabia nada sobre restauração de discos antigos, mas Bud estava nesse negócio desde sempre. Se alguém pudesse colocar Henry na direção certa, seria Bud.

Henry foi até o balcão e depositou a embalagem sobre a vitrine rachada que alojava velhas partituras e discos de vinil e cera muito frágeis para serem manuseados.

Bud abaixou o jornal.

— Veio devolver alguma coisa, Henry?

Henry sorriu, gostando da melodia que a mulher cantava ao fundo. Sempre gostara mais de tenores roucos, mas às vezes uma voz de blues flambada em conhaque como aquela podia mantê-lo acordado a noite toda.

— Tudo bem com você, Henry?

— Eu preciso te mostrar uma coisa.

Bud pilou o tabaco no cachimbo.

— Por que tenho a impressão de que isso tem a ver com aquele hotel velho e decrépito no centro?

Henry tirou o disco da sacola, ainda com a capa original. Pareceu pesado em sua mão. O rótulo era claramente visível pelo recorte da capa de papel, uma impressão amarelada e esmaecida dizendo “Oscar Holden & The Midnight Blue”.

Henry viu os olhos pesados de Bud se arregalarem, as rugas amargas da testa do velho suavizando como a vela de um barco ao vento quando ele abriu um sorriso surpreso. Olhou para Henry, depois voltou ao disco, como que dizendo: “Posso tocar nele?”.

Henry aquiesceu.

— Pode pegar, é de verdade.

— Você encontrou isto naquele porão, não foi? Nunca desistiu de encontrar este disco, não é?

Nunca desisti. Sabia que o encontraria em algum momento.

— Ele estava lá, todos esses anos, esperando.

Bud tirou o disco da capa sob o olhar de Henry. As duas metades dobraram para lados diferentes, mantidas pelo rótulo colado.

— Ah, não... Não, não, não. Isso é uma provocação, Henry? Está quebrado, não é?

Henry anuiu, dando de ombros como que se desculpando.

— Estive pensando se você não poderia me ajudar com isso. Estou precisando de alguém que possa fazer algum tipo de restauração.

Bud parecia um homem que tinha ganhado na loteria, mas recebido o prêmio com um monte de dinheiro de mentira do Banco Imobiliário. Entusiasmante, porém inútil.

— Se não estivesse *totalmente* dividido em duas partes, você poderia levá-lo a algum lugar onde eles usassem um laser para registrar todas as notas. Eu nem o tocaria com uma agulha tradicional, nem mesmo de diamante. Correria o risco de ser ainda mais riscado e arranhado. Eles poderiam extrair cada nuance gravada aqui e fazer uma cópia digital pra você. — Bud esfregou a testa. Todas as rugas voltaram. — Mas não há nada que se possa fazer com um disco quebrado, Henry. Quando um disco quebra, quebra pra sempre.

— Eles não poderiam colar ou coisa parecida?

— Henry, este disco já era. Nunca tocaria nem soaria igual. Quer dizer, é uma delícia estar com ele e tudo, mas isso deveria estar num museu ou coisa assim. Um pedacinho da história, sem dúvida. Em especial porque todo mundo que *entende* do assunto nunca soube ao certo se tinha sido gravado.

Bud sabia. No fundo, Henry sabia também. Algumas coisas simplesmente não podem voltar a ser o que eram. Algumas coisas não podem ser consertadas. Dois pedaços quebrados não podem fazer mais muita coisa. Mas ao menos ele tinha os pedaços quebrados.

Henry voltou a pé para casa. Cerca de quatro quilômetros, pela South King, contornando Beacon Hill e passando pelo International District. Seria muito mais fácil de carro, mesmo com o trânsito, mas ele estava com vontade de andar. Tinha passado a infância explorando essa vizinhança, e cada passo o fazia se lembrar do que era o que na época. Enquanto andava, atravessou a South Jackson, observando os edifícios que costumavam alojar o Ubangi Club, o Rocking Chair e até mesmo o Black Elks Club. Segurando o disco quebrado ao lado, agora olhava para as fachadas genéricas do Banco Seafirst e da Agência de Viagens All West e tentava se lembrar da música que outrora não parava de ecoar em sua cabeça.

Mas estava esquecida. Lembrava-se um pouco do coro, mas a melodia fugia. Mas não conseguia se esquecer dela, não conseguia esquecer Keiko. E de como havia dito que esperaria por ela a vida toda. Pensava nela todos os verões, mas nunca falou sobre isso com ninguém, nem mesmo com Ethel. E claro que falar com Marty estava fora de questão. Por isso, quando seu impetuoso filho insistia em ir a Feira de Puyallup todos os anos, Henry sempre dizia que não. Havia uma razão. Uma dolorosa razão. Uma razão que Henry não confienciava a quase ninguém, a não ser Sheldon, nas raras ocasiões em que o velho amigo tocava no assunto. E agora Sheldon estava de partida. Mais um dos antigos moradores de uma pequena comunidade de Seattle de que ninguém mais se lembrava. Como fantasmas assombrando um terreno baldio depois da construção há muito ter desaparecido.

Chegando em casa, cansado da longa caminhada pelas ruas sujas e cheias de lixo, Henry pendurou o paletó, foi até a cozinha, tomou um copo de chá gelado e foi para o quarto que dividia com Ethel.

Para sua surpresa, viu seu melhor terno em cima da cama. Arrumado

como estivera tantos anos atrás. Seu velho sapato de couro preto estava engraxado e deixado no chão ao lado de uma de suas velhas malas. Por um momento pareceu ter quinze anos de novo, naquele velho apartamento de Canton Alley onde morava com os pais. Observando os equipamentos de um viajante com destino a portos desconhecidos. Um futuro distante.

Atônito, Henry sentiu os cabelos da nuca se arrepiarem quando olhou para a lapela do paletó e viu, como uma miragem, um envelope com uma passagem aérea no bolso superior. Sentou-se na beira da cama e abriu o envelope. Dentro havia uma passagem de ida e volta para a cidade de Nova York. Não para Cantão ou para algum outro país distante. Para um lugar onde nunca estivera.

— Parece que o senhor achou o meu presentinho. — Marty estava na soleira da porta, segurando o chapéu do pai, aquele com a aba surrada.

— Geralmente os filhos mandam os pais mais velhos para uma casa de repouso, mas você está me mandando para o outro lado do país — disse Henry.

— Mais do que isso, pai. Estou mandando o senhor para o passado.

Henry olhou para o terno, pensando no próprio pai. Só conhecia uma pessoa que alguma vez tinha falado em Nova York, e ela nunca voltou. Tinha partido havia muito tempo. Em outra vida.

— Você está me mandando para os anos da guerra? — perguntou.

— Estou mandando o senhor ao passado para encontrar o que está faltando. Mandando-o ao passado para encontrar o que deixou escapar. Eu sinto orgulho do senhor, pai, e me sinto grato por tudo, principalmente pela maneira como cuidou da mamãe. Fez tudo por mim, e agora chegou a minha vez de fazer alguma coisa pelo senhor.

Henry olhou para a passagem.

— *Eu a encontrei, pai.* Sei que sempre foi fiel a mamãe, que nunca faria isso sozinho. Por isso eu fiz pelo senhor. Arrume essa mala. Eu vou levá-lo até o aeroporto; o senhor vai para Nova York...

— Quando? — perguntou Henry.

— Hoje à noite. Amanhã. Quando quiser. O senhor tem algum outro lugar onde gostaria de estar?

Henry tirou do bolso o velho relógio de prata arranhado. Sempre atrasado e precisando dar corda. Abriu a tampa, deu um suspiro profundo e fechou o relógio com um estalido.

A última vez que alguém tinha arrumado um terno e um par de sapatos

com uma passagem comprada para um lugar distante, ele tinha se recusado a ir.

Dessa vez, Henry se recusava a ficar.

A MÚSICA DE SHELDON

(1986)

SHELDON NÃO TINHA MUITO TEMPO de vida, Henry sabia muito bem. Com a saúde do amigo cada vez mais debilitada, o desejo de ir a Nova York para encontrar Keiko teria de ser adiado. Já tinham se passado quarenta anos, ele poderia esperar um pouco mais... teria de esperar.

No Hearthstone Inn, Sheldon vinha recebendo um fluxo estável de visitas — parentes, amigos e ex-colegas de trabalho. E até mesmo de alguns leais admiradores de música que reconheciam seu lugar na história da outrora vibrante paisagem jazzística de Seattle.

Mas, agora, a maioria dos visitantes já tinha vindo e partido. Prestaram suas últimas homenagens a um homem que amavam. Só a família continuava, junto com um ministro da igreja de Sheldon, tentando fazer o melhor para consolar os parentes.

— Como ele está? — perguntou Henry a Minnie, uma mulher de cabelos prateados dez anos mais nova que o velho saxofonista.

Ela abraçou Henry na porta e fez com que entrasse, mas continuou se apoiando em seu braço. Os olhos enrugados e inchados, vermelhos de tanto chorar, as faces ainda molhadas.

— Não vai demorar muito, Henry. Nós sabemos disso. Você também sabe. Só desejamos que ele parta em paz, sem sentir dor — ela respondeu.

Henry sentiu um tremor nos lábios, algo que chegou a surpreendê-lo. Mordeu a língua e aprumou o corpo, sem querer que suas lágrimas aumentassem a tristeza de Minnie.

— Foi você quem fez isso? Quero dizer, a música? O disco?

Henry se sentiu muito mal. Tinha pegado o disco, e agora todo mundo sabia que havia sumido. Tinha o disco embaixo do braço, coberto pelo paletó para protegê-lo da garoa fina que pairava no ar de Seattle.

— Eu... posso explicar...

— Não precisa explicar nada, Henry, quer dizer... — Procurava as palavras certas. — É inacreditável, parece um milagre, realmente. Escuta.

Está ouvindo? Soa como um milagre pra mim.

E pela primeira vez em quarenta anos Henry ouviu. Tocando no quarto de Sheldon, a música havia muito esquecida, que escutara primeiro no Black Elks Club. A música de Oscar Holden que ele e Keiko ouviram juntos. A música deles — mas também de Sheldon. E estava tocando, em alto e bom som.

Ao entrar no quarto, Henry viu uma mulher. Chegou a pensar que pudesse ser Keiko, com um sorriso solidário quase tão radiante. Mas era Samantha, sentada ao lado de um velho toca-discos portátil, o tipo de caixinha que podia ser vista em bibliotecas públicas anos atrás. Nele girava a gravação de Oscar Holden do clássico perdido, “The Alley Cat Strut”, o tema dedicado a Henry e Keiko.

Sheldon estava deitado, inconsciente, entrando e saindo daquele espaço difuso entre a vida e fosse qual fosse seu próximo destino. Ao seu lado havia uma variada coleção de filhos e netos, muitos dos quais Henry reconheceu de encontros anteriores ou de fotografias que Sheldon lhe mostrara todo orgulhoso, ao longo dos anos, quando se encontravam.

— Eu gosto do disco do vovô — disse uma garotinha. Henry calculou que devia ter uns seis anos, talvez uma bisneta.

— É uma maravilha, Henry — disse Samantha, sorrindo com os olhos cintilando de lágrimas, porém esperançosos. — O senhor devia ter visto o sorriso dele a primeira vez que pusemos o disco para tocar. Como se desejasse ouvir isso, como se precisasse ouvir isso todos esses anos.

— Mas... — Henry tirou o disco quebrado escondido no paletó. — Onde?

— *Ela* mandou — disse Samantha num tom reverente, como um músico amador maravilhado com um grande artista prestes a subir no palco. — Marty a encontrou morando na Costa Leste, e ela perguntou do senhor, perguntou sobre todo mundo, Sheldon também. E quando ficou sabendo do Sheldon, mandou o disco imediatamente. Dá pra acreditar? Ela guardou o disco todos esses anos, o Santo Graal que o senhor sabia que existia. — Entregou um bilhete a Henry. — Ela mandou isso para o senhor.

Henry hesitou, quase não acreditando no que ouvia. Abriu o envelope com cuidado. Sentiu-se como um sonâmbulo ao ler as palavras de Keiko.

Querido Henry,

Rezo para que este bilhete o encontre em boa saúde, de bom humor e entre bons amigos. Principalmente Sheldon, que espero se sentir consolado por esse disco. Nosso disco, na verdade — pertencia a mim e a você. Nunca vou me esquecer da sua expressão na estação ferroviária ou como me senti debaixo da chuva no lado de dentro daquela cerca de arame farpado. Que dupla nós formávamos!

Quando ouvir esse disco, espero que pense nas coisas boas, não nas ruins. No que foi, não no que não deveria ter sido. No tempo em que passamos juntos, não no tempo em que estivemos separados. Mais do que tudo, espero que pense em mim...

Henry dobrou o bilhete com as mãos trêmulas, incapaz de continuar. Foi muito difícil revelar a verdadeira natureza do que havia sido encontrado no empoeirado porão do Hotel Panamá naquele dia. Achou que poderia macular a maneira como o filho o via, ou como via a mãe. Mas, afinal, como em tantos momentos entre pai e filho, Henry estava enganado. Marty queria que ele fosse feliz. Para Henry, Keiko estava perdida no tempo, mas para Marty, com algumas poucas horas no computador, alguns telefonemas, e lá estava Keiko, viva e bem, morando na cidade de Nova York, mesmo depois de todos aqueles anos.

Henry sorriu, estendeu o braço e segurou a mão de Samantha.

— Você é incrível. — Lutou para encontrar as palavras. — Marty escolheu muito bem. Incrivelmente bem.

Olhando para Sheldon, Henry sentou-se na beirada da cama, a mão no braço do amigo, observando sua respiração agitada. O corpo se fechando, lutando por cada alento. Sheldon estava quente e febril; o corpo perdia a capacidade de regular a própria temperatura. Estava se incinerando.

Enquanto olhava para o amigo moribundo, Henry ouvia o disco, esperando por um solo de saxofone que não ouvia havia quatro décadas. Quando a banda diminuiu o ritmo para soar a frágil melodia gravada, Sheldon abriu os olhos. Olhou para cima, como que para Henry.

A boca de Sheldon se mexeu, esforçando-se para enunciar as palavras. Henry se aproximou, chegando mais perto, para ouvir as palavras que

Sheldon sussurrava.

— Você consertou.

Henry anuiu.

— Consertei. — *E logo vou consertar tudo.*

Três horas depois, com Minnie ao seu lado, rodeado por um suprimimento de parentes e bisnetos, Sheldon voltou a abrir os olhos. Henry estava lá, Marty e Samantha também. Ao fundo e pelos cantos sombreados do quarto ecoavam os solos de Oscar Holden e da The Midnight Blue. Os pulmões que outrora energizavam os sons da South Jackson, para deleite de toda uma geração, respiraram uma última vez, sussurrando as notas finais de sua música.

Henry viu os olhos de Sheldon se fecharem, seu corpo ficar mais leve, como que acenando um vagaroso adeus.

Ao som dos simples compassos da melodia que tocava, Henry murmurou para ninguém mais além do espírito do amigo:

— Obrigado, senhor, e tenha um ótimo dia.

NOVA YORK

(1986)

HENRY NUNCA HAVIA ESTADO em Nova York. Ah, claro, talvez uma ou duas vezes em algum sonho. Mas, na realidade da vigília, era um lugar em que pensara com frequência ao longo dos anos, sem nunca se permitir visitar. Parecia ficar a um mundo de distância. Não somente do outro lado do país ou na outra costa, mas um lugar além do horizonte, perdido em outro tempo.

Durante a corrida de táxi de quarenta dólares desde o aeroporto de La Guardia, Henry manteve o disco inteiro de Oscar Holden no colo. Tinha sido tocado no funeral de Sheldon. O mesmo que havia trazido de Seattle — sua única bagagem de mão, motivo de comentários por onde passava.

Quando explicava onde conseguira o disco, sua história única e as circunstâncias da vida na época, as pessoas sempre expressavam surpresa. Até mesmo a jovem loura sentada ao seu lado no avião, que viajava a Nova York a negócios, não conseguia acreditar que ele estava com a única cópia tocável que restava. Ela tinha esquecido o quanto o confinamento de japoneses fora horrível e cruel. Mostrou-se surpresa com a sobrevivência do Hotel Panamá. Um lugar cheio de pertences pessoais, lembranças queridas e tesouros esquecidos.

— É a primeira vez que vem à cidade? — perguntou o taxista.

Observava Henry pelo espelho retrovisor, mas seu passageiro estava perdido em pensamentos, observando a paisagem de tijolos e argamassa passando pela janela. Um fluxo e uma maré incessantes de táxis amarelos, limusines lustrosas e pedestres.

— É a primeira vez — foi só o que Henry conseguiu dizer. Marty e Samantha queriam que ele ligasse antes. Para não chegar de repente. Mas Henry não conseguiu. Estava nervoso demais. Esse nervosismo não o abandonava.

— Chegamos, Bloco 1.200 da Waverly Place — disse o motorista, apontando com o braço, pela janela aberta, para um pequeno prédio de apartamentos.

— Aqui é o Greenwich Village?

— Bem na sua frente, amigo.

Henry pagou trinta dólares a mais ao motorista para levar sua bagagem até o Marriott, pouco mais de um quilômetro à frente, onde a deixaria com o recepcionista. Uma estranha atitude, confiar em alguém numa cidade grande, pensou Henry consigo mesmo. Mas essa viagem era exatamente sobre isso, não era? Fé cega. Além do mais, ele não tinha nada a perder. O que significavam algumas malas e uma muda de roupas quando comparadas a encontrar e curar um coração partido?

O prédio parecia antigo e modesto, mas um apartamento ali deveria custar uma fortuna se comparado à casa simples que Henry ocupava em Seattle nos últimos quarenta anos.

Henry conferiu o endereço que Marty havia lhe dado, entrou no prédio e de repente se viu no oitavo andar, um número de sorte chinês. Parado no corredor, olhou para a porta de Kay Hatsune, viúva havia três anos. Henry não sabia o que havia acontecido com o marido. Se Marty sabia, não tinha contado.

Só disse que Kay era na verdade... *Keiko*.

Henry olhou para o disco na mão. Quando tirou uma parte da capa, o vinil parecia impossivelmente novo. Ela deve ter tomado um cuidado impecável ao longo dos anos.

Henry pôs o disco de lado, ajeitou o antigo terno que o filho tinha preparado para ele, arrumou o cabelo e verificou o lustro dos sapatos.

Tocou no rosto, barbeado no avião.

Só depois bateu na porta.

Duas vezes, antes de ouvir os passos abafados de alguém lá dentro. Uma sombra passou pelo olho mágico da porta e Henry ouviu o barulho das fechaduras.

Quando a porta se abriu, Henry sentiu o calor das janelas internas irradiando, iluminando o corredor escuro. À sua frente estava uma mulher na casa dos cinquenta anos, os cabelos mais curtos do que se lembrava, com algumas tonalidades de cinza. Era esguia e segurava a porta com dedos e unhas bem cuidados. Os olhos castanhos, apesar das adoráveis marcas da vida que mostrava no rosto, eram fluidos e brilhantes como sempre.

Os mesmos olhos que o viram por dentro tantos anos atrás. Olhos esperançosos.

Parou por um instante, não o reconhecendo completamente; depois

levou as mãos à boca — em seguida passou a mão no rosto, surpresa. Keiko suspirou, com uma confissão no sorriso.

— Eu... já tinha quase desistido de você... — Abriu bem a porta para Henry entrar.

Dentro do minúsculo apartamento havia uma coleção de aquarelas e pinturas a óleo. De flores de cerejeira e árvores de umê. De pradarias solitárias a arames farpados. Henry sabia que os quadros eram todos de Keiko. Tinham o mesmo toque, só que numa versão amadurecida de como se expressava quando menina. O jeito de como se lembrava das coisas.

— Quer alguma coisa, um chá gelado?

— Seria muito bom, obrigado — respondeu Henry. Surpreso de ter aquela conversa, de parecer tão normal, como uma extensão natural, uma continuação a partir do ponto onde tinham parado quarenta anos atrás, como se não tivessem vivido toda uma vida nesse período.

Quando ela desapareceu na cozinha, Henry foi atraído pelas fotos na cornija, dela e do marido, da família. Tocou num porta-retratos do pai dela, com uniforme do Exército, membro do famoso 442º Regimento. Ele e um grupo de soldados nipo-americanos no meio da neve, sorrindo, mostrando orgulhosamente uma bandeira alemã capturada — onde estavam escritas as palavras “Ou vai ou racha!”. Henry avistou uma pequena moldura de prata ao lado. Pegou-a e limpou uma fina camada de poeira do vidro. Era um desenho em preto e branco de Keiko com o pai no Campo de Minidoka. O pai mostrava um sorriso tranquilo e satisfeito. Ela estava de língua de fora.

Minidoka não existia mais. Havia muito tempo. Mas ela tinha guardado o desenho.

Perto de uma janela, um antigo aparelho de som chamou a sua atenção. Ao lado havia uma pequena coleção de discos de jazz de Seattle — vinis de 78 rpm de Palmer Johnson, Wanda Brown e Leon Vaughn. Henry tirou cuidadosamente o disco que havia trazido da capa e o pôs com cuidado no toca-discos. Girou o velho botão, vendo o rótulo começar a girar quando colocou a agulha com cuidado no sulco da borda do disco. No seu coração começou a tocar uma música — o disco de Sheldon. A música dele e de Keiko. Com todos os seus solavancos e arranhões.

Um som antigo, imperfeito e cheio de ecos.

Mas era o suficiente.

Quando se virou, Keiko estava na sala. A adulta que Keiko se tornara — mãe, viúva, artista plástica — serviu um copo de chá verde gelado, com mel

e gengibre, a julgar pelo sabor.

Os dois ficaram ali, sorrindo um para o outro, como haviam feito tantos anos atrás, um em cada lado daquela cerca.

— *Oai deki te...* — ela parou na metade.

— *Ureshii desu* — disse Henry em voz baixa.

CAPÍTULO EXTRA EXCLUSIVO PARA A EDIÇÃO ESPECIAL DE
ANIVERSÁRIO.

SÓ KEIKO

(1941)

KEIKO ESTAVA APAIXONADA.

Pela escola. Nunca achou que diria isso, mas ela adorava a Bailey Gatzert. *Eu tenho tantos amigos lá, finalmente.* Crianças chinesas e filipinas, negras e brancas, e mais japoneses que já tinha visto num lugar só fora de Nihonmachi ou do Teatro Nippon Kan. Além do mais, a escola ficava bem perto da casa dela. Os pais também adoravam. Para eles, a Bailey Gatzert era um martelo pronto para pregar qualquer prego que ousasse se destacar demais. Diziam que o ambiente restrito oferecia a segunda melhor opção depois de estudar no próprio Japão, o que Keiko considerava algo próximo a entrar para o Exército.

Os últimos sete oradores da Faculdade Broadway foram todos nisseis provenientes da Bailey Gatzert — como pai de Keiko não parava de lembrá-la. Como se ela tivesse obrigação de manter o legado de toda a segunda geração de nipo-americanos de Seattle, ou até mesmo de todo o estado. Mas Keiko não desejava ser uma das oradoras. Não queria ir para a Universidade de Washington para estudar Medicina ou Direito. E no final do ano queria estar no auditório, no palco com toda sua classe e ao lado da melhor amiga, Dottie Dickson, na esperada cerimônia de ingresso no Colégio Washington, onde cursariam o ensino médio. Keiko queria usar um vestido novo, sorrir e se despedir da diretora Ada Mahon, uma irlandesa carrancuda que quase nunca sorria.

Nos fins de semana, os pais de Keiko deixavam que ela fosse aonde quisesse nos bairros mais próximos — à Pioneer Square, ao centro da cidade e até ao bairro de Leschi e ao Madison Park, que tinha parquinhos mais agradáveis —, desde que tivesse cumprido suas tarefas e levasse seu bloco de esboços. Depois, a mãe examinava as páginas, elogiando os desenhos de Keiko.

— Só quero ver se você não está perdendo tempo com bobagens — dizia

a mãe enquanto folheava os desenhos, ocasionalmente comentando sobre o sombreamento de fachadas de lojas do bairro japonês, pescadores e imigrantes filipinos, flores de hibiscos e botões de cerejeiras. — Você está melhorando. Continue assim e vai ganhar uma bolsa de estudos.

Então, quando Dottie sugeriu que Keiko fosse com ela ao Jardim Kubota com Charles Glover, por quem a amiga tinha uma queda desde a quarta série, Keiko considerou: *Por que não?* Ela poderia desenhar e Dottie podia ficar passeando com Charles, segurando meigamente a mão dele na Ponte da Lua, perto da lagoa Koi. E se precisassem que Keiko desaparecesse por um tempo, ela poderia tomar um ônibus para o Seward Park ou ir a pé até Rainier Beach para ver as equipes de remadores atravessando o lago Washington.

Mas quando Keiko e Dottie chegaram aos jardins do parque, Charles não estava sozinho.

— Acho que vocês já conhecem Bobby Crawford — disse Charles no portão de entrada.

Dottie ignorou Bobby e sorriu para Charles, batendo os cílios, como dois sinais de neon anunciando que seu coração estava disponível.

Típico, pensou Keiko. Foi quando notou Bobby olhando para ela e percebeu que se tratava de uma armadilha. Bobby estava em outra classe da sexta série. Por ter repetido um ano, era mais alto que todos os outros, impossível de não ser visto no parquinho. E era um garoto barulhento e detestável, sem qualquer opinião própria. Keiko ouvia sempre sua voz cacarejante através das paredes e das pesadas portas de madeira da Bailey Gatzert. Desejava em segredo que repetisse o ano de novo, para não ter que aguentar sua presença na sétima série. Não era um garoto mau-caráter. Era só um daqueles meninos que sempre se metiam em encrenca e pareciam adorar chamar atenção. Era o oposto de Keiko, o que provavelmente era a razão de ele tentar impressioná-la o tempo todo, apesar do jeito radical com que Keiko tentava ignorá-lo — concentrando-se em seu bloco de esboços quando ele tentava puxar conversa no parquinho, ficando na biblioteca depois das aulas — um lugar aonde Bobby raramente ia — ou às vezes fingindo não entender inglês, o que todo mundo menos Bobby sabia que era um artifício.

Enquanto caminhavam pelos jardins, Keiko tentava sentir o perfume das camomilas e das aveleiras, mas não conseguia fugir da colônia barata de Bobby. Ficou um pouco para trás, tentando tocar nos espinhos de uma

figueira-chorona ou desenhar as folhinhas vermelhas de um bordo japonês que por alguma razão ainda mantinham suas cores, mesmo sendo final de novembro. Keiko removeu algumas folhas com cuidado, secou-as no tecido do vestido amarelo e guardou-as entre as páginas de seu bloco de esboços.

Enquanto isso, Charles e Bobby atiravam pedras. Tentavam acertar os esquilos, que tinham as bochechas cheias de bolotas de carvalho enquanto saltavam entre as árvores. Lançavam pedras achatadas pela lagoa espelhada, contando as quicadas e atraindo a ira dos visitantes mais velhos, que queriam ver o espelho d'água da lagoa. Também competiam para ver quem conseguia acertar os cisnes trombeteiros que se amontoavam para se aquecer no outro lado da lagoa Koi.

Garotos são assim mesmo?, pensou Keiko. Não, garotos são uns imbecis.

Foi nesse momento que Keiko avistou uma mulher — a diretora Mahon — sentada em um dos bancos do parque, lendo um livro à beira da lagoa. Keiko cobriu a boca e viu quando uma pedra disparou da mão de Bobby, cortou o ar e acertou seu alvo. Penas brancas e fofas se espalharam quando os cisnes em pânico granaram e bateram asas. Keiko viu a mulher que todos na escola chamavam de “A Xerife” se levantar, olhar ao redor e arregalar os olhos na direção deles. Keiko acenou e abriu um sorriso amigável, mas o rosto de Dottie se tornou ainda mais pálido do que o normal, com suas sardas e o cabelo louro.

— Vocês aí! — A srta. Mahon apontou da margem onde estava. — Venham até aqui. Agora mesmo.

Keiko sabia que nenhum aluno estava a salvo da justiça da Xerife. Nem mesmo depois das aulas. E com certeza também não nos fins de semana. Para a diretora Mahon, os alunos estavam todos os dias na sexta série, não só quando se encontravam nos limites da escola — e era por isso que todos os pais gostavam tanto dela. Para eles, a diretora Mahon era uma intermediária cultural e geracional. Era um severo portal irlandês, parte da jornada pela qual todas as crianças imigrantes deveriam passar se quisessem se tornar americanas.

Keiko segurou Bobby pela manga da camisa quando ele tentou fugir.

— Ela já te viu. O que vai fazer, deixar de ir à escola pelo resto do ano?

Bobby pareceu considerar essa opção, antes de largar um punhado de pedras e dar de ombros. Foi atrás de Charles, que enfiou as mãos nos bolsos, caminhando, relutante, em direção à mulher que começava a andar para a frente e para trás, como uma leoa no Jardim Zoológico de Woodland quando

a comida atrasava. Keiko e Dottie seguiram atrás deles.

— Eu não vou explicar por que atirar pedras é inaceitável, principalmente em um lugar reverente como este — a diretora Mahon se dirigiu aos garotos, com as mãos nos quadris, enquanto eles murmuravam suas desculpas. — Estou repugnada e tremendamente decepcionada — continuou. — Vocês estão na sexta série... Já deveriam saber o que fazem.

— Desculpe, srta. Mahon — disse Dottie. — Eles não estavam pensando direito...

— E nem você, srta. Dickson — interrompeu a diretora. — Você ficou parada olhando, não foi? Isso não é desculpa, nem para você, nem para a srta. Okabe.

Um silêncio constrangedor pairou entre eles, rompido quando um dos cisnes passou ali por perto, orgulhoso, buzinando com o bico preto como que zombando dos garotos em apuros.

A diretora Mahon apontava o livro para eles enquanto falava, e Keiko não pode deixar de notar que o livrinho de capa dura era uma coletânea de poemas de W. B. Yeats. Por um momento, lembrou-se de ter memorizado um poema com o verso: *O amor é uma coisa torta*.

Pensou na diretora Mahon, solteira, sem filhos.

— Espero vocês na porta do meu gabinete na segunda-feira às oito horas — disparou a diretora. — E vocês, mocinhas, às oito e meia em ponto.

— Mas nós não atiramos... — começou Dottie, mas foi silenciada por um olhar cortante da diretora.

Keiko pegou Dottie pela mão, enquanto gotas de chuva começavam a pontilhar a superfície vítrea da lagoa. A mão da amiga estava fria e ela tremia quando Keiko se afastou com ela.

Quando Keiko chegou em casa e falou com os pais sobre os garotos, os cisnes e de terem sido apanhados pela diretora Mahon fora da escola, eles pareceram imperturbados. Na verdade, o pai nem tirou os olhos do *Seattle Times* que estava lendo. Keiko leu a manchete da primeira página: ROOSEVELT TEME GUERRA NO ANO QUE VEM.

— Ela não brinca em serviço — disse o pai de Keiko, virando a página. Mahon *sensei* é um pouco policial, um pouco juíza e cem por cento júri. Quase tenho pena desses garotos. Quase.

Keiko revirou os olhos, mais preocupada com Dottie e consigo mesma.

Três verões antes, um grupo de pais japoneses, inclusive os de Keiko, havia feito uma vaquinha para mandar a diretora Mahon passar um mês no Japão. A viagem foi uma combinação de férias e intercâmbio cultural — uma prova de apoio e apreciação da comunidade japonesa à mulher que havia guiado turma atrás de turma de imigrantes de segunda geração para o ensino médio e posteriormente para o superior, onde sempre apresentavam bons resultados. Mesmo que essa orientação implicasse no uso rápido, frequente e liberal de um remo pesado, um lendário pedaço de madeira que lembrava um bastão de críquete que Keiko tinha visto uma vez na revista *Life*.

— Mas por que nós temos que nos apresentar no gabinete da diretora por uma coisa que aconteceu no fim de semana? Isso é justo? E Dottie e eu só estávamos lá perto — argumentou Keiko. — Nós não atiramos pedra nenhuma.

A mãe da Keiko estava na cozinha, onde fazia arranjos de poinsetias em vasinhos de barro. O irmão menor de Keiko ajudava jogando fora os jornais molhados que embrulhavam as flores. De lá, ela disse, quase dando risada:

— Bom, imagino que esses garotos vão aprender a não jogar mais pedras em animais indefesos, não é? — A mãe bateu a palma de uma das mãos na da outra, como quem dava uns tapas no traseiro de Bobby ou de Charles. — Mas você e Dottie não deviam se preocupar, pois não vão ter problemas. Provavelmente só receberão uma cota extra de dever de casa e terão que ficar até depois da hora fazendo trabalhos.

Keiko não tinha tanta certeza.

Os alunos da Bailey Gatzert já realizavam tarefas de manutenção diárias nas salas de aula, nos corredores, no ginásio e até nos banheiros — um costume que a diretora Mahon tinha importado do Japão. Durante algum tempo, ela chegou a exigir que os alunos fizessem uma reverência aos professores todas as manhãs, pouco antes de recitarem o Juramento de Lealdade à Bandeira Norte-Americana — até um grupo de pais chineses se queixar. Aparentemente, trabalho não remunerado dentro e nos arredores da escola era algo com que todos os adultos concordavam, mas exigir que os alunos chineses prestassem uma reverência a japoneses era um casamento forçado entre culturas com incompatibilidades perigosas, ainda que movido pela conveniência e por um desejo deslocado de fazer a coisa certa.

Na segunda-feira, às 8:15 da manhã, Keiko estava com Dottie no banco de madeira diante da porta do gabinete da diretora Mahon. Os desgastados braços do banco eram cobertos por grafites de incontáveis alunos cujos destinos foram decididos pela Mahon *sensei* e variavam de ABANDONEM TODAS AS ESPERANÇAS, VÓS QUE ENTRAIS a KILROY ESTEVE AQUI E TAMBÉM FOI CASTIGADO PELA XERIFE, além de uma coleção de iniciais e algumas gozações com o sotaque irlandês da diretora.

Keiko sorriu ao ouvir o atemorizante som de um remo de madeira batendo no traseiro de um garoto — Charles? Bobby? — e logo em seguida sentiu Dottie tocando em seu joelho.

— Não se preocupe — disse a amiga. — A diretora Mahon nunca bate de verdade nas meninas. Ouvi dizer que ela manda as garotas se abaixarem e bate no assento de couro da cadeira, que já tem um som assustador por si só. Você vai ter que jurar guardar segredo. Se contarmos que escapamos assim tão fácil, vamos ser castigadas em dobro da próxima vez.

Keiko ouviu outra lambada, seguida de um gemido.

— Quem te contou isso?

Dottie olhou para o vidro jateado que as separava da diretora e dos garotos lá dentro.

— Minha mãe. — Dottie baixou a voz quando a porta se abriu. — Ela ficou sabendo por outra pessoa.

Keiko ficou olhando Charles sair mancando do gabinete para o corredor, seguido por Bobby, que chorava. Keiko achou que Bobby, que sempre criava problemas, àquela altura já estivesse acostumado com esse tipo de castigo.

— Dottie Dickson! — chamou a diretora Mahon.

— Boa sorte — cochichou Keiko quando a amiga apertou a mão dela, entrou no gabinete e fechou a porta. Keiko ouviu os murmúrios de uma conversa de mão única. Como esperado, a diretora foi quem mais falou, entrecortada por ocasionais “Sim, senhora” e “Não, senhora” da parte de Dottie.

Depois houve um breve momento de silêncio, rompido por uma lambada estridente do remo batendo em... alguma coisa. Keiko não ouviu Dottie gritar e imaginou partículas de poeira da cadeira de couro suspensas no ar quando a diretora Mahon bateu no assento estofado.

A porta foi aberta e Dottie saiu.

Keiko notou que a amiga tentava desesperadamente não sorrir. Deu uma piscada para Keiko, que sentiu uma onda de alívio, até ouvir o chamado da

diretora Mahon.

— Keiko Okabe!

A menina se levantou, alisando as pregas da saia. Por precaução, por baixo usava um calção de ginástica e três anáguas grossas. Quando entrou no gabinete, viu a diretora Mahon de pé ao lado de sua mesa. A mulher deu uma longa tragada e apagou o cigarro. Na outra mão, segurava uma enorme prancha de madeira. Keiko tentou ficar calma, mas não conseguiu deixar de morder o lábio. Até aquele momento ela não tinha sofrido qualquer ameaça de castigo corporal durante toda sua vida escolar.

— Vamos acabar logo com isso, srta. Okabe.

Não havia janelas para o lado de fora do prédio, e Keiko se sentiu uma prisioneira ao avançar em meio à fumaça de tabaco e fechar a porta.

— Quero que saiba que não sinto nenhum prazer em disciplinar os meus alunos, nunca. Aliás, verifiquei suas notas e você é a segunda da sua classe. Por isso, fiquei especialmente decepcionada quando vi a pedra atingir aqueles pássaros lindos e indefesos...

— Mas eu não joguei pedra nenhuma — protestou Keiko. — Eu só estava olhando.

— Srta. Okabe. — A diretora soltou um suspiro, parecendo irritada. — Edmund Burke é autor de uma frase muito famosa: “A única coisa necessária para o triunfo do mal é os homens bons não fazerem nada”. Isso também se aplica a garotas. Na verdade, eu deveria usar este remo só pelo fato de você andar com tipos como Bobby Crawford.

— Tudo bem — concordou Keiko. Virou-se e apoiou as mãos nos joelhos, pensando no sorriso maroto de Dottie. *Já que quer dar um espetáculo, vai em frente.*

Foi então que Keiko olhou para cima e viu o reflexo da diretora no vidro jateado. A mulher era alta e segurava o remo como um jogador de críquete pronto para rebater.

Ela sentiu uma dor trovejante se alastrar a partir das nádegas, acompanhada por um raio, que bambeou suas pernas e fez com que se ajoelhasse no linóleo. A impressão era que as muitas camadas de tecido fizeram a diretora Mahon bater com mais força. Uma lágrima escorreu por sua face. Keiko estremeceu e mordeu o lábio, atônita por receber um tratamento bem diferente do de Dottie.

Logo sentiu outra lambada, e dessa vez ela gritou.

— Quieta, garota — ralhou a diretora. — Gritar só vai piorar as coisas.

E mais uma.

Ecos palpitantes de infelicidade fluíram pelo corpo de Keiko. Quando se atreveu a olhar para trás, viu a diretora Mahon pendurando o remo no portachapéus do escritório, ao lado de seu casaco de lã e do chapéu preto que usava com um véu.

— Mas... — Keiko enxugou as abundantes lágrimas do rosto com as costas da mão. — A senhora não bateu na Dottie. Eu sei que não bateu...

— E imagino que esteja se perguntando por quê? — disse a diretora. — Por que peguei leve com ela e peguei pesado com você? É isso que quer saber?

Keiko deu de ombros, ainda perplexa e sentindo dor.

— A razão é que Dottie é uma garota perfeitamente normal. Mas ela é como o glacê na cobertura de um bolo, só doce e fofice... sem nenhuma substância por baixo. Apostaria que a vida dela vai ser fuchinha se comparada à sua.

— Por quê?

— Porque você é diferente, srta. Okabe. E é inteligente. Talvez ainda não consiga ver o seu futuro, mas eu vejo. A vida não costuma tratar muito bem as pessoas em geral, mas pode ser especialmente rude para garotas inteligentes como você. Por essa razão, você vai precisar ser mais resistente que a srta. Dickson. Terá de ser mais ousada do que acha que pode ser. Entendeu?

Keiko abanou a cabeça, enxugando o nariz.

— Eu fiz isso para deixar você mais bem preparada para os dias em que precisar ser forte.

No sábado, os cisnes, as pedras e os vergões estavam quase esquecidos, perdidos na animação com o aniversário de Dottie. Keiko preparou uma mochila para passar a noite na casa da amiga, com vista para o lago Union, onde os Dickson resolveram comemorar a ocasião com uma festa com música para os alunos da escola.

Para Keiko, a família de Dottie parecia fluente em tudo que fosse americano. A casa no alto da colina era cheia de música e sempre cheirava a fumo de cachimbo e brilhantina. Todas as primaveras eles iam ao Estádio Sick, comiam amendoim torrado e torciam pelo Seattle Rainiers. Os Dickson até ajudavam a levantar fundos para lutar contra os fascistas na

Europa. Quando Keiko chegou naquela noite, a irmã mais velha de Dottie, Bernice, descia a escada flanando em um vestido de veludo branco para sair com um garoto que já tinha seu próprio carro — um DeSoto conversível que parecia ser divertido, mas que não fazia muito sentido na chuvosa Seattle em dezembro. Os Dickson pareciam tão americanos quanto os garotos da fraternidade de protestantes brancos que Keiko sempre via dentro ou nas proximidades da Universidade de Washington.

O pai de Keiko também havia se formado lá. Uma vez contou a ela que havia um lugar especial perto dos alojamentos — o Clube do Estudante Japonês, e outra casa, o Clube Hibisco — um centro social para alunos de origem nipônica —, uma irmandade, como os clubes exclusivos para judeus e negros. Mas quando se sentou na cama de Dottie, desenhando em seu bloco de esboços — já quase cheio —, Keiko sonhava com outras coisas, como escolas de arte e se mudar para algum lugar mais animado, como Chicago ou Nova York.

— O que você acha desse aqui? — perguntou Dottie, dando uma voltinha com um vestido de festa de tafetá, com uma saia sibilante e uma gravata de bolinhas no pescoço. As bolinhas combinavam com a pinta que tinha desenhado na face. Girava em seu vestido de bolinhas, deixando-o fluir como uma flor que se abria, uma peônia ao sol do meio-dia.

Dottie. Keiko deu risada da falsa pinta da amiga.

— Qual é a graça?

Keiko sorriu e voltou ao seu bloco de esboços.

— Nada. Esse vestido cai perfeitamente em você. Feliz aniversário e tome cuidado, Jean Harlow.

Quando outros alunos da escola começaram a chegar, incluindo Charles Glover (sem Bobby Crawford, felizmente), Keiko voltou sua atenção para uma pilha de disco de 45 rpm e escolheu dois deles, *Cliffs of Dover* e *Ain't Misbehavin*. Sorriu quando a mãe de Dottie trouxe uma bandeja de bolinhos com chá e um jarro de Kool-Aid de uva. Depois, o pai de Dottie ajudou a afastar a mobília para abrir espaço na sala de estar, caso alguém reunisse coragem para dançar. Enquanto olhava ao redor, Keiko percebeu que era a única garota japonesa. Apesar de Abigail, descendente de índios da tribo Duwamish, e um garoto filipino cujo nome Keiko não conseguia pronunciar, também estarem lá. Mas se Keiko se sentia diferente, essa distinção só parecia torná-la mais interessante para os garotos que a tiravam para dançar. Ela resistiu, mas acabou deixando Charles mostrar como dançar o *jitterburg*

(com o incentivo de Dottie) — afastando-se, girando-a por baixo do braço do par e levantando um dos pés.

Keiko segurou o braço de Charles e outros jovens se juntaram aos dois ao som de um saxofone e uma voz grave cantando “Rockin’ My Blues Away”. Os outros garotos faziam estrelas e acrobacias aéreas que Keiko tinha certeza que resultariam num tornozelo fraturado e um nariz sangrando se ela tentasse tais proezas.

Quando a noite se aproximava de seu final, todos cantaram *Parabens pra você* para Dottie, foi servido um bolo Waldorf quente com sorvete de baunilha e os presentes foram abertos. Como já era dia 6 de dezembro, Keiko deu a Dottie um presente extra depois que todos já tinham saído.

— Encare isso como um presente de Natal adiantado — explicou Keiko.

Ela ficou vendo a amiga abrir a caixinha e se deliciar com um pingente com um símbolo da *shinnen* em kanji, uma das sete virtudes celestiais do budismo. Entretanto, ao ver Dottie deixando Charles beijar sua boca quando os pais dela estavam na outra sala, Keiko considerou que a pequena peça de prata deveria ter sido inscrita com o símbolo da *shinchou* — prudência.

— Você é o máximo — disse Dottie sorrindo quando apagou as luzes, e elas ficaram ouvindo “Now I Lay Me Down to Weep”, de Glenn Miller, muitas e muitas vezes, até adormecerem.

De manhã, Keiko acordou ao som de sinos. Ela piscou e limpou o sono dos cantos dos olhos enquanto sentava e olhava pela janela do quarto de Dottie para ver qual era o motivo de tanta comoção. O horizonte acetinado e estrelado do lago Union havia sido substituído por uma paisagem de neblina e garoa fina que evaporava sob o sol matinal, deixando para trás uma névoa cremosa como purê de batatas.

Dottie não estava à vista.

Os sinos continuavam tocando.

Keiko lembrou que era domingo e a Universidade de Seattle ficava ali perto — uma instituição jesuíta que possuía uma igreja com torre e carrilhão —, mas o som parecia vir de toda a cidade. Ouviu sirenes também. Espreguiçou-se e sentiu o estômago roncar. Quando os sinos pararam e o som diminuiu, ela cogitou se não estivera sonhando.

— *Ohayo!* — disse Dottie com um sorriso dentuço entrando no quarto, escovando as mechas dos cabelos amassados pela noite de sono. A pinta da

face estava levemente borrada e começando a esmaecer.

— Bom dia — respondeu Keiko com um bocejo, lembrando que a diretora Mahon havia ensinado aos alunos algumas palavras em japonês depois de sua viagem. Keiko não se lembrava de quase nada.

Os sinos começaram a tocar outra vez.

— Isso é muito estranho. — Dottie contou as badaladas. — Dez... onze... doze... treze... — Está tocando há pelo menos uns três minutos.

— Será que alguma coisa quebrou? — Keiko olhou para fora de novo e viu os vizinhos de Dottie na varanda dos fundos da casa deles. Um homem mais velho observava o céu com um binóculo. Foi então que ela notou a janela estremecer nas dobradiças e ouviu o rugido ensurdecedor de um esquadrão de caças americanos passando acima das casas.

A mãe de Dottie entrou às pressas no quarto.

— Meninas, estamos numa espécie de emergência. Sirenes de alerta de ataque aéreo estão disparando na cidade inteira. Keiko, querida... pegue suas coisas. Sua mãe acabou de ligar e quer que você volte para casa agora mesmo.

Keiko se despediu de todos rapidamente. Pôs a pequena mochila nas costas e deu início à caminhada de 29 minutos da casa de Dottie em Capitol Hill até onde morava com os pais, no lado noroeste de Nihonmachi. Enquanto andava, notou pessoas correndo, indo de casa em casa, e carros de polícia passando com as sirenes ligadas.

De início, Keiko achou que finalmente a Alemanha tinha invadido a Inglaterra. Ou que talvez houvesse acontecido algum desastre, como o Grande Incêndio de Seattle, que destruíra a maior parte do centro da cidade mais de cinquenta anos antes. Mas não havia fumaça no céu.

Quando passou pela loja de Utensílios Domésticos McKinnley, foi atraída por um grupo de pessoas reunidas na calçada ao redor de um grande rádio de madeira Zenith de válvula, com o volume tão alto quanto possível. O programa *Sammy Kaye's Sunday Serenade* estava terminando, com as Kaydettes gorjeando uma canção inspirada no sabá judaico.

Um garoto com um blusão da Garfield High resmungou:

— Por que vocês estão ouvindo isso?

Ele foi imediatamente silenciado por duas colegas ao seu lado, ambas ouvindo com muita atenção.

— Eles interromperam o programa com um boletim de notícias minutos atrás, garoto. Espera um pouco... — disse alguém, enquanto Keiko se esgueirava pela multidão.

— Eu simplesmente não consigo acreditar. Só pode ser um engano. Acho que eles estavam falando das Filipinas — argumentou um senhor mais velho, de óculos com aro de tartaruga.

— Acorde, senhor! Pearl Harbor *não fica nas Filipinas* — retrucou outra pessoa.

Keiko observou a rua de cima a baixo. Mais estudantes estavam chegando. Alguns olharam para ela com as sobrancelhas erguidas enquanto paravam para ouvir o rádio.

— O que está acontecendo? — perguntou Keiko.

Um garoto de cabelos curtos em seu terno de domingo virou-se para ela.

— Os malditos japoneses estão bombardeando Pearl Harbor... — Sua voz foi se tornando mais baixa quando percebeu a presença de Keiko. Em seguida, outros na multidão olharam por cima dos próprios ombros na direção dela, com os olhos arregalados.

Alguma coisa terrível deve ter acontecido, pensou Keiko.

— Silêncio — alguém gritou. — Eles vão dar mais notícias!

Todos se amontoaram em torno do rádio. O grupo de trinta ou quarenta pessoas ficou paralisado, como um coral em silêncio, quando a fragmentada transmissão radiofônica entrou no ar.

— INTERROMPEMOS... PROGRAMAÇÃO PARA FAZER UM IMPORTANTE PRONUNCIAMENTO... UNITED PRESS: *DIRETO DE WASHINGTON...* A CASA BRANCA ANUNCIA ATAQUE JAPONÊS A PEARL HARBOR.

O locutor repetiu o boletim, duas vezes, antes de a emissora voltar aos temas estranhos e melódicos de Sammy Kaye, que foi logo interrompido por uma cacofonia de gemidos da multidão de ouvintes.

— Eu não ficaria aqui se fosse você, querida — cochichou uma mulher negra, puxando a manga do casaco de Keiko. A gravidade do pronunciamento foi absorvida pela menina enquanto se afastava dali, vendo a multidão se dispersar em grupos menores, falando entre si, alguns olhando para ela e abanando a cabeça. Continuou a caminhar para casa enquanto pensava nos pais e no irmão mais novo. Seus passos se transformaram numa corrida, com a mochila balançando no meio das costas. Enquanto corria pela calçada, pessoas paravam o que estavam fazendo, interrompiam o que estavam falando, para olhar para ela. Correu ainda mais depressa — tão

depressa que perdeu os sapatos que usava com o vestido, parando por um instante para recolhê-los e recuperar o fôlego. Continuou correndo com as meias molhadas.

— Isso mesmo, garota — um homem gritou da janela de um carro que passava. — Continue correndo até voltar para o Japão!

Keiko passou depressa por um barulhento grupo de colegas, que saíram do caminho como se ela fosse uma praga. Por um momento, Keiko pensou em Dottie e em seu vestido brilhante, com a pinta no rosto. Pensou na amiga e se preocupou com o efeito que essa notícia teria nos japoneses da escola. E nem sabia se a notícia era mesmo verdadeira.

Mas, se o anúncio no rádio é verdadeiro, isso significa guerra.

Keiko estava a apenas uns poucos quarteirões do bairro japonês quando virou uma esquina e topou com uma garota troncuda, alguns anos mais velha e vários centímetros mais alta. Viu três garotos atrás da menina. Para Keiko, eles pareciam adultos, altos e pesados, com calções almofadados de couro e camisas de rúgbi, cobertos de lama. Seus lábios se moveram, mas Keiko não ouviu uma palavra. Virou o corpo de lado, os ouvidos zumbindo quando alguma coisa atingiu sua cabeça e ela deu de cara com o musgo do pavimento. Virou-se, olhou para cima e viu a garota em pé perto dela, enquanto os garotos começavam a insultá-la. Keiko sentiu as palmas da mão ardendo pela tentativa de apagar a queda. Limpou os fragmentos de pedra e cascalho sujos de sangue das mãos e tentou ignorar os joelhos esfolados e as meias rasgadas. A garota chegou mais perto e bateu nela de novo. Keiko cambaleou para a frente, mas dessa vez não caiu. Apertou o peito com os punhos, o coração batendo mais forte enquanto ela se afogava em lágrimas.

— Seu lugar não é aqui — disparou a garota, antes de dar uma bofetada no rosto de Keiko com tanta força que ela fez uma meia-volta, mas se equilibrou e encarou a outra menina.

— Eu nasci aqui — disse Keiko com uma calma que a surpreendeu.

A garota ficou imóvel e os meninos pararam de aplaudir.

Keiko lembrou-se do que a diretora Mahon havia dito. Ponderou sobre onde a mulher estaria, qual seria a sua reação diante daquela cena. Abanando a cabeça, virou-se para ir embora. Enquanto continuava na direção do bairro japonês, passou por baixo de um luxuriante dossel de artemísias com seus galhos nodosos, grossos e retorcidos. Sentiu-se zozza quando as folhas encobriram sua visão do céu, que se tornou um mar cor de chumbo rodopiando devagar, logo enegrecendo dolorosamente.

Keiko acordou no sofá de sua casa. A mãe segurava um saco de gelo no lado de seu rosto que havia sido atingido, ou ferido quando ela caiu na calçada — Keiko não lembrava direito. Olhou para trás da mãe e viu o pai falando com um homem parado na porta segurando uma valise — o dr. Luke, o médico local que atendia as famílias em Chinatown, em Niconmachi e pessoas de cor na região central.

— Eu passo por aqui na semana que vem — prometeu o médico. — Só para ver como estão todos.

O pai de Keiko agradeceu e fechou a porta.

— Você desmaiou — explicou a mãe, afastando o saco de gelo. — Eu saí para procurar você, seu rosto estava pálido como o de um fantasma. Por esses arranhões e esfolados, você deve ter corrido muito e tido algum problema. Ou então as festas de aniversário da Dottie andam saindo do controle.

Keiko se lembrava de ter lutado. Recordava-se vagamente de ter caído nos braços da mãe, apoiando-se nela enquanto era levada para casa.

— O que aconteceu?

— Com você ou com o mundo? — foi a pergunta retórica da mãe de Keiko. — O mundo inteiro enlouqueceu. O Japão atacou a base naval de Pearl Harbor no Havaí. Navios foram afundados. Centenas de marinheiros morreram, talvez milhares... Ninguém sabe. Não é oficial, mas acho que estamos em guerra. Tudo mudou, da noite para o dia.

— Tudo bem com você e com papai? — Keiko se sentou.

— Nossa família está junta, isso é o que importa. — A mãe a abraçou. Parecia calma, mas seu coração batia acelerado. — Houveram atos de vandalismo em Nihonmachi, algumas janelas foram quebradas, mas a polícia logo controlou a situação.

— As pessoas estão com medo, o que é compreensível — completou o pai de Keiko. — Alguns homens pegaram armas e subiram nos topos dos edifícios para ficar de vigília caso algum avião japonês sobrevoasse a cidade. Há rumores sobre submarinos inimigos perto da costa. Navios mercantes estão voltando aos portos em busca de uma escolta naval.

— Mas e quanto... — Keiko apontou a porta. — E quanto ao resto da vizinhança? Nós todos somos...

— Nós somos americanos — completou o pai, embora sua voz demonstrasse a convicção isenta de um homem resignado ao seu destino. — Não se esqueça disso.

As expressões raivosas, assustadas e perplexas das pessoas na loja de utensílios domésticos lampejaram pelo caleidoscópio mental de Keiko. Algumas pareciam furiosas, outras assustadas. Todas pareciam confusas e preocupadas com o dia seguinte, com a hora seguinte, o momento seguinte.

— O que vai acontecer com a gente? — quis saber Keiko.

Os pais ficaram em silêncio, olhando um para o outro.

Keiko ouviu o som de uma sirene, mas desta vez era seu irmão mais novo brincando com dois carrinhos de madeira, fazendo com que trombassem um contra o outro.

— Vamos fazer o melhor possível para mostrar lealdade ao nosso novo país. — O pai aquiesceu, como que tentando se convencer de que tal coisa era possível naquelas circunstâncias. — E amanhã você volta à escola.

Keiko estava com medo de encarar os professores e as colegas de classe — principalmente as que não se pareciam com ela. Também se preocupava com o que a diretora Mahon faria.

Quando entrou pelo portão da Bailey Gatzert, Keiko e todos os alunos foram imediatamente redirecionados para o auditório. Centenas de estudantes ocuparam seus lugares, nervosos, portadores de ingressos para a nova matinê conhecida como guerra, uma apresentação dupla, acompanhada pelo medo do desconhecido. Keiko observou o mar de expressões preocupadas, até encontrar Dottie oito fileiras atrás e fazer um aceno, surpresa com o silêncio no ambiente.

O silêncio pesado foi interrompido pelo som dos saltos dos sapatos de couro da srta. Mahon quando ela abriu as cortinas de veludo e entrou no palco. A diretora parecia mais velha, cansada. Keiko pensou em Sísifo, o rei grego sobre o qual eles haviam lido a respeito, condenado a subir para sempre uma montanha empurrando uma rocha gigantesca. Conjecturou se seria esse o trabalho da diretora Mahon quando ela se postou diante deles com um microfone numa das mãos e um lenço na outra. Todos ficaram imóveis quando ela começou a falar:

— Vocês todos são meus filhos. Cada um de vocês. E, apesar de sermos de lugares diferentes e parecermos diferentes, somos todos iguais.

Keiko prendeu a respiração, notando que a severa matriarca da escola, a mulher feroz que todos temiam, tremia diante do microfone.

— Daqui a pouco, o presidente Roosevelt vai fazer um pronunciamento

que vai afetar todos nós. — A diretora enxugou os cantos dos olhos com o lenço. — Teremos tempos difíceis à frente, para todos. Amizades e relacionamentos serão postos à prova. Alguns de seus pais serão chamados para servir no Exército ou na Marinha. Alguns não voltarão. Não estou dizendo isso para amedrontar ninguém. Digo isso para que possam respeitar os que estão ao seu lado, seus amigos, sua família, e tratar todos com carinho.

Keiko sentiu um nó na garganta quando a voz da diretora Mahon tremeu de emoção.

— Vocês precisam tratar todos com o mesmo zelo... com que eu trato vocês.

A diretora deu um passo para trás e contemplou o auditório, como que olhando diretamente nos olhos de todos os alunos na plateia.

Seus olhos encontraram os de Keiko.

Naquele momento Keiko reviveu a terrível cena na porta da loja de utensílios domésticos. Viu o sorriso de Dottie quando abriu seu presente. Viu aquela pedra lançada no ar, sabendo que atingiria alguma coisa bela.

— Keiko Okabe, você pode vir até aqui, por favor? — chamou a diretora Mahon.

Keiko hesitou, mas logo sentiu o garoto ao lado bater no seu ombro. Levantou-se e se deu conta de que os olhares da escola inteira se concentravam nela. Passou devagar por entre as cadeiras, seguindo lentamente pelo corredor em direção ao palco e subiu a escadinha até ficar ao lado da diretora. A srta. Mahon olhou para ela, mas não sorriu. Em vez disso, pediu aos funcionários e a todo o corpo discente para ficar em pé e olhar para a bandeira norte-americana.

A diretora fez um sinal para Keiko.

— Você pode fazer as honras?

Keiko se sentiu intimidada. Olhou para o mar de rostos. Os garotos e garotas com quem tinha crescido. Os professores que a incentivaram. Sentiu a presença da diretora Mahon no palco e em todos os cantos do auditório. Quando pôs a mão sobre o coração, Keiko sentiu a palma da mão dolorida pelos arranhões. Olhou para a plateia e viu Dottie, Charles, Bobby e outros amigos, rivais do parquinho, professores e funcionários com espíritos generosos e outros que mal a conheciam. Naquele momento, sentiu-se num oásis de tranquilidade, como se torrentes de caos e discórdias girassem ao seu redor, embora soubesse que não poderia permanecer naquela ilha.

Desconfiou que seus dias ali estavam contados, que poderiam não chegar até o verão. A sensação de aceitação, que até então parecia algo garantido, esmaecia aos poucos, sendo substituída por pontadas de solidão, estranhamento e desolação — a destruição de um castelo de areia construído nas praias da compaixão. A maré estava subindo.

Quando se virou para a bandeira, Keiko respirou fundo, o lábio superior tremendo e, pela primeira vez na vida, lutou para encontrar as palavras.

NOTA DO AUTOR

APESAR DE ESTE SER um trabalho de ficção, muitos dos acontecimentos, em especial os que lidam com o confinamento de nipo-americanos, realmente ocorreram como descritos. Como escritor, fiz o melhor que pude para recriar essa paisagem histórica, sem julgar as boas ou más intenções dos envolvidos à época. Minha intenção não foi criar uma obra moral, com minha voz sendo a mais alta do palco, mas sim transferir ao leitor a noção de justiça, de certo e errado, deixando os fatos falarem por si. E apesar de ter lutado com todas as forças para me manter veraz a esses fatos, a culpa por quaisquer erros históricos ou geográficos é totalmente minha.

Como muita gente perguntou, vou responder que sim, o Hotel Panamá é um lugar verdadeiro. E sim, os pertences de trinta e sete famílias japonesas realmente estão lá, a maior parte no porão empoeirado e mal iluminado. Se por acaso fizer uma visita, não deixe de passar pelo salão de chá, onde muitos desses artefatos se encontram em exposição. Recomendo fervorosamente o coquetel de lichia, que nunca decepciona.

A Bud's Jazz Records também está lá. Na mesma rua, no coração da Pioneer Square de Seattle. É fácil deixar de notá-la, mas difícil esquecê-la. Fui lá uma vez para tirar algumas fotos para publicidade. O proprietário simplesmente perguntou: "Isso é para o bem ou para o mal?".

Eu disse que era para o "bem", é claro.

"Então para mim está bom", foi sua delicada resposta.

No entanto, se entrar em algum lugar à procura de um disco há muito perdido de Oscar Holden, você pode não ter sorte. Apesar de Oscar ser com certeza um dos grandes pais da cena de jazz do Noroeste dos Estados Unidos, até onde sei, esse disco de vinil não existe.

Mas, nunca se sabe...

AGRADECIMENTOS

COMO SE DIZ COMUMENTE, escrever é um negócio solitário. Felizmente, tive minha mulher, Leesha, e nossos filhos — Haley, Karissa, Taylor, Madi, Kassie e Lucas — para me fazer companhia. Sinta-se à vontade para cantarolar a trilha sonora de *A Família Sol-Lá-Si-Dó* — nós fazemos isso o tempo todo. Obrigado por me deixarem escrever essas coisas estranhas chamadas livros, apesar de termos uma TV muito boa.

E, além das paredes cobertas de giz de cera da minha casa, devo agradecer às seguintes pessoas por suas contribuições para este livro:

À faculdade e à associação de ex-alunos desse último bastião da boêmia — a Comunidade de Escritores de Squaw Valley —, um grupo de que tenho a honra de participar. Agradecimentos especiais a Louis B. Jones, Andrew Tonkovich e Leslie Daniels. E, claro, um grande *doh je* ao companheiro e ex-aluno Yunshi Wang por verificar o meu chinês.

A Orson Scott Card e meus companheiros de acampamento: Scott Andrews, Aliette de Bodard, Kennedy Brandt, Pat Esden, Danielle Friedman, Mariko Gjorvig, Adam Holwerda, Gary Mailhiot, Brian McClellan, Alex Meehan, Jose Mojica, Paula “Rowdy” Raudenbush e Jim Workman. Obrigado a todos pelo amor.

Aos leitores Anne Frasier, Jim Tomlinson, Gin Petty e ao premiado poeta de Oregon (bem como ex-confinado) Lawson Inada, por seu valioso tempo e generosos elogios ao primeiro manuscrito.

A Mark Pettus e Lisa Diane Kastner, da incipiente *Picolata Review*, por aceitar um pedaço de uma história que depois se transformaria neste livro.

Ao historiador e ativista Doug Chin, por suas visões carismáticas e inspiradoras.

A Jan Johnson, proprietária do Hotel Panamá, por uma turnê de três horas pelo porão e por sua incansável dedicação em preservar o espírito de Nihonmachi. Sem ela, o Panamá teria sido demolido e agora estaria esquecido.

À equipe e aos voluntários do Museu Asiático Wing Luke de Seattle, por se lembrarem do que outros preferiram esquecer.

A Grace Holden, por me permitir evocar o espírito do seu pai.

A minha superagente, Kristin Nelson, por seu inabalável otimismo. (E a Sara Megibow, pois o que seria de Batman sem Robin? Como ficaria a pasta de amendoim sem geleia? Onde estaria a banda Kiss sem maquiagem?)

E finalmente aos santificados Jane von Mehren, Libby McGuire, Brian McLendon, Kim Hovey, Allyson Pearl, Porscha Burke e à incrível equipe da Ballantine — por receberem Henry e Keiko de braços abertos.

SOBRE O AUTOR



Laurence Kim

Descendente de chineses, Jamie Ford nasceu em Eureka, na Califórnia, e cresceu nos arredores da Chinatown de Seattle. Atualmente, ele vive com a esposa e os filhos em Montana.

Dele, a Globo Livros publicou *Em busca de uma estrela* e *Amor e outros prêmios de consolação*.

Copyright © 2009 by James Ford
Copyright © 2018 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *Hotel on the Corner of Bitter and Sweet*

Editora responsável: Amanda Orlando
Assistente editorial: Lara Berruezo
Preparação de texto: Jane Pessoa
Revisão: Elizabeth Lisovsky, Bruno Fiuza e Julia Barreto
Diagramação: Ilustrarte Design
Capa: Renata Zucchini
Imagem de capa: EyeEm/Getty Images

Editora de livros digitais: Livia Furtado
Conversão para e-book: Joana De Conti
Revisão do e-book: Fernanda Dias

1ª edição impressa, 2019
ISBN: 978-85-250-6561-2

1ª edição digital, junho de 2019
ISBN: 978-85-250-6882-8

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F794h

Ford, Jamie, 1968-

Um hotel na esquina do tempo [recurso eletrônico] / Jamie Ford ; tradução Claudio Carina. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Livros, 2019.
recurso digital

Tradução de: *Hotel on the corner of bitter and sweet*

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788525068828 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Carina, Claudio. II. Título.

19-55891

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

14/03/2019 18/03/2019

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25 – 20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ
www.globolivros.com.br